



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
TESE DE DOUTORADO

VALESCA MARQUES CAVALCANTI

**FAMÍLIA, POLÍTICA E PROPRIEDADE FUNDIÁRIA: OS DILEMAS
DA HERANÇA ENTRE MEMBROS DA ELITE NO MUNICÍPIO DE
CUITÉ (PB)**

CAMPINA GRANDE
2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
TESE DE DOUTORADO

VALESCA MARQUES CAVALCANTI

**FAMÍLIA, POLÍTICA E PROPRIEDADE FUNDIÁRIA: OS DILEMAS
DA HERANÇA ENTRE MEMBROS DA ELITE NO MUNICÍPIO DE
CUITÉ (PB)**

Orientador:
Prof. Dr. Luis Henrique Cunha

Tese de para obtenção do grau de Doutora em
Ciências Sociais, no Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina
Grande.

CAMPINA GRANDE
2019.

C376f

Cavalcanti, Valesca Marques.

Família, política e propriedade fundiária: os dilemas da herança entre membros da elite no município de Cuité (PB) / Valesca Marques Cavalcanti. – Campina Grande, 2019.

172 f. : il. color.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação: Prof. Dr. Luis Henrique Cunha".

Referências.

1. Família – Elite – Poder Político. 2. Cuité (PB) – Elites. 3. Família – Diáspora – Propriedade Rural. I. Cunha, Luis Henrique. II. Título.

CDU 316.811:323.39(043)

VALESCA MARQUES CAVALCANTI

**FAMÍLIA, POLÍTICA E PROPRIEDADE FUNDIÁRIA: OS DILEMAS
DA HERANÇA ENTRE MEMBROS DA ELITE NO MUNICÍPIO DE
CUITÉ (PB)**

Documento elaborado para realização de defesa de
Tese de Doutorado junto ao Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais da Universidade
Federal de Campina Grande.

Orientador: Prof. Dr. Luis Henrique Cunha

CAMPINA GRANDE
2019.

VALESCA MARQUES CAVALCANTI

**FAMÍLIA, POLÍTICA E PROPRIEDADE FUNDIÁRIA: OS DILEMAS DA
HERANÇA ENTRE MEMBROS DA ELITE NO MUNICÍPIO DE CUITÉ (PB)**

Tese apresentada na Universidade Federal
de Campina Grande, como parte das
exigências para a obtenção do título de
Doutor.

Campina Grande – PB, ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luis Henrique Hermínio Cunha (UFCG/CH/PPGS – Orientador)

Prof. Dr. José Gabriel Correia (UFCG – Ex. Externo)

Profa. Dra. Patrícia Alves Ramiro (UFPB – Ex. Externo)

Profa. Dra. Mércia Rejane Rangel Batista (UFCG/CH/PPGS – Ex. Interno)

Profa. Dra. Ramonildes Alves Gomes (UFCG/CH/PPGS – Ex. Interno)

Dr. Aldo Manuel Branquinho Nunes (Ex. Externo)

Reconnaître l'existence de la pesanteur de l'histoire faite chose n'est pas s'y soumettre, la liberté ne consistant pas à nier magiquement ces adhérences mais à les connaître pour agir en connaissance de cause¹.
(BOURDIEU, 1980)

¹ Bourdieu Pierre. Le mort saisit le vif [Les relations entre l'histoire réifiée et l'histoire incorporée]. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 32-33, avril/juin 1980. Paternalisme et maternage. pp. 3-14;

AGRADECIMENTOS

Esta tese resulta de uma longa jornada que foi sendo construída junto aos familiares, amigos, amigas, professores, professoras, pesquisadores e outros.

Aos meus pais, irmãos e sobrinhos pelo apoio.

Ao meu orientador e amigo Luis Henrique Hermínio Cunha, pelo apoio à elaboração, orientação e desenvolvimento deste trabalho. O diálogo e o apoio de Luis Henrique foram fundamentais no decorrer não somente da pesquisa, mas também da trajetória durante o curso.

Ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UFCG, seus professores que contribuíram com minha formação, ao pessoal da secretária.

Na pessoa do Professor Afrânio Raul Garcia Jr. que me recebeu no Doutorado Sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, Paris) durante setembro de 2017 a fevereiro de 2018, que possibilitando intercâmbio acadêmico junto UFCG/EHESS que contribuiu qualitativamente na construção dessa tese. E aos docentes da EHESS Patrícia Sampaio, Monique Saint Martin e Cláudia Damasceno que dispuseram a discutir esta tese com sugestões importantes.

A professora Mércia Rejane Rangel Batista, juntamente com o José Gabriel Correia, compôs a banca de qualificação do projeto de pesquisa e seus comentários e sugestões foram valiosos.

Agradeço também à CAPES que financiou o estágio de doutorado sanduíche que foi tão importante para a trajetória desta pesquisadora.

A Professora Ramonildes que acompanhou a maior parte da trajetória no curso e foi fundamental para o estágio de doutorado sanduíche.

Ao Professor José Pereira Sobrinho que sempre esteve me apoiando e contribuindo com o trabalho e com suas pesquisas, e fornecendo material de sua autoria para a composição desta pesquisa

Aos servidores públicos da 1ª e 2ª Vara da Comarca de Cuité que sempre atenderam e colaboraram com o meu trabalho.

Aos servidores públicos da 4ª GRE da Paraíba.

Aos colegas da Escola Orlando Venâncio dos Santos.

Aos membros das famílias Venâncio dos Santos, Pereira da Costa, Simões, Furtado e Fonseca que me receberam.

Aos integrantes do Museu do Homem do Curimataú nas pessoas de André e Flavio que generosamente cederam fotos, arquivos e informações valiosas sobre o município.

Aos meus amigos Kaliane Maia, Adriana Augusta, Virgínia Palmeira, Aldo Manuel, Valdênio Menezes, Leonardo Martins, Claudina Emanuele, Roberto Miranda, Ingridt Milena, Cláudia dos Anjos, Ângela Petrucia, Socorro Brito, Eliel Soares e Helenise Falcão, Adaildo Medeiros, Marilene de Melo, Fabiana Agra de longa caminhada.

RESUMO

Esta tese analisa as trajetórias das famílias de elite no município de Cuité, no Curimataú Paraibano, num contexto marcado por transformações sociais e fundiárias, problematizando a relação entre poder político e grande propriedade no interior do Nordeste. As famílias da Costa Pereira, Venâncio dos Santos, Fonseca, Furtado e Simões dominaram a política local desde o final do século XIX até o início do século XXI, ao mesmo tempo em que se registrou, nas últimas quatro décadas, um processo gradativo de dissolução da grande propriedade rural. O trabalho retoma, portanto, um tema clássico dos estudos sociológicos, iluminado pelas transformações sociais, econômicas e políticas vivenciadas a partir da década de 1950. Busca analisar, assim, as relações entre família, política e propriedade fundiária, considerando especialmente como os descendentes da elite cuiteense vivenciaram os dilemas da herança familiar, num contexto de modernização das relações sociais e econômicas. A desintegração da propriedade não é tomada como fator causal único, mas foi considerada dentro de um quadro de oportunidades econômicas, das disputas políticas locais e também da adoção de novas estratégias de reprodução social das famílias da elite local. Entre alianças e rivalidades políticas, que se perpetuam até os dias de hoje, destaca-se o “movimento diaspórico” de grande parte dos descendentes destas linhagens, processo que expressa os investimentos realizados por estas famílias na educação formal dos filhos, direcionados para o exercício de profissões liberais e no serviço público em centros urbanos maiores.

Palavras chaves: elites, diáspora, grande propriedade rural; poder político.

ABSTRACT

This thesis analyzes the trajectories of elite families in the municipality of Cuité, Curimataú Paraibano, in a context marked by social and land transformations, problematizing the relationship between political power and large property in the Northeast. The families of Costa Pereira, Venâncio dos Santos, Fonseca, Furtado and Simões dominated local politics from the late nineteenth to the early twenty-first century, while a gradual process of dissolution over the last four decades has taken place of large country estate. Therefore, the paper takes up a classic theme of sociological studies, illuminated by the social, economic and political transformations experienced since the 1950s. It seeks to analyze, thus, the relations between family, politics and land ownership, especially considering how the descendants of Cuiteense elite experienced the dilemmas of family inheritance, in a context of modernization of social and economic relations. The disintegration of property is not taken as a single causal factor, but was considered within a framework of economic opportunity, local political disputes and also the adoption of new strategies for social reproduction of the families of the local elite. Among alliances and political rivalries, which continue to this day, stands out the “diasporic movement” of most descendants of these lineages, a process that expresses the investments made by these families in the formal education of their children, directed towards the exercise. professions and public service in larger urban centers.

Keywords: elites, diaspora, large rural property; political power.

REFERÊNCIAS DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fac símile de texto elaborado por Sobrinho (1976) sobre a vida de seu bisavô Capitão Anacleto da Costa Pereira	24
Figura 2: Fac símile Relação de herdeiros de Pedro Viana da Costa	40
Figura 3: Fac símile Relação de herdeiros de Pedro Viana da Costa	41
Figura 4: Residência de Ana Florentina da Costa e Ulisses Viana da Costa	43
Figura 5: Casa dos pais de Jaime da Costa Pereira	47
Figura 6: Casa de Jaime Pereira da Costa	48
Figura 7: Casa de Basílio Magno da Fonseca	53
Figura 8: Fac símile do telegrama do governador Argemiro Figueiredo a Jeremias Venâncio dos Santos	55
Figura 9: Casa de Jeremias Venâncio dos Santos	57
Figura 10: Interior da casa de Jeremias Venâncio dos Santos	57

LISTA DE BOXES

Box 1: Perfil do Capitão Anacleto da Costa Pereira	42
Box 2: Perfil de Jaime da Costa Pereira	44
Box 3: Perfil de Francisco Theodoro da Fonseca	50
Box 4: Perfil de Basílio Magno da Fonseca	51
Box 5: Perfil do Capitão João Venâncio dos Santos	54
Box 6: Perfil de Jeremias Venâncio dos Santos	56
Box 7: Perfil de Pedro Simões Pimenta	58
Box 8: Perfil de Claudio Gervásio Furtado	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação das propriedades rurais de Cláudio Gervásio Furtado	68
--	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de registros das propriedades e a soma dos hectares por família	65
Tabela 2 :Série histórica por grupo de área total /Censos de 1960, 1970, 1975, 1980, 1985, 1995/1996 e 2006.....	69
Tabela 3:Operações de crédito fundiário em Cuité no período de 2003 a 2007	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:Evolução da estrutura fundiária em Cuité Censos de 1960, 1970, 1975, 1980, 1985, 1995/1996 e 2006.....	70
--	----

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1: Linhagem da família Fonsêca ocupação de cargos políticos de Cuité - PB	85
Diagrama 2: Linhagem da família Venâncio dos Santos e ocupação de cargos políticos em Cuité -PB.....	91
Diagrama 3: Linhagem da família da Furtado e ocupação de cargos políticos em Cuité - PB	96
Diagrama 4:Linhagem da família da Costa Pereira e ocupação de cargos políticos em Cuité -PB.	100
Diagrama 5: Linhagem da família da Simões e ocupação de cargos políticos em Cuité -PB.....	102
Diagrama 6: Diáspora dos descendentes da Família Fonsêca	110
Diagrama 7: Diáspora dos descendentes da Família Furtado – Cuité PB	113
Diagrama 8: Diáspora dos descendentes da Família da Costa Pereira– Cuité PB.....	129
Diagrama 9: Diáspora dos descendentes da Família da Venâncio dos Santos– Cuité PB	136

LISTAS DE SIGLAS

CAF Consolidação da Agricultura Familiar
CCIR - Certificado de Cadastro de Imóvel Rural
CPR Combate à Pobreza Rural
IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INTERPA Instituto de Terra e Planejamento Agrícola da Paraíba
ITCMD imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação
ITR - Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural
MDA Ministério do Desenvolvimento Agrário
PNCF Programa Nacional de Crédito Fundiário
PTDRS Plano Territorial De Desenvolvimento Rural Sustentável
SAT Subproduto de Aquisição da Terra
SDT Secretaria de Desenvolvimento Territorial
SIC Subproduto de Infraestrutura Comunitária)
STF Supremo Tribunal Federal
UEPB Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
As famílias da elite cuiteense	13
Estratégias de pesquisa	14
CAPÍTULO I	18
FAMÍLIA, TERRA E PODER POLÍTICO NO MUNICÍPIO DE CUITÉ	18
1.1 O debate sobre elites	19
1.2 Elites e famílias de Cuité: linhagens e nomes	22
1.3 Famílias e o seu papel determinante na sociedade	29
1.4 Recorte empírico: uma elite de dirigentes políticos	35
1.4.1. A Família da Costa Pereira.....	36
1.4.2. A família Fonseca.....	49
1.4.3 A Família Venâncio dos Santos	53
1.4.4 A Família Simões	58
1.4.5 A Família Furtado	59
1.4.6. Uma análise dos perfis dos personagens “ilustres”	62
1.5 Dimensões da propriedade da terra	64
1.5.1 Dissolução do Patrimônio Fundiário: famílias de Elite em Cuité no Século XX.....	67
1.5.2 Inventários: transmissão do patrimônio familiar?	72
1.6 Ocupação de cargos políticos pelas famílias da elite cuiteense	80
1.6.1 Família Fonseca.....	83
1.6.2 Família Venâncio dos Santos	89
1.6.3 Família Furtado	95
1.6.4 Família da Costa Pereira	98
1.6.5 Família Simões.....	101
1.6.6 Poder político em Cuité: um negócio entre famílias de elite.....	103
CAPÍTULO II	105
A DIASPÓRA DA ELITE CUITEENSE: DESLOCAMENTOS DOS DESCENDENTES	105
2.1. Deslocamento como estratégia de reprodução social das famílias de elite	108
2.1.1. Diáspora na família Fonseca	109
2.1.2. Diáspora na família Furtado	112
2.1.3. A diáspora na família da Costa Pereira	127
2.1.4. A diáspora na família Venâncio dos Santos.....	135

2.2. Diáspora, memória e perda dos vínculos com o lugar de origem	140
CAPÍTULO III	142
MARCADORES DAS DISTÂNCIAS SOCIAIS NAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE ANTIGAS FAMÍLIAS DA ELITE CUITEENSE	142
3.1 Narrativas biográficas e diferenças sociais	143
3.2 As reivindicações das posições sociais	146
3.3 As origens sociais.....	148
3.4 As distinções do letramento	149
3.5 Os feitos dos “modernizadores”	152
3.6 A influência política	155
3.7 O domínio da etiqueta e da elegância.....	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	166
FONTES CONSULTADAS	172

INTRODUÇÃO

A imagem do semiárido nordestino ainda é fortemente associada ao latifúndio, que expressa tanto uma situação fundiária marcada pelo papel dominante da grande propriedade da terra, como um modo de organização social caracterizado por relações sociais assimétricas que caracterizam os vínculos entre patrões e moradores. A cristalização desta imagem tem impedido um olhar mais atento às transformações (e suas implicações) que têm ocorrido na estrutura fundiária em alguns espaços regionais do semiárido, em particular na Serra da Borborema, que corta boa parte dos estados do Nordeste no sentido Norte-Sul e onde se localizam algumas das áreas com os menores índices de pluviosidade do país. Seja por efeito das políticas de reforma agrária e crédito fundiário, seja pela desagregação de grandes propriedades com a aceleração da crise do latifúndio a partir da década de 1970, tem se constituído um novo padrão de estrutura fundiária que ainda não recebeu a devida atenção dos pesquisadores, com repercussões em termos das trajetórias familiares, implicando em reconversões econômicas, políticas e simbólicas das elites rurais desta região.

Na Paraíba, a região do Curimataú parece ser um exemplo proeminente desta tendência. A partir de 1989, foram criados, pelo INCRA, 12 assentamentos de reforma agrária (perfazendo 25.342 hectares de área reformada) no que até a década de 1950 era o município de Cuité: 07 assentamentos em Barra de Santa, totalizando 13.008 ha; dois no território da Cuité atual, totalizando 8.125 ha; 02 no município de Sossego, totalizando 2.891 ha; e 01 no município de Damião, com 1.318 ha. Entre 2003 e 2007, foram aprovadas, apenas no município de Cuité, 34 operações de crédito fundiário, perfazendo 9.782,99 ha². As políticas fundiárias, porém, não parecem explicar todas as transformações vivenciadas na propriedade da terra na região. Com a decadência da cultura do algodão e, posteriormente, da cultura do sisal, as grandes propriedades rurais sofreram diferentes pressões na direção de sua desintegração.

A partir deste contexto de grandes transformações na estrutura agrária, surgiu o interesse de investigar seus efeitos sobre as antigas famílias de elite no município de Cuité, famílias estas que dominaram a política local desde o final do século XIX até o início do século XXI, em especial os Venâncio dos Santos, da Costa Pereira, Fonseca, Furtado e Simões. Assim, esta tese problematiza a associação entre grande propriedade fundiária e

² Para uma análise mais detalhada sobre a execução do Programa Nacional de Crédito Fundiário na Paraíba, em que é possível apreender a territorialização das operações de crédito, em que o Curimataú aparece como a região com o maior número de projetos aprovados até 2010, conferir Silva (2012).

poder político no interior do Nordeste, na tentativa de oferecer novas possibilidades analíticas sobre o tema. A intenção, portanto, foi a de retomar um tema clássico dos estudos sociológicos, iluminado pelas transformações sociais, econômicas e políticas vivenciadas a partir da década de 1950, tomando o município de Cuité como lócus da investigação empírica.

Mesmo que a dinâmica da grande propriedade seja o pano de fundo desta tese, ela não é o ponto de partida da investigação. As conexões entre grande propriedade fundiária e poder político e as transformações nos vínculos entre estas duas dimensões da vida social são tomadas em termos menos determinísticos, considerando especialmente as experiências dos descendentes das famílias da elite cuiteense, outrora grandes proprietárias de terras, tanto com o poder político quanto os processos de perda de vínculo com a grande propriedade, num exercício de integração do passado e do presente, para dar conta de apreender a complexidade do fenômeno social investigado neste trabalho.

O objetivo desta tese é analisar as relações entre família, política e propriedade fundiária, considerando especialmente como os descendentes da elite cuiteense vivenciaram os dilemas da herança familiar, num contexto de modernização das relações sociais e econômicas. As pressões que produziram a desintegração da grande propriedade, portanto, não é um fator causal único. Ao contrário, este dado precisa ser inserido num quadro de oportunidades econômicas, das disputas políticas locais e também na adoção de novas estratégias de reprodução social das famílias da elite local. Esperamos que este estudo, mesmo sem a pretensão de ser paradigmático dos processos sociais mais gerais que envolvem as elites do interior do Nordeste, possa lançar novas luzes sobre o tema, dando continuidade ao trabalho de outros pesquisadores, como Garcia Jr. (1989; 2007), Lewin (1993), Rego (2008), Maia (2013), Nunes (2016), Meneses (2018), entre outros.

A novidade deste trabalho, acreditamos, é o de revelar a existência de uma “elite diaspórica”, cujos membros vão gradativamente migrando para centros urbanos maiores, onde desenvolvem carreiras ligadas ao acúmulo de capital cultural (BOURDIEU, 2007; NOGUEIRA, 2017), especialmente relacionadas a profissões liberais e ao serviço público. Mesmo diante do processo de diáspora dos descendentes das famílias de elite cuiteense, as linhagens dos Venâncio dos Santos, Pereira, Fonseca, Furtado e Simões foram capazes, com graus variados de sucesso, de manter sua influência na política local, ao mesmo tempo que se distanciam de suas origens rurais.

Um efeito colateral desse processo é o trabalho, realizado nas últimas três décadas, de revisitar o passado (em livros, na constituição de um museu, mas também nas memórias que coletamos através de entrevistas), num esforço de construir no presente os elementos que

revelam as características distintivas das famílias da elite em Cuité. A volta ao passado é um recurso para reafirmar e dar novos significados às estruturas de desigualdade social. Segundo Bottero (2012), o estudo da história das famílias oferece uma maneira de examinar os processos de comparação social pelo qual a posição social hierárquica está determinada e para explorar como a mudança social afeta o senso de posição relativa e da desigualdade das pessoas.

Esta tese desenvolve três vertentes analíticas, cada uma delas estruturando um de seus capítulos: a) inicialmente, recupera as relações entre família, terra e poder político no município de Cuité entre o final do século XIX e início do século XXI, tendo como estratégia principal a construção de genealogias familiares a partir das disputas políticas e ocupação de cargos eletivos; b) a seguir, busca conectar os dados relativos aos deslocamentos realizados pelos descendentes das famílias da elite cuiteense, apreendidos em termos de um movimento diaspórico, com os depoimentos colhidos através de entrevistas, que revelam, a partir do recurso da memória, os dilemas que experienciaram neste processo; para então c) analisar as representações elaboradas sobre os lugares sociais ocupados por estas famílias, a partir de narrativas biográficas publicadas por alguns de seus descendentes.

As famílias da elite cuiteense

As origens do município de Cuité estão relacionadas à ocupação do território por atividades agropecuárias no século XVIII, a partir de uma sesmaria concedida em 1704. Neste ano, Bartolomeu Barbosa Pereira, José Gomes Pereira, Antônio Mendonça Machado e o capitão Antônio Carvalho de Vasconcelos requereram e obtiveram datas de terras ao longo do Rio Jacu, nas proximidades da Serra de Cuité (TAVARES, 1982, p.53). Atualmente, o município tem uma população de pouco mais de 20 mil habitantes, numa área de 741,840 km². No século XX, duas culturas se destacaram na economia local: algodão e sisal. Historicamente disputa com o município de Picuí o lugar de centro regional no Curimataú paraibano. A elite política de Cuité, cujas famílias principais são os Venâncio dos Santos, da Costa Pereira, Fonseca, Furtado e Simões, nunca teve um papel relevante no jogo político estadual, assumindo um posição coadjuvante em relação a outras linhagens de maior poder, como Rego, Cunha Lima, Maia, Gadelha, Ribeiro, Suassuna, Dantas, Pessoa, Gaudêncio, entre outras.

Partimos da definição de elite adotada por Saint Martin (2008), sob inspiração de Giovani Busino, em que a noção de elite não é apenas uma categoria de estratificação social,

mas integra tanto os atores que ocupam posições dominantes nos domínios político, econômico e administrativo, como também modelos de comportamento associados a sistemas de valores e interesses, constituindo grupos de influência.

Mesmo considerando um certo grau de arbitrariedade na delimitação de quais seriam os grupos que compõem uma elite local, partimos de elementos posicionais, decisoriais e reputacionais (CODATO, 2015) para identificar as famílias Venâncio dos Santos, Pereira, Fonseca, Furtado e Simões como aquelas linhagens principais do que chamamos de elite cuiteense. Estas famílias eram grandes proprietárias de terras no início do século XX e a seguir, ainda que a noção de grande propriedade aqui precise ser especificada às condições particulares da geografia do município, cuja sede se encontra no topo de uma serra, e as terras do entorno eram e ainda são as mais valorizadas e disputadas em virtude de sua fertilidade. Estas famílias também conseguiram monopolizar as oportunidades políticas, através da constituição de rivalidades e alianças. É importante ressaltar que não se constituem em linhagens completamente autônomas. Como demonstraremos no capítulo 1, adotaram estratégias matrimoniais que permitiram complexas interconexões entre elas.

Alguns nomes se destacam na história contada e recontada por seus descendentes, personagens que vão emergir ao longo deste trabalho, tanto a partir da imagem que seus familiares construíram nas últimas décadas, como a partir dos recursos analíticos e expositivos que adotamos neste trabalho: Capitão Anacleto da Costa Pereira, Jaime da Costa Pereira, Francisco Teodoro da Fonseca, Basílio Magno da Fonseca, Capitão João Venâncio dos Santos, Jeremias Venâncio dos Santos, Pedro Simões Pimenta e Cláudio Gervásio Furtado. É um mundo social dominado pela descendência patrilinear (SCHUSKY, 1973), em que a linha masculina define um grupo de parentes.

Estratégias de pesquisa

A realização da pesquisa para elaboração desta tese envolveu um conjunto diversificado de estratégias. Investigações cartoriais se combinaram com a realização de entrevistas; a construção de diagramas genealógicos com a consulta a documentos históricos e bases de dados secundários; a participação em eventos sociais de diferentes naturezas à consulta a redes sociais e páginas na internet; o levantamento de bibliografia não acadêmica produzida em nível local com busca de material iconográfico que permitisse adentrar o mundo social das famílias da elite cuiteense.

Trata-se, portanto, de pesquisa prioritariamente qualitativa. Segundo Weller (2010), as abordagens qualitativas devem superar o objetivismo que reivindica um acesso privilegiado à realidade, e, ao mesmo tempo, rebater as críticas de que os resultados produzidos por pesquisas qualitativas seriam de caráter meramente subjetivo e/ou de cientificidade duvidosa devido à proximidade entre pesquisador(a) e entrevistado(a). Combinamos, porém, estratégias mais quantitativas, analisando dados secundários.

Um processo de produção de dados tão diversificado envolve vantagens e desvantagens. Se, por um lado, nos permitiu produzir um mosaico amplo e multifacetado da realidade social estudada, implicou também num enorme desafio de integração destas informações, ao mesmo tempo no risco de apresentar certos aspectos da nossa análise em termos ainda superficiais. O esforço de identificar detalhes significativos daqueles apenas acessórios ainda está para ser concluído. Sabemos também que na seleção do material que decidimos incluir no trabalho, podemos ter deixado aspectos relevantes de fora. A escrita de uma tese de doutorado envolve escolhas que, neste caso, tiveram que ser feitas sob a pressão do tempo estipulado para sua defesa.

Nos cartórios da 1º e 2º varas do Fórum Rivaldo Silvério da Fonseca, em Cuité, conseguimos encontrar 14 inventários: Basílio Magno da Fonseca, Cláudio Gérvasio Furtado, Francisca Emília dos Santos Fonseca, Jeremias Venâncio dos Santos, João Teodósio da Silva Coelho, Manuel da Silva Furtado, Maria Florentina Fonseca, Maximina Leopoldina Fonseca, Pedro Simões Pimenta, Pedro Vianna da Costa, Benedito Venâncio dos Santos, Josefa Florentina Fonseca, Simeão Venâncio dos Santos, Adalgisa Emília da Fonseca Coelho. Estes inventários ofereceram informações de diferentes naturezas: esclareceram dúvidas genealógicas, ofereceram um panorama da riqueza material das famílias estudadas, permitiram acessar a dinâmica da herança, entre outros aspectos.

Realizamos 13 entrevistas, em dois momentos distintos: as primeiras foram feitas em julho e agosto de 2017 e as últimas em agosto e setembro de 2018, depois de retornarmos de um período de seis meses (setembro de 2017 a fevereiro de 2018) do doutorado sanduíche que realizamos com o Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia Jr. na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, Paris), que possibilitando intercâmbio acadêmico junto UFCG/EHESS. Optamos por entrevistar principalmente os descendentes das famílias da elite cuitense nascidos entre as décadas de 1950 e 1960, pois viveram as transformações que analisamos nesta tese. As entrevistas foram feitas em Cuité, Campina Grande e Belém, na Paraíba, e em Brasília (DF). Alguns dos entrevistados, mesmo residindo fora de Cuité, visitam a cidade regularmente, e aproveitamos estas visitas para realização das entrevistas.

Para a realização destas entrevistas, buscamos nos inspirar em alguns dos ensinamentos da “História oral” que, como afirma Queiróz (1988), é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentos, ou cuja documentação se quer complementar. A história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores. Assim, respeitando o caráter qualitativo da pesquisa, optou-se também pelo método de "História de Vida", que constitui uma tipo ao lado de outras formas de informação igualmente captadas oralmente. Os depoimentos que coletamos através das entrevistas tiveram caráter autobiográfico. Assim, buscamos levantar questões relacionadas à trajetória dos entrevistados, transmitindo os fatos vivenciados, sentimentos e emoções, associando-os a situações do presente ou a situações necessárias para a compreensão do objetivo da pesquisa.

Foram entrevistados: a) da família Pereira, Maria Elsa da Costa Simões (77 anos), Jaime da Costa Pereira Filho (69), Maria do Carmo da Costa Pereira, Maria do Socorro da Costa Pereira (70), Edson da Costa Pereira (76) e Maria Telma da Costa Cavalcanti (64); b) da família Furtado, Ângela Furtado Cândido (63 anos), Cláudia Carneiro da Cunha (66), Jeremias Venâncio dos Santos Neto (55), Giovanni dos Santos Furtado (60), Suzana dos Santos Furtado de Albuquerque Silva (61); c) da família Venâncio dos Santos, Péricles Venâncio dos Santos (52 anos); da família Fonseca, Eliana Martha dos Santos Fonseca (63 anos); e da família Simões, Geraldo Simões Pimenta (90 anos).

Foram elaborados 09 diagramas genealógicos, adotando duas diferentes estratégias. Cinco diagramas foram construídos a partir da ocupação de cargos políticos, priorizando aqueles membros das cinco linhagens que permitem apreender a influência política ao longo dos séculos XX e XXI. Quatro diagramas expressam principalmente os deslocamentos que fundamentam a condição diaspórica de muitos dos descendentes das famílias da elite cuiteense³.

A lista de documentos históricos que consultamos é ampla e, na medida do possível, foi indicada nas referências bibliográficas. Da mesma forma, as produções bibliográficas não acadêmicas locais estão listadas na bibliografia. Conseguimos reunir um conjunto variado de fontes, desde almanaques produzidos entre o final do século XIX e início do século XX, que acessamos através da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, até relatos biográficos e história de família produzidos por membros das famílias da elite cuiteense.

³ Quando analisarmos os diagramas, indicamos mais detalhadamente as escolhas que fizemos para a construção de cada um deles.

Importantes fontes de dados para a estrutura fundiária foram os censos agropecuários realizados pelo IBGE; dados coletados junto ao INTERPA e os cadastros 1992, de 1999, 2000, 2001 e 2002 conseguidos junto ao INCRA. Participamos, ainda, de atividades realizadas no Museu do Homem do Curimataú, promovidas para lançamento de livros e outras atividades relacionadas à memória das famílias da elite cuitense, além de frequentar velórios em que membros destas elites costumam se reunir.

Finalmente, é importante ressaltar que nossa inserção no campo de pesquisa não começou com a realização da pesquisa. A autora desta tese é natural de Cuité e ainda que não seja membro de nenhuma destas famílias de elite, tem com alguns de seus membros relações anteriormente estabelecidas, o que facilitou a entrada no campo. Meu avô⁴, Euclides Bezerra Cavalcanti, era Tabelião de Notas⁵ e figura bem conhecida entre as famílias de elite, mesmo sendo forasteiro na cidade, vindo do município de Esperança, também na Paraíba. Minha tia Neusa Bezerra dos Santos casou-se com Orlando Venâncio dos Santos e é mãe de Péricles Venâncio dos Santos e minha irmã Themis casou-se com um neto de Benedito Marinho da Costa, todos eles personagens desta tese. Tia Neusa foi prefeita de Cuité e Péricles, meu primo, foi candidato a prefeito, tendo sido também vereador. Desta forma, mesmo não tendo laços pessoais com muitos dos entrevistados, não era para eles uma pessoa completamente estranha. Para muitos, eu era a neta de Euclides Bezerra, o que me abriu muitas portas e permitiu que falassem mais abertamente sobre suas vidas. Espero que esta proximidade, porém, não tenha afetado o distanciamento necessário à elaboração desta tese.

⁴ Peço licença para falar aqui em primeira pessoa, contrariando a norma que adotamos ao longo deste trabalho.

⁵ Tabelião, do latim *tabellio, tabellionis* (tabelião, notário público), entende-se os Oficiais Públicos, a quem se concede a missão de redigir e instrumentar os atos e contratos ajustados entre as pessoas, atribuindo-lhes autenticidade e fé pública. Ao Tabelião de Notas compete, com exclusividade, lavrar escrituras e procurações públicas, lavrar testamentos públicos e aprovar os cerrados, lavrar atas notariais; reconhecer firmas; autenticar cópias. Disponível em: <http://www.anoreg.org.br>. Acesso: 30/11/2018.

CAPÍTULO I

FAMÍLIA, TERRA E PODER POLÍTICO NO MUNICÍPIO DE CUITÉ

É frequente, na literatura acadêmica e no imaginário social sobre o poder oligárquico ou das elites políticas no interior do Nordeste, que se faça uma vinculação automática entre a grande propriedade fundiária e a persistência no tempo do poder político de certos “grupos de base familiar”, como define Lewin (1993, p. 10). Rêgo (2008, p. 14-15), em seu estudo sobre família e coronelismo no Brasil, em que analisa o caso dos Heráclito do Rêgo, família da qual faz parte, afirma que “relações de parentesco são sempre definidas em função de um patrimônio”: de um lado o “eixo fundiário, de outro o “eixo de sangue”. Ele parte, assim, do pressuposto que o “conceito de família se fundamenta na propriedade e na herança”.

A associação entre terra e elites políticas no Nordeste está presente também em outros autores, tais como Bastos (1954), Furtado (1967), Andrade (1986), Garcia Junior (2007), Leal (1975), Nunes (2016), Monteiro (2016), Maia (2013), Menezes (2018), Oliveira (1981), Faoro (2001), entre outros.

Lewin (1993), em seu clássico sobre Política e Parentela na Paraíba, autonomiza a esfera política, apreendendo-a em sua dinâmica própria, sem estabelecer uma relação automática entre elites políticas e elites fundiárias. É assim que sua pesquisa teve como objetivo principal:

Examinar a relação histórica entre parentesco e organização política, implícita nas unidades de afiliação faccional⁶ características da República Velha. O papel dos laços de parentesco na política oligárquica, conquanto mencionado quase universalmente na literatura histórica sobre o Império e a República, tem recebido um tratamento superficial. A maior parte dos estudiosos apenas mencionou a tradicional dependência da organização política brasileira com relação à família e aos laços de parentesco sem atribuir importância central às implicações daquela relação através do tempo. (LEWIN, 1993, p.8)

Em Cuité, a relação entre propriedade da terra e poder político pode ser problematizada para além destas duas posições. É possível estabelecer uma relação entre famílias proprietárias e elites políticas, em torno das famílias Venâncio dos Santos, Furtado, Fonseca, da Costa Pereira, Simões. Mas essa relação não é automática nem mesmo constante

⁶ “As facções consistiam em pelo menos vários grupos de base familiar”. (LEWIN, 1993, p. 22)

no tempo. Neste capítulo, exploramos estas duas dimensões como aspectos distintos, ainda que interconectados, do poder político e do status familiar das elites locais. Uma marca importante da trajetória destas famílias é que a terra deixa de ser um elemento fundamental do poder dos grupos de base familiar, enquanto na esfera política a influência política e social destas elites continua até os dias atuais, mesmo com a dissolução do patrimônio fundiário registrada nas últimas quatro ou cinco décadas.

Em Cuité, as famílias Venâncio dos Santos, Furtado, da Costa Pereira, Fonseca e Simões foram escolhidas nesta pesquisa, em primeiro lugar, porque monopolizaram o cenário político, econômico e social no município ao longo do Século XX e XXI, com influência duradoura no município. Para ficar num único exemplo, detalhado neste capítulo, destas famílias saíram quase a totalidade dos prefeitos da história de Cuité.

Não se trata, porém, como veremos nos próximos capítulos, de dissociar completamente a terra como elemento definidor do status social familiar, mas, a partir de um caso específico, investigar as complexas relações que se estabelecem entre grande propriedade familiar e elites políticas, em meio a transformações sociais mais gerais. Neste capítulo, buscamos articular, a partir de uma análise histórica, a ser analisada sociologicamente, dados acerca do patrimônio fundiário e da ocupação de cargos políticos das famílias mais influentes de Cuité, além de apresentar os personagens que organizam as narrativas familiares, que produzem também uma história municipal.

1.1 O debate sobre elites

Bottomore (2001), em seu livro *Elites and society*, informa que a palavra elite foi usada no século XVII para descrever produtos de melhor qualidade. Seu uso foi depois estendido para se referir a grupos sociais superiores. Na língua inglesa, o primeiro uso conhecido da palavra elite, de acordo com o *Oxford English Dictionary*, é de 1823, momento em que já foi aplicada a grupos sociais. Segundo ele:

(...) the term did not become widely used in social and political writing until late in the nineteenth century in Europe, or until the 1930s in Britain and America, when it was diffused through the sociological theories of elites, notably in the writings of Vilfredo Pareto. (BOTTOMORE, 2001, p 1)

Scott (2010) afirma que a palavra elite é um dos termos mais genéricos dentre os usados em estudos descritivos e que quase todo grupo ou categoria de pessoas poderosas, favorecidas, qualificadas, privilegiadas ou superiores é chamado de elite. Segundo o autor, é

necessário restringir o conceito para “considerar que as elites são distintas de outros tipos de grupo social por serem grupos que detêm tipo especial de poder” (SCOTT, 2010, p. 75).

O tema também é discutido por Wright Mills (1981) em sua obra *A Elite do Poder*. Para este autor,

A elite do poder é composta de homens cuja posição lhes permite transcender o ambiente comum dos homens comuns, e tomar decisões de grandes consequências. Se tomam ou não tais decisões é menos importante do que o fato de ocuparem postos tão fundamentais: se deixam de agir, de decidir, isso em si constitui frequentemente um ato de maiores consequências do que as decisões que tomam. Pois comandam as principais hierarquias e organizações da sociedade moderna. Comandam as grandes companhias. Governam a máquina do Estado e reivindicam suas prerrogativas. Dirigem a organização militar. Ocupam os postos de comando estratégico da estrutura social, no qual se centralizam atualmente os meios efetivos do poder e a riqueza e celebridade que usufruem. (MILLS, 1981, p 12)

Segundo Perissinotto (2009), para Wright Mills a elite do poder é formada pelo conjunto de indivíduos que ocupava o topo das ordens institucionais (militar, econômica e política). E acrescenta que para estudar esse grupo, Wright Mills analisou sua origem social, sua trajetória escolar e profissional e constatou a íntima relação existente entre seus membros.

Codato (2015) apresenta uma síntese dos três padrões de análise conhecidos que, segundo o autor, ao citar Putnam (1976), conformam três métodos consagrados para o estudo das elites (posicional, decisional e reputacional):

O método posicional enfatiza que os que decidem são aqueles indivíduos ou grupos que preenchem as posições formais de mando em uma comunidade (diretorias de grandes empresas, cúpulas do Executivo, posições superiores nas organizações políticas e militares). Sua grande vantagem é identificar o maior número possível de indivíduos influentes com segurança. O livro mais representativo dessa abordagem é *The Power Elite*, de C. Wright Mills (1956). (...)

O método decisional sustenta, por sua vez, que as pessoas com poder são aquelas capazes de tomar as decisões estratégicas para uma comunidade (ou influenciar as suas decisões mais importantes) e nem sempre se confundem com aquelas que ocupam as posições formalmente designadas como as mais relevantes. O estudo clássico aqui é o de Robert Dahl, *Who Governs?* (1961) (...)

O método reputacional foi o método usado em *Community Power Structure* por Floyd Hunter (1953), uma monografia sobre Atlanta e depois aplicado em nível nacional no livro *Top Leadership U.S.A.* (1959)³. Trata-se de um procedimento em duas etapas complementares. A primeira consiste em elaborar uma lista ampla de lideranças em uma comunidade a partir das posições formais que elas controlam em diferentes arenas decisórias (método posicional). A segunda etapa consiste em submeter essa lista a especialistas

solicitando que indiquem um pequeno número daqueles que são, dentre os listados, os mais reputados, isto é, aqueles considerados como os mais influentes ou os mais poderosos. O grupo de elite seria então formado pelos que fossem mais vezes mencionados. (CODATO, 2015, p. 16-17)

De acordo com Codato (2015, p 27), os “três métodos não se diferenciam entre si em um postulado. O ‘poder’ é sempre entendido aqui como ‘capacidade de tomar decisões’ (ou como a competência para influenciar aqueles que têm, formalmente, a função política de tomá-las: prefeitos, burocratas, gestores, etc.)”. Desta forma, o autor afirma que o objetivo dos três autores foi estabelecer um método onde se pode provar que um grupo tem poder ou tem mais poder do que outros. Assim, a discussão deverá ocorrer na conceituação dos indicadores empíricos para testar se um grupo – que pode ser político, econômico, social, etc. – detém ou não poder e o quanto poder ele detém.

Perissinoto (2009) afirma que, para Bourdieu (1989), a teoria sociológica deve promover uma ruptura com a visão essencialista encontrada em pesquisas influenciadas pela problemática das elites e pelos adeptos do método prosopográfico⁷. A teoria das elites tenderia a naturalizar as propriedades sociais distintivas dos grupos dominantes, como se fossem recursos inerentes à superioridade inata de seus membros. Para romper com este modo de pensamento, Bourdieu (1989) vai empregar o termo *campo de poder* e entende como campo de relações de forças entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um *quantum* suficiente de força social – ou de capital – de modo que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio do poder. Ainda que o argumento de Bourdieu seja importante, é possível apropriar-se de algumas de suas lições, sem abandonar o uso do termo, que remete a uma forma de representação do social reconhecível, ou seja, menos abstrato que a categoria campo de poder.

Saint Martin (2008,) adota o conceito de elite proposto por Giovanni Busino, da década de 1990, em que o termo elites designa “todos aqueles que se encontram no topo da hierarquia social e aí exercem funções importantes, as quais são valorizadas e reconhecidas publicamente através de rendas importantes, diferentes formas de privilégio, de prestígio e de

⁷A prosopografia é a investigação das características comuns do passado de um grupo de atores na história por meio do estudo coletivo de suas vidas. O método empregado consiste em definir um universo a ser estudado e então a ele formular um conjunto de questões padronizadas – sobre nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posições econômicas herdadas, local de residência, educação e fonte de riqueza pessoal, religião, experiência profissional e assim por diante” (STONE, 1971, p. 46, *apud* PERISSINOTO, 2009).

outras vantagens oficiais ou oficiosas” (BUSINO, apud Saint Martin, 2008, p.48). Contudo, segundo a autora:

As elites não consistem unicamente na soma do conjunto dos grupos ou dos atores que ocupam posições dominantes nos domínios político, econômico e administrativo e não são apenas uma categoria da estratificação social; elas propõem modelos de comportamento, possuem sistemas de valores e interesses, constituem grupos de influência e, à vezes, de pressão. (SAINT MARTIN, 2008, p. 48-49)

Klüger (2017) analisa a Sociologia das Elites informando os princípios subjacentes às análises de redes e as principais críticas sustentadas por Pierre Bourdieu nas pesquisas que as empregam, centradas na falta de contextualização social dos agentes e dos laços tecidos entre eles. Também apresenta duas vias de estudos na área de sociologia das elites que propõem a conciliação das duas metodologias, a primeira delas aqui intitulada da rede ao espaço social e a segunda denominada do espaço social às redes. A autora conclui que:

Em suma, a conjugação metodológica permite que laços e redes sejam observados em meio a propriedades sociais e trunfos desigualmente distribuídos. Consequentemente, os agentes presentes na rede deixam de ser amorfos e intercambiáveis, e o espaço social deixa de indicar apenas condições teóricas para aproximação de indivíduos, sem que se observe os padrões efetivos de vinculação entre eles. As combinações de métodos propostas, se conduzidas de maneira ampla e sistemática, permitiriam perseguir a hipótese segundo a qual a proximidade no espaço social engendraria convergências de *habitus* que impactariam nas relações e interações e nas características determinantes das proximidades e distâncias observadas nas redes sociais. (KLÜGER, 2017, p. 107)

Para os propósitos deste trabalho, parece-nos adequado o uso do termo elite para referir-se às famílias que monopolizaram patrimônio fundiário e poder político no município de Cuité ao longo do Século XX. Tanto em termos de posição social quanto de reputação social, e mesmo do laços (sejam eles de cooperação e aliança ou de disputa política e competição social) que os membros destas famílias estabelecem entre si, é possível caracterizá-los como os elementos nucleares da elite local.

1.2 Elites e famílias de Cuité: linhagens e nomes

A partir do conceito de elite, é possível definir as famílias da Costa Pereira, Venâncio dos Santos, Furtado, Fonseca e Simões como compondo a elite de Cuité (PB) no final do

século XIX e ao longo do Século XX e XXI, com influência tanto na vida pública quanto na vida privada e, sobretudo, ao ocuparem, simultaneamente, posições dominantes em diferentes setores econômico, político, social, administrativo e cultural do município durante várias décadas.

Existia, por um lado, uma pequena camada de grandes proprietários, e por outro, grande parte da população que não era proprietária. Este tecido social se modificou, nesta região, devido ao impacto das transformações econômicas que levaram a uma reorganização e ressignificação da terra, e a outras mudanças sociais, sobretudo modificações nos grupos sociais e, especificamente, no grupo familiar em que as mulheres passaram progressivamente a serem integradas no sistema educacional, aumentando a participação feminina também da força de trabalho provocando reorganizações sociais, espaciais e temporais. O processo de urbanização e crise no setor rural provocou mudanças e marcou a trajetória dos grupos sociais no decorrer do século XX e no século XIX.

Grandes propriedades se somavam à influência social com o exercício de cargos importantes na comunidade. Os membros da elite disputavam entre si algumas destas posições destacadas, sendo percebidos pela população como grupos rivais no seio da elite local, rivalidade que se expressava especialmente nos períodos eleitorais. Em 29 de outubro de 1904, por exemplo, o rebaixamento de Cuité a vila da comarca de Picuí se deu em virtude da disputa entre membros das famílias Venâncio dos Santos e da Costa Pereira. No livro “Ao nosso querido Osvaldo”, publicado em 2010, organizado por sua filha Lêda Venâncio, há um capítulo chamado “A transferência da Comarca”, em que se narra:

Havia na época dois chefes políticos locais, que comandavam as duas facções políticas da cidade. Um era o Cap. Anacleto da Costa Pereira(...). O outro era o Cap. João Venâncio dos Santos, pai do então jovem político e Secretário do Conselho Municipal, Jeremias Venâncio dos Santos. (...) O Sr. Fontino Lordão, então deputado da facção governista a despeito dos membros do partido contrário e a fim de contentar as aspirações dos seus amigos que em parte residiam em Picuí, tomou a resolução de transferir a Comarca de Cuité, com o propósito também de contrariar os que estavam ao lado do Cap. João Venâncio dos Santos, ao mesmo tempo em que satisfaziam os desejos da outra facção política de Cuité. (...). (VENÂNCIO, 2010, p. 20)

Há, porém, a versão deste mesmo episódio narrado pela família da Costa Pereira. Segundo Pereira Sobrinho⁸ (1976, p 3):

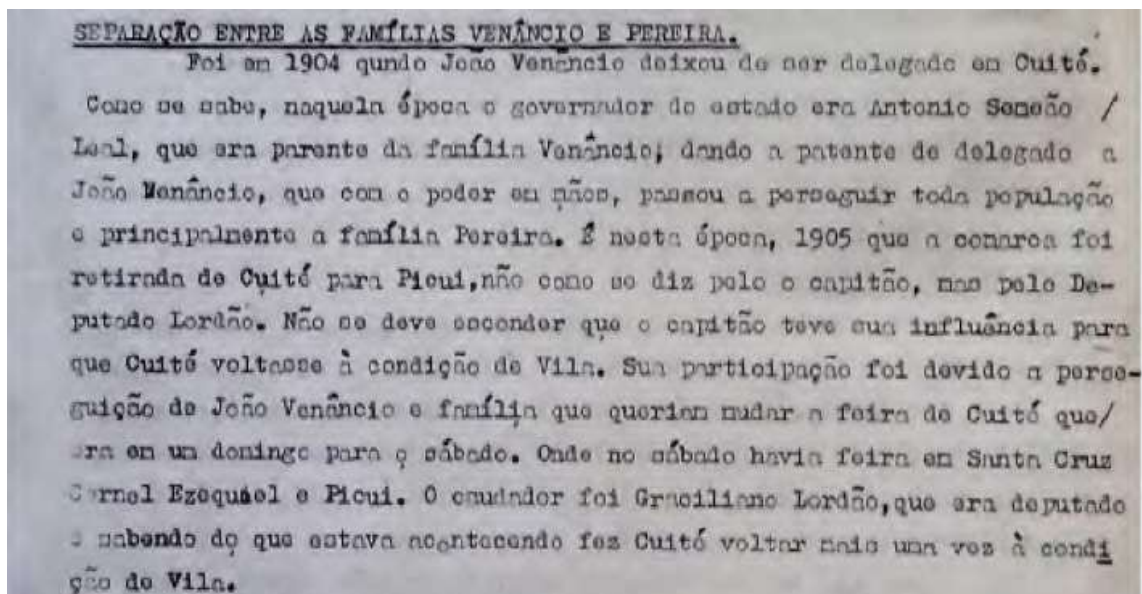
⁸PEREIRA SOBRINHO, J. (1976). Árvore Genealógica de Anacleto da Costa Pereira. Disponível em: <https://archive.org/details/ArvoreGenealogicaDeAnacletoDaCostaPereira1976>. Acesso: 20/07/2017

SEPARAÇÃO ENTRE AS FAMÍLIAS VENÂNCIO E PEREIRA

Foi em 1904 quando João Venâncio deixou de ser delegado em Cuité. Como se sabe, naquela época o governador de estado era Antônio Semeão Leal, que era parente da família Venâncio, dando a patente de delegado a João Venâncio, que com o poder em mãos, passou a perseguir toda a população e principalmente a família Pereira. É nesta época, 1905, que a comarca foi retirada de Cuité para Picuí, não como se diz pelo capitão, mas pelo Deputado Lordão. Não se deve esconder que o capitão teve sua influência para que Cuité voltasse à condição de Vila. Sua participação foi devida a perseguição de João Venâncio e família que queriam mudar a feira de Cuité que em um domingo para o sábado. Onde, no sábado havia a feira de Santa Cruz, Coronel Ezequiel e Picuí. O causador foi Graciliano Lordão, que era deputado e sabendo do que estava acontecendo fez Cuité voltar mais uma vez à condição de Vila. (Cf. FIGURA 1)

Este episódio marcou a história política e social do município. As disputas entre as duas famílias se intensificaram após este acontecimento e também produziram uma rixa entre os municípios de Cuité e Picuí. Afetando a sociabilidade entre os membros da comunidade e as disputas nos períodos eleitorais até os dias atuais.

Figura: 1 Fac símile de texto elaborado por Sobrinho (1976) sobre a vida de seu bisavô Capitão Anacleto da Costa Pereira



Fonte: Texto elaborado por José Pereira Sobrinho em 1976

As famílias da elite cuietense combinaram várias formas de capital que podem ser observadas nas disputas por ocupação do espaço social, como no caso acima citado através das disputas por demonstração de poder político.

Também é preciso desenvolver uma discussão sobre as transformações que os processos de modernização trouxeram ao setor agropecuário, percebendo que estas mudanças

afetaram as relações entre as famílias rurais e as unidades de produção agropecuárias. Nas famílias mais abastadas, desenvolveu-se um outro comportamento em relação a unidade de produção, sobretudo na alocação da força de trabalho de seus membros e, por outro lado, o investimento na educação levou alguns membros, homens e mulheres, a se deslocarem do campo para a cidade e a buscar ocupações fora da zona rural. Assim, consideramos as transformações que colocam a família como uma unidade analítica importante, pois esta estabelece redes sociais, econômicas e políticas e cuja lógica de funcionamento estão interligadas. O município de Cuité – PB tem em sua história alterações significativas provenientes desse momento marcado pelo plantação do algodão e do sisal/agave, que possibilitou o enriquecimento de algumas famílias.

Nunes (2016), ao analisar o processo de expansão do algodão no Nordeste brasileiro, alerta que houve outros aspectos de mudança interna da estrutura econômica e social que foram engendradas pelo processo de atração populacional decorrente da situação de fronteira aberta que o algodão.

Enquanto Celso Furtado (2007) entendeu o processo de expansão do algodão como uma mudança basicamente econômica das estruturas produtivas regionais de base açucareira/escravista para uma base pecuarista/algodoeira/interiorana e Francisco de Oliveira o viu como uma inversão dos centros de poder na vida política regional e fortalecimento das oligarquias do interior em detrimento das oligarquias litorâneas e, nos dois casos sem mudança na estrutura fundiária/agrária e, por tabela, da estrutura social, Palacios (2004) considerou, especialmente para os fins do século XVIII, esse processo como um forte aspecto de surgimento de novos atores, da conversão de uns grupos sociais em outros e até mesmo de motivo para mudança do padrão produtivo e de acesso à terra, como foi o caso da transformação de plantações escravistas de cana-de-açúcar em fazendas de criar e de algodão ou em sítios de culturas alimentares. Mas chamo a atenção que não se tratava somente desses aspectos de mudança interna da estrutura econômica e social, mas das mudanças que foram engendradas pelo processo de atração populacional decorrente da situação de fronteira aberta que o algodão mais e outros elementos econômicos, menos, promoveram para o semiárido. (NUNES, 2016, p. 130-131)

A cultura do algodão trouxe mudanças demográficas no interior da Paraíba, também comentadas por Linda Lewin (1993), que afirma:

Duas mudanças demográficas notáveis assinalaram a reorganização da economia política da Paraíba no final do Império. Em primeiro lugar, durante o século XIX, deu-se um deslocamento sem precedentes de população para o interior, testemunhando as transformações em curso. Em segundo lugar, com o crescimento da população agrária, ocorreu um pronunciado crescimento urbano no interior. O dinâmico povoamento do

interior da Paraíba nesse período relacionou-se diretamente à expansão de cereais e algodão em suas quatro zonas interioranas. (LEWIN, 1983, P.54)

Nunes (2016), ao comentar sobre a expansão populacional no interior da Paraíba recorre a Lewin (1983) e afirma que

(...) A autora identificou, na verdade, além de um surto na criação de vilas e cidades nas zonas sertanejas, uma inversão do padrão demográfico no Estado da Paraíba, enquanto que no censo paroquial de 1782 as zonas litorâneas possuíam quase dois terços da população total da Paraíba, no censo imperial de 1872, o litoral contava com apenas um quarto do contingente populacional e em 1890, apenas 17% da população global da Paraíba, tendência que permaneceu inalterada pelo menos até a década de 1930 (...)(NUNES, 2016, p. 144)

O aparecimento do algodão na região modifica a dinâmica de ocupação do Curimataú, que vai provocar mudanças na ocupação em Cuité, permitindo que as elites rurais transformem seus recursos simbólicos, culturais e econômicos com o objetivo de manter ou elevar sua posição social e de sua família.

Com o algodão no Curimataú apareceu e intensificou-se a economia monetária, que por sua vez, permitiu o adensamento da população e, conseqüentemente, a formação de vilas – nas primeiras décadas do século XIX – é o caso de Barra de Santa Rosa, Picuí, Olivedos e Cuité, quando sua matriz é fundada e ela desliga-se da freguesia de Caicó – RN. A produção artesanal – roupas, panelas e utensílios – antes feitas nos domínios das fazendas ou dos sítios, deslocou-se às vilas, através das feiras. (...) (COSTA, 1989, p.15)

Segundo Costa (1989), na região também desenvolveu-se paralelamente ao algodão, a produção da mandioca, que teve um aumento significativo nas primeiras décadas do século XX nos municípios de Cuité e Nova Floresta, ficando essa região conhecida como “A Serra da Farinha”. No mesmo século, a região vai desenvolver a cultura do Sisal e o município de Cuité será um grande produtor. Contudo, as culturas do algodão, da mandioca e do sisal passam por períodos de grandes crises e estes fatores vão alterar também a configuração dos proprietários, que vão ficar endividados e precisarão vender parte de seu patrimônio para pagar suas dívidas com o Banco do Brasil. Segundo Costa (1989), o sisal já começava a entrar em crise crônica na década de 1950 e a crise atingia a classe proprietária e acrescenta que

No interior da classe proprietária também passou a haver uma significativa diferenciação interna, quando a maioria achava-se cada vez mais empobrecida e uma pequena parte aumenta suas posses e seu poder econômico e político e outra minoria ligava-se a empresas de exportação,

atuando como entreposto na comercialização do sisal, abarcando as esferas de produção e comercialização. (COSTA, 1989, p. 23)

Somando-se as crises do algodão, mandioca e sisal, o patrimônio fundiário das famílias estudadas começará a sofrer modificações a partir das décadas de 70/80 do século XX, somando-se às crises, a divisão dos bens após a morte dos patriarcas, o que influenciará a mobilidade social dos membros das famílias citadas.

Garcia Jr. (2007), ao estudar as reconversões de elites agrárias e a Revolução de 1930 na Paraíba, nos informa que no Brasil do início do século XX, o mundo rural era onde a maior parte da população brasileira vivia.

O espaço físico e o poder social encontravam-se concentrados em mãos de detentores de grandes plantações voltadas para os mercados internacionais, particularmente a Europa e os Estados Unidos da América; partilhavam com os grandes comerciantes de importação exportação e os detentores dos cargos políticos e da alta administração os círculos dirigentes do Estado desde o início do Império. O mundo rural era o quadro de vida da maior parte da população – em 1940, 70% de população aí residia. (GARCIA JR, 2007, p. 73)

Domingues (2005), ao pensar a história do Brasil até o advento da modernidade, informa que este conheceu

padrões de organização social em que as pessoas e a coletividade tinham laços locais específicos por meio dos quais as identidades pessoais e coletivas eram claramente determinadas. A identidade de membro de uma família extensa nucleada em torno da grande propriedade rural e sua casa-grande definia, para muitas gerações, o pertencimento às camadas dominantes da sociedade; enquanto para os trabalhadores, laço de subordinação eram característicos. (DOMINGUES, 2005, p. 23)

Deste modo, para analisar as trajetórias destas famílias que faziam parte de uma elite local é preciso pensar a evolução das unidades de produção, suas lógicas econômicas e sociais, uma vez que as suas implicações influenciaram e influenciam a distribuição e a organização de poder na comunidade.

Goldini (2002, p. 30), ao analisar família, gênero e política afirma: “o que representam e o que fazem as famílias só podem ser compreendidos no contexto amplo das interações entre as forças sociais, econômicas e políticas em um dado momento”. No município de Cuité –PB, as famílias dos grandes proprietários de terra até a década de 1950 viviam nas fazendas. Contudo, com o processo de urbanização passaram, paulatinamente, a residir na zona urbana do município e com isso seus filhos teriam mais acesso à educação. Reconhecendo, assim,

que o fenômeno urbano é o resultado da ação recíproca de indivíduos e de grupos no plano de trocas sociais, cabe destacar aqui a importância do estudo das formas específicas dos arranjos da vida social que aí se processam, segundo a complexidade dos gestos acumulados de seus habitantes, seja para a compreensão do processo de territorialização/desterritorialização de identidades sociais no mundo contemporâneo; seja para o entendimento da descontinuidade/continuidade sistêmica de valores acionados, de redes/espaços sociais que situacionam os sujeitos segundo suas trajetórias, posições e papéis, suas adesões e suas dissidências no contexto citadino. (ROCHA e ECKERT, 2001, p 4).

As famílias dos grandes proprietários do município de Cuité – PB migraram das fazendas para a cidade a partir das décadas de 1950⁹. “Contrariamente ao seu início, a segunda metade do século XX conhece um deslocamento das residências do campo para as cidades; já em 1980, 70% da população se situam no polo urbano e, em 2000, praticamente 80% aí estão instalados” (GARCIA JR, 2007, p. 74), processo também vivenciado no município.

Neste aspecto da análise de Garcia Jr. (1988), feita no município de Areia – PB, dos grandes proprietários no município de Cuité – PB viviam de seus produtos e rendimentos, mas diferentemente dos grandes proprietários de Areia PB alguns membros da família as vezes participavam diretamente dos trabalhos agrícolas. A atividade do *Senhor* (proprietário da terra) era o exercício do comando, tomando decisões, dando ordens e verificando se foram cumpridas. Os trabalhos agrícolas como também de manutenção da infraestrutura da propriedade (casas, estradas, açudes, etc.), eram feitos por trabalhadores submetidos à dependência pessoal ao *senhor* (proprietário da terra) que em alguns momentos ajudavam seus trabalhadores.

Piccin (2015), ao analisar o acesso a posições de poder pela elite estancieira gaúcha por meio das trajetórias sociais e investimentos escolares, realizou uma pesquisa entre 2009 e 2011 com observação direta no município de São Gabriel para a produção de dados etnográficos; na qual estudou seis linhagens de famílias com posses fundiárias acima de mil hectares. E constatou que

(...) os investimentos em relações sociais e em recursos educacionais constituíam uma estratégia de aumento do capital simbólico, e não para fugir do descenso social devido à crise econômica dos domínios fundiários de suas famílias, como no caso nordestino no mesmo período (MICELI, 1979; GARCIA JR., 1989; 2007). No Nordeste, deu-se uma diferenciação no interior da classe dirigente entre senhores de engenho e usineiros, em que a

⁹ São exceções as famílias Venâncio dos Santos e Fonseca, que já estavam bem estabelecidas na sede municipal em meados do Século XX e que já por essa época não eram proprietários de grandes fazendas.

reconversão de trajetórias dos primeiros e de seus descendentes tornava-se uma estratégia para fugir do declínio com a ascensão das usinas. No caso rio-grandense ocorre o contrário: a divisão entre estancieiros-chargeadores, mais bem posicionados nos postos de comando do Estado, e os estancieiros que só criavam deixou de existir depois que houve a constituição por subvenção pública da rede de cooperativas-frigoríficos (PICCIN, 2012, p. 131). Assim, o sentido dos investimentos escolares dos estancieiros perpassa pelo fato de ser uma elite em ascensão econômica que busca maior legitimidade social. É possível afirmar, pela análise das linhagens de famílias, que seu capital de relações sociais atinge seu máximo justamente no período que vai de 1930 ao processo de redemocratização no fim dos anos de 1980. (PICCIN, 2015, p. 306)

Dois elementos parecem marcar estas famílias a partir da segunda metade do Século XX: um lento deslocamento de seus descendentes, motivadas inicialmente pelos investimentos na educação formal; e, mais recentemente, um processo de dissolução do patrimônio fundiário. Este capítulo e o próximo procuram demarcar as linhas gerais destes dois processos, considerando as principais famílias que compuseram no século XX a elite em Cuité (PB).

1.3 Famílias e o seu papel determinante na sociedade

A família é um dos principais objetos de estudos da Sociologia e de grande importância na formação da sociedade brasileira e, especificamente nesta pesquisa, no município de Cuité acompanhamos aspectos das trajetórias das famílias Venâncio, Fonseca, Furtado, Simões e da Costa Pereira. Para isso, fizemos um estudo de alguns inventários judiciais, entrevistas com alguns membros e elaboramos árvores genealógicas. Para pensarmos sobre a família, partimos da concepção de Bourdieu (1996), para quem:

Se a família aparece como a mais natural das categorias sociais, e se está destinada, por isso, a fornecer o modelo de todos os corpos sociais, é porque a categoria do familiar funciona, nos *habitus*, como esquema classificatório e princípio de construção do mundo social e da família como corpo social específico, adquirido no próprio seio de uma família como ficção social realizada. De fato, a família é produto de um verdadeiro trabalho de instituição, ritual e técnico ao mesmo tempo, que visa instituir de maneira duradoura, em cada um dos membros da unidade instituída, sentimentos adequados a assegurar a integração que é a condição de existência e de persistência dessa unidade. Os ritos de instituição (palavra que vem de *stare*, manter-se, ser estável) visam constituir a família como uma entidade unida, integrada, unitária, logo, estável, constante, indiferente às flutuações dos sentimentos individuais. Esses atos inaugurais de criação (imposição do nome de família, casamento etc.) encontram seu prolongamento lógico nos inumeráveis atos de reafirmação e de reforço que visam produzir, por uma espécie de criação continuada, as afeições obrigatórias e as obrigações

afetivas do sentimento familiar (amor conjugal, amor paterno e materno, amor filial, amor fraterno etc.). (BOURDIEU, 1996, p. 129)

Ao pensarmos como estas famílias aqui estudadas se desenvolveram e se reproduziram socialmente no decorrer do século XX, é importante considerar que, para Singly (2017), ao estudar o conceito de família, afirma que para Bourdieu a visão da sociedade é centrada nas desigualdades e na maneira como elas se produzem e se reproduzem e a família ocupa uma posição central e sua função, assim, seria a de contribuir para a reprodução das relações sociais. Bourdieu (1996), ao abordar o lugar da reprodução social, explicita que uma particularidade dos dominantes são suas famílias extensas.

Uma das particularidades dos dominantes é a de possuírem famílias extensas (os grandes têm famílias grandes) e fortemente integradas, já que unidas não apenas pela afinidade dos *habitus*, mas também pela solidariedade dos interesses, isto é, tanto pelo capital quanto para o capital, o capital econômico, evidentemente, mas também o capital simbólico (o nome) e sobretudo, talvez, o capital social (que sabemos ser a condição e o efeito de uma gestão bem-sucedida do capital coletivo dos membros da unidade doméstica). Nas corporações, por exemplo, a família tem um papel considerável, não apenas na transmissão, mas também na gestão do patrimônio econômico, especialmente através das ligações de negócios que são também, com frequência, ligações familiares. As dinastias burguesas funcionam como clubes seletos; elas são lugares de acumulação e de gestão de um capital que é igual a somados capitais de cada um de seus membros e que as relações entre os diferentes detentores permite mobilizar, ainda que parcialmente, em favor de cada um deles. (BOURDIEU, 1996, p. 132-133).

Singly (2017), ao discorrer sobre o conceito de família para Bourdieu, informa que nas sociedades tradicionais, o capital de referência para ocupar uma posição e justificá-la é o capital econômico e nas sociedades modernas, o capital de referência torna-se progressivamente o capital escolar.

Levi (2000) critica a perspectiva de tratar a história de família enquanto um desenho fechado de definições funcionais e estruturais, sem que fossem buscadas explicações menos mecânicas do que as regras que diferenciavam cada tipo de família e suas características. Para ele, grande parte das transformações reais não deve ser procurada na estrutura interna das famílias e, sim, no campo menos homogêneo e institucionalizado das relações externas entre núcleos estruturados, ou seja, observar as formas de solidariedade e cooperação seletiva através dos quais passam informações e trocas, reciprocidades e proteções.

Segundo Levi (2000):

Em outras palavras, devemos observar as formas de solidariedade e cooperação seletiva adotadas para organizar a sobrevivência e o enriquecimento, ou seja, as amplas fontes de favores, dados ou esperados, através das quais passam informações e trocas, reciprocidades e proteções. (LEVI, 2000, p. 98)

Assim, as análises relativas às interconexões entre famílias de elite, propriedade da terra e poder político em Cuité vão além da unidade de residência, isto é, família no sentido de grupos corresidentes e não corresidentes, interligados por vínculos de parentela consanguínea ou por alianças. Como também não devem orientar-se por uma relação automática entre elites políticas e elites fundiárias como elemento essencial ao longo das décadas do Século XX, devendo ser observadas as profundas transformações ocorridas no espaço social em que estas famílias estão inseridas.

Pedroza (2008, p. 68) afirma que:

Giovanni Levi já nos aponta para a necessidade metodológica de se transcender a família nuclear e alcançar as estratégias mais gerais das famílias extensas que as envolvem. Por estratégia familiar, Levi entende a forma da família ampliada agir em solidariedade e cooperação seletiva, adotadas para organizar a sobrevivência e o enriquecimento.

Lewin (1993), ao citar o grupo de base familiar, refere-se a este como uma unidade fundamental do sistema político informal. Segundo a autora:

(...) o núcleo dessa unidade de recrutamento e mobilização política compreendia os parentes mais próximos de seu chefe político: seus irmãos, os maridos de suas irmãs, os irmãos de sua mulher, seus tios e seus sobrinhos. Incluía também amigos políticos, desde muito tempo leais ao líder, o que lhes conferia um status de quase-parente. (LEWIN, 1993, p. 22)

Ao destacar a parentela brasileira como uma modalidade *sui generis* de família, Rêgo (2008) utiliza o conceito de Maria Isaura de Queiroz, da obra *O coronelismo numa interpretação sociológica*, como uma grupo de parentesco de sangue formado por várias famílias nucleares e algumas grandes vivendo cada uma em sua morada e que podem se encontrar distantes uma das outras, sem quebrar os laços e as obrigações recíprocas. O autor também esclarece que na condição de grupo, a família vai se apresentar sob os aspectos interligados do político, do econômico e do parentesco e que as relações podem ser de aliança, competição ou rivalidade.

Linda Lewin (1993) também explica que ao utilizar a expressão “de base familiar” evita confusão com os termos “oligarquia familiar” e “sistema familiar de domínio”, pois a mobilização e o recrutamento da política paraibana não dependem exclusivamente do grupo

de parentesco, visto que, para funcionar ela dependia das relações essenciais que envolviam não-parentes.

Neste caso, optou-se pela utilização do conceito de grupo de base familiar, conforme definido por Lewin (1993). Visto que, nas famílias estudadas, a captação e mobilização política era realizada por meio de relações que envolviam também grupos de não-parentes.

Rêgo (2008), diferentemente, ao se referir a família Heráclito do Rêgo que, dividida em cinco ramos, exerce atividades políticas e econômicas em alguns estados do Nordeste, segundo o autor trata-se de uma oligarquia familiar que possui um perfil fragmentário, pois nunca houve uma dominação única.

Pedroza (2008) afirma que a tarefa de recompor redes de parentela e analisar seu funcionamento e influência concreta na estrutura e dinâmica agrárias teve como pioneira a obra de Linda Lewin sobre as elites paraibanas no século XIX. A autora informa que o conceito de redes de parentela se aproxima do grupo de base familiar conforme definido por Lewin (1993). Em seu trabalho,

Lewin definiu o grupo de base familiar como sendo a família extensa e os amigos leais de um político, uma coalizão de facções menores que se formava a partir de alianças matrimoniais. Esse grupo era a unidade fundamental do sistema político informal em nível local. (PEDROZA, 2008, p.71).

É preciso estudar as relações de parentesco como um conjunto de relações sociais estruturadas sobre as relações biológicas e a família, assim relações biológicas só são socialmente caracterizadas quando se confere uma expectativa na maneira de como as pessoas de um grupo têm que se portar em relação ao outro. A família, de acordo com Bourdieu (1996),

(...) tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. Ela é um dos lugares por excelência de acumulação de capital sob seus diferentes tipos e de sua transmissão entre as gerações: ela resguarda sua unidade pela transmissão e para a transmissão, para poder transmitir e porque ela pode transmitir. Ela é o "sujeito" principal das estratégias de reprodução. Isso se torna bem claro, por exemplo, na transmissão do nome de família, elemento primordial do capital simbólico hereditário: o pai é apenas o sujeito aparente da nomeação de seu filho, já que ele o nomeia de acordo com um princípio que não domina e que, ao transmitir seu próprio nome (o nome do pai), ele transmite uma *auctoritas* da qual não é o *auctor* e em conformidade com uma regra que não criou. O mesmo é válido, *mutatis mutandis*, a respeito do patrimônio material. Um número considerável de atos econômicos tem por "sujeito" não o *homo oeconomicus* individual, no estado isolado, mas coletivo, um dos mais importantes sendo a família, quer se trate da escolha de uma escola ou a compra de uma casa. (BOURDIEU, 1996, p. 131).

Ao estudarmos algumas famílias cuitenses e seus universos sociais, políticos, culturais e as relações que estabelecem por meio da interação social e pelo uso do capital simbólico, ou seja, um capital baseado no reconhecimento coletivo, contudo, é preciso esclarecermos que ao estudar algumas famílias que ocuparam cargos políticos importantes no município, estes exerceram ou exercem a dominação não como efeito direto e sim, indireto por meio de um conjunto intrincado de ações que se ligam por meio de suas limitações apresentadas pela estrutura do campo a qual pertence e legitimam a ordem simbólica incorporada.

As famílias Venâncio dos Santos, Fonseca, Simões, Furtado e da Costa Pereira iniciaram suas atividades políticas no século XIX, e algumas destas famílias dando-lhes continuidades até hoje. Essas atividades se expressam, no que se refere ao poder executivo e legislativo no município de Cuité, em vários mandatos, incluindo os membros ligados à família pelo casamento. Quase todos os políticos das famílias são, ou eram, parentes próximos. Nesses grupos de base familiar registram-se posições político-partidárias divergentes e também antagônicas.

Verificando a extensão da base familiar das famílias estudadas, é possível perceber que no ALMANAK – Administrativo, Mercantil e Industrial do Estado da Parahíba, datado de 1899, onde estão mencionados nomes destacados do município de Cuité, que, na época, o Presidente da municipalidade era Francisco Theodoro da Fonseca; o Vice-Presidente, Jorge Venâncio dos Santos; um dos conselheiros era Pedro Vianna da Costa Pereira; o prefeito era Thomaz Soares da Costa Campos; o juiz municipal era Francisco da Fonseca Figueiredo; um dos suplentes era Anacleto da Costa Pereira; o chefe da estação de arrecadação era Vicente Ferreira da Fonseca; o delegado de polícia era João Venâncio dos Santos e o 3º suplente Antônio Francisco da Fonseca; na subdelegacia de polícia, o primeiro suplente era José Brasiliense da Costa Pereira.

Os dados acima demonstram que as atividades políticas e públicas do município estavam interligadas com a base familiar. A maioria dos cidadãos citados no Almanak eram parentes consanguíneos ou por afinidade.

Segundo Rêgo (2008), paralelamente às atividades políticas, a família de Heráclito do Rêgo construiu um patrimônio e ocupou espaços econômicos, sociais e políticos, assim, para o autor houve uma acumulação de seus capitais material e simbólico que assegurou a dominação, fundada na legitimidade que a sociedade lhe atribuiu que não está focada apenas na riqueza material, “mas sobretudo à imagem construída para si mesma e transmitida às outras pessoas” (RÊGO, 2008, p. 18).

Em Cuité, as famílias analisadas se revezam no poder até os dias atuais, ainda que alguns destes grupos permanecem mais presentes que outros. Entre os prefeitos e vice-prefeitos cuiteenses ao longo do Século XX, encontram-se: Pedro Viana da Costa (1937 -1º Prefeito); João Venâncio da Fonseca (1937-1939); Jeremias Venâncio dos Santos (1940); Rivaldo Silvério da Fonseca (1940); Adauto Soares da Costa (1944-1945), casado com Amália da Fonseca da Costa; Benedito Venâncio dos Santos (1945-1946); Pedro Bento de Lima (1946-1947), casado com Alba Elita da Fonseca dos Santos Lima; Basílio Magno da Fonseca (1947-1951 – 1º Prefeito eleito); Pedro Simões Pimenta (1951-1955); Orlando Venâncio dos Santos (1955-1959); Jaime da Costa Pereira e vice Álvaro da Silva Furtado (1959 a 1963); Cláudio Gervásio Furtado e vice Gentil Venâncio dos Santos (1963 a 1968); Neusa Bezerra dos Santos (1968 a 1972), casada com Orlando Venâncio dos Santos; Cláudio Gervásio Furtado e vice Gentil Venâncio dos Santos Palmeira (1972 a 1977); Jaime da Costa Pereira Filho (1983 a 1988); vice-prefeito Osvaldo Venâncio dos Santos Filho (1993-1996); Osvaldo Venâncio dos Santos Filho (1997-2000 e 2001 a 2004); Euda Fabiana de Farias Palmeira Venâncio (2009 a 2012 e 2013 a 2016), vice-prefeito Eliú Javã Silva Santos Furtado (2017-2020).

É possível perceber que as famílias escolhidas se perpetuaram nos cargos políticos. Alguns membros são os que colocamos como membros mais destacados no mundo político, contudo, alguns de seus parentes de linhagens com menos destaque na esfera política começam a entrar no cenário político nas últimas décadas.

Também na câmara municipal de vereadores, os presidentes foram, em sua maioria, membros das famílias da Costa Pereira, Venâncio dos Santos, Simões, Fonseca e Furtado, vejamos: Ulisses Viana da Costa, Manuel da Silva Furtado Neto, Benedito Marinho da Costa, João Teodósio da Silva Coelho (casado com Joana Aurora da Silva Coelho, filha de Manuel Furtado da Silva), Cláudio Gervásio Furtado, José Bianor da Fonseca, Lourival de Lima Fialho (casado com Iracy Furtado Fialho), Leinaldo Simões Nobre, Maurílio Furtado Fialho, Giovanne dos Santos Furtado, Osvaldo Venâncio dos Santos Filho, Osvaldo Venâncio dos Santos, Fabiano Valério de Farias Fonseca, Eliú Javã Silva Santos Furtado e Renan Teixeira dos Santos Furtado.

Há ainda grandes proprietários de terras, como Pedro Simões Pimenta e seu filho Geraldo Simões, antigos donos das fazendas Retiro e Batentes (desapropriadas em 2001), totalizando mais de seis mil hectares, famosa pela casa sede, mata fechada onde caçavam onças e veados, inscrições rupestres e, atualmente, a construção do açude do Japi. O radialista e blogueiro Flávio Fernandes, no blog Serra de Cuité, publicou no dia 31 de maio de 2012 que

havia sido realizada no dia 30 maio de 2012 uma reunião no Assentamento Retiro dos Simões, zona rural de Cuité, para discutir e atualizar o projeto do Açude do Boqueirão do Japí. E nos informa que:

Na reunião, as autoridades presentes fizeram o uso da palavra em defesa da Construção do Açude. Um dos pontos que marcou a assembleia foi o pedido de perdão do Sr. Geraldo Simões ao Ex-Prefeito e Secretário Bado¹⁰ Venâncio, por ter descoberto somente agora que a desapropriação de suas terras não foi através de denúncias do Ex-Prefeito e sim da Pastoral da Terra. “Os adversários pra jogar pedra nele, diziam que foi ele quem requereu, mas o Padre foi um réu confesso”. Afirmou o Senhor Geraldo Simões que concluiu com a frase: “Eu não tenho mais Bado nem a mulher dele com essa imagem. Tá perdoado”.

O Assentamento Retiro dos Simões tem 6.050 hectares, com 230 famílias assentadas. O “Açude do Japí” irá inundar uma área de 700 hectares e será abastecido pelos rios Jacú e Japí com uma capacidade para armazenar 50 milhões de metros cúbicos d’água. O projeto que foi orçado em 2005 no valor de R\$ 15 milhões, hoje já ultrapassa os R\$ 30 milhões.¹¹

A partir destas informações, é possível identificar algumas famílias da elite em Cuité no final do século XIX e ao longo do Século XX, com destaque para as linhagens dos da Costa Pereira, Venâncio dos Santos, Furtado, Fonseca e Simões. Estas famílias monopolizavam não apenas terra, mas também poder político e cargos administrativos. E, ainda hoje, pairam no imaginário local como famílias influentes. Membros destas famílias também tiveram mandatos como deputados e ocuparam cargos públicos como juiz de direito da comarca, tabeliões de cartórios, diretores de escola, secretários do Município e do Estado, dentre outros.

1.4 Recorte empírico: uma elite de dirigentes políticos

Nesta seção, temos como objetivo oferecer uma caracterização inicial das famílias que são objeto de estudo desta tese. A partir destas informações, será possível, num momento posterior, analisar as genealogias de cada uma das famílias, estruturadas em torno da ocupação de cargos políticos no município de Cuité. Junto com informações mais gerais coletadas para cada uma das famílias, são apresentados também, em boxes separados, os perfis de 08 personagens destacados destas linhagens: Capitão Anacleto da Costa Pereira (BOX 1) e Jaime da Costa Pereira (BOX 2), ambos da família da Costa Pereira; Francisco Theodoro da Fonseca (BOX 3) e Basílio Magno da Fonseca (BOX 4), da família Fonseca; Capitão João Venâncio dos Santos (BOX 5) e Jeremias Venâncio dos Santos (BOX 6), da

¹⁰ Oswaldo Venâncio dos Santos Filho, prefeito de Cuité entre 1997 - 2000 e 2001 - 2004.

¹¹Disponível em: <http://serradecuite.blogspot.com.br/2012/05>. Acesso: 24/08/2017.

família Venâncio dos Santos; Pedro Simões Pimenta (BOX 7), da família Simões; e Cláudio Gervásio Furtado (BOX 8), da família Furtado. Estes perfis foram colecionados e publicados pelo geógrafo Jônatas Rodrigues Pereira, no Blog História de Cuité, consultado em 2017, mas fora do ar ao longo do ano de 2018. Decidimos pela reprodução integral dos perfis, de modo a oferecer ao leitor acesso direto aos modos pelos quais tem se construído uma memória “oficial” de suas vidas e realizações. Ao final da seção, apresentamos uma análise em bloco dos perfis, buscando apreender que aspectos de sua vida são ressaltados e que tipo de memória é registrada para a posteridade. Estes personagens retornam na seção 1.6 e serão centrais para compreensão dos diagramas genealógicos que construímos a partir da pesquisa de campo.

A intenção com a apresentação e análise destes perfis é oferecer pistas que permitam acesso ao universo social destas famílias, a partir dos esforços recentes de cristalização de imagens destes personagens “ilustres”. Estes esforços envolvem diferentes indivíduos, de variadas famílias.

A história de Cuité está vinculada às famílias da Costa Pereira, Venâncio dos Santos, Furtado, Fonseca e Simões. Em qualquer lugar que você vá no município verá alguma referência a estas famílias, como no museu da cidade em que nas paredes estão as árvores genealógicas do que é chamado de *Família Originária do Olho d’ Agua da Bica* (Venâncio dos Santos e Fonseca¹²) e a *Família Originária da Volta* (da Costa Pereira), ou nomeando órgãos públicos (fórum, escolas, ginásios) e espaços públicos (praça, ruas, parques) que são batizados com nomes de membros destas famílias. Ou até mesmo quando ocorre um velório, em que é possível perceber uma divisão das famílias de acordo com suas divergências políticas. Portanto, a escolha destas famílias se justificam diante de sua importância dentro da história do município.

1.4. 1. A Família da Costa Pereira

Trata-se de uma família de base agrária que contribuiu para formação do município de Cuité – PB na segunda metade do século XIX e até os dias atuais tem alguns de seus membros que participam da comunidade, contudo, as elite vindas do rural não conseguiram controlar a

¹² As famílias Venâncio dos Santos e Fonseca, como demonstramos no Diagrama 1 (p. 84), têm uma origem comum, identificada numa personagem feminina chamada “Dindinha”, para quem não conseguimos documentos que atestem sua origem ou nome completo. Relatos orais dão conta de que veio para Cuité a partir de Caicó (RN) no Século XIX. Atualmente, porém, apesar dos laços estreitos que ainda mantêm, são percebidas como duas linhagens distintas, por isso optamos por separá-las nesta tese.

transição para uma sociedade urbana e, paulatinamente, começam a perder o controle do campo. Ao analisar as linhagens, inventários e biografias, das atividades administrativas, políticas e dos investimentos, sobretudo em relações sociais e escolares, é possível investigar a dispersão dos membros desta família e o enfraquecimento de sua presença nos círculos dirigentes. Diferentemente do ocorreu na região Sul com a elite estancieira que Piccin (2015) estudou, “em que as elites vindas do rural conseguem controlar a transição para uma sociedade industrial sem se contrapor a ela ou deixar de estimulá-la, sem tampouco perder o controle do campo” (PICCIN, 2015, p. 307).

Na investigação dos documentos da família da Costa Pereira, não encontramos o inventário do Capitão Anacleto, mas o de seu pai, Joaquim José da Costa, conhecido como “Joaquim da Volta”. Este inventário data de 1870 e informa um patrimônio fundiário e de bens móveis bastante extenso. Apesar de ser de leitura difícil, é possível identificar entre estes bens, terras no Gravatá, Olho D’Água do Coite, Várzea Grande e Olho D’Água da Serra do Pedro, propriedades localizadas no entorno dos municípios de Picuí e Cuité, tanto na Paraíba quanto no Rio Grande do Norte; e ainda um cordão e medalha de ouro, 14 colheres de prata, um par de esporas de prata, animais (potros, éguas, cavalos, bois e vacas), tacho, mesa com gaveta, casarão para despejo, canga, jogo de mala de couro, cangalhas, escravos, casas de telha e taipa, dinheiro, entres outros bens.

Conversando em setembro de 2018 com José Pereira Sobrinho, bisneto do Capitão Anacleto, este relata sua alegria ao conseguir duas colheres de prata que pertenceram ao espólio de Joaquim José da Costa, seu trisavó, doadas para o acervo do Museu do Homem do Curimataú na solenidade de fechamento de uma Cápsula do Tempo, enterrada em 2018 e prevista para ser aberta em 2068¹³, parte das comemorações dos 250 anos da Fundação de Cuité. José Pereira Sobrinho vem estudando a genealogia de sua família e do município de Cuité há décadas, tendo financiado a publicação de alguns livros de sua autoria sobre a temática. As árvores construídas das famílias originárias do município expostas no museu da cidade foram elaborados por ele, que goza de grande prestígio social entre a população local como pesquisador e educador.

José Pereira Sobrinho (2001), em seu livro “Terra Nossa”, os limites do *Patrimônio Territorial da Paroquia Nossa Senhora das Mercês*¹⁴, afirma que as terras só foram documentados em 1928. Ele transcreve a escritura de convenção dos limites que entre si

¹³ A Cápsula do tempo é um acervo físico (objetos, fotos, artes, mensagens, documentos sobre Cuité em 2018) que foi colocado em um recipiente de vidro no subsolo da réplica do antigo coreto, construído no jardim do museu que foi um presente do GAPHC – Grupo de Apoio ao Patrimônio Histórico de Cuité.

¹⁴ Padroeira de Cuité - PB

fazem Pedro Vianna da Costa e sua mulher dona Anna Leopoldina dos Santos e dona Maximina Leopoldina da Fonseca, viúva de Francisco Theodoro da Fonseca (1862-1922), e o Monsenhor Tibúrcio de Miranda, vigário da freguesia representando o Patrimônio Nossa Senhora das Mercês.

Segundo José Pereira Sobrinho, a Serra de Cuité foi dividida ao meio, um lado pertencia a Pedro Viana e sua mulher e o outro a Maximina Fonseca e seus herdeiros.

Os seguintes limites para o referido Patrimônio: Partindo ao norte do marco que está posto no caminho de Jatobá e Maribondo, segue em linha recta para o marco fincado dentro do cercado pertencente actualmente a Raphael Marinho, ao pé de um cajueiro ahi existente, na extensão de cento e trinta e nove braças; (Passa linha pelos fundos dos fundamentos da matriz em construção, na distância de sessenta palmos, do ângulo nascente dos ditos fundamentos, onde se encontra um marco intermediário). Do marco angular do pé do cajueiro segue em linha recta para o sul na extensão de sessenta e quatro braças para o marco fincado à beira do caminho que segue em direção ao Campo Comprido, na Rua da Cruz (...). (PEREIRA SOBRINHO, 2001, p. 52)

A partir dos relatos de José Pereira Sobrinho, esta divisão de terra dividia a sede municipal ao meio, metade pertencendo a Senhora Maximina Leopoldina da Fonseca e a outra metade ao Senhor Pedro Vianna da Costa. As terras em cima da Serra de Cuité têm seu valor econômico muito acima das demais.

E encontramos também o inventário do filho do Capitão Anacleto, Pedro Viana da Costa, que foi aberto em 1948. O falecido Pedro Viana da Costa deixou os seguintes bens: uma propriedade na Chã da Serra de Cuité, um sobrado situado na Rua Getúlio Vargas, um prédio situado na Rua Quintino Bocaiúva, uma casa de fabricação de farinha a motor localizada na Rua Quintino Bocaiúva, uma casa de alinhamento também localizada na Rua Quintino Bocaiúva, um quarto contendo um caixão para guardar farinha, também na Rua Quintino Bocaiúva, uma casa situado na Rua 25 de Janeiro, seis quartos situados na Rua na Travessa Pedro Viana, uma casa na Vila de Barra de Santa¹⁵ onde funciona a escola pública. Segundo informações presentes no inventário, todos os prédios estão em terreno foreiro¹⁶. Os

¹⁵ A Vila Barra de Santa Rosa fazia parte do município de Cuité e foi emancipado em 1958.

¹⁶ Foreiro (enfiteuta) é uma pessoa ou instituição que adquire direitos sobre um terreno ou um imóvel através de um contrato, mas não é o dono do local. Acesso 07/11/2018: <http://www.significando.com.br/foreiro/>. No STF o Agravo de Instrumento nº 806.597/2012 – PB tendo como relatora a Ministra. Rosa Weber informa que: (...) o art. 678 do Código Civil de 1916 (...): ‘Sobre as antigas enfiteuses, o Novo Código Civil possui dispositivo expresso: ‘Fica proibida a constituição de enfiteuses e subenfiteuses, subordinando-se as existentes, até sua extinção, às disposições do Código Civil anterior, Lei no 3.071, de 10 de janeiro de 1916, e leis posteriores’ (art. 2.038)’, ‘Dá-se a enfiteuse, aforamento, ou emprazamento, quando por ato entre vivos, ou de última vontade, o proprietário atribui a outrem o domínio útil do imóvel, pagando a pessoa, que o adquire, e assim se constitui enfiteuta, ao senhorio direto uma pensão, ou foro, anual, certo e invariável’. Em acréscimo, Código estabelecia que o contrato de enfiteuse era perpétuo, transmitia-se por herança e só podia ter por objeto as terras não cultivadas ou terrenos que se destinassem a edificação (arts. 679, 680 e 681).

bens semoventes eram um touro raçado, duas vacas solteiras, oito vacas com cria, um boi de serviço, quatro novilhotas, mais três novilhotas com valores diferentes, três novilhas, três garrotas, três garrotes, um jumento. Móveis e utensílios que eram: dois silos de ferro galvanizado, para guardar cereais com capacidade para guardar cem cuias¹⁷ cada um, um carroção estragado. Outros bens: um curral com cocheira.

O imóvel rural não tem uma medição em hectares como nos dias atuais e foi informada a sua dimensão por meio dos limites com seus vizinhos conforme está descrito em seu inventário na folha quatro, em que se informa:

Uma propriedade na Chã da Serra de Cuité, vinda ao monte por compra e herança, compreendendo terrenos de agricultura e um cercado para criação, limitando-se dita propriedade – ao Norte com terreno de Jeferson Palmeira Cabral de Vasconcelos, dos herdeiros de Vicente Ferreira da Fonseca, com Afonso Furtado e com Justino Alves da Costa; ao Sul, com terras de Filadelfo Venâncio da Fonseca e do Padre Luiz Santiago, pela estrada que vai desta Cidade para o Olho D'água, pela cerca de pedra do círculo da Serra; ao Nascente, com o Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês e com terras de d. Maximina Leopoldina da Fonseca, pela estrada que vai desta Cidade ao sítio Maribondo e ao Poente, com os herdeiros de Vicente Ferreira da Fonseca, com os herdeiros de Jorge Ferreira de Lima e com José Salvador da Silva. Contém dita propriedade um cercado de arame e madeira, atribuindo-se lhe, com o dito cercado o valôr de Cr\$ 40.000,00.

Esta propriedade no *Laudo de Avaliação* que consta no inventário, na folha 31, o avaliador informou o valor da propriedade em Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros). É comum nos inventários realizados no Brasil o valor informado dos bens pelo advogado do processo ser abaixo do valor informado pelo avaliador, podendo o advogado, após intimado pelo juiz, contestar o valor apresentado pelo avaliador.

Uma outra fonte de dados são os registros no cadastro de imóveis rurais junto ao INCRA de propriedades de terra em nome da família da Costa Pereira. No ano de 1920, o Ministério da Agricultura e Comércio realizou um recenseamento no Brasil que indicava o nome do município em que estava localizado o imóvel rural, o nome do imóvel e o de seu proprietário. Neste recenseamento, não se informa o tamanho das propriedades. Neste período, o município de Cuité – PB pertencia ao município de Picuí (Picuhy¹⁸), e foi possível identificar alguns nomes da família da Costa Pereira como: Aniceto da Costa Pereira¹⁹, proprietário do Saco do Milho; Maria Florentina da Costa²⁰, proprietária da fazenda Água

¹⁷ Uma cuia - uma de medida que equivale 10kg.

¹⁸ Grafia do nome do município em 1920

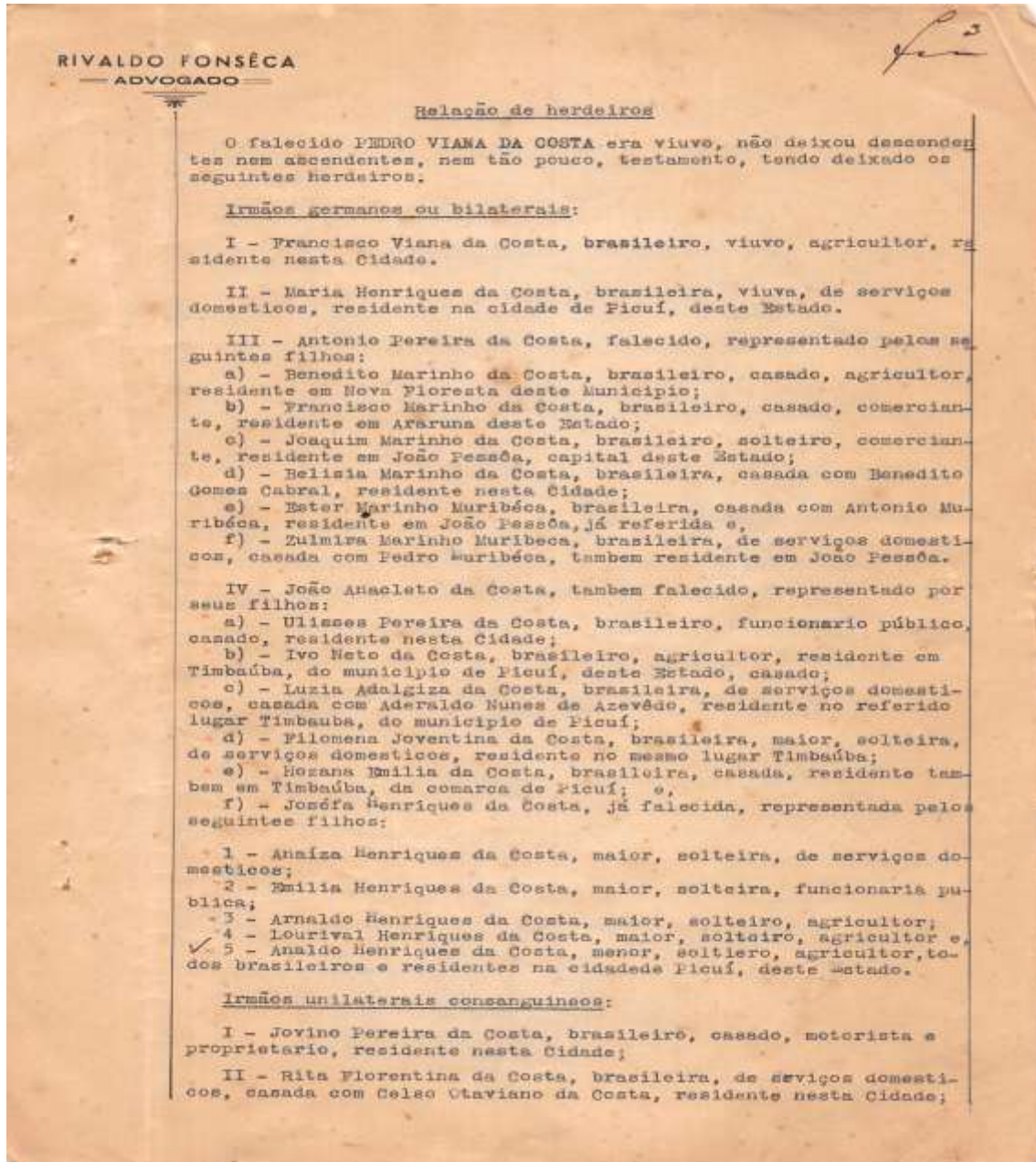
¹⁹ Filho do Capitão Anacleto e Maria Florentina da Costa e pai de Jaime da Costa Pereira

²⁰ Esposa do Capitão Anacleto da Costa Pereira

Nova; Pedro Viana da Costa²¹, do Jatobá; José Brasiliense Costa Pereira²², proprietário da localidade Timbaúba; e Virgílio Rodrigues Viana Campos²³, proprietário da localidade Coité.

Os bens informados no inventário de Pedro Viana da Costa foram partilhados entre seus irmãos e sobrinhos (FIGURAS 2 e 3).

Figura 2: Fac símile Relação de herdeiros de Pedro Viana da Costa



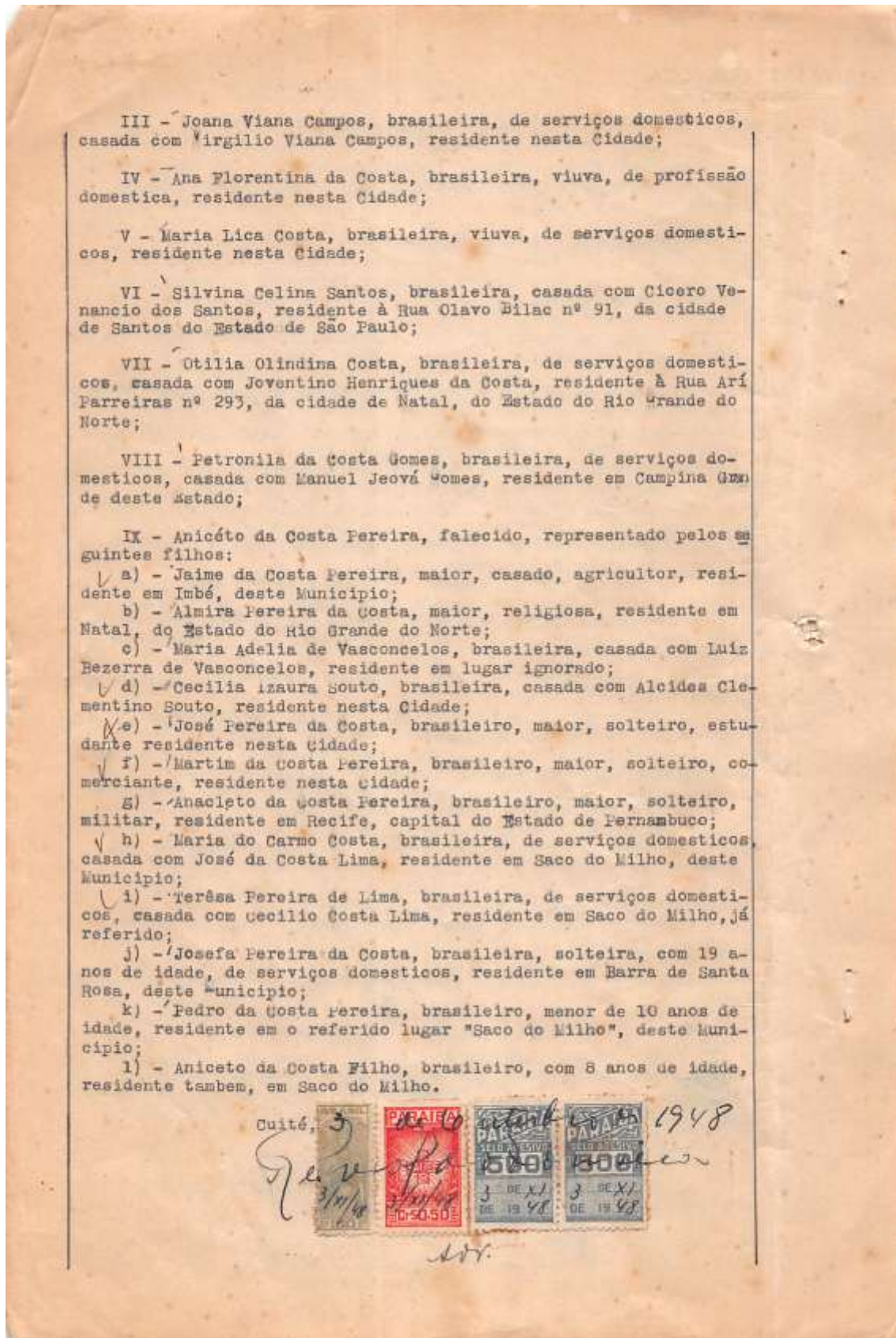
Fonte: documentos consultados no Fórum da Comarca de Cuité-PB em 2017.

²¹ Filho do Capitão Anacleto e Maria Francisca do Livramento (primeira esposa)

²² Filho do Capitão Anacleto e Maria Florentina da Costa

²³ Era filho de Tomaz Soares da Costa Campos (filho de Joaquim José da Costa (Joaquim da Volta) e Maria Francisca de Medeiros. Casado com Joana Viana Campos

Figura 3: Fac símile Relação de herdeiros de Pedro Viana da Costa



Ao analisar o ITR - Cadastro Territorial Rural de 1992 e 1999 verifica-se que Jaime da Costa Pereira era proprietário da Fazenda Água Nova, propriedade que pertenceu a sua avó Maria Florentina da Costa, com trezentos e dez hectares e da localidade denominada Imbé com trezentos e noventa e um hectares.

E uma Certidão de Imóveis fornecida pelo Segundo Serviço de Notas e Registros – Zona Sul na Comarca de Cuité, expedida em 2006, de Jaime da Costa Pereira, com poucos bens, entre eles um imóvel rural denominado Imbé, no município de Cuité, medindo trezentos e dez hectares, e outro imóvel denominado Água Nova, também no município de Cuité, medindo trezentos e um hectares, e seis partes de um imóvel denominado Saco, medindo em conjunto quarenta hectares.

O perfil do Capitão Anacleto da Costa Pereira (BOX 1), nome recorrentemente citado quando são feitas referências a esta família, destaca sua grande influência política nas regiões do Curimataú e Seridó paraibanos.

Box 1: Perfil do Capitão Anacleto da Costa Pereira

O CAP. ANACLETO DA COSTA PEREIRA foi sem sombra de dúvidas uma das pessoas mais influentes da história do *Curimataú* e *Seridó Paraibanos* durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. Foi o filho primogênito do patriarca *Joaquim José da Costa* e de *Dona Maria Francisca de Medeiros Pereira*. *Joaquim José da Costa*, foi um dos precursores da criação bovina na região, povoando junto com seus irmãos *José Joaquim da Costa*, *Lázaro José Estrela* e *Maximiniano José da Costa*. O *Capitão Anacleto* nasceu no dia 13 de julho de 1833, no município de *Acari - RN*, já que sua mãe era filha de *Tomáz de Araújo Pereira* (neto do fundador de *Acari*, de mesmo nome) e dono de vastas terras no Seridó potiguar. Foi casado em primeiras núpcias com a senhora *Maria Francisca do Livramento*, apelidada de "*Lalata*". Tendo ficado viúvo, casou-se com a senhora *Maria Florentina da Costa*, que por sua vez, era sobrinha da primeira esposa do Capitão, nascida em 2 de abril de 1857. O primeiro casamento lhe deu cinco filhos. Do segundo matrimônio vieram ao mundo dezessete filhos. O *Capital Anacleto da Costa Pereira* era um homem alto e forte com 1.82m de altura e peso de 80 kg, possuía olhos claros, cabelos loiros e a pele branca, ligação provável de antigos habitantes de origem neerlandesa que se espalharam pelo interior nordestino. Além de grande agricultor e de renomado pecuarista, como seu pai *Joaquim José da Costa*, *Anacleto* foi, sem sombra de dúvida, o primeiro grande político do *Curimataú paraibano*. Tendo nascido em 1833, pelos anos de 1860 já despontava na política cuitense como um autêntico líder popular e, muitas das vezes militou no *Partido do Governo Provincial*. Foi *Capitão da Guarda Nacional* e *Juiz de Paz Interino da Comarca de Cuité*, o *Capitão Anacleto* também foi *Presidente do Conselho Municipal*, durante o *Império*. O *Capitão Anacleto* tem um papel importante na história do *Curimataú* e da *Paraíba*, junto com seu irmão *Thomáz Soares da Costa Campos* e o *Senhor Lázaro de Melo Ramos*, foram os primeiros proprietários do *Curimataú paraibano* e da *Província da "Parahyba"* a libertarem seus escravos antes do decreto oficial da famosa Lei Áurea, em 1888. Militava no partido abolicionista e tinha ideais republicanos, um dos primeiros na região. O *Cap. Anacleto* era homem íntegro, muito calmo e de caráter intocável, mas quem fizesse alguma coisa com ele ou sua família, aguardava-se pois a "recompensa" seria dentre poucos dias, mas jamais provocou ninguém, especialmente no ramo da pecuária. Isto pode-se justificar através de *Justino Aguiar*, *Manoel Jerônimo*, *Clementino Pereira* e outros mais que perderam questões e entregaram o gado que possuíam e passaram as escrituras das terras para o referido capitão, o qual recebia e depois restituía-as sempre com a preocupação de morrer. O *Capitão* queria que se resolvesse as questões o quanto antes, a fim de entregar o que não era

seu. Grande chefe de família e ótimo senhor de escravos, fato que libertou-os antes mesmo da *Assinatura da Lei Áurea* pela *Princesa Isabel*, através do *Decreto Imperial nº3.353 de 13 de maio de 1888*. Os referidos escravos do *Capitão Anacleto* permaneceram na histórica *Fazenda Água Nova* após a sua libertação, agora não como escravos e sim como trabalhadores livres e empregados. As desavenças com a família *Venâncio dos Santos* no início do século XX desgastaram bastante o velho *Capitão*, que pensou em vender sua propriedade *Água Nova*, mas convencido pela família permaneceu até o fim da vida. Legou às suas gerações futuras um grande exemplo de dignidade familiar. *Anacleto da Costa Pereira* faleceu no dia 8 de dezembro de 1918 com 85 anos, 4 meses e 26 dias. Foi primeiramente sepultado no antigo e pequeno *Cemitério São Miguel*, construído no Império, e demolido na década de 1960. Seus restos mortais foram transferidos para um novo e amplo cemitério, o *Nossa Senhora das Mercês*, construído em 1937, este repousando pela eternidade.

Fonte: Blog História de Cuité²⁴

A influência econômica, política, social e simbólica da família da Costa Pereira também pode ser observada na arquitetura das casas, como por exemplo a residência do casal Ana Florentina da Costa (filha do Capitão Anacleto) e Ulisses Viana da Costa (sobrinho do Capitão Anacleto), localizada na Praça Cláudio Gervasio Furtado, praça central do município (FIGURA 4). A casa atualmente é utilizada para fins residenciais e comerciais, mas mantém ainda sua imponência, expressão material e simbólica do poder da família.

Figura 4: Residência de Ana Florentina da Costa e Ulisses Viana da Costa



Fonte: Blog Cuité²⁵

²⁴ Retirado do Blog História de Cuité, do geógrafo Jônatas Rodrigues Pereira. Disponível em <http://historiadecuite.blogspot.com.br/2010/07/anacleto-da-costa-pereira.html>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

²⁵ Disponível em: <http://mel-wwwcuitepbcom.blogspot.com/2011/04/casaroes-de-cuite-pb.html>. Acesso 05/11/2018.

A continuação da influência da família da Costa Pereira seguiu pelas gerações seguintes, com destaque para o Senhor Jaime da Costa Pereira (BOX 2) e o seu filho, Jaime da Costa Pereira Filho. Ambos foram prefeitos. O Senhor Jaime da Costa Pereira Filho ainda hoje é um dos maiores opositores políticos da Família Venâncio dos Santos. É muito procurado por seus correligionários devido a sua profissão de médico e a importância de seu apoio na política local.

Box 2. Perfil de Jaime da Costa Pereira

JAIME DA COSTA PEREIRA– Agricultor, pecuarista e líder político do Município de Cuité, PB, nasceu de pais agricultores, sendo o primeiro filho varão do casal Aniceto da Costa Pereira e Anna Izaura da Costa (em solteira de Anna Izaura de Britto), na pequena propriedade do casal, denominada Saco-do-Milho, situada em parte da área que hoje constitui o Município de Nova Floresta, aos vinte e oito dias do mês de fevereiro de 1920 (28/02/1920), tendo falecido em João Pessoa, PB, no Hospital da UNIMED, na noite do dia dezoito de maio de 2004 (18/05/2004). Quando do nascimento de Jaime Pereira, o casal já tinha duas filhas, Almira Pereira da Costa e Maria Adélia da Costa. Entretanto os irmãos ficariam, em pouco, órfãos, por falecimento de Da. Anna Izaura da Costa, em 23 de janeiro de 1923, em decorrência, do último e mal sucedido parto, ao dar à luz Cecília Izaura da Costa. Com quatro filhos para criar, “seu” Aniceto Pereira casou-se, em segundas núpcias, com Da. Eufrazia Lira de Vasconcelos, em junho de 1923, após curto período de viuvez, de não mais de cinco meses. Jaime Pereira, que ficara órfão com apenas dois anos e onze meses, ganharia os seguintes irmãos, por parte de pai, na ordem cronológica: José Pereira da Costa, Martim Pereira da Costa, Maria do Carmo Pereira da Costa, Anacleto da Costa Pereira, Josefa Pereira da Costa, Tereza Pereira da Costa, Pedro Pereira da Costa, e Aniceto da Costa Pereira Filho. Com oitenta e quatro anos bem vividos, guardava, ele, notáveis lembranças de sua vida e de sua luta pelo torrão que tanto amou, até o último sopro de energia vital: seu querido CUITÉ. Ao longo de sua vida, costumava dizer “O TRABALHO É TUDO” e, de fato, em quase tudo trabalhou, desde criança: foi agricultor desde os 9 anos; tangerino - transportador d’água; lojista; capataz dos trabalhadores de seu pai; proprietário rural; caminhoneiro; empresário de ônibus e produtor/comprador de algodão e agave (sisal). Foi servidor público como Prefeito Constitucional (1959-1963) de Cuité - PB, e como Secretário de Obras Públicas do mesmo Município de 1983 a 1988.

Em 1940, tomou conta da propriedade IMBÉ, em Cuité - PB, que comprou de seu pai. Casou com Inês Duarte da Costa, no dia 01 de janeiro de 1941, em Picuí, na Igreja de São Sebastião, após o que viajaram para a casa sede da sua propriedade, onde residiria m até 1950, quando foram morar na Sede do mesmo Município, em casa por ele recém-construída. Sem ter tido oportunidade de estudar, Jaime Pereira foi grande incentivador da cultura e do saber: Convenceu seu pai, Aniceto Pereira, a deixar seu irmão José Pereira da Costa, estudar, tendo este sido o primeiro Cuiteense a se tornar médico; assegurou a educação de todos os seus dez (10) filhos: Edson, Elsa, Ediana, Socorro, Jaime Filho, Ana Sônia, Telma, José Aniceto, Maria do Carmo e Gutemberg. Nosso saudoso Jaime Pereira deixou, ainda, vinte e oito (28) netos e quatorze (14) bisnetos (número que, atualmente, já se eleva para 22, tendendo para 24); dos mesmos, aqueles que o conheceram, tanto quanto seus filhos, sempre o adoraram e admiraram, pelo seu exemplo de cidadania, espírito público, honestidade, respeito à Ética e ao Direito, como instituições sagradas; e, acima de tudo, pelo seu especial apreço pelos simples e pelos humildes, com quem sempre conviveu de igual para igual. Prefeito de Cuité, de 1959 a 1963, realizou as seguintes obras, para falar das mais notáveis:

Dotou a Sede do Município de MERCADO PÚBLICO, com a compra, adaptação e ampliação de antiga usina da Companhia Comércio e Prensagem de Algodão, do industrial campinense Isaias do Ó; Recuperou, melhorou e ampliou, sobejamente, a malha rodoviária do Município e exigiu, com êxito, que o Governo do Estado melhorasse as rodovias estaduais existentes, então, em Cuité;

Recuperou, ampliou e multiplicou as fontes públicas, proibindo, severamente, que vândalos as depredassem e/ou que, nelas, tomassem banho, com o deplorável fito de poluir a água e de insultar a população;

Duplicou o número de escolas públicas, e dignificou seus corpos docentes, jamais consentindo que professores ou professoras fossem vítimas dos famigerados e desrespeitosos atrasos de salários;

Criou postos de saúde e ambulatórios na Sede e nos Distritos;

Honrou os compromissos assumidos por seu antecessor, com a compra de ações da Eletro-Cariri e dobrou o número de ações adquiridas, como única esperança, então, de que Cuité viesse a ser beneficiado pelo sistema da CHESF, com apoio, na época, apenas em Paulo Afonso;

Dotou Cuité das primeiras galerias de águas pluviais de grandes diâmetros, destinadas a diluir a carga bacteriana decorrente do lançamento indevido de esgotos domésticos, no belo lago que deu origem à Cidade;

Organizou as finanças públicas, e manteve os salários dos servidores rigorosamente em dia, durante toda a sua gestão; Deu continuidade ao planejamento urbano iniciado em gestões anteriores; Incentivou a Agricultura e a Pecuária, valorizando o trabalho do homem do campo e incentivando os pequenos proprietários;

Retirou, do entorno do Mercado Público recém inaugurado, antigo cemitério do tempo do surto dechóleramorbus, transportando os restos mortais para o cemitério novo de então, com o mais absoluto respeito e com o necessário acompanhamento de membros dos familiares que desejassem; Realizou os primeiros levantamentos topográficos cadastrais dos Distritos do Melo e do Sossego, visando ao planejamento urbano incipiente daquelas povoações, que esperava tivessem continuidade em administrações subsequentes;

Pela primeira vez, em Cuité, dotou a Câmara de Vereadores de sistema de som, para que a população pudesse assistir aos debates, e saber quem se posicionava em favor dos interesses da população, ou defendia interesses particularíssimos, não raro inconfessáveis, agora não mais às escondidas;

Exigiu, do Governo do Estado, na Gestão de Pedro Moreno Gondim, por Cuité, o respeito que o Município merecia, na condição de um dos maiores recolhedores de impostos estaduais, dentre os produtores de sisal e de algodão, da época em que não havia “bicudos”, nem nos algodoads nem na política;

Abriu avenidas, alargou e calçou ruas, estimulando a Cidade a crescer em todas as direções; Limpou a Lagoa, bem como melhorou e reforçou seu sangradouro;

Melhorou o acesso ao Olho d'Água do Cuité e ampliou-lhe os reservatórios e banheiros, organizando os saudáveis banhos públicos ali propiciados. Listados os mais conhecidos atos administrativos de Jaime Pereira, enquanto Prefeito Constitucional de Cuité, relacionemos alguns gestos desse autêntico cuiteense, como simples cidadão: Sem ser religioso, apoiava todas as iniciativas dos religiosos de quaisquer tendências, desde que quisessem trabalhar pela comunidade, especialmente pelos menos favorecidos. Seu lema: “Crer em DEUS, que é santo forte” e “Fazer o bem sem olhar a quem”;

Não admitia que se xingassem cegos, aleijados e loucos. Tomava-lhes as dores e se indispunha com os que os insultava. Defendia-os e lhes dava as esmolas que negava a preguiçosos e parasitas;

Doou vastas áreas, de seu patrimônio particular, incondicionalmente, a pessoas de menor condição, para que os beneficiários pudessem vir a construir um teto, nos terrenos recebidos;

Amigo leal de Pedro Simões Pimenta e do Padre Luíz Santiago, colaborou com a construção da nova Matriz de Cuité, opondo-se à demolição da primeira, que considerava um monumento histórico; Colaborou, substancialmente, com a construção do campo-de-aviação de Cuité, e sempre censurou os “letrados” que, tendo ficado encarregados de organizar o AEROCLUBE DE CUITÉ, deixaram o projeto abortar, e, como costumava dizer, a instituição “nunca decolou”. Quando da construção, ele afirmava que o campo de pouso salvaria vidas, previsão que se confirmou por diversas vezes;

Contribuiu, prodigamente, junto com Benedito Venâncio, Pedro Simões, Padre Luíz Santiago, Benedito Régino e tantos outros, para a criação da APAMIC e para a construção de sua Maternidade; Viabilizou, com a oferta de terreno de sua propriedade, a instalação do sistema de telecomunicações da TELPA, em Cuité;

Contribuiu, denodadamente, para a consolidação da Maçonaria em Cuité, bem como para a construção de seu Templo, na época um dos maiores do Estado; Batalhou, incansavelmente, junto com seus filhos Jaime e Edson Pereira, pela construção do Açude Boqueirão do Cais, no Governo Wilson Braga, sonho que viu realizado principalmente, pelo lado do Governo, graças ao empenho do Secretário José

Silvino Sobrinho, por quem tinha justa admiração, e a quem disse, certa vez: “Doutor, o Curimataú não merece menos açudes do que o Sertão! Não deixe o Cuité com sede!”;

Seu sonho por excelência, a construção do Açude do Japi, não pôde ver realizado, mas, em seus últimos dias, sorria feliz quando se dizia que o projeto de fechamento do boqueirão ficara pronto, e que era questão de tempo, o INCRA e o Governo Estadual mandarem executar, ali, uma barragem com cerca de oitenta milhões de metros cúbicos (80.000.000 m³);

Ninguém, mais do que Jaime Pereira, pediu chuva a Deus e açudagem aos homens, tendo, ele próprio, construído um sem número de pequenos açudes, barragens, tanques e cisternas. Pedreiro Livre que era, Mestre Maçom, foi honrado por seus pares com cerimonial de despedida simples, mas de grande e comovente beleza, em que se rogou ao GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO (G.A.D.U.) pelo justo acolhimento da alma do pranteado Irmão. Mas, um último pedido de Jaime Pereira parece ter sido atendido, pelo Grande Arquiteto de Todos os Mundos: duas copiosas chuvas, arrematadas por um belo arco-íris, caíram, durante o cortejo final, parecendo contribuir para uma crescente tranquilidade de sua expressão, bem como para acentuar o leve sorriso que seus lábios esboçavam.

Campina Grande, 20 de julho de 2011

Fonte: Blog História de Cuité²⁶ e material impresso fornecido pelo Edson da Costa Pereira para autora desta pesquisa em 2017.

As famílias da elite e o seu poder de liderança política no município de Cuité, como é o caso de Jaime da Costa Pereira Filho, não estão mais apoiadas no patrimônio fundiário, mas por meio de outros capitais. O patrimônio fundiário da família foi se dissolvendo ao longo do tempo, com a divisão dos bens por se tratar de famílias extensas: Joaquim José da Costa teve quinze filhos; o Capitão Anacleto da Costa Pereira casou-se duas vezes e teve vinte e dois filhos. Tudo isso associado às crises econômicas e ao processo de modernização.

Esta família se encontra no município desde o século XIX e os sobrenome adotados eram distintos pois, não havia uma regra geral no Brasil para a adoção de sobrenomes. Neste período, para a atribuição de nomes de família aos filhos, o repertório familiar era diverso e muitas vezes é difícil de fazer o levantamento dos membros das famílias no decorrer das décadas. Como é o caso da Família da Costa Pereira que tem como membro mais antigo Joaquim José da Costa – Joaquim da Volta que teve quinze filhos e cada um com sobrenome diverso e sem a lógica atual de implantação dos sobrenomes. Diferentemente, as gerações posteriores acompanharam regras mais fixas, como o caso de Jaime da Costa Pereira, que teve dez filhos e todos acompanharam o seu sobrenome.

Ao estudar as práticas de denominação familiar associadas aos membros da oligarquia paraibana no final do século XIX e início do século XX, Lewin (1983) informa que os padrões de denominação familiar dos brasileiros não corresponde ou não correspondiam inteiramente ao traçado de descendência e que refletiam um elemento importante de escolha

²⁶ Retirado do Blog História de Cuité, do geógrafo Jônatas Rodrigues Pereira. O autor do Blog História de Cuité informa que estes dados biográficos foram escritos pelo filho mais velho Edson da Costa Pereira, e enviado gentilmente por sua esposa e nossa amiga de blog, Gisélia Gomes Pereira. Disponível em <http://historiadecuite.blogspot.com.br/2010/07/anacleto-da-costa-pereira.html>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

peçoal, seja individual ou familiar. O Brasil, segundo a autora, tinha práticas de atribuição de sobrenomes que demonstraram grande flexibilidade inicial seguida de sucessiva redefinição e que demonstravam o exercício de uma preferência idiossincrática no sistema de *status*.

Fotografias cedidas por Edson da Costa Pereira, filho de Jaime da Costa Pereira, mostram as residências da família da Costa Pereira na zona rural e na cidade (FIGURAS 5 e 6). Segundo a legenda que acompanha a foto da casa rural, esta foi tirada em 1951 na fazenda Água Nova, que permanece como propriedade do casal Elsa da Costa Simões (filha de Jaime da Costa Pereira) e Geraldo Simões Pimenta. Na segunda fotografia, o Senhor Jaime da Costa Pereira estava com sua família em frente à sua casa “da rua”²⁷, todos encostados no automóvel da família.

Figura 5: Casa dos avós de Jaime da Costa Pereira



Fonte: foto fornecida por Edson da Costa Pereira

²⁷ Expressão utilizada para se referir ao imóvel localizado na cidade.

Figura 6: Casa de Jaime Pereira da Costa



**Família na frente da casa de Cuité
Época: 1953**

Fonte: foto fornecida por Edson da Costa Pereira

Ao entrevistar Jaime da Costa Pereira Filho em Cuité, na residência de Dona Inês, sua mãe, no dia 20/07/2017, ele narra um pouco sobre a história da sua família, do seu pai, sua mãe, seus irmãos

Você conta uma historinha, assim? A família de onde veio né ...No conhecimento que tenho meus avós. O pai de meu pai que era Aniceto Pereira, ele morava em uma fazenda chamada “Saco do milho”, “Saco do milho” hoje é município de Nova Floresta, divisa com Cuité. A mãe de meu pai faleceu quando meu pai tinha dois anos, meu avô casou com Dona Eufrásia que passou, então, a ser madrastra de meu pai, boa madrastra, por sinal, ele sempre adorou ela. E meu avô teve vários filhos que...se eu for enumerar aqui, (risos), eu não sei exatamente, acho que foram 14 filhos. E...agricultor né, fazendeiro, agricultor, meu pai sendo o segundo da primeira família, meu avô teve quatro filhos da primeira família e depois teve José Pereira, Martim, Anacleto, Carminha, é...se eu não me engano foram oito. E meu pai, então por ser o mais velho, passou a ser aquele, o exemplo, na segunda família, né e minha avó contava muito com ele, minha vó, não, madrastra de papai né, contava com ele e meu pai foi muito é...precoce, no casamento. Ele encontrou-se com mamãe uma certa vez em Picuí, que mamãe tinha família em Picuí, papai também, então em uma festa eles se encontraram lá e, finalmente, para encurtar a história eles se casaram, papai com 21 anos e mamãe com vinte, com vinte. Isso foi em 1940, então papai comprou uma fazenda chamada “Imbé”, ainda hoje é nossa né, e veio morar aí com mamãe e lá eles tiveram cinco filhos né, cinco filhos é...depois

veio morar aqui em Cuité e nasceram mais cinco, são dez filhos. E no Imbé ele fazia a parte de agricultura, criava gado e algodão, plantava algodão, na época algodão era uma beleza né, era uma produtividade muito boa e é tanto que Cuité tem esse mercado público que foi uma grande indústria de descaroçamento de algodão né e quem comandava era seu Benedito Venâncio. Mas o algodão veio a acabar por conta da “praga do bicudo” e foi aos poucos diminuindo né, diminuindo, mas, aí graças a Deus chegou então o sisal, na época, eu acho que 1950, 1953, começou por aí. Esse agave foi implantado por Padre Luís Santiago, Padre Luís Santiago. E desenvolveu o agave, se deu muito bem na região que o agave é originário do México né. E se deu muito bem aqui, foi momento áureo porque o sisal era muito procurado pra fazer corda, pra fazer tapete, muita, muita coisa né e a região passou a ser, talvez a mais... o maior produtor da Paraíba foi Cuité que naquela época Nova Floresta, Barra de Santa Rosa e Sossego pertenciam a Cuité até 1960, então Cuité era um grande produtor e graças a Deus ele se deu bem, criou a família, o “ouro verde”. (Entrevista com Jaime da Costa Pereira Filho, realizada em 20/07/2017)

1.4.2. A família Fonseca

A família Fonseca foi detentora de grandes extensões de terra no município de Cuité e com grande influência política. Seus membros, durante várias gerações, ocuparam vários cargos proeminentes no setor público. Francisco Theodoro da Fonseca foi prefeito de Cuité e seu filho, Basílio Magno da Fonseca, foi vereador e prefeito na cidade de Picuí e o primeiro prefeito eleito no município de Cuité. Seu filho, Rivaldo Silvério da Fonseca também foi prefeito, desembargador no Tribunal de Justiça da Paraíba, tendo sido casado com Maria Elita dos Santos Fonseca, sua prima, ainda viva, e que fez vários registros da história familiar.

Na pesquisa em busca de dados desta família, encontramos no Fórum de Cuité o inventário da Senhora Maximina Leopoldina dos Santos (falecida em 1951), de Basílio Magno da Fonseca (falecido em 1980), de Maria Florentina da Fonseca (falecida em 1970) e de Francisca Emília da Fonseca Santos (falecida em 2001). Estes inventários nos forneceram informações para construir as árvores genealógicas e também averiguar o patrimônio fundiário destas famílias. Juntamente com os inventários, também obtivemos informações de moradores locais em conversas informais e de alguns livros de memória produzidos por membros das famílias estudadas.

Registro no livro de notas nº 15 a fls 22 a 24, transcrito na íntegra por Sobrinho (2001), informa que no dia 09 de novembro de 1928 foi homologado por representante da Igreja Católica uma escritura de convenção de limites entre Pedro Vianna da Costa, sua mulher Anna Leopoldina dos Santos e Maximina Leopoldina da Fonseca, viúva de Francisco Teodoro da Fonseca (BOX 3), que já mencionamos acima.

As terras da sede municipal foram vendidas no decorrer dos anos pelos herdeiros com o avanço do processo de urbanização. Estas terras localizadas na sede do município foram sendo valorizadas. Também com a implantação de um Campus Universitário na década de 2000, o município, após anos de estagnação econômica, voltou a crescer e com isso houve um crescimento na ocupação do espaço urbano.

Box 3: Perfil de Francisco Theodoro da Fonseca

FRANCISCO THEODORO DA FONSECA nasceu no dia 9 de novembro de 1852, no município de Cuité. Filho do Sr. Manoel Cardoso da Fonseca e Melo e da Sra. Maria Angélica. Seus irmãos foram: Torquata da Fonseca, Maria Angélica da Fonseca e João Malaquias da Fonseca. Em 8 de novembro de 1881, casou-se com Maximina Leopoldina dos Santos, também cuiteense, filha de Leopoldino Silvério dos Santos e de Luiza Renovata de Medeiros²⁸, nascida em 9 de maio de 1863 e se batizou na antiga Igreja Matriz Nossa Senhora das Mercês no dia 9 de agosto de 1863, cerimônia oficiada pelo Pe. Manoel Jácome Bezerra Cavalcanti e foram seus padrinhos: Jorge Ferreira Lima, e sua esposa Jacinta Maria do Nascimento. O seu pai, Leopoldino Silvério dos Santos, foi Tenente Coronel do 17º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional da Comarca de Bananeiras, na Província da Parahyba, conforme consta da patente de nomeação assinada pelo Imperador Dom Pedro II, datado de 10 de maio de 1884. Seus filhos foram: Basílio Magno da Fonseca, Ascendino Ferreira da Fonseca, Nelson Mamede da Fonseca, Maria Cecília da Fonseca, Honorina Nina da Fonseca, Luzia Leopoldina da Fonseca, Francisca Emília da Fonseca Santos, Abílio Pompílio da Fonseca, Laura Anita da Fonseca, Águeda Cândida da Fonseca, Danuzia Zenaide da Fonseca. Foram seus genros e noras: Maria Florentina da Fonseca, Maria Torquata da Fonseca, Adelaide Adélia da Fonseca, Benedita Angelina da Fonseca Lima, Francisco Lázaro de Melo Ramos, Tertuliano Venâncio dos Santos, Lindolfo Venâncio dos Santos, Jeremias Venâncio dos Santos, Elzira Anunciada Cavalcante. Existindo uma descendência de 50 netos e 146 bisnetos.

Proprietário de terras, agricultor e fazendeiro. Residia na fazenda "Baixa Verde", no município vizinho de São Bento, no Rio Grande do Norte. Foi também comerciante, com uma loja localizada na rua denominada Getúlio Vargas, nº 111. Em anexo tinha a casa onde permanecia quando vinha da fazenda com a família. Durante a seca que assolou esta região durante os anos de 1888 e 1889, o então Juiz de Direito da Comarca de Cuité, o Dr. Ivo Borges Magno da Fonseca, fez apelo ao Vice-Presidente da Província, Dr. Francisco da Gama Rosa, pedindo recursos para atenuar a situação. O seu apelo foi atendido e enviaram cem (100) sacos de farinha que foram distribuídos entre os pobres e seis contos de réis (6.000\$000) que foram aplicados em obras de caráter público do Município. Quais sejam: Cerco da serra, melhoramento das estradas Cuité a Picuí e Barra de Santa Rosa, onde foi construído um açude e um calçamento de pedra que desce para o Olho d'Água da Bica. A Comissão nomeada para supervisionar estes trabalhos foi constituída dos senhores: Francisco Theodoro da Fonseca - Presidente; Lázaro de Melo Ramos - Secretário e Vicente Ferreira da Fonseca - Tesoureiro. Em 17 de julho de 1768 foi lavrada a Escritura Pública de Doação de meia légua de terra que Caetano Dantas Correa e sua esposa Josefa de Araújo Pereira, fizeram para o patrimônio da capela de Nossa Senhora das Mercês. **Em data de 3 de janeiro de 1912, foi lavrada uma escritura no Cartório do Tabelião José Modesto Alves da Silva, em Picuí, referente à venda de parte desta meia légua de terra. Compradores: Pedro Viana da Costa e seu cunhado Francisco Theodoro da Fonseca. Devido a essa transação, em 9 de novembro de 1928, foi lavrada uma Escritura Pública de Convenção de Limites, definindo a área do Patrimônio e a dos Compradores.** Esta Escritura foi assinada pelo Monsenhor José Tibúrcio, devidamente autorizado pelo Arcebispo da Paraíba, Dom Aduauto Aurélio de Miranda Henriques, e os referidos compradores. Como Francisco Theodoro da Fonseca já era falecido a referida escritura foi assinada pela viúva Maximina Leopoldina da Fonseca. Francisco Theodoro da Fonseca, pessoa esclarecida, animada, apaixonada pela música, tocava flauta e violão.

²⁸ Filha de Joaquim José da Costa – Joaquim da Volta pai de Anacleto da Costa Pereira

Sentia-se bem nos ambientes sociais, principalmente junto aos jovens. Não era político, mas participava de todos os movimentos que visavam o progresso desta terra. O Senhor Francisco Theodoro faleceu em 4 de novembro de 1922, aos 70 anos de idade, sua esposa Maximina Leopoldina da Fonseca, faleceu em 15 de agosto de 1950, aos 87 anos de idade. Entre os netos ilustres estão o Desembargador Rivaldo Silvério da Fonseca, o Dr. Orlando Venâncio dos Santos, o Dr. Oswaldo Venâncio dos Santos, advogados, o músico Demócrito Humberto da Fonseca.

Fonte: Blog História de Cuité²⁹

Esta família estabeleceu laços matrimoniais com as famílias Venâncio dos Santos, Furtado e da Costa Pereira. Também é uma família extensa. Maximina Leopoldina da Fonseca e Francisco Teodoro da Fonseca tiveram onze filhos.

A filha de Basílio Magno da Fonseca (BOX 4), Amália Fonseca, casou com Aduino Soares da Costa, que também foi prefeito de Cuité, e cuja família tinha também influência no que hoje é o município de Remígio. Seu pai, João Soares da Costa, segundo Serafim (1992, p. 255-256):

A política o envolveu muito cedo. No mesmo ritmo que cresciam seus interesses econômicos, cresciam suas ambições políticas(...)

(...)conselheiro junto à Câmara Municipal de Areia em 1917(...). Aí teve seu mandato renovado por mais duas vezes. Na Lagoa de Remígio, atuava como se Prefeito fosse.

Patrocinava as festas religiosas e, de resto, todos os empreendimentos festivos. Não podia ser diferente, precisa crescer com o povoado, era dono do motor de luz, da padaria, de lojas de estivas, tecidos e miudezas, além das atividades agropecuárias.

Box 4: Perfil de Basílio Magno da Fonseca

BASÍLIO MAGNO DA FONSECA, nasceu em Cuité no dia 14 de junho de 1884, filho de Francisco Theodoro da Fonseca e Maximina Leopoldina da Fonseca. Em 8 de fevereiro de 1911 casou-se com Maria Florentina da Fonseca, natural do município de Araruna-PB, nascida em 6 de setembro de 1890, filha de Theófilo Ferreira de Melo Ramos e de Josefa Florentina de Almeida Lima.

Tiveram treze filhos, Apolônio, Francisco e Maria faleceram antes de completarem um ano de vida, então, constituíram uma família de dez filhos, oito casaram e duas permaneceram solteiras. Seus filhos eram; Honorina, Risalva da Fonseca, solteira, Amália Fonseca da Costa, casada com Aduino Soares da Costa, Rivaldo Silvério da Fonseca, casado com Maria Elita dos Santos Fonseca, Hermes Heronides da Fonseca, casado com Elça Carvalho da Fonseca, Maria Anita da Fonseca, casada com Manoel Limeira Netto, Helena da Fonseca Bahia, casada com Rui Bahia da Cunha, Clóvis Clodomiro da Fonseca, casado com Dorací Medeiros da Fonseca, Aduino Augusto da Fonseca, casado com Auda Viana de Campos Fonseca, Joanna D'Arc da Fonseca, solteira, João Elísio da Fonseca, casado com Aliete Celina Santos da Fonseca. Existindo, pois uma descendência de 21 netos, 38 bisnetos e 12 trinetos.

Basílio Magno da Fonseca era proprietário de terras onde explorava a agricultura e a pecuária. Uma de suas propriedades é hoje o bairro denominado "Jardim Basílio Fonseca".

²⁹ Retirado do Blog História de Cuité, do geógrafo Jônatas Rodrigues Pereira. O autor do Blog História de Cuité informa que os dados foram escritos pela Senhora Maria Elita dos Santos Fonseca, tiradas de um quadro idealizado pela autora. Museu do Homem do Curimataú. Disponível em <http://historiadecuite.blogspot.com.br/2010/07> Acesso em 09 de agosto de 2017.

Foi muito dedicado a sua terra, lutando pelo seu progresso. A sua primeira batalha foi organizar uma banda de música, isso na década de 1920, conseguindo trazer para residir nesta cidade, o maestro Francisco de Sousa Leite ("Chico Leite").

O seu currículo escolar se resumiu a pouco tempo de estudo, supomos que tenha sido aluno do professor Pedro Xavier. Não fez sequer o curso primário, mas não se aprende com professor e frequentando escola, está aí uma prova cabal desta afirmativa. Era muito inteligente e aprendeu com ele mesmo. Dedicou-se intensamente a leitura, consultava os dicionários, e assim adquiriu o saber e conhecimentos, tornando-se a pessoa capaz que foi, chegando a desempenhar importantes funções com brilhantismo.

Basílio Magno da Fonseca construiu uma das mais belas casas de moradia do município. Trata-se da conhecida "Villa Honorina", construída no início dos anos vinte (entre 1922-1925), verdadeira obra da arquitetura eclética de Cuité e localizada na rua XV de novembro. O nome "Villa Honorina", que está exposto em alto-relevo no frontispício do casarão, é em homenagem a sua primeira filha, prática comum no início do século XX. Em 12 de outubro de 1932, o Interventor Federal, Gratuliano Brito, o nomeou Prefeito Municipal de Picuí. Cargo que exerceu por mais de três anos, tendo, no dia 23 de janeiro de 1936, passado o exercício para o Prefeito eleito Severino Ramos da Nóbrega.

Eleito Vereador Municipal de Picuí, no pleito realizado em 10 de novembro de 1935 pelo Partido Progressista, conforme consta do respectivo diploma. Foi nomeado 1º Suplente de Juiz Municipal do Termo da Serra de Cuité, para o quadriênio de 23 de fevereiro de 1933 a 22 de fevereiro de 1937, conforme portaria assinada pelo Interventor Federal Argemiro de Figueiredo. Função esta que também exerceu por mais quatro anos, de 22 de fevereiro de 1937 a 22 de fevereiro de 1941, conforme portaria assinada pelo mesmo Interventor Argemiro de Figueiredo.

Basílio Magno da Fonseca foi o Primeiro Prefeito Constitucional Eleito do Município de Cuité, no pleito realizado no dia 12 de outubro de 1947. Os votos apurados no referido pleito somaram 1.996 e ele obteve 1.368 sufrágios. Mandato que exerceu até dezembro de 1951. Foi uma administração profícua com a realização de muitas obras. Entre elas destacam-se: edificação do belíssimo prédio da nova prefeitura, da estatística e da biblioteca que instalou com a denominação de "Biblioteca João da Mata". Fez a planta da cidade, elaborado por engenheiro; galeria de esgotos, partindo do triângulo da praça até a lagoa; assentamento de meio fio em toda a área urbana; o alinhamento da travessa que divide as ruas Getúlio Vargas e João Pessoa; alinhamento da rua XV de Novembro; doação do terreno para a construção da Agência dos Correios e Telégrafos; calçamento do largo que fica próxima a Praça Barão do Rio Branco e também das travessas Floriano Peixoto e Pedro Viana; reservatório de água no sítio "Boi Morto"; construção do cemitério do povoado de Nova Floresta; instalação da iluminação da vila de Barra de Santa Rosa e, conseguiu no D.E.R, uma máquina para a restauração das estradas que cortam o município.

Em 27 de junho de 1957, foi mais uma vez nomeado 1º o Suplente de Juiz de Direito da Comarca de Cuité, para o quadriênio do referido ano até 27 de junho de 1961, conforme portaria assinada pelo Governador Flávio Ribeiro Coutinho, função que ocupou com desenvoltura.

Sempre participou de todas as iniciativas que visavam o progresso desta terra.

Na Sociedade São Vicente de Paulo, na Cooperativa de Crédito Rural de Cuité Ltda., e no Cuité Clube, todas essas agremiações, contaram com sua valiosa colaboração, participando das Diretorias e sempre presente aos interesses dessas entidades.

Maçom, mesmo antes da fundação nesta cidade da Loja Maçônica Pedro Viana da Costa, ele já era maçom integrado da Loja Branca Dias, em João Pessoa, tendo se filiado em 1º de dezembro de 1924.

Poeta com muitas composições, conforme se vê na improvisação do livro "Os Versos de Tio Basílio", com 205 páginas. A Padroeira de Cuité, Nossa Senhora das Mercês, foi reverenciada, com dois belos hinos, uma verdadeira demonstração de fé. Em 28 de abril de 1970, sofreu um duro golpe, ao perder sua amada esposa, Maria Florentina da Fonseca, conhecida como "Dona Maroquinha". Faleceu em 9 de janeiro de 1980, com a idade avançada de 95 anos. Basílio Magno da Fonseca era uma pessoa calma, amável, tranquila, com espírito jovem, que muito trabalhou e serviu a sua terra que tanto amou.

Fonte: Blog História de Cuité³⁰

³⁰ Retirado do Blog História de Cuité, do geógrafo Jônatas Rodrigues Pereira. O autor do Blog História de Cuité informa que o texto é Maria Elita dos Santos Fonseca e foi retirado do quadro sobre a biografia de Basílio

A casa de Basílio Magno da Fonseca foi construída no início do século XX, localizada numa das principais ruas de Cuité e é uma casa que se destacava e se destaca na cidade devido a sua arquitetura e opulência (FIGURA 7). Atualmente, após a morte de todos os filhos de Basílio Magno da Fonseca, a casa encontra-se em fase de ser inventariada por seus descendentes.

Figura 7: Casa de Basílio Magno da Fonseca



Fonte: foto retirada do Blog História de Cuité

1.4.3 A Família Venâncio dos Santos

A família Venâncio dos Santos teve como personagem de destaque no século XIX e início do século XX o Senhor Jorge Venâncio dos Santos, que foi Presidente do Conselho Municipal da Vila de Cuité em 1904 e seu irmão Capitão João Venâncio (BOX 5) e seus filhos, netos, bisnetos continuaram como figuras de destaque na política local.

Magno da Fonseca, exposto no Museu do Homem do Curimataú em Cuité. Dados sobre o casarão de Basílio Magno da Fonseca no livro: Cidadão da minha rua, José Pereira Sobrinho, Campina Grande, ed. Vitória, 2005. Além de visitas in loco. Disponível em <http://historiadecuite.blogspot.com.br/2010/07> Acesso em 09 de agosto de 2017.

Dos filhos de João Venâncio dos Santos, Jeremias Venâncio dos Santos casa-se com Francisca Emília da Fonseca, filha de Francisco Theodoro da Fonseca, e também vai exercer papel político no município de Cuité no século XX, como também seus filhos, netos, cunhados, genros, dentre outros. Os casamentos entre as famílias eram comuns nas famílias estudadas e a afinidade aumentava a solidariedade entre as famílias e fazia perdurar seu poder ao longo tempo.

As ligação entre as famílias e as relações de poder continuarão importantes para a transmissão intergeracional da liderança do grupo familiar como pode ser verificado entre os pais, filhos, netos e bisnetos. Essa importância das ligações e dos laços de parentesco podem ser encontradas nas trajetórias dessas famílias citadas.

Box 5. Perfil do Capitão João Venâncio dos Santos

O CAPITÃO JOÃO VENÂNCIO DOS SANTOS, nasceu no dia 25 de novembro de 1846, na casa grande da fazenda "Marimbondo". Filho de José Venâncio dos Santos e Josefa Maria do Nascimento. Seus irmãos foram, José Venâncio dos Santos, que tinha o apelido de "Zé Teu", Jorge Venâncio dos Santos, Antônio Venâncio dos Santos e Ana Avelina dos Santos.

Em data de 5 de junho de 1877, casou-se em Júlia Maria do Espírito Santo, filha de Simeão Soares da Fonseca e de Matilde Maria do Espírito Santo. Nascida em 21 de março de 1859, na fazenda "Souto", região do município de Pocinhos. O casal teve dez filhos, foram eles: Jeremias Venâncio dos Santos, Maria Matilde dos Santos, José Venâncio dos Santos Sobrinho, Tertuliano Venâncio dos Santos, Ana Amália dos Santos, Plácido Venâncio dos Santos, Tude Venâncio dos Santos, Elisia Etelvina dos Santos, Simeão Venâncio dos Santos.

Foram seus genros e noras: Eudócia Alves dos Santos, Francisca Emília da Fonseca Santos, Ezequias Venâncio dos Santos, Isabel Maria dos Santos, Honorina Nina da Fonseca, Germínia Macedo Santos, Isaias Venâncio dos Santos, Hermínia Ernestina dos Santos, Luiza Leopoldina da Fonseca Santos, Olindina Venâncio dos Santos, Jeferson Palmeira Cabral de Vasconcelos.

Agricultor e fazendeiro, político influente. João Venâncio foi Capitão da Guarda Nacional, por um período e depois passou a Coronel.

Em Cuité, naquela época, só existia um partido político que tinha a chefia do Deputado Estadual Graciliano Fontino Lordão. Este partido fracionou-se em dois, cujos chefes foram o Capitão Anacleto da Costa Pereira que acompanhou o Governo e o Capitão João Venâncio dos Santos, que era aliado do Dr. Antônio Simeão dos Santos Leal, da oposição. Em face daquela situação política, o Deputado Lordão, a fim de contentar as aspirações dos seus amigos inclusive ele mesmo que residia em Picuí, tomou a resolução de transferir a sede do Município e a Comarca para a Vila de Picuí. A transferência se verificou em data de 29 de outubro de 1904 e a instalação em 24 de novembro do mesmo ano. Jorge Venâncio dos Santos era o Presidente do Conselho Municipal de Intendência e Jeremias Venâncio dos Santos o Secretário, em sinal de protesto, ambos renunciaram os seus mandatos.

João Venâncio dos Santos faleceu em 7 de abril de 1918, aos 71 anos de idade. O seu falecimento foi noticiado pela Imprensa Paraibana que assim registrou: "Faleceu no dia 7 do Corrente, em sua fazenda "Marimbondo", do município de Cuité, o Venerando Coronel João Venâncio dos Santos, pertencente a uma das famílias mais distintas do interior do Estado. O pranteado extinto era tio do afim do nosso respeitável amigo, O Deputado Simeão Leal. Foi vulto representativo no meio em que viveu, impondo-se a estima e consideração de todos; pelos seus atributos de caracter". A reportagem ainda cita o nome da esposa e dos dez filhos e encerra informando que o sepultamento ocorreu no Cemitério de Cuité e que antes foi celebrada uma missa de corpo presente pelo Revmo. Pe. Antônio Augusto, vigário de Picuí. Finaliza enviando pesares a toda a família, especialmente a sua desolada esposa e filhos.

A viúva Júlia Maria do Espírito Santo, faleceu no dia 30 de setembro de 1930, aos 71 anos. Há uma descendência de 56 netos e 155 bisnetos. Entre os netos estão: Dr. Orlando Venâncio dos Santos e Dr. Oswaldo Venâncio dos Santos - advogados, Gentil Venâncio Palmeira, professora Myrthes Macedo Venâncio dos Santos, o ex-prefeito Oswaldo Venâncio dos Santos Filho (Bado), entre outros.

Fonte: Blog História de Cuité³¹

Um dos filhos mais proeminentes do Capitão Joao Venâncio foi Jeremias Venâncio dos Santos (BOX 6), que foi deputado, vereador, prefeito e mantinha relações políticas com a capital paraibana. Sua filha, Elsa Elisia, colecionava as correspondências que seu pai recebia. O deputado Jeremias Venâncio dos Santos era aliado de Argemiro Figueiredo, governador da Paraíba, neste período, em que o município será desvinculado do município de Picuí. Em telegrama a ele endereçado, o governador agradece a homenagem que recebeu quando de sua estadia na cidade no dia da instalação do município de Cuité em 25 de Janeiro de 1937 (FIGURA 8). No telegrama, o Governador o chama de amigo e o elogia como “um dos filhos mais interessados em grandeza e felicidade” e agradece a homenagem recebida.

Figura 8: Fac símile do telegrama do governador Argemiro Figueiredo a Jeremias Venâncio dos Santos



Fonte: documento fornecido por Elza Elisia Venâncio dos Santos Furtado.

31 Retirado do Blog História de Cuité, do geógrafo Jônatas Rodrigues Pereira. O autor do Blog História de Cuité informa que o texto foi extraído de um quadro contando a biografia de João Venâncio dos Santos, foi idealizado pela senhora Maria Elita dos Santos Fonseca. Museu do Homem do Curimataú. Disponível em <http://historiadecuite.blogspot.com.br/2010/07> Acesso em 09 de agosto de 2017.

A linhagem da família de Jeremias Venâncio dos Santos vai exercer grande influência no município de Cuité. Sua segunda esposa, Francisca Emília dos Santos -"Dona Chicota"- era conhecida no município por sua colaboração na igreja, nas atividades sociais e culturais.

Box 6: Perfil de Jeremias Venâncio dos Santos

JEREMIAS VENÂNCIO DOS SANTOS, nasceu na fazenda "Marimbondo", aos 18 de outubro de 1878 e faleceu em 13 de maio de 1976, nesta cidade, onde sempre permaneceu por toda sua existência. Filho do Cap. João Venâncio dos Santos e Dona Júlia Maria do Espírito Santo.

Exerceu as mais variadas atividades privadas: proprietário, agricultor, criador e comerciante, atividade esta a que mais se dedicou e exerceu durante setenta anos. Casou-se com a senhora Eudócia Alves dos Santos em 1911, primeira educadora do município de Cuité. Com o falecimento prematuro de Dona Eudócia (não deixou filhos) em 1914, o Sr. Jeremias Venâncio dos Santos casa-se novamente com a senhora Francisca Emília dos Santos em 1920 ("Dona Chicota"), onde tem seus herdeiros.

O que marcou sua vida, foi o grande amor que sempre devotou a sua terra natal, pois sempre esteve voltado para o seu progresso e se dedicando a causa comum e pela qual lutou incansavelmente, visando o desenvolvimento de sua querida terra.

Em 1927, sob sua direção e responsabilidade, e com a cooperação de alguns amigos, instalou a primeira Usina de Energia Elétrica do município, que funcionou em nossa cidade, sempre sobre sua orientação durante trinta anos, aproximadamente. Foi um tanto memorável, primeiro passo buscando o desenvolvimento desta comunidade.

Com o mesmo espírito idealizador e progressista, fundou a 19 de março de 1936 a Cooperativa de Crédito Rural de Cuité, Ltda., que ainda hoje existe e funciona com toda a regularidade, a qual organizou e foi seu Diretor-Gerente por 33 anos, mantida com sacrifício, mas conduzia com acerto e honestidade durante tanto tempo.

Foi fundador da Sociedade São Vicente de Paulo, que dirigiu como seu presidente, com carinho e dedicação incomuns, no decorrer de 45 anos, sempre procurando dar assistência aos pobres nos limites de suas possibilidades.

Como político, integrou o Conselho de Intendência Municipal, por dois mandatos, no final do século XIX e início do século XX, o qual foi Secretário Geral.

Ao assumir uma cadeira de Deputado Estadual em 1935, o seu maior objetivo no exercício do mandato, foi lutar pela restauração do município de Cuité, que havia perdido sua condição de sede em 1904, o que veio afinal obter, com a ajuda de seus conterrâneos e o indispensável apoio do Governador e seu amigo Argemiro Figueiredo. Fato que foi, na época, considerado um grande feito e deu uma prova inequívoca da habilidade política do nosso homenageado, pois sabemos que naquele tempo não era fácil conseguir a criação de município e o que mais admirou foi a Assembleia, com todos os seus deputados dar um voto unânime ao projeto que pedia a restauração do município de Cuité, contando assim com o apoio da bancada de oposição. Ainda hoje se recorda e se rememora das alegrias que esta terra sentiu naqueles dias que antecederam a criação deste município e também a grande festa que foi promovida com tanto carinho e satisfação, dela participando pessoas importantes de quase todo o Estado.

O Sr. Jeremias Venâncio dos Santos em sua vida pública também acumulou o cargo de Prefeito Municipal de Cuité em 1940, sendo este o "Terceiro Prefeito Municipal" a ocupar tal cargo desde sua emancipação em 25 de janeiro de 1937.

Incansável no sentido de ajudar sempre o povo de sua terra, procurou servi-lo de todas as maneiras, tornou-se correspondente nesta cidade, de vários bancos, quais sejam: Banco do Brasil S/A; Agências de João Pessoa e, posteriormente, Areia; Banco do Comércio de Campina Grande S/A; Banco Meireles Ltda. e Banco do Comércio e Indústria da Paraíba S/A; Agências em João Pessoa e ainda, Banco Nacional de Pernambuco, Agência do Recife. Necessário dizer também, que foi por muito tempo, representante nossa cidade, da Companhia de Seguros de Vida "São Paulo".

De todos os modos, pois, JEREMIAS VENANCIO DOS SANTOS serviu a sua terra e sua gente, constituindo-se num modelo de dedicação e carinho. Os cuitenses o venerarão e jamais será

esquecido, visto ter sido ele, para sua terra, o amor que constrói, o carinho, a dedicação que enobrece as criaturas e vivifica o ser humano. Cuité para ele era sua própria razão de ser.
Escrito em 16 de novembro de 1979

Fonte: Blog História de Cuité³²

Figura 9: Casa de Jeremias Venâncio dos Santos



Fonte: fotos retiradas do Blog História de Cuité. Acesso julho de 2017

Figura 10: Interior da casa de Jeremias Venâncio dos Santos



Fonte: fotos retiradas do Blog História de Cuité. Acesso julho de 2017.

³² Do geógrafo Jônatas Rodrigues Pereira. O texto foi retirado do livro “Ao Nosso Querido Osvaldo”. Lêda Venâncio dos Santos. Ed. Ideia, João Pessoa, 2010. Disponível em <http://historiadecuite.blogspot.com.br/2010/07> Acesso em 09 de agosto de 2017.

No município, algumas casas se destacam no centro da cidade por sua arquitetura, localização e demonstram o poder econômico de seus proprietários. Estão situadas em uma parte da cidade onde no início do século XX se concentrava a atividade econômica da cidade, como a feira e o comércio. A família Venâncio dos Santos era proprietária de vários imóveis nestes arredores. A casa do Sr. Jeremias Venâncio dos Santos faz parte desse cenário e informa a importância da família no município (FIGURAS 9 e 10).

1.4.4 A Família Simões

Na família Simões, os membros de maior destaque no município de Cuité no início do Século XX foram o Senhor Pedro Simões Pimenta (BOX 7) e seu filho Geraldo Simões Pimenta (casado com Elza da Costa Simões, filha de Jaime Pereira da Costa). Os Simões foram grandes proprietários de terra e, Geraldo Simões Pimenta ainda permanece ligado à terra, o que o diferencia de grande parte dos membros das famílias estudadas.

Pedro Simões Pimenta ingressou na política na década de 30 do século XX e ocupou cargos como vereador e prefeito no município de Cuité. Seus filhos e netos também ingressam na política e vão ocupar cargos de vereador e presidente da Câmara Municipal de Cuité. No século XXI, sua influência ocorre de forma indireta através de apoios a candidatura no município ou do Estado. Ocupam cargos públicos no município e como profissionais liberais.

No Capítulo 3 enfatizaremos através da análise das narrativas do livro “O diário do Vovô Pedro”, como o título indica, baseia-se no diário mantido por Pedro Simões Pimenta (com registros que vão de 1920 até 1986) em que o autor narra sua história individual e familiar.

Box 7: Perfil de Pedro Simões Pimenta

PEDRO SIMÕES PIMENTA nasceu no sítio Malhada da Cruz, município de Cuité, no dia 1 de agosto e 1896. Quando completou seis anos de idade mudou-se com a família para o Sítio Malhada da Cruz, em Nova Cruz, no estado do Rio Grande do Norte.

Pedro Simões começou sua vida como agropecuarista, domava cavalos arredios e cultivava algodão, o qual vendia para Campina Grande. Foi através destes trabalhos que Pedro Simões adquiriu várias propriedades na região.

Sua mãe, Josefa Constância das Mercês, era cuitense, branca, olhos castanhos, estatura mediana, muito católica. Teve vinte e dois filhos, porém apenas sete sobreviveram: João, Mariana, Ana Amélia, Cândida, Maria Cesária, Veneranda e Pedro.

Seu pai era Joaquim Simões Fernandes Pimenta, descendia de portugueses. Era o único homem da região que sabia ler e escrever. Aprendeu com Padres, no sítio Retiro, fazenda que se localizava próxima a Malhada da Cruz. Era dotado de uma força física excepcional, inteligente e trabalhador, montava, laçava e campeava com maestria.

A Casa da Fazenda foi construída pelo seu pai Joaquim Simões, tinha vários quartos e bem extensa. No seu vasto pátio, estavam localizados os currais com alguns cavalos e gado bovino.

Uma curiosidade remete a casa grande. Na sala principal havia um tijolo feito pelo seu pai e quando Pedro completou seis anos de idade cravou seu pé no referido tijolo, ficando gravado para a posterioridade. Joaquim Simões exibiu este tijolo como um troféu a ser exibido aos visitantes.

Aos nove anos de idade (1895) Pedro Simões ingressou em uma escola particular em Nova Cruz (RN), aprendendo a ler e escrever com a Professora Josefa Alves Frazão. Ela era casada com seu avô Francisco Pimenta e madrasta de sua mãe.

Aos dezoito anos de idade em 1914 foi residir na casa de uma comadre de seu pai, D. Maria Macedo, em Calabouço, município de Araruna, para estudar. A escola ditava seis quilômetros e ficava na cidade de Araruna. Pedro Simões foi vaqueiro, rastejava bem, sabia arrebanhar o gado bovino, laçava, ferrava, castrava os animais e corria e montava bem. Teve uma vida profícua. Foi vaqueiro, zelador de cemitério, comerciante, pecuarista, gerente da Cooperativa Agropecuária de Cuité, 1º suplente de Juiz de Direito, Presidente do PSD local, Vereador (1937) e Prefeito Municipal. Pedro Simões casou-se com sua prima Francisca Olindina em 5 de setembro de 1923, e foram morar na casa de seus pais, em Nova Cruz, onde nasceram seus filhos. Venceram inúmeras dificuldades ao longa da vida. Em 19 de julho de 1924 nasceu Maria, sua primeira filha. A partir de então vieram os demais filhos: Geraldo Simões em 8 de julho de 1928, Rivaldo, 2 de agosto de 1929, Francisca, 25 de julho de 1933, José Simões, 18 de outubro de 1934 e Honorina em 30 de setembro de 1938. Quando foi Prefeito de Cuité de 1951 a 1955, Pedro Simões realizou vários serviços durante sua administração municipal, eis alguns deles: Ampliação do Olho D'Água da Bica; Indenização do prédio de João Teodósio da Silva Coelho; Indenização do Prédio da Sra. Luzia Dias; Indenização do prédio de Tude Venâncio; Ampliação do Cemitério do antigo Distrito de Barra de Santa Rosa; Conclusão do Cemitério do Distrito de Nova Floresta; Inauguração da empresa de Luz de Nova Floresta; Aberta a estrada do sítio Cabaças; Ampliação do Cemitério do sítio Malhada da Cruz; Construção de reservatórios d'água em diversos sítios no município; Construção da estrada que liga Pedra D'Água e Nova Floresta; Criação do Distrito de Nova Floresta; Criação do Instituto América; Criação da Banda de Música de Cuité; Colocação de meio fio na Rua Floriano Peixoto; Construção de um Grupo Escolar na localidade Telha (atual Barra de Santa Rosa); Criação de um Posto Médico em Cuité; Criação de um Posto de Puericultura e Maternidade, por intermédio de Assis Chateaubriand; Construção da Estrada de Nova Floresta a Picuí, passando por Jandaíra; Doação do terreno para Construção do Cuité Clube; Construção da Cadeia Pública, com auxílio do Governador José Américo de Almeida; Construção de casas na rua Caetano Dantas. Pedro Simões como criador de gado, sempre enviava touros para as vaquejadas em Cuité. Sempre foi um grande cidadão cuiteense, onde a população local o homenageou com nome de uma rua, campo de aviação, denominado "Pedro Simões", bem como o antigo e atual Parque de Vaquejada. O antigo localizava-se no Bairro Aliança e o atual localiza-se na entrada da cidade ao lado da BR-104. Cidadão este que com toda a certeza representou muito a história do Curimataú.

Fonte: Blog História de Cuité³³

1.4.5 A Família Furtado

Na família Furtado, começamos a buscar dados a partir de seu Manuel da Silva Furtado, avó de Cláudio Furtado (BOX 8), através de seu inventário instaurado em 1948 e do seu neto Claudio Gervásio Furtado (1925 – 1996). Não foi encontrado inventário de Felipe da Silva Coelho (1884-1977), casado com Joana Emília da Fonseca Coelho. Também tivemos acesso ao inventário de Adalgisa Emília da Fonseca Coelho, filha de Felipe e Joana Emília.

³³ Do geógrafo Jônatas Rodrigues Pereira. O texto foi retirado do livro "Diário de Vovô Pedro", João Pessoa, 1986. Disponível em <http://historiadecuite.blogspot.com.br/2010/07> Acesso em 09 de agosto de 2017.

Claudio Gervásio casou com Elisa Elísia dos Santos Venâncio, sua prima e filha de Jeremias Venâncio dos Santos e Francisca Emília da Fonseca dos Santos. Foi um grande proprietário rural e também ingressou na política local e assumiu cargos como vereador, presidente da câmara municipal e prefeito. Dois de seus descendentes também ingressaram na política e assumiram cargos como vereadores e secretários municipais. Os demais descendentes entrevistados informaram que não tinham interesse em permanecer na política.

Em entrevista em agosto de 2017, em Brasília, Ângela Furtado, filha de Cláudio e Elza Elísia afirma:

Então quanto a história da política eu sou uma das que gosta menos de política, entendeu? Não gosto muito não. Não sei pedir voto, aquela história de pedir voto e não sei o que. Giovani gosta de política, Suzana gosta, Cláudia gosta mais do que eu, mas eu participava das campanhas, né, porque tava dentro ali e tudo, até ajudei depois que me formei indo pra Cuité fazer atendimento aquelas história mas, eu não gosto muito de política não. (Ângela Furtado, entrevistada em 01/08/2017)

Box 8: Perfil de Claudio Gervásio Furtado

CLÁUDIO GERVÁSIO FURTADO nasceu no dia 18 de maio de 1925, no sítio Malhada de São Domingos, município de Cuité. Filho de Felipe da Silva Coelho e Joana Emília da Fonseca Coelho teve como irmãos Benedito, Feliciano, Joventino, Adalgisa, Maria Emília e Herondina. Casou-se com D. Elza Elízia Fonseca dos Santos Furtado no dia 29 de setembro de 1951. Deste casamento nasceram os seguintes filhos: Cláudia: Médica residente na cidade de Campina Grande; Ângela: Médica pediatra residente na cidade de João Pessoa; Suzana: Fisioterapeuta e Professora da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) em Campina Grande. Geovane: Vereador na cidade de Cuité e; Jeremias: Pecuarista, residente em Cuité.

O Senhor Cláudio Gervásio Furtado foi um cidadão de comportamento e valores exemplares, seja como pai de família, esposo, proprietário rural, desportista, amigo e político. Seu jeito de ser, sua maneira de agir, tornou-o um dos exemplos de cidadão públicos desta terra.

Em 1959, aos 34 anos de idade ingressou na vida pública cuitense. Logo no primeiro pleito eleitoral foi eleito vereador no dia 2 de agosto daquele para o quadriênio 1959-1963.

Sua exemplar conduta na Câmara de Vereadores de Cuité o levou a concorrer nas eleições de 1963, desta vez no cargo de Administrador do Município, ou seja, Prefeito, pelo PTB. As eleições ocorreram no dia 11 de agosto de 1963, sendo eleito com uma diferença de 120 votos para seu opositor, o Senhor José Ernesto dos Santos, para os anos de 1963 a 1968. A Administração do Senhor Cláudio Furtado, foi marcada por diversas obras no município de Cuité, entre as quais podemos citar as seguintes: Construção de dez mil metros de calçamento; Conseguiu o saneamento da água, através da fundação SESP; Junto com a esfera estadual, inaugurou no dia 31 de dezembro de 1966, a Energia Elétrica de Cuité (Dia de muita festa na cidade); Construção de diversas estradas na zona rural do município; Construção de escolas por todo o município.

Enfim, a administração do saudoso Cláudio Furtado foi marcada pelo progresso e dinamismo de um cidadão que amava seu torrão natal.

Nas eleições de 15 de novembro de 1972, vota a candidatar-se ao cargo de Prefeito. Foi eleito com uma diferença de 112 em relação ao seu adversário, Dr. Antônio Medeiros Dantas, para o mandato de 1972 a 1976.

Entre as obras neste seu segundo mandato, destacam-se: Conclusão do Matadouro Público Municipal; Recuperação do Mercado Público Municipal; Conclusão do prédio do Hospital Infantil e; Calçamento em ruas e no centro da cidade.

No entanto o que marcara a administração municipal de Cláudio Furtado foi à luta e a implantação junto aos órgãos federais, da Agência do Banco do Brasil e a representação da sede do antigo INPS. Outro ato nobre do Senhor Cláudio Furtado, foi a doação dos terrenos dos poços de abastecimento d'água e da antiga Estação de Energia Elétrica.

Além de homem público, era um dos maiores proprietários de destaque de terra no município. Quando o “Ouro Verde” alcançou seu auge no município de Cuité durante as décadas de cinquenta a oitenta, sendo esta cultura o centro de geração de empregos na região cerca de setenta famílias trabalhavam em suas propriedades. O “Ouro Verde” se trata da cultura do Sisal, cultura esta que transformou para sempre a economia do município por décadas. Pela sua capacidade de grande administrador e agricultor, recebeu ao longo dos anos diversos títulos de Honra ao Mérito, como grande produtor desta cultura no município.

Tentou concorrer para um terceiro cargo de Prefeito nas eleições de 1982, mas não obteve êxito, sendo derrotado pelo Dr. Jayme Pereira da Costa Filho, do PDS.

Também foi Diretor de honra da agremiação esportiva, Cuité Esporte Clube, por certo período. Paixão que também o acompanhava por sua vida. O Senhor Cláudio Furtado faleceu no dia 4 de junho de 1996, entrando para sempre na História de Cuité, como exemplo de homem público, honesto e justo, a ser seguido pelas gerações futuras. Agradecemos ao "Museu do Homem do Curimataú" por gentilmente ceder algumas fotografias do Sr. Cláudio Furtado

Fonte: Blog História de Cuité³⁴

A família Furtado é também uma família extensa, vários dos filhos de Manuel da Silva Furtado não permaneceram no município. O processo de inventário de Manuel da Silva Furtado, viúvo, o *de cujus*³⁵ foi casado com Joanna Maria da Silva Coelho, foi aberto em 1948, alguns meses após o seu falecimento em novembro de 1947, aos noventa e dois anos. Foi informado nos autos do processo de inventário que ele tinha deixado quatorze herdeiros: Afonso da Silva Furtado, Felipe da Silva Coelho, Belisio da Silva Furtado, Maria Amélia da Silva Coelho, Maria Minervina da Silva Coelho, Augusto da Silva Furtado, Abílio da Silva Furtado, Josias da Silva Furtado, Josué da Silva Furtado, Alzira Angelina da Silva Coelho, Joana Aurora da Silva Coelho, Miguel da Silva Coelho, João Furtado Sobrinho. Alguns já moravam em outras localidades e também já tinha falecidos. Quanto aos bens foram declarados imóveis foram: uma parte de terra situada na propriedade Malhada de São Domingues situada no município de Santa Cruz – RN, uma parte de terra situada na propriedade Lage Formosa situada no município de Cuité, uma casa de nº 28, localizada na Praça Barão do Rio Branco³⁶, município de Cuité. E os bens semoventes declarados foram duas vacas: uma solteira, uma vaca de garrote e dois novilotes. Também informou que tinha dívidas referentes as despesas com remédios e que seriam apresentadas.

³⁴ Do geógrafo Jônatas Rodrigues Pereira. Disponível em <http://historiadecuite.blogspot.com.br/2010/07> Acesso em 09 de agosto de 2017.

³⁵ "De cujus" é uma expressão forense que se usa no lugar do nome do falecido, e autor da herança, nos termos de um inventário.

³⁶ Atualmente, chama-se Praça Cláudio Gervasio Furtado.

Nos inventários mais antigos algumas informações não aparecem, como por exemplo, o nome da viúva de Manuel da Silva Furtado, que só foi localizado no inventário de sua neta, ainda em andamento, Adalgisa Emília da Fonseca Coelho³⁷, falecida em 2012, aos noventa e oito anos, solteira e sem filhos, os seus herdeiros são os seus sobrinhos. Consta em seu Registro de Nascimento uma averbação constando que a falecida era interditada, desde 2007, e tinha como curador o seu irmão Benedito Furtado da Silva Coelho.

1.4.6. Uma análise dos perfis dos personagens “ilustres”

Um primeiro aspecto que chama a atenção na leitura conjunta dos perfis dos personagens “ilustres” do município de Cuité é a preocupação em situá-los em linhagens mais amplas: tanto em termos de origens, quanto de descendência. Neste sentido, a função do perfil não é apenas a de reafirmar a memória do indivíduo, mas também a de sua família. Celebrar o indivíduo é, portanto, um modo de reafirmar a importação do grupo de base familiar.

Outro aspecto a ser ressaltado é que todos os personagens “ilustres” são apresentados a partir de uma dupla atuação: de um lado, são agricultores, pecuaristas, proprietários de terra; de outro lado, políticos destacados. A associação entre estas duas atividades está presente em todos os perfis. O Capitão Anacleto da Costa Pereira, por exemplo, é apresentado como “grande agricultor e renomado pecuarista” e “grande político”. Jaime da Costa Pereira é “agricultor, pecuarista e líder político”. Francisco Theodoro da Fonseca, mesmo sendo descrito como não sendo político, enfatiza-se que “participava de todos os movimentos que visavam o progresso desta terra”, além de ser proprietário de terras, agricultor, fazendeiro e comerciante. Sobre Basílio Magno da Fonseca se diz que era “proprietário de terras, agricultor e pecuarista”, além de envolvido em atividades políticas. O Capitão João Venâncio dos Santos é apresentado como “agricultor e fazendeiro, político influente”. Já seu filho, Jeremias Venâncio dos Santos, é “proprietário, agricultor, criador e comerciante”, mas seu perfil concentra-se em suas atividades políticas. Pedro Simões Pimenta era o dono de várias propriedades, segundo o perfil em que é apresentado, agropecuarista, grande produtor de algodão e político realizador. Finalmente, Cláudio Gervásio Furtado é retratado como “proprietário rural, desportista, amigo e político”.

Nestes perfis, a atividade rural sempre precede a atuação política. Primeiro, são agricultores/pecuaristas. Esse vínculo com a terra, porém, é construído em torno do trabalho, com menor ênfase para o fato de serem proprietários. Ainda que algumas propriedades sejam

³⁷ Filha de Felipe da Silva Coelho e Joanna Emília da Fonseca Coelho, irmão de Cláudio Gervásio Furtado.

mencionadas num número menor de perfis, em nenhum deles se menciona as dimensões destas propriedades. Assim, emergem nestas relatos biográficos, menos como grandes proprietários, e mais como empreendedores rurais. Se se considera que no presente boa parte destas propriedades não estão mais em posse destas famílias, pode-se dar significado a este tipo de ênfase. Chama a atenção também que as duas atividades, agricultor/pecuarista e político, não são conectadas em nenhum destes perfis. A atividade política é retratada mais como resultado de um talento especial para este tipo de função, como uma preocupação com o progresso de sua terra, do que o resultado de uma situação estrutural em que a posição de grandes proprietários ou membros da elite econômica local permite monopolizar os cargos políticos.

Há duas dimensões que estão interconectadas na construção da personalidade destes personagens. Francisco Theodoro da Fonseca, por exemplo, “era pessoa esclarecida, animada, apaixonada pela música, tocava flauta e violão”, mas também interessado no progresso de sua terra. O perfil do Capitão Anacleto da Costa Pereira conecta estes dois aspectos de sua personalidade numa única expressão: abolicionista e republicano, primeiro a libertar os escravos na região. Ser abolicionista e republicano neste contexto, significa, ao mesmo tempo, ser esclarecido e progressista. Todos os personagens “ilustres” são, portanto, comprometidos com o progresso. Em nenhum dos perfis aparece uma personalidade conservadora, que luta para impedir a mudança social. Jaime da Costa Pereira, neto do Capitão Anacleto, é apresentado como “incentivador da cultura e do saber”, tendo desenvolvido ações direcionadas ao planejamento urbano da cidade de Cuité. De Jeremias Venâncio dos Santos, diz-se que tinha “espírito idealizador e progressista”. Pedro Simões é apresentado como o único que sabia ler e escrever em sua localidade, tendo “força física excepcional, inteligente e trabalhador”. Cláudio Gervásio Furtado era também dinâmico e dedicado ao progresso do município. Todos os perfis destacam realizações dos retratados quando ocuparam cargos políticos, realizações estas que seriam responsáveis pelo desenvolvimento do município.

Estes perfis têm o objetivo de serem exemplares. Este aspecto é explicitado no perfil de Jeremias Venâncio dos Santos, em que se diz que era um “modelo de dedicação e carinho”. O modelo que emerge da leitura conjunta dos perfis é do cidadão que ama sua terra e por causa deste amor trabalha pelo seu progresso. E, por este motivo, como se diz explicitamente sobre Jeremias Venâncio dos Santos, jamais serão esquecidos. Esta construção é significativa na medida em que, como demonstraremos no Capítulo 2 desta tese, parte de seus descendentes desenvolveram suas vidas longe do município de Cuité. Assim, ressalta-se a tensão entre o amor à terra das famílias de elite, “famílias distintas do interior do estado”, e a

diáspora que realizam a partir da década de 1950, intensificando-se a partir da década de 1970.

1.5 Dimensões da propriedade da terra

Ainda que o escopo desta tese não dê conta de apreender de modo mais sistemático o vínculo das famílias “ilustres” de Cuité com a propriedade da terra e as transformações na estrutura fundiária do município a partir do Século XIX, iremos, nesta seção, estabelecer, a partir de múltiplas evidências, o lugar do controle sobre o acesso à terra como fundamento do poder político destas famílias, ao mesmo tempo que demonstraremos que nas últimas décadas, dada a dissolução do patrimônio fundiário destas famílias, estas duas dimensões (terra e política) se separam.

Para evidenciar a importância da propriedade da terra como fundamento do poder político e do reconhecimento social, retomaremos aqui a escritura de convenção de limites (p. 38-39), lavrada em 1928, que oficializa os limites entre as propriedades das famílias da Costa Pereira e Fonseca, limites estes que dividiam a sede municipal ao meio, segundo muitos relatos que ouvimos e lemos ao longo desta pesquisa. Não foi possível, porém, determinar exatamente as áreas destas propriedades, mas sabe-se que ocupavam as áreas mais férteis e, por isso, valorizadas, chamada de “chã da serra”, ou seja, uma área plana no topo da Serra de Cuité.

No “recenseamento do Brasil”, realizado em 1920 pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comercio, em que se listam os proprietários dos estabelecimentos rurais do país, aparecem como proprietários no município de Picuí (ao qual Cuité pertencia na época) os seguintes nomes: José Brasiliense da Costa Pereira (fazenda Timbaúba); Aniceto da Costa Pereira (Saco do Milho); Maria Forentina da Costa (Água Nova); Manoel da Silva Furtado (Riacho da Lage Formosa e Malhada de São Domingues); Ulisses Vianna da Costa (Riacho da Lage Formosa); Júlia Maria do Espírito Santo – família Venâncio dos Santos (Maribondo); Jorge Venâncio dos Santos (Maribondo), Vicente Ferreira da Fonseca (Coité); Pedro Vianna da Costa (Jatobá); Francisco Theodoro da Fonseca (Caboatã e Coité); Virgílio Rodrigues Vianna Campos – família da Costa Pereira (Coité); João Florêncio da Costa (Coité) e Basílio Magno da Fonseca (Gamellas); Olímpio Ferreira dos Santos (Boi Morto); Pedro Ezequiel dos Santos (Boi Morto); Plácido Venâncio dos Santos (Cairana); Isaias Venâncio dos Santos (Gama); Antônio Ernesto dos Santos (Federação); Manuel Julião dos Santos (Cachoeira da Onça e Pedra d’Água); Amaro Euphosino dos Santos (Cannafistula e Pedra Branca); Joaquim

Venâncio dos Santos (Pedra d'Água); Manuel Amaro dos Santos (Jucá); Francisco Amaro dos Santos (Alagoa de Pedras e Boi Morto), Manuel Januário (Riacho do Boi, Pedra d'Água e Figueira) (BRASIL, 1928). O documento não indica o tamanho das propriedades e estes proprietários aparecem ao lado de dezenas de outros. O que se pode inferir, com certeza, é que a exceção da família Simões, que parece ter adquirido terras posteriormente nesta região, as demais famílias objeto desta tese já eram proprietárias no início do Século XX.

Buscamos, então, evidências indiretas para dimensionar a posse da terra destas famílias no começo do Século XX. Na relação de certificados de cadastro de imóvel rural emitidos em 1992, publicada pelo INCRA, em que estão registrados o nome do proprietário e o nome e tamanho do estabelecimento, encontramos: 33 registros da família Furtado, totalizando 5.667,1 ha; 25 registros da família Fonseca, totalizando 1.065,6 ha; 40 registros da família Venâncio dos Santos, totalizando 1.836,1 ha; 7 registros da família da Costa Pereira, totalizando 1.160,7 hectares; e 10 registros da família Simões, totalizando 3,457 ha (TABELA 1)³⁸. Alguns proprietários se destacam, como: Claudio Gervasio Furtado, com quatro propriedades (Fazendas Alegre e Fortuna, Sítio Bela vista e Chã da Serra de Cuité), totalizando 3.776,3 ha; Benedito Furtado da Silva Coelho, com três registros de propriedade (Fazenda Malhada de São Domingues) totalizando 548,5 ha; Geraldo Simões Pimenta, com 3 registros (Japi de Dentro, Boqueirão e Tanques), totalizando 3.072 ha; Rivaldo Simões Pimenta (Retiro), com 1.333 ha; Maria Justa Simões (Retiro), com 666 ha; Honorina Simões Pimenta Fialho (Retiro), com 666 ha (INCRA, 1992).

Tabela 1: Número de registros das propriedades e a soma dos hectares por família

Família	Número de registros	Total de hectares
Fonseca	25	1065,6
Furtado	33	5667,1
Simões	10	3457,0
Venâncio dos Santos	40	1836,1
Costa Pereira	07	1160,7

Fonte: Elaboração própria com dados da relação dos CCIR -certificados de cadastro de imóvel rural emitidos em 1992.

³⁸ Estes dados não são totalmente conclusivos, pois nas relações de certificados referentes a 1999 e 2000-2002, aparecem outros proprietários que não estavam listados em 1992. Estes dados aqui, portanto, são pensados mais como evidência da relação entre estas famílias e a propriedade da terra em Cuité.

No Século XIX, com a mudança na legislação brasileira com a Lei de Terras³⁹, a Constituição Federal de 1891 respalda as famílias que tinha patrimônio fundiário a ocuparem espaços sociais, econômicos e políticos. Segundo Rêgo (2008), a transferência de regulamentação da propriedade territorial aos Estados-membros, que promulgaram legislação específica sobre a questão, relacionou-se em profundidade com o fenômeno sociopolítico do coronelismo, transformando-se em elemento essencial no processo eleitoral, permitindo o controle do poder político local com apoio de autoridades estaduais e federais.

Nunes (2016), ao analisar o processo de ocupação e povoamento da área que denominou de “Sertões da Borborema”, uma parte do semiárido brasileiro formada pelas atuais microrregiões do Pajeú e Sertão do Moxotó, em Pernambuco, e Cariri Ocidental e Serra do Teixeira, na Paraíba, constatou

(...) que se algumas famílias dos atuais proprietários rurais tiveram sua origem a partir de áreas adquiridas sob a vigência do sistema de sesmaria, outras, que ali habitam, têm origem nos rendeiros daquelas fazendas dadas em sesmarias, nos posseiros de terras devolutas ou ainda “não-descobertas”, mas principalmente, nas pessoas que fincaram raízes através da compra de áreas tornadas atrativas, especialmente a partir do rush algodoeiro de finais do século XVIII e ao longo do século XIX, que mesmo antes da Lei de Terras, compuseram um mercado fundiário ativo. Nesse sentido, ao invés de serem herdeiros diretos da “rica nobreza” luso-brasileira que através de influência política da colônia e do império conseguiram grandes extensões de terras dadas em sesmaria, os estratos proprietários de terra dos Sertões da Borborema que lá, ainda hoje, têm descendência, guardam muito mais relações com grupos de “aventureiros” que viram no cultivo do algodão uma oportunidade de mudar de vida e assim apostaram na aquisição de terras no interior nordestino. (NUNES, 2016, p. 41-42)

No município de Cuité, as propriedades rurais das famílias estudadas vão sofrendo transformações ao longo século XX e parte destas propriedades não vão permanecer com as famílias destacadas nesta pesquisa.

³⁹ A Lei de Terras - Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850 - foi uma das primeiras leis brasileiras, após a independência do Brasil (1822), a dispor sobre normas do direito agrário brasileiro. Trata-se de uma legislação específica para a questão fundiária. Estabelecia a compra como a única forma de acesso à terra e abolia, em definitivo, o regime de Sesmarias (foi um instituto jurídico português que normatizava a distribuição de terras destinadas à produção agrícola. O Estado, recém-formado e sem capacidade para organizar a produção de alimentos, decide legar a particulares essa função. Este sistema surgiu em Portugal durante o século XIV, com a Lei das Sesmarias de 1375 e ao chegar ao Brasil os capitães-donatários, titulares das capitânicas hereditárias, a distribuição de terras a sesmeiros (em Portugal era o nome dado ao funcionário real responsável pela distribuição de sesmarias, no Brasil, o sesmeiro era o titular da sesmaria)).

A dissolução do patrimônio fundiário intensificou-se no final do século XX e início do Século XXI para aquelas famílias que ainda eram grandes proprietárias nesta época, permitindo reinvestimentos de capitais em outras atividades ou patrimônios. Para elaboração desta seção, recorreu-se a diversos materiais e fontes de pesquisa. Foram consultados no Fórum Des. Rivaldo Silvério da Fonseca, localizado na Comarca de Cuité, quatorze inventários de alguns dos principais representantes das famílias da elite cuiteense: Maximina Leopoldina da Fonseca, Basílio Magno da Fonseca, Maria Florentina da Fonseca, Jeremias Venâncio dos Santos, Francisca Emília da Fonseca Santos, Benedito Marinho da Costa, Manuel Furtado da Silva, Cláudio Gervásio Furtado, Pedro Simões Pimenta, Pedro Viana da Costa, João Teodósio da Silva Coelho, Adalgisa Emília da Fonseca Furtado, Benedito Venâncio dos Santos e Simeão Venâncio dos Santos. E foram trabalhados dados do INCRA e INTERPA, na tentativa de descrever os processos de dissolução do patrimônio fundiário.

1.5.1 Dissolução do Patrimônio Fundiário: famílias de Elite em Cuité no Século XX

Esta seção será dedicada à demonstração da dissolução do patrimônio fundiário. Com dados do INCRA e INTERPA será possível mostrar como a maior parte do patrimônio fundiário destas famílias foi desagregado, desapropriado ou vendido via Política Nacional de Crédito Fundiário. Também utilizamos dados dos processos de inventários pesquisados no Fórum da cidade de Cuité.

Os inventários são feitos quando existem bens a partilhar. São instrumentos de disposições materiais e contém além da relação de herdeiros, a avaliação dos bens móveis e imóveis, certidões de negativas, relações de dívidas e petições e despachos de várias naturezas. Contudo, a relação dos bens nem sempre condiz com o patrimônio que o falecido adquiriu. Ao observar os inventários citados, o falecido nem sempre permanecia com o seu patrimônio, era antecipadamente dividido entre os seus filhos ou vendido.

Ao analisarmos o inventário do Senhor Claudio Gervásio Furtado, falecido em 1996, deixou nove propriedades⁴⁰ para sua meeira e seus filhos, que totalizavam três mil oitocentos e dezoito hectares. Ao observar as propriedades da família (QUADRO 1) é possível identificar três propriedades com mais de mil hectares, contudo com a morte de seu genitor, os filhos venderam parte das propriedades via PNCF e para particulares.

⁴⁰ Dados do inventário divergem dos dados da cadastro do INCRA acima mencionados.

Em entrevista no dia 15 de julho de 2017, o Senhor Giovanni dos Santos Furtado ao ser perguntado se seus irmãos tiveram contato com a terra, ele afirma que

Não. A propriedade “Alegre” quem toma conta sou eu né e que agora vai ser dividida para cinco herdeiros né, a propriedade é 880 hectares. Eu tomo conta justamente, eu tomava conta pra minha mãe né, entendeu. E Suzana tomava conta do Estrondo pra minha mãe e agora vai mudar vai ser de cinco né, aí eu vou tomar conta da minha parte e cada um toma da sua né. (Giovanni dos Santos Furtado, entrevistado em 15/07/2017).

O que pode ser verificado na fala do Senhor Giovanni S. Furtado é que o patrimônio fundiário de seu pai foi se diluindo após sua morte. Como exemplo, cita a fazenda “Alegre”, que era composta por mais de dois mil hectares, conforme consta no processo de inventário do Senhor Cláudio Gervásio Furtado e a afirmação do filho em 2017 que esta se encontrava com oitocentos e oitenta hectares naquele momento, contudo, após a morte de sua mãe a propriedade seria dividida em cinco partes.

Quadro 1 - Relação das propriedades rurais de Cláudio Gervásio Furtado

Relação de bens imóveis rurais (dados retirados do inventário do falecido)	Tamanho há	Localização /Município
Uma propriedade denominada Fortuna	1.408,80	Cuité –PB
Uma propriedade denominada Alegre	2.058,00	Cuité-PB
Uma propriedade denominada União	126,50	Cuité-PB
Uma propriedade denominada Pontal	20,00	Picuí-PB
Uma propriedade denominada Sítio Novo	23,00	Picuí-PB
Uma propriedade denominada Lagoa do Junco e Taburá	48,40	Picuí-PB
Uma propriedade denominada Estrondo	60,00	Nova Floresta-PB
Uma propriedade denominada Bela Vista	9,0	Cuité-PB
Uma propriedade denominada Tamanduá	65,00	Cuité-PB

Fonte: Elaboração própria com dados retirados do processo de inventário de Cláudio Gervásio Furtado

No processo de inventário de Pedro Simões Pimenta, as propriedades rurais informadas eram: uma propriedade denominada *Jardim*, com seiscentos hectares; uma propriedade denominada *União*, medindo trezentos hectares e uma propriedade localizada no subúrbio da cidade, medindo dois hectares, todas localizadas no município de Cuité, somando novecentos e dois hectares. Contudo, segundo o próprio Senhor Pedro Simões Pimenta em seu livro *O Diário de Vovô Pedro*, ele tinha adquirido diversas propriedades, que já não lhe

pertenciam quando de sua morte devido ao adiantamento de herança ou venda das propriedades, de modo que não constavam nos autos processuais de seu inventário.

De acordo os dados retirados da *Série histórica* por grupo de área total dos Censos de 1960, 1970, 1975, 1980, 1985, 1995/1996 e 2006 (TABELA 1), é perceptível que o número de estabelecimentos só aumentou no decorrer dos anos, com exceção para o censo realizado em 1985. Ao mesmo tempo, neste período, cai a área ocupada pelos estabelecimentos acima de 500 ha. E cresce a área ocupada pelos estabelecimentos até 100 ha (GRÁFICO 1)

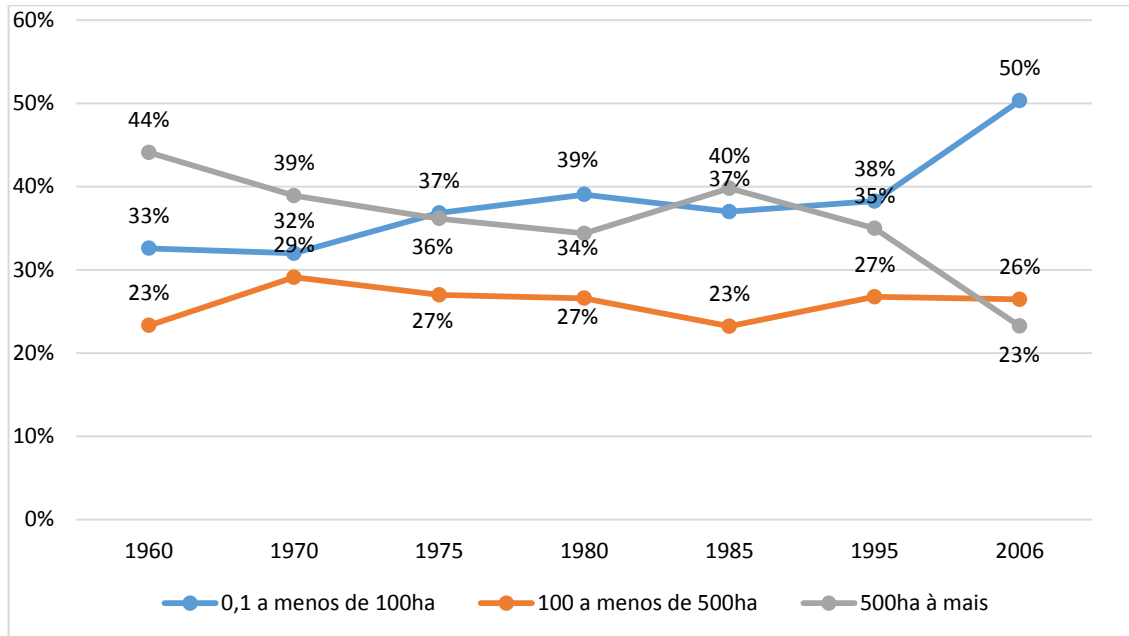
Tabela 2 :Série histórica por grupo de área total /Censos de 1960, 1970, 1975, 1980, 1985, 1995/1996 e 2006

Cuité	Total		Área %	Área 0,1 a 100ha	Área %	Área 100 a 500ha	Área %	Área 500ha à mais
	Nº. Estab.	Área (ha)						
1960	191	6108	33%	20.897	23%	14.954	44%	28.286
1970	219	6386	32%	20.905	29%	19.027	39%	25.431
1975	231	6749	37%	24.571	27%	18.004	36%	24123
1980	249	7071	39%	24.252	27%	16.515	34%	21344
1985	196	5730	37%	22.908	23%	14.381	40%	24.655
1995/96	258	7464	38%	26.189	27%	18.323	35%	23.949
2006	263	7031	50%	18.812	26%	9.890	23%	8.686

Fonte: Elaboração própria com os dados do Censo Agrícola de 1960 e Censos Agropecuários 1970, 1975, 1980, 1985, 1995/1996 e 2006

Em 2006, a área ocupada pelos estabelecimentos com até 100 hectares havia subido; totalizando 50% da área total; a área ocupada pelos estabelecimentos entre 100 e 500 ha sofreu pequenas alterações, ficando com 26%; e o grupo de propriedades com 500 ou mais hectares, que ocupada 44% do total em 1960, tinha tipo sua participação reduzida, estando limitada então à pouco mais da metade, 23% (TABELA 2 e GRÁFICO 1). A partir de 2006, porém, sabe-se que a participação nas propriedades acima de 500 ha continuou a cair, principalmente sob efeito das aquisições feitas via crédito fundiário.

Gráfico 1: Evolução da estrutura fundiária em Cuité Censos de 1960, 1970, 1975, 1980, 1985, 1995/1996 e 2006



Fonte: Autoria própria. Construído com os dados Censo Agrícola de 1960 e Censos Agropecuários 1970, 1975, 1980, 1985, 1995/1996 e 2006

A dissolução do patrimônio fundiário atinge seu ponto máximo já no Século XXI, com criação do Programa Nacional de Crédito Fundiário. O motivo para que os proprietários comercializassem suas terras via PNCF são diversos: alguns alegam o longo período de estiagem, outros são herdeiros e não mais residem no município; o “problema” das leis trabalhistas; dentre outros apresentados pelos proprietários em entrevistas realizadas no 2017. Ao ser perguntado como ele percebia este processo de venda da terra, o Senhor Giovanni Santos Furtado respondeu que

(...) o problema é o seguinte hoje em dia ninguém quer trabalhar, no tempo do seu avô e de seu pai a gente pagava uma pessoa pra trabalhar não precisava nem olhar, ele trabalhava, ele produzia, entendeu, a honestidade era muito grande naquele tempo, hoje em dia é o seguinte: você paga um dia de serviço a um trabalhador daquele, depois você vai olhar o que ele trabalhou dá duas horas de serviço. Depois vem a questão trabalhista, você bota uma pessoa pra trabalhar passa dois, três, quatro cinco, seis, anos depois já quer entrar na justiça, já quer tomar os seus troços, isso aí é o pior, talvez melhore com essa reforma, realmente é isso aí. (Giovanni dos Santos Furtado, entrevistado em 15/07/2017).

Perguntado sobre os bens e se investiram fora do mundo rural, relatou que:

(...) meu pai morreu aí teve a divisão pra minha mãe, pra os cinco e aí a gente foi vendendo e transformando em outra coisa, apartamento em Campina e outras coisas, coisas que dá mais lucro né.

- Vocês foram investindo fora?

Fora. Pronto, eu comprei um apartamento em Campina tal e aí Suzana comprou também, aí Cláudia comprou também e Ângela comprou também tal, a gente transformou em outra renda. (Giovanni dos Santos Furtado, entrevistado em 15/07/2017).

Ao analisar a fala do entrevistado e comparar com os dados fornecidos na lista de operações de crédito fundiário em Cuité no período de 2003 a 2007 (TABELA 2), que o patrimônio foi sendo vendido e investido os valores em outros investimentos.

Alguns dados do Governo Estadual da Paraíba fornecido pela Secretária de Estado do Desenvolvimento da Agropecuário e da Pesca e o Instituto de Terras e Planejamento Agrários ao apresentar os dados do Programa Nacional de Crédito Fundiário mostram que várias propriedades pertencentes a grandes proprietários foram vendidos e transformados em assentamentos rurais. No município de Cuité, foram trinta e quatro operações via PNCF entre 2003 e 2007.

Tabela 3: Operações de crédito fundiário em Cuité no período de 2003 a 2007

NOME DO PROJETO /PROPRIEDADE	Nº de famílias	ÁREA TOTAL (ha)	VALOR DA TERRA	Preço médio p/há
Sítio Lagoa do Meio	1	5,12	20.000,00	3.906,25
Sítio Boa Vista	1	30,00	25.000,00	833,33
Sítio Boa Vista - área I	1	30,00	25.000,00	833,33
Sítio Lagoa do Meio	1	5,12	20.000,00	3.906,25
Sítio Malhada do Canto	1	12,13	25.000,00	2.061,01
Sítio Tanques	1	24,10	11.568,00	480,00
Sítio Tamanduá	2	63,52	42.000,00	661,21
ñ informado	3	127,17	57.226,50	450,00
Sítio Lages	4	77,81	31.124,00	400,00
Sítio Boa Vista	4	88,00	35.200,00	400,00
Sítio Capoeira	4	66,39	33.197,00	500,03
Sítio Lages	4	65,00	25.000,00	384,62
Sítio Espinheiro	5	100,50	34.266,00	340,96
Sítio Lagoa do Meio	5	36,49	36.000,00	986,57
ñ informado	5	266,35	79.905,00	300,00
Sítio Lagoa do Meio	7	64,31	160.786,00	2.500,17
Fazenda Tanques	10	202,87	60.861,00	300,00
Pitombeira	12	214,62	84.000,00	391,39
Sítio Olho d'Água do Palmeira	13	240,00	108.000,00	450,00
Fazenda Jucá	13	268,70	90.000,00	334,95
Fazenda Barra do Palmeira	15	297,11	89.133,45	300,00

Fazendas Pedra Lavrada e Olho d'Água do Palmeira	16	422,72	118.360,61	280,00
Fazenda Alegre	17	300,00	120.000,00	400,00
Malhada de São Domingos	17	327,76	98.330,00	300,01
Sítio Boa Vista do Cais	17	445,07	115.000,00	258,39
Fazenda Alegre e União	23	404,32	161.720,00	399,98
Fazenda Fortuna III	25	425,66	212.830,00	500,00
Fazenda Jardim	25	519,65	161.720,00	311,21
Fazenda Santa Helena	25	428,56	128.567,82	300,00
Fazenda Brandão II	26	735,83	165.561,03	225,00
Fazenda Brandão I	27	736,26	165.658,83	225,00
Fazenda Campo Comprido	33	594,92	237.970,00	400,00
Fazenda Brandão III	45	1.300,00	286.000,00	220,00
Fortuna I e II	50	856,93	389.903,00	455,00
34	458	9.782,99	3.454.888,24	353,15

Fonte: INTERPA

Na lista de operações de crédito fundiário em Cuité no período de 2003 a 2007 (TABELA 2) contém várias propriedades que pertenciam aos herdeiros de Cláudio Gervásio Furtado (Fazenda Alegre, Fortuna I e II e Fortuna III, total de 1.582,59 hectares) e da família Simões (Fazenda Tanques, Fazenda Jardim, total de 722,52 hectares) que foram vendidas por meio do Programa de Crédito Fundiário para estabelecer assentamentos rurais.

1.5.2 Inventários: transmissão do patrimônio familiar?

O inventário *pos mortem* é uma ação exigida pelo estado através da via judicial ou extrajudicial no qual será listado todos os bens do indivíduo falecido e oficializada a partilha dos bens entre seus herdeiros e sucessores.

No inventário de Maximina Leopoldina da Fonseca, viúva de Francisco Theodoro da Fonseca, do ano 1951, o acervo do espólio era: a propriedade denominada CUITÉ, na Chã da Serra de Cuité –PB, havida por compra a Mitra da Arquidiocese do Estado da Paraíba, valor Cr\$50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 160.000,00 (cento e sessenta mil cruzeiros); uma casa de farinha construída de tijolos e de telhas, edificada na propriedade acima referida, movida a braço, valor Cr\$3.500,00 (três mil e quinhentos cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 3.800, 00 (três mil e oitocentos cruzeiros); uma casa velha de taipa e de telhas, situada no lugar Barreiros da mesma propriedade, valor Cr\$500,00 (quinhentos cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 700, 00 (setecentos cruzeiros); o prédio nº 8, situado à Rua Getúlio Vargas, em terreno foreiro, no município de Cuité – PB, valor Cr\$6.000,00 (seis mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 15.000, 00 (quinze mil cruzeiros); o prédio nº 6, situado à Rua

Getúlio Vargas, no município de Cuité – PB, valor Cr\$8.000,00 (oito mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 18.500, 00 (dezoito mil e quinhentos cruzeiros). Os bens imóveis do acervo do espólio foram avaliados oficialmente pela justiça em CR\$ 198.000,00 (avaliação) com desconto das despesas, contudo divergem dos valores declarados pelos herdeiros.

No inventário de Basílio Magno da Fonseca, viúvo de Maria Florentina da Fonseca e filho de Francisco Theodoro da Fonseca e Maximina Leopoldina da Fonseca, realizado em 1980, seus bens imóveis eram: uma parte de terra na propriedade “Baixa Verde” situada no município de São Bento do Trairi – RN, medindo 491 hectares, valor Cr\$ 184.000,00 (cento e oitenta e quatro mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 552.000,00 (quinhentos e cinquenta e dois mil cruzeiros); uma casa de residência situada na terra citada acima no valor Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 28.000,00 (vinte e oito mil cruzeiros); dois Currais com cocheira na mencionada terra citada no valor de Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros) valor avaliado Cr\$ 28.000,00 (vinte e oito mil cruzeiros); Partes do açude e cercas na dita parte de terra no valor de Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros) -avaliador judicial que acrescentou; a metade de um imóvel denominado “Cuité” situado nos arredores desta cidade, medindo 22 hectares, havida ao *de cuius* por herança de Maria Florentina da Fonseca, valor Cr\$55.000,00 (cinquenta e cinco mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 220.000,00 (duzentos e vinte mil cruzeiros); uma casa com aviamentos para fabricação de farinha, edificada na parte de terra acima mencionada, valor de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros); uma casa servindo de armazém com uma cocheira anexa, valor de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros); a metade da casa nº 139 situada na Rua 15 de novembro, edificada em terreno do Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, havida ao *de cuius* por herança de Maria Florentina da Fonseca, valor Cr\$50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 120.000,00 (cento e vinte mil cruzeiros); uma parte da casa situada na Rua Getúlio Vargas, 95, edificada em terreno foreiro pertencente ao Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, havida ao *de cuius* por herança de Maria Florentina da Fonseca, valor Cr\$10.000,00 (dez mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros). As despesas com o inventário - Cr\$ 69.556,00 (sessenta e nove, quinhentos e cinquenta e seis mil cruzeiros). O pagamento das custas processuais e de impostos foi realizado pelo herdeiro Rivaldo Silvério da Fonseca e com a partilha após a dedução das despesas: Cr\$ 94.000,00 (noventa e quatro mil cruzeiros) para cada herdeiro. Os valores declarados pelos herdeiros dos bens imóveis também vão divergir dos valores avaliados pela justiça e o acervo do espólio CR\$ 1.002. 000, 00 (um milhão e dois cruzeiros).

Ao se observar o patrimônio fundiário de Basílio Magno da Fonseca se observa que a terra situada na serra próxima a cidade de Cuité - PB valem quase dez vezes mais que a terra situada na zona rural de Baixa Verde, situada no município de São Bento do Trairi – RN.

Em 1976, foi promovido a abertura do inventário de Jeremias Venâncio dos Santos, que era casado com Francisca Emília da Fonseca Santos e viúvo de Eudócia Alves Silva (sem filhos), filho do Capitão João Venâncio dos Santos e Júlia Maria do Espírito Santo. O acervo do espólio⁴¹ era: uma propriedade situada no lugar Maribondo, no município de Cuité – PB, medindo 220 hectares, valor Cr\$20.000,00 (vinte mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 110.000,00 (cento e dez mil cruzeiros); uma casa construída de tijolos, coberta de telhas, edificada na propriedade referida, valor Cr\$2.000,00 (dois mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros); uma outra casa construída de taipa, coberta de telhas, edificada na propriedade, valor Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 800,00 (oitocentos cruzeiros); uma outra casa construída de tijolos, coberta de telhas, edificada na propriedade, valor Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 800,00 (oitocentos cruzeiros); um curral de pedra e madeira, com uma cocheira construída de tijolos, coberta com telhas, edificada na referida propriedade, valor Cr\$2.000,00 (dois mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos cruzeiros); a meiação de uma casa construída de tijolos, coberta com telhas, edificada na propriedade pertencente aos herdeiros de José Venâncio dos Santos Sobrinho, valor Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros); a meiação do açude situado na propriedade Maribondo, edificada na propriedade pertencente aos herdeiros de José Venâncio dos Santos Sobrinho; valor Cr\$1.000,00 (hum mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos cruzeiros); a meiação do açude situado na propriedade Maribondo; valor Cr\$1.000,00 (hum mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros); a meiação de dois tanques de pedra, situado na propriedade Maribondo, valor Cr\$1.000,00 (hum mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros); a propriedade Maribondo está toda cercada de arame farpado, varas e madeiras, valor Cr\$3.000,00 (três mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros); uma parte de terra situada no lugar Chã da Serra de Cuité –PB, atualmente com a denominação “GOIABEIRA”, medindo 17 hectares, havida aos de cujos, por herança de MAXIMINA LEOPOLDINA DA FONSECA, valor Cr\$5.000,00 (cinco mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 8.500,00 (oito mil e quinhentos cruzeiros); uma parte de terra situada no lugar Chã da Serra de Cuité –PB, medindo 24 hectares, havida aos de cujos, por herança de MAXIMINA

⁴¹ Espólio o conjunto de bens, direitos e obrigações da pessoa falecida.

LEOPOLDINA DA FONSECA, valor Cr\$10.000,00 (dez mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 72.000,00 (setenta e dois mil cruzeiros); uma casa construída de tijolos, taipa e de telhas, edificada na propriedade acima referida, valor Cr\$500,00 (quinhentos cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 800, 00 (oitocentos cruzeiros); uma parte de terra situada no lugar Malhada do Canto, medindo 43,50 hectares, registrado na Comarca de Picuí – PB, valor Cr\$10.000,00 (dez mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 25.800,00 (vinte e cinco mil e oitocentos cruzeiros); um armazém construído de tijolos e coberto com telhas, situado no lugar Malhada do Canto - PB, valor Cr\$ (cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros); uma casa construída de taipa e coberto com telhas, em mal estado de conservação, situada no lugar Malhada do Canto - PB, valor Cr\$ (cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 800,00 (oitocentos cruzeiros); uma casa construída de tijolos, coberta com telhas, edificada em terreno do Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, situado a Rua 15 de Novembro, 45, Cuité –PB, medindo casa e jardim oitenta palmos de frente e oitenta palmos de comprimento, construção própria; valor Cr\$15.000,00 (quinze mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 45.000,00 (quarenta e cinco mil cruzeiros); uma casa construída de tijolos, coberta com telhas, edificada em terreno do Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, situado a Rua 15 de Novembro, 185, Cuité –PB, construção própria; valor Cr\$8.000,00 (oito mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 18.000,00 (dezoito mil cruzeiros); uma casa para armazém, construída com tijolos, coberta com telhas, edificada em terreno do Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, situado a Rua João Pessoa, 146, Cuité –PB, construção própria; valor Cr\$6.000,00 (seis mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros); mais uma casa para armazém, construída com tijolos, coberta com telhas, em mal estado de conservação, edificada em terreno do Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, situado a Rua João Pessoa, 151, Cuité –PB, construção própria; valor Cr\$ 1.000,00 (mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros); uma casa para comércio, construída com tijolos, coberta com telhas, edificada em terreno do Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, situado a Rua Getúlio Vargas, 116, Cuité –PB, havida ao de cujos por herança de Eudócia Alves dos Santos, valor Cr\$6.000,00 (seis mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros); uma casa construída com tijolos, coberta com telhas, edificada em terreno do Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, situado a Rua Getúlio Vargas, 111, Cuité –PB, havida ao mesmo por compra feita a Lindolfo Venâncio dos Santos e sua mulher; valor Cr\$5.000,00 (cinco mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros); um prédio construído com tijolos, coberta com telhas, onde funciona a Cooperativa de Crédito Rural, edificada em terreno do Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, situado a Rua Getúlio Vargas, 103, Cuité –PB, havida ao mesmo por

compra feita a Lindolfo Venâncio dos Santos e sua mulher e outros; valor Cr\$5.000,00 (cinco mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros); um prédio construído de tijolos, coberta com telhas, edificada em terreno do Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, situado à Rua 15 de Novembro, 21, para comércio, Cuité –PB, valor Cr\$3.000,00 (três mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 8.000,00 (oito mil cruzeiros); a meiação de um prédio para depósito, edificado em terreno do Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, situado à Rua 15 de Novembro, 123, havido ao de cujus por herança de Francisco Teodoro da Fonseca, Cuité –PB, valor Cr\$6.000,00 (seis mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros); um prédio para depósito, construído com tijolos, coberta com telhas, edificada em terreno do Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, situado à Rua 15 de Novembro, 27, Cuité –PB, havida ao de cujus por herança de Eudócia Alves dos Santos; valor Cr\$3.000,00 (três mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$9.000,00 (nove mil cruzeiros); uma casa construída com tijolos, coberta com telhas, situado à Rua João Pessoa, 111, Cuité –PB, a qual foi totalmente reconstruída pelo herdeiro Osvaldo Venâncio dos Santos; valor Cr\$5.000,00 (cinco mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros); uma casa para residência, construída com tijolos, coberta com telhas, edificada em terreno do Patrimônio de Nossa Senhora das Mercês, situado à Rua João Pessoa, 98, Cuité –PB, construção própria; valor Cr\$3.000,00 (três mil cruzeiros), valor avaliado Cr\$ 12.000,00 (doze mil cruzeiros); a quantia de Cr\$ 3.060,00, no capital social registrado da firma JVSantos. Informam que não tinha dinheiro, joias, semoventes. Nesta ação de inventário o Ministério Público discordou dos valores declarados aos bens relacionados. A avaliação dos bens imóveis divergiu dos valores declarados pelos herdeiros após a avaliação feita pela justiça e o acervo do espólio ficou em CR\$ 441.300, 00 (quatrocentos e quarenta e um mil e trezentos cruzeiros) – valor avaliado pela justiça também na partilha acrescentou as cotas e o capital da empresa ficando o acervo do espólio Cr\$467.011, 20. Enquanto o processo tramitava na justiça a meeira requereu os alugueis do espólio para sua manutenção com anuência dos demais herdeiros. Foi uma certidão positiva – FUNRURAL⁴², isto é, existia dívida. As despesas com o inventário - Cr\$ 14.530,11 (quatorze mil quinhentos e trinta cruzeiros). A partilha dos bens após a dedução das despesas: Cr\$ 26.492,54 (29.188,20) (26.567,54) (menos 2% de imposto) parara cada herdeiro e a meeira viúva Cr\$ 215.540,34 (233.505,60) (Cr\$ 212.540, 34).

Francisca Emília da Fonseca Santos, foi casada com Jeremias Venâncio dos Santos, filha de Francisco Theodoro da Fonseca e Maximina Leopoldina da Fonseca e irmão de

⁴² É o imposto incidente sobre a receita bruta proveniente da comercialização da produção rural

Basílio Magno da Fonseca e faleceu em 03 de novembro de 2001 com 99 anos e a abertura do processo de inventário foi aberto em junho de 2002 e só foi concluído em setembro de 2011 e o advogado responsável pelo processo foi seu neto Fábio Venâncio dos Santos e a partilha foi amigável. Tramitou na Comarca de Cuité. Os bens constantes no espólio foram uma propriedade denominada “Maribondo”, no município de Cuité – PB, medindo 220 hectares, valor R\$27.000,00 (vinte e sete mil reais), na primeira avaliação o valor avaliado R\$ 44.000,00 (quarenta e quatro mil reais) e na segunda avaliação o valor foi R\$ 33.000,00 (trinta e três mil reais) com benfeitorias: uma casa construída com tijolos, coberta com telhas; um curral de pedra e madeira, com uma cocheira construída de tijolos e coberta com telhas, tanques de pedras, a propriedade “Maribondo” é toda cercada de arame farpado e estacas de madeira; um terreno situado à rua 15 de Novembro nesta cidade, medindo 11,10 de frente, igual dimensão na linha de fundo, por 36,40m por ambos os lados. valor R\$ 3.000,00 (três mil reais), valor da primeira avaliação R\$ 8.000,00 (oito mil reais) e na segunda avaliação R\$ 4.000,00 (quatro mil reais); uma casa situada à Rua 15 de Novembro, 45, Cuité –PB, valor declarado foi de R\$ 22.500,00, valor da primeira avaliação R\$ 30.000,00 (trinta mil reais) e na segunda avaliação ratificou o valor; uma casa situada na 15 de novembro, 27, nesta cidade, construída em terreno adquirido ao Patrimônio Nossa Senhora das Mercês, a casa foi demolida pela inventariada e foi avaliada em R\$ 6.000, 00 (seis mil reais), valor avaliado R\$ 15.000,00 (quinze mil reais)) e na segunda avaliação o valor foi de R\$ 10.000,00 (dez mil reais); 5 – A meiação de um prédio para depósito situado na rua Getúlio Vargas, 123, adquirido por herança no inventário de Jeremias Venâncio dos Santos, o terreno onde está o mesmo foi edificado foi comprado ao Patrimônio Nossa Senhora das Mercês e o valor declarado foi R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais), valor avaliado R\$ 3.000, 00 (três mil reais) e na segunda avaliação ratificou o valor; um prédio para comércio com três portas situado na rua Getúlio Vargas, 111, adquirido por herança no inventário de Jeremias Venâncio dos Santos, o terreno onde está o mesmo foi edificado foi comprado ao Patrimônio Nossa Senhora das Mercês e o valor declarado foi R\$ 8.000,00 (oito mil reais), valor avaliado R\$ 8.000,00 (oito mil reais) e na segunda avaliação ratificou o valor; um prédio para comércio, com cinco portas situado na rua Getúlio Vargas, 112, adquirido por herança no inventário de Jeremias Venâncio dos Santos, o terreno onde está o mesmo foi edificado foi comprado ao Patrimônio Nossa Senhora das Mercês e o valor declarado foi R\$ 13.000,00 (treze mil reais), valor avaliado R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) e na segunda avaliação ratificou o valor; uma casa para armazém situada na rua João Pessoa, 151, adquirido por herança no inventário de Jeremias Venâncio dos Santos, o terreno onde está o mesmo foi edificado foi comprado ao

Patrimônio Nossa Senhora das Mercês e o valor declarado foi R\$ 3.000,00 (três mil reais), valor avaliado R\$ 6.000,00 (seis mil reais) e na segunda avaliação o valor foi R\$ 4.000,00 (quatro mil reais); uma casa para residência situada na rua João Pessoa, 98, adquirido por herança no inventário de Jeremias Venâncio dos Santos, o terreno onde está o mesmo foi edificado foi comprado ao Patrimônio Nossa Senhora das Mercês e o valor declarado foi R\$ 3.000,00 (três mil reais), valor avaliado R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) e na segunda avaliação o valor foi igual ao declarado pela inventariante; outros bens: saldo em caderneta de poupança e o décimo terceiro salário referente ao exercício de 2001.

No decorrer do processo a inventariante Maria Elita dos Santos Fonseca requereu um Alvará Judicial⁴³ autorizando o levantamento dos resíduos salariais, a falecida era pensionista vinculado ao Governo do Estado da Paraíba existentes em nome de sua genitora e a transferência de saldo em caderneta de poupança. O Alvará Judicial foi concedido pelo juiz responsável pelo processo. Também no decorrer do processo de inventário a inventariante inconformada com a avaliação feita pela justiça impugnou os valores avaliados dos bens e o juiz do processo mandou reavaliar os bens e ao final os imóveis foram avaliados em R\$ 111.000,00 (cento e onze mil reais), valor menor do que o declarado pelos herdeiros.

Quando comparado os dois inventários de Jeremias Venâncio dos Santos e Francisca Emília da Fonseca Santos, cônjuges, no primeiro inventário possuía vinte e dois bens a partilhar e no segundo apenas nove, também a dissolução do patrimônio da família intensifica-se com a morte de alguns filhos do casal e os seus bens foram partilhados pelos filhos dos filhos.

No inventário de Pedro Simões, falecido em 25 de abril de 1989, aos 92 anos (01/08/1896), sem deixar testamento, viúvo, deixando os seguintes filhos: Maria Justa Simões, solteira; Geraldo Simões, casado com Maria Elsa da Costa Simões; Rivaldo Simões Pimenta, casado com Joanete Gadelha Simões Pimenta; Francisca de Lima Simões, desquitada⁴⁴; José Simões Pimenta, casado com Maria Onilda Simões; e Honorina Simões Pimenta Fialho, casada com Ivanildo Lins Fialho. O espólio de Pedro Simões Pimenta foi constituído dos seguintes bens: uma propriedade denominada “JARDIM”, medindo (600) seiscentos hectares, limitada ao norte, com as terras da Propriedade “GAMA”, pertencente a Izaías Venâncio dos Santos; ao sul com as terras de Benedito Cândido dos Santos e terras de

⁴³ No direito processual civil brasileiro o pedido de alvará judicial é cabível quando o(s) requerente(s), necessitem que o juiz intervenha em uma situação privada e autorizar a prática de um ato.

⁴⁴ Desquite era uma forma de separação do casal e de seus bens materiais, sem romper o vínculo conjugal, o que impedia novos casamentos. O termo Desquite foi substituído por Separação Judicial pela Lei 6.515/1977 (Lei do divórcio).

Cecília Fonseca e Pedro Jorge de Lima, ao poente, com as terras de Jeremias Venâncio dos Santos, terras de Manuel Joaquim do Nascimento, Ascendino Fonseca e Cecília Fonseca e ao nascente, com as terras da propriedade Lages Formosa, pertencente a José Augusto de Farias, contendo em dita parte de terras uma casas de residência, seis casinhas pequenas, oito casebres e dois barreiros; uma propriedade denominada UNIÃO, medindo uma área de (300) trezentos hectares, limitada ao norte com as terras de José Fernandes de Oliveira; ao sul, com as terras dos herdeiros de Manuel Felipe dos Santos, terras de Osael Ferreira de Melo Ramos e terras de José Epaminondas de Macedo; ao leste com terras de Antônio de Medeiros Dantas e a oeste com as terras de Osael Ferreira de Melo Ramos, contendo uma casa construída de tijolos, coberta com telhas. Adquirido em 13 de junho de 1979. Estas duas propriedades, conforme informações prestadas nos autos do processo de inventário, formam um conjunto de 900 (novecentos) hectares, constituindo um só imóvel, com o nome de “JARDIM”, por destinação do inventariado que recebeu dos sucessores a avaliação de Cz\$ 45.000, 00 (quarenta e cinco mil cruzeiros novos). Uma parte de terras no subúrbio da cidade, medindo uma área de dois hectares, contendo em dito terreno uma casas de residência, uma garagem e um galpão, com limites ao norte, com terras do Patrimônio N. S. das Mercês, ao sul, com as terras do adquirente e de Manuel Francisco da Silva; ao poente com terras de Jaime da Costa Pereira, ao nascente com a estrada que segue para o Campo Comprido com terras de Jovino Pereira da Costa e sua mulher, a qual atribuem o valor de Cz\$ 5.000, 00 (cinco mil cruzados novos). Uma casa construída de tijolos e telhas, com todos os compartimentos, na Rua 7 de Setembro, nesta cidade, confrontando-se de um lado com a casa de Geraldo Simões Pimenta e do outro com Ana Florentina da Costa, edificada em terreno do Patrimônio N. S, das Mercês, com garagem construída e coberta, que acharam valor na quantia de Cz\$ 10.000, 00 (dez mil cruzados novos).

Nos bens apresentados nos inventários foi possível perceber, mesmo que os valores dos imóveis não estejam na moeda corrente a diferença de valores das terras que estão localizadas na Serra de Cuité e as demais. Como exemplo, no inventário de Pedro Simões Pimenta a diferença do valor da terra é imensa ao dividir o valor atribuído da propriedade pelo quantidade de hectares. No caso citado a propriedade denominada JARDIM o hectare custa cerca de Cz\$ 50,00 (cinquenta cruzados novos) e a terra no subúrbio da cidade custa Cz\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos cruzados novos).

Os inventários apresentados demonstram o poder aquisitivo destes homens e mulheres que viveram no município de Cuité e que faziam parte uma classe privilegiada. Destacando que é preciso possuir recursos financeiros para se fazer a partilha de bens e que é obrigatório

de acordo com a legislação brasileira é preciso pagar o imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação – ITCMD que é um tributo de competência dos Estados e do Distrito Federal e está previsto, atualmente, na Constituição Federal e no Código Tributário Nacional.

Nos inventários analisados, os profissionais do direito que vão ingressar com as ações são membros das famílias dos falecidos. A formação acadêmica de seus membros demonstra o seu poder aquisitivo dos seus membros e também uma estratégia educativa das elites que articulam em seu mundo social vários o capital social, cultural, econômico e simbólico assegurando sua permanência em seu grupo social.

1.6 Ocupação de cargos políticos pelas famílias da elite cuitense

A partir da ocupação de cargos políticos em Cuité, especialmente as funções executiva e legislativa, buscamos nesta seção analisar a influência das famílias de elite no poder local. Para isso, desenhamos árvores genealógicas para cada uma das cinco famílias aqui estudadas: da Costa Pereira, Fonseca, Venâncio dos Santos, Furtado e Simões. Essas árvores não são completas, já que o interesse principal foi enfatizar aqueles membros destas linhagens que ocuparam cargos de prefeito e vereador (entre outros) ao longo dos Séculos XX e XXI. Adotamos a estratégia de refletir nos diagramas genealógicos as alianças matrimoniais entre estas famílias ao longo do tempo.

Segundo Canêdo (2011):

Uma genealogia se apresenta ao sócio-historiador sob um duplo aspecto. De um lado, como os arquivos históricos, ela está organizada de forma cronológica. Dessa maneira, reúne e ordena informações sobre nascimento, morte, casamentos etc., os quais, interpretados, servem de base às análises históricas, sociológicas e políticas. De outro lado, ela contém toda uma dimensão simbólica, resultado de uma maneira própria de conceber o real. Ela dá uma identidade à família, estabelecendo uma origem que rompe com tudo que a precedeu. O traçado regular, cronológico e cumulativo da trajetória familiar garante a continuidade e a coesão da família. A genealogia encerra e modela as práticas individuais e coletivas do presente, mas as mostra como que fazendo parte de um quadro herdado que se projeta num futuro: ela torna presente o passado, pensando-os num futuro imutável. (CANÊDO, 2011, p. 58)

As genealogias aqui utilizadas, porém, não foram produzidas pelas próprias famílias da maneira como aparece nesta tese. Encontramos alguns esboços de construção de árvores genealógicas (PEREIRA SOBRINHO, 2001, 2008), que nos ajudaram na elaboração dos diagramas, mas as árvores que virão a seguir são de elaboração própria, construídas a partir

das questões postas por essa investigação. Como atesta Canêdo (2011, p. 58), “na sociedade ocidental, a descendência está assentada no poder masculino que se afirma por meio da patrilinearidade”. Como, no caso em estudo, a ocupação de cargos políticos tem sido, até o momento, principalmente uma prerrogativa masculina – com exceção de Neusa Bezerra dos Santos (casada com Orlando Venâncio dos Santos), que ocupou o cargo de prefeita entre 1968-1972, e de Euda Fabiana Palmeira Venâncio (casada com Osvaldo Venâncio dos Santos Filho), também prefeita entre 2009 a 2012 - 2013 a 2016 – optamos pela organização dos dados a partir da patrilinearidade.

Começamos investigando estas famílias e retornamos ao século XIX, no qual Sobrinho (2008) vai apresentar duas famílias como originárias do município e que denominou de: “Famílias descendentes do Olho d’Água da Bica” e “Famílias descendentes da Volta”.

No Século XIX, segundo Sobrinho (2008), chega ao município uma viúva, natural de Acari, estado do Rio Grande do Norte, que se instalou próximo à fonte do Olho D’água da Bica e que se chamava Maria, apelidada de Dindinha (não foi possível descobrir seu cônjuge, de todo modo não chegou a residir em Cuité). Seus filhos eram Antônio Januário da Fonseca, Leopoldino Silvério dos Santos, João Alves Frazão Baraúna, Manuel Cardoso Fonseca de Mello, José Venâncio dos Santos, Targino José dos Santos e Alexandre Ferreira de Mello Pinto. Esta é a origem de duas das famílias que estudamos: Fonseca e Venâncio dos Santos, que ao longo do Século XX, ainda que mantenham muitos vínculos, vão se constituir como duas linhagens distintas.

No livro *Bordados de uma vida* de Julieta de Lima e Costa (2010), em sua biografia consta como Julieta Dalva da Fonseca Lima (nome de solteira) ao citarem sua mãe, descrevem a família Fonseca:

(...) Benedito Ferreira da Costa Lima e Julita da Fonseca Lima. Sua mãe, descendente da família do Olho D’Água da Bica, era cuiateense “da gema”, vez que era originária do Clã Fonseca, cuja origem se deu quando a viúva Maria, conhecida por Dindinha, por divergências com parentes, requereu terras nas redondezas do Olho D’Água da Bica, em Cuité, fixando moradia naquela localidade. Julita Fonseca era bisneta de Antonio Januário da Fonseca (filho de Dindinha) e filha de Vicente Ferreira da Fonseca (neto de Dindinha) e de Ana Avelina dos Santos, conhecida por Donana. Julieta os chamava de “Mãe Ôta” e “Pai Ôto”. Naquela época, segundo pesquisa de Noêmia Viana Campos, era costume numa família composta de muitos filhos usarem o sobrenome que lhe convinha. Daí, o enredo de parentela de Cuité. (COSTA, 2010, p.13)

Já as “Famílias descendentes da Volta” remontam sua origem a Joaquim José da Costa e Maria Francisca de Medeiros, que conforme consta em seu inventário instaurado em 1870, fornecido por José Pereira Sobrinho, tinha como filhos: Anacleto da Costa Pereira, Manoel do Nascimento Muribeca, Tomaz Soares da Costa Campos, Ivo Soares da Costa Jardim, Manuel Henriques da Costa, Luzia Renovatta de Medeiros, Justino Soares da Costa Pereira, Ana Theodora do Nascimento, Margarida Delfino da Costa, Joanna Baptista Monteiro e Ana Madalena da Conceição. A partir daí surge a linhagem dos da Costa Pereira.

Dos filhos de Dona Dindinha, ressaltamos na linhagem dos Fonseca: Antônio Januário da Fonseca, Leopoldino Silvério dos Santos, Manuel Cardoso Fonseca de Mello e José Venâncio dos Santos. Este último, porém, desempenha papel fundamental na instauração da linhagem dos Venâncio dos Santos. Dos filhos de Joaquim da Volta, destacamos Anacleto da Costa Pereira para o desenho da linhagem dos da Costa Pereira. Uma outra filha, Luzia Renovatta de Medeiros, casará com Leopoldino Silvério dos Santos, cuja filha, Maximina Leopoldino da Fonseca, casa-se com seu primo, Francisco Theodoro da Fonseca. Finalmente, Manuel Henriques da Costa, também filho de Joaquim da Volta, instaura a linhagem dos Henriques, em Picuí, que não tendo sido diretamente incluída na pesquisa, é objeto de análise no capítulo III, a partir do livro de um de seus descendentes, Heleno Henriques de Araújo.

Entre os final do século XIX e início do século XX, dois nomes se destacam: o Capitão João Venâncio dos Santos e o Capitão Anacleto da Costa Pereira, que iniciam uma rivalidade política que perdura até os dias de hoje. O município de Cuité seria, em termos eleitorais, “dividido ao meio”, entre os que seguem os “Venâncio” e o que seguem os “Pereira”. O atual prefeito, Charles Cristiano Inácio da Silva, por exemplo, mesmo não sendo de nenhuma das famílias estudadas, tem como vice Eliú Java Silva Santos Furtado, tendo sido apoiado pelos da Costa Pereira. Ele venceu a eleição de 2016 disputada contra Fabiano Valério de Farias Fonseca, apoiado pelos Venâncio dos Santos, por dissidentes da família Furtado e pelos Simões (ainda que esta última família tenha menor influência política atualmente). Nesta última disputa, portanto, mais uma vez as famílias de elite de Cuité se enfrentaram nas eleições municipais.

A disputa política afeta o setor público de cargos comissionados do município e do Estado, que serão indicados e ocupados de acordo com quem detém o poder naquele momento. Por isso, durante o período eleitoral as famílias e os grupos políticos disputam os votos da população para ter maioria e poder demonstrar o seu poder político frente aos seus pares e poder requerer cargos e “benefícios” para o município.

Ao se observar os quadros do Poder Executivo e Legislativo municipal, verifica-se que os membros e os aliados destas famílias de elite alternaram-se durante todo o século XX e XXI nos principais cargos políticos desde 1937, quando o município volta a emancipar-se. As famílias Fonseca, Furtado e Simões vão se aliar, em diferentes momentos, às famílias da Costa Pereira e Venâncio dos Santos, seja por meio de alianças matrimoniais, econômicas ou estritamente políticas.

Na segunda geração destas famílias, destaca-se: Jeremias Venâncio dos Santos, casado com Francisca Emília da Fonseca Santos e filho do Capitão João Venâncio dos Santos; cujos filhos e netos, noras e genros também participaram da política e protagonizaram o cenário político municipal durante as gerações seguintes. Seus filhos Orlando e sua esposa Neusa Bezerra foram prefeitos; seu filho Osvaldo foi vereador e presidente da câmara; seus genros Rivaldo Silvério da Fonseca, Pedro Bento de Lima e Cláudio Gervásio Furtado foram prefeitos; seus netos Osvaldo Venâncio dos Santos Filho foi vereador, vice-prefeito, prefeito e deputado estadual e sua esposa, Euda Fabiana Palmeira Venâncio, foi prefeita. Seus netos Péricles Venâncio dos Santos, Max Weber Venâncio dos Santos, Giovani dos Santos Furtado foram vereadores em várias legislaturas seguidas e seu bisneto, Renan Teixeira dos Santos Furtado, é atualmente presidente da Câmara Municipal.

Ao analisarmos os diagramas genealógicos familiares, constatamos que os membros destas famílias de elite ocuparam e ainda ocupam posições dominantes na esfera política, social, econômica e cultural do município de Cuité. Assim,

Considerando que os espaços sociais são dotados de recursos que conferem distinção e privilégios, mas também permitem o exercício de uma forma de poder simbólico, portanto desconhecido e reconhecido, os agentes podem ser vistos como produzidos para ali atuar, posto que legitimamente identificados por propriedades sociais, cognitivas, políticas e com a feitura institucional (HEY, 2017, p. 3)

1.6.1 Família Fonseca

A linhagem da família Fonseca (DIAGRAMA 1), como já mencionado, começa no século XIX, com “Dindinha”. Ela é a mãe, por exemplo, de Antônio Januário da Fonseca, Manuel Cardoso da Fonseca Mello, Leopoldo Silvério dos Santos e José Venâncio dos Santos. Destacamos como Fonseca, os filhos de “Dindinha” que tinham este sobrenome e seus descendentes, ainda que a família Venâncio dos Santos tenha a mesma origem. Antônio

Januário da Fonseca e Manuel Cardoso da Fonseca Mello originam os dois ramos principais da família Fonseca.

O primeiro registro que encontramos de ocupação de cargo político na família Fonsêca (DIAGRAMA 1⁴⁵), refere-se a Francisco Theodoro da Fonseca, que em 1899 era Presidente da Municipalidade de Cuité. Neste mesmo ano, seus primos Vicente Ferreira da Fonseca (chefe da estação de arrecadação) e Antônio Francisco da Fonseca (3. Suplente de Juiz) tinham também posições de destaque, registradas no ALMANAK – Administrativo, Mercantil e Industrial do Estado da Parahíba, datado de 1899.

Basílio Magno da Fonseca (cf. BOX 4), filho de Francisco Theodoro da Fonseca e Maximina Leopoldina de Assis Lima ocupou funções políticas em Picuí e Cuité. Foi nomeado Prefeito Municipal de Picuí em 1932⁴⁶; eleito vereador neste mesmo município em 1935; atuou como 1º. Suplente de Juiz Municipal da Serra de Cuité entre 1933 e 1941; e foi o primeiro prefeito eleito de Cuité, em 1947, tendo disputado a eleição com João Teodósio da Silva Coelho⁴⁷ (casado com Joana Furtado Coelho, filha de Manoel da Silva Furtado, que dá início à linhagem da família Furtado, cf. DIAGRAMA 3), ficando no cargo até 1951.

⁴⁵ Para evitar repetições, não vamos remeter ao Diagrama 1 nos parágrafos seguintes, mas ele é a referência para as informações aqui organizadas.

⁴⁶ Neste período, como já mencionado, Cuité pertencia ao município de Picuí.

⁴⁷ João Teodósio foi vereador entre 1959 e 1963 em Cuité; tendo sido também delegado e juiz de paz (magistrado, frequentemente sem formação jurídica, que exercia diversas funções judiciais, que variavam dependendo do lugar e época).

No livro *Versos Guardados* (2004), de Venâncio e Venâncio (2004, p. 27), Basílio Magno da Fonseca é apresentado como poeta e músico:

Foi um respeitado cidadão da nossa terra e um autêntico poeta. Seus versos expressam uma perfeita sintonia entre pensamento e palavra. Foi prefeito por duas vezes e como prefeito realizou muito. Na vida cultural da cidade deixou exemplos. Foi incansável na questão da música. Excedeu-se em esforços para concretizar um sonho individual e coletivo. Tocou na primeira banda de música de Cuité, juntamente com Jovino Pereira⁴⁸, Augusto Furtado⁴⁹ e outros contemporâneos. Algum tempo depois, a banda acabou, mas ele conseguiu reorganizá-la melhorando o instrumental e fornecendo também o uniforme aos seus componentes. Esta banda esteve algum tempo sob o comando do maestro Francisco Leite de Souza. Fazia rifas para a manutenção da banda, que mais uma vez não teve condição de prosseguir. Ressurgindo mais tarde com o seu esforço e o de seu filho Rivaldo Silvério da Fonseca, quando presidente do Cuité Clube, pois no seu tempo, com grande influência política, conseguiu arrecadar recurso suficiente para comprar mais de vinte instrumentos musicais, e assim, junto com a comunidade, organizaram a banda de Cuité. Este banda foi fruto de todo o esforço coletivo. (VENÂNCIO E VENÂNCIO, 2004, p. 27)

Rivaldo Silvério da Fonseca (filho de Basílio Magno e neto de Francisco Theodoro) também foi prefeito nomeado de Cuité em 1940. Ele era casado com a primogênita de seu primo de 2º. grau Jeremias Venâncio dos Santos (deputado estadual em 1935 e também prefeito nomeado em 1940⁵⁰), Maria Elita dos Santos da Fonseca. Ele foi ainda desembargador do Tribunal de Justiça da Paraíba e nomeia, por isso, o Fórum instalado na comarca de Cuité. O irmão de Rivaldo, Aduino Augusto da Fonseca, casado com Auda Viana da Costa Fonseca⁵¹ (família da Costa Pereira) foi vereador (1951-1955) e seu cunhado Aduino Soares da Costa, casado com sua irmã Amália Fonseca, foi prefeito nomeado (1944-1945).

A lista de ex-prefeitos de Cuité da família Fonseca é completada por João Venâncio da Fonseca, primeiro prefeito nomeado após a emancipação do município em 1937 (neto de Antônio Januário da Fonseca, tio de Francisco Theodoro da Fonseca; além de filho de Ana Avelina, tia de Jeremias Venâncio dos Santos); e por Benedito

⁴⁸ Filho do Capitão Anacleto que era casado com Maria Florentina da Costa prima do pai de Basílio Magno da Fonseca.

⁴⁹ Filho de Manuel da Silva Furtado.

⁵⁰ Em 1940, sucederam-se três prefeitos nomeados em Cuité.

⁵¹ Filha de Ana Florentina da Costa (filha do Capitão Anacleto da Costa Pereira com Maria Florentina da Costa) e Ulisses Viana Campos (filho de Tomaz Soares da Costa Campos, irmão do Capitão Anacleto)

Venâncio dos Santos (nomeado prefeito entre 1945-1946), filho de Joaquim Venâncio dos Santos, tio de João Venâncio da Fonseca. Assim, entre 1937 (emancipação política) e 1951 (quando termina o mandato de Basílio Magno da Fonseca), membros da família só não ocuparam o cargo de prefeito municipal entre 1941 e 1944. Este período demarca a época de maior influência desta linhagem, ainda não separada da família Venâncio dos Santos.

Outros membros da família Fonseca que ocuparam cargos políticos foram: José Bianor da Fonseca, vereador em dois mandatos (1951-1955 e 1969-1972), bisneto de Antônio Januário da Fonseca; Fabiano Valério de Farias Fonseca, vereador entre 2001 e 2004, quando foi presidente da Câmara Municipal, vice-prefeito em 2005 a 2008 e candidato derrotado a prefeito nas eleições de 2015, sobrinho de José Bianor; e Cleanto Santos Macedo, vereador entre 1972 e 1977, bisneto de Francisco Theodoro da Fonseca.

Temos portanto dois ramos políticos da família Fonseca. O primeiro, mais influente, dos descendentes de Francisco Theodoro da Fonseca e o segundo, dos descendentes de Antônio Januário da Fonseca. Um terceiro ramo, do Capitão João Venâncio dos Santos, formará a linhagem dos Venâncio dos Santos (cf. DIAGRAMA 1 e DIAGRAMA 2)

O poder político e econômico da família Fonseca foi assegurado através de uma série de casamentos endogâmicos⁵². Formaram casais, entre outros, os primos: Jeremias Venâncio dos Santos e Francisca Emília da Fonseca, Rivaldo Silvério da Fonseca e Maria Elita dos Santos Fonseca e Aauto Augusto da Fonseca e Auta Viana de Campos Fonseca. O casamento entre primos tem maior recorrência nesta família entre o final do século XIX até meados do século XX. Outra estratégia matrimonial é o casamento de membros da família com pessoas das famílias da Costa Pereira e Furtado, como, por exemplo, Elza Elísia Fonseca dos Santos Furtado (neta de Francisco Theodoro da Fonseca, por parte de mãe e do Capitão João Venâncio dos Santos, por parte de pai), casada com Cláudio Gervásio Furtado, filho de Joana Emília da Fonseca Coelho, prefeito entre 1963-1968 e 1972-1977. O entrecruzamento entre as famílias foi um complicador durante a realização da pesquisa. O casamento de Elsa e Cláudio, por exemplo, é tanto endogâmico (já que eles são primos de terceiro grau na linhagem dos Fonseca) quanto uma aliança entre duas famílias da elite cuiteense.

⁵² Segundo Lewin (1993), os casamentos entre primos nas famílias de elite demonstra como a força de parentes consolidava e mantinha redes de poder econômico e político e a coesão social do grupo familiar.

Ao entrevistar, Eliana Martha, filha de Rivaldo Silvério da Fonseca e Maria Elita, ela fala sobre seu pai e seu avô, Basílio Magno da Fonseca:

Papai muita gente conhece né, papai foi formado em direito, foi o único membro da família de vô Basílio que chegou a se formar em um curso superior em direito, assim como tio Orlando foi o único membro formado em curso superior da família de vô Jeremias. Naquela época era muito difícil deslocamento, o curso tinha que ser em Recife e ele se formou em Recife. Teve muita dificuldade, inclusive uma coisa muito interessante de meu pai é que teve um período de uma crise muito grande e meu avô Basílio faliu porque tinha feito uma encomenda muito grande e não quis como os outros devolver e assumiu a dívida e faliu. E meu pai não tinha condições de fazer o curso diretamente em Recife, então o que aconteceu, ele ficava em Cuité, tinha dois colegas dele, eu cheguei a conhecer na festa de cinquenta anos de formatura, dois colegas dele e o bedel que era o inspetor, eles...os colegas taquígrafavam as aulas e o bedel datilografava e mandava diariamente pelo correio para meu pai e quando faltava mais ou menos uma semana para provas é que meu pai ia pra Recife e aí assistia as aulas. Os professores davam frequência a ele porque sabiam das dificuldades e ele fazia as provas e, assim, ele se formou com toda essa dificuldade. Se formou e exerceu a função de juiz de direito na cidade de Areia, aqui em Campina Grande mas, antes se eu não me engano teve uma cidade do sertão, não me lembro se foi Piancó, um pequeno período substituindo um juiz de férias. E depois acabou sendo nomeado desembargador e se aposentou como desembargador. (Eliana Martha dos Santos Fonseca, entrevistada em 28/08/2017).

Eliana Martha falou também sobre os vínculos da família com a propriedade da terra:

Até onde eu sei eles tinham a propriedade mas vivam mais na rua. Por que o que eu sei é dos meus bisavós que moravam na zona rural né. Inclusive, papai e mamãe eram primos legítimos. São uma família só né e, os meus bisavós maternos moravam na propriedade chamada Baixa Verde no Rio Grande do Norte, moravam lá em Baixa Verde depois foi que vieram morar na cidade mas, já cidade de Cuité. (Eliana Martha dos Santos Fonseca, entrevistada em 28/08/2017).

Em um outro trecho Eliana relata que sua mãe dirigia uma Cooperativa de Crédito fundada por seu avô, Jeremias Venâncio dos Santos. A influência da família nesta cooperativa condensa os capitais econômico, político e simbólico que a família tinha no município:

Mamãe dirigiu muito tempo a Cooperativa de Crédito Agrícola que era uma entidade só para o financiamento do pequeno agricultor, que a

cooperativa pegava empréstimos no Banco do Brasil, do banco. (...), muitas vezes ia até em Recife e justamente a finalidade era o pequeno agricultor, então ela conhecia a zona rural, conhecia todo mundo. Conhecia tudo. (Eliana Martha dos Santos Fonseca, entrevistada em 28/08/2017)

E mamãe, a vida toda, esteve a frente da Cooperativa Agrícola de Cuité. Foi fundada pelo meu avô Jeremias Venâncio dos Santos e mamãe ficou é...tinha o presidente mas, o presidente tinha uma função mais decorativa porque na realidade o cabeça de tudo, quem resolvia tudo, quem fazia, empréstimo, quem viajava...teve inverno que mamãe teve que viajar de teco-teco para Recife e voltar para Cuité só pra trazer dinheiro para os agricultores. Quem vivia a frente de tudo era mamãe né. O presidente assinava tudo, logicamente mas só que quem realmente realizava tudo era mamãe. Inclusive nas férias eu gostava muito de ficar na cooperativa ajudando mamãe, ajudando ela. (Eliana Martha dos Santos Fonseca, entrevistada em 28/08/2017)

1.6.2 Família Venâncio dos Santos

A família Venâncio dos Santos também começa a ocupação de cargos políticos no século XIX, já que Jorge Venâncio dos Santos⁵³ aparece em 1899 como Vice-Presidente da municipalidade e em 1904 como Presidente do Conselho Municipal de Intendência. Seu irmão, o Capitão João Venâncio dos Santos (cf. BOX 5) era o delegado de polícia em 1899 no ALMANAK – Administrativo, Mercantil e Industrial do Estado da Parahyba, datado de 1899⁵⁴.

Dos filhos do Capitão João Venâncio dos Santos (com quem demos início a esta linhagem familiar, cf. DIAGRAMA 2), Jeremias Venâncio dos Santos ocupou cargo como integrante do Conselho de Intendência Municipal por dois mandatos, entre final do século XIX e início do século XX, foi Deputado Estadual em 1935, fundador da Cooperativa de Crédito Rural de Cuité, em 1936, e da Sociedade São Vicente de Paulo, entidade beneficente dedicada à assistência aos pobres ainda hoje existente. Foi ainda prefeito nomeado em 1940 (cf. BOX 6).

No livro *Ao nosso querido Osvaldo*, no capítulo *Seus Pais*, encontramos um texto escrito em 1979 por Maria Elita dos Santos Fonseca⁵⁵ que narra

Ao assumir uma cadeira de Deputado Estadual em 1935, o seu maior objetivo no exercício do mandato, foi lutar pela restauração do

⁵³ Filho de José Venâncio e Josefa Maria do Nascimento. Irmão do Capitão João Venâncio e de Ana Avelina dos Santos, casada com Vicente Ferreira da Fonseca (cunhado).

⁵⁴ Almanach Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Parahyba, 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=313394&PagFis=17060&Pesq=paraiba+cuite>.

Acesso: 30/11/18

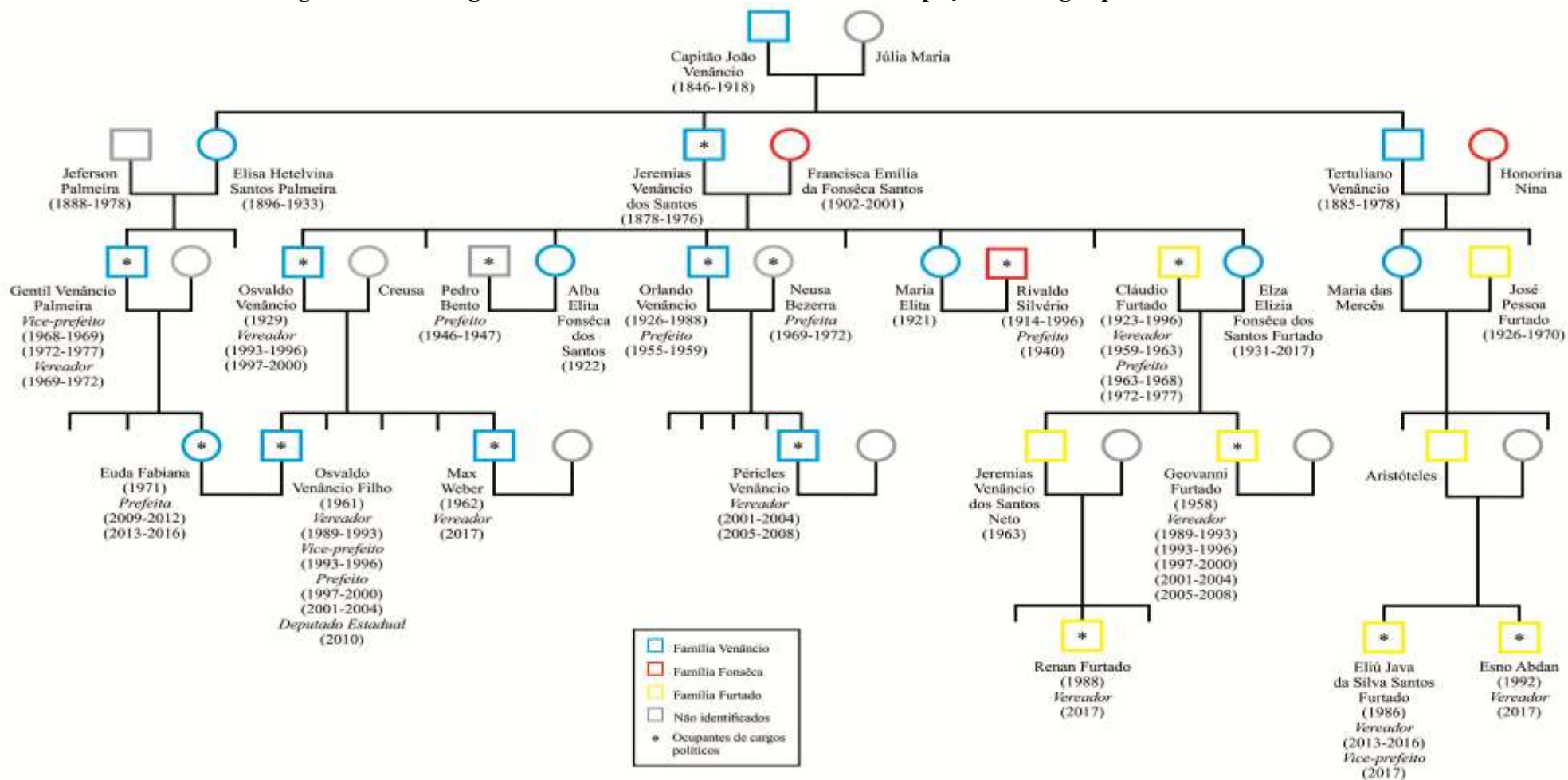
⁵⁵ Irmã de Osvaldo Venâncio dos Santos.

município de Cuité, que havia perdido sua condição de sede em 1904, o que veio afinal obter, com a ajuda de seus conterrâneos o indispensável apoio do Governador e seu amigo Argemiro Figueiredo. Fato que foi, na época, considerado um grande feito e deu uma prova inequívoca da habilidade política do homenageado, pois sabemos que naquele tempo não era fácil de conseguir a criação de município e o que mais admirou a Assembleia, com todos os seus deputados dar uma votação unânime ao projeto que pedia a restauração do município de Cuité, contando assim com o apoio da bancada de oposição. Ainda hoje se recorda e se rememora as alegrias que esta terra sentiu naqueles dias que antecederam a criação deste município e também a grande festa que foi promovida com tanto carinho e satisfação, dela participando pessoas importantes de quase todo o Estado. (VENÂNCIO, 2010, p 14)

Os descendentes de Jeremias dos Santos vão durante décadas ocupar cargos políticos centrais no município de Cuité como prefeitos, vereadores e presidentes da câmara municipal. Seus filhos ou genros foram prefeitos e vereadores e seus netos também ocuparam cargos políticos. No século XXI, eles ainda permanecem no poder (DIAGRAMA 2).

Na família Venâncio dos Santos ocuparam cargos políticos em Cuité, além de Jeremias Venâncio dos Santos: seu filho, Orlando Venâncio dos Santos, foi prefeito entre 1955 e 1959; seu primo, Gentil Venâncio dos Santos Palmeira, foi vice-prefeito entre 1963 e 1968 e 1973 e 1977; sua nora, Neusa Bezerra dos Santos (casada com Orlando Venâncio dos Santos), foi prefeita entre 1969 e 1972; seu filho Osvaldo Venâncio dos Santos foi vereador entre 1993 e 1996 e 1997 e 2000, Presidente da Câmara Municipal nos biênios 1993/1994 e 1997/1998 e candidato derrotado a prefeito nas eleições de 1988; seu neto, Osvaldo Venâncio dos Santos Filho (Bado), foi vereador entre 1989 e 1992, Presidente da Câmara Municipal no biênio 1989/1990, vice-prefeito entre 1993 e 1996; prefeito em dois mandatos (1997/2000 e 2001/ 2004) e deputado estadual suplente, assumindo o mandato durante 123 dias em 2013; Euda Fabiana de Farias Palmeira Venâncio (esposa e prima de Osvaldo Venâncio dos Santos Filho) foi prefeita entre 2009 e 2012 e 2013 e 2016; seu neto, Giovanne dos Santos Furtado, foi vereador entre 1989 e 2008 e Presidente da Câmara Municipal; seu neto, Max Weber Venâncio dos Santos (Quinho), é vereador desde 2008; seu neto, Péricles Venâncio dos Santos, foi vereador entre 2001 e 2007 e candidato derrotado por Euda Fabiana de Farias Palmeira Venâncio nas eleições de 2008; seu bisneto, Renan Texeira dos Santos Furtado, é vereador desde 2012 e é atual Presidente da Câmara Municipal, com mandato até 2020 (PEREIRA SOBRINHO, 2001; 2008; cf. DIAGRAMA 2).

Diagrama 2: Linhagem da família Venâncio dos Santos e ocupação de cargos políticos em Cuité -PB.



Fonte: Elaboração própria a partir Pereira Sobrinho(2001,2008), inventários e entrevistas.

Da linhagem de Tertuliano Venâncio dos Santos (assim como Jeremias, filho do Capitão João Venâncio), casado com Honorina Nina (filha de Francisco Theodoro da Fonseca e Maximina Leopoldina da Fonseca), assumiram cargos políticos em Cuité: seu neto, Cleanto Santos de Macêdo, foi vereador entre 1973 e 1977; seus bisnetos, Eliú Javã Silva Santos Furtado, foi vereador entre 2008 e 2016 e atualmente é o vice-prefeito (2017-2020) e Enos Abdan Silva Santos Furtado é vereador desde 2017 (cf. DIAGRAMAS 1 e 2). Nota-se que esta linhagem associa-se à família Furtado, que analisaremos a seguir. Ressaltamos, ainda, que na última eleição municipal, este ramo da família Venâncio dos Santos apoiou Charles Cristiano Inácio da Silva (irmão da primeira esposa de Bado) contra o candidato do casal Bado e Euda, Fabiano Valério de Farias da Fonseca.

Entre todas as famílias da elite cuiteense, os Venâncio dos Santos são os que apresentam a maior longevidade em termos de influência na política local. São pelo menos quatro gerações de políticos, distribuídos em três ramos: o principal, dos descendentes de Jeremias Venâncio dos Santos; o ramo dos descendentes de Elisa Etelvina Santos Palmeira, que, como Jeremias, é filha do Capitão João Venâncio dos Santos; e o ramo de Tertuliano Venâncio dos Santos, também filho do Capitão João Venâncio, todos eles nascidos no final do século XIX (DIAGRAMA 2). Assim, a família Venâncio dos Santos cobre mais de 100 anos na ocupação de cargos políticos em Cuité, sendo provavelmente a mais influente entre elas no início do século XXI.

Os casamentos endogâmicos também eram comuns entre os Venâncio dos Santos. Esta família apresenta um caso mais recente e destacado deste tipo de estratégia matrimonial: Osvaldo Venâncio dos Santos Filho casou com a prima distante Euda Fabiana de Farias Palmeira Venâncio (cf. DIAGRAMA 2). O casal dominou a política local nas décadas de 1990 e 2000, totalizando quatro mandatos de prefeito municipal. Na eleição de 2018, o casal amargou, porém, uma segunda derrota, depois de terem perdido a prefeitura em 2016. Euda, candidata a deputada estadual, obteve 5.230 votos em Cuité, representando 41,81% do total, enquanto Rafaela Camaraense, filha do atual prefeito, Charles Cristiano Inácio da Silva, obteve 5.465 votos, representando 43,69 dos votos válidos para deputado estadual no município. Estes dados mostram uma disputa acirrada, que expressa a divisão política histórica entre as famílias Venâncio dos Santos

e da Costa Pereira (apoiadores de Rafaela Camaraense e de seu pai), com pequena vantagem para os últimos nas duas últimas eleições⁵⁶.

Ao entrevistar, em agosto de 2018, Péricles Venâncio dos Santos⁵⁷, neto de Jeremias Venâncio, residente atualmente em Natal -RN, perguntamos sobre a família e se esta era possuidora de terras e se estas terras eram originárias do Capitão João Venâncio ou de seu avô Jeremias. E se isto também foi um fator que influenciou na força política na família. Ele respondeu:

Eu não sei, exatamente. Eu acho que é. João Venâncio tinha terras na região, ele tinha bastante terras, né, só que ele não conseguiu passar pra vô Jeremias. Essa, paixão, esse amor, não sei como dizer, por terra, né, tanto é que acho que a partir de vô Jeremias, vô Jeremias herdou alguma coisa da família do pai dele e não aumentou esse patrimônio. Patrimônio, assim, em questão de terras, não comprava, não era uma pessoa que se dedicava a terra e fazia da terra um meio de vida. O que ele herdou eu acho que ele repassou para os filhos e aí os filhos, então, nenhum deles não tinham a menor, a menor vocação pra terra, né. Nenhuma identificação, até por conta, ele, teve essa preocupação de não passar isso pra os filhos. (Péricles Venâncio dos Santos, entrevistado em 12/08/2018)

Péricles também narra que eles deviam ter algum recurso financeiro, na época:

(...) é eu não sei como era a questão financeira na época mas, assim, devia ter algumas posses, alguma situação boa porque ele, por exemplo, conseguiu na época mandar papai⁵⁸ pra estudar em Recife. Papai passou cinco anos morando em Recife, antes já tinha estudado em João Pessoa, acho no Liceu Paraibano. Depois fez a faculdade toda em Recife, naquela época que até pra o deslocamento era complicado, parece que ia pra Campina de carro e em Campina pegava um trem, ia de Campina pra Recife de trem, passava dois dias pra chegar, então, só vinha em casa de seis em seis meses quando ele fazia faculdade lá. Então, o que ele conseguiu passar esta questão de terras, eu acho que muito pouco que foi o que depois foi dividido entre os filhos quando ele morreu a herança, que era uma terra lá na região do Maribondo (...). (Péricles Venâncio dos Santos, entrevistado em 12/08/2018)

⁵⁶ Nas eleições para Prefeito municipal disputadas entre 1946 e 2003, a diferença de votos entre eleitos e não eleitos costumaram ser pequenas, chamando a atenção para a eleição de 1954, em que Orlando Venâncio dos Santos foi eleito com apenas 03 votos de maioria, derrotando um membro da família da Costa Pereira, José Pereira (PEREIRA SOBRINHO, 2001)

⁵⁷ Engenheiro Civil e é Policial Rodoviário Federal. Foi vereador em Cuité e concorreu nas eleições de 2008 pela disputa da Prefeitura contra Euda Fabiana Palmeira Venâncio, esposa de seu primo Bado – Osvaldo Venâncio dos Santos Filho.

⁵⁸ Orlando Venâncio dos Santos era advogado, foi prefeito do município de Cuité e também ocupou cargo de Procurador do Instituto de Previdência do Brasil que ao longo dos anos mudou de denominações e foi um dos articuladores político da família Venâncio dos Santos.

Quanto ao poder, narra que nunca foi ligado na história:

(...) a família de papai, de vô Jeremias, ninguém tinha isso e o pouco que ele tinha foi o pouco que ele herdou e repassou pra os filhos que herdaram e depois isso acabou. Então, acho que o poder, o poder político dele de ter sido o primeiro prefeito da cidade, né, nomeado, eu acho que veio do pai de ter chegado primeiro aqui e de ter ocupado as terras, aquela coisa toda, não sou um conhecedor da história (risos), da história da família, nunca me liguei de ver isso aí não. Me lembrei agora uma pessoa que tinha uma influência muito grande na família era minha tia Elita. Ela era como se fosse a conselheira geral dos irmãos, ela era muitas vezes quem dava a palavra final em determinadas coisas na política era ela, principalmente, depois que papai morreu, então, passou a ser ela mesmo (...). Ela quem muitas vezes se encontrava com alguns políticos maiores, candidato a governador, então, ela era uma grande articuladora, né e, tinha esse poder de..., ela se sobressaia dentro da família. (Péricles Venâncio dos Santos, entrevistado em 12/08/2018)

Ele entrou na política no final dos anos 1990, quando retorna a Cuité e seu primo foi eleito prefeito

Bado ganhou a prefeitura, então é a chance de tá lá e vou me envolver na política, vou me envolver, uma coisa, assim, até então nunca tinha pensado nisso, aí comecei a plantar, deu tudo errado, né, só prejuízo no maracujá mas, aí comecei a trabalhar com ele. Só voltando, na eleição que ele foi candidato a prefeito, eu fui candidato a vereador, já estava em Cuité há um ano, mais ou menos, eu vim antes disso, na verdade, eu vim antes e eu fui candidato a vereador e algumas pessoa botando na minha cabeça, (...) tem o recall de sua mãe que foi prefeita, todo mundo sabe, conhece ela em Cuité, conhece vocês, então você tem uma chance grande de se eleger. (Péricles Venâncio dos Santos, entrevistado em 12/08/2018)

Em 2008, Péricles vai enfrentar seu primo (Osvaldo Venâncio dos Santos Filho, conhecido como “Bado”) cuja esposa, Euda Fabiana Palmeira Venâncio, é candidata a prefeita. A família Venâncio dos Santos vai sofrer uma ruptura quando os dois primos entram em atrito e um deles se junta com os da Costa Pereira, inimigos políticos de muitas décadas.

(...) e aí quando terminou a campanha, antes de terminar a campanha eu fui lá no gabinete dele e disse que estava de saída, que estava saindo da prefeitura e que não concordava com um monte de coisa e que não ia ficar, aí terminou a campanha, saiu minha exoneração e, aí começou o racha mesmo do grupo do PT com o PMDB e politicamente meu com ele, então a família partida no meio. (Péricles Venâncio dos Santos, entrevistado em 12/08/2018)

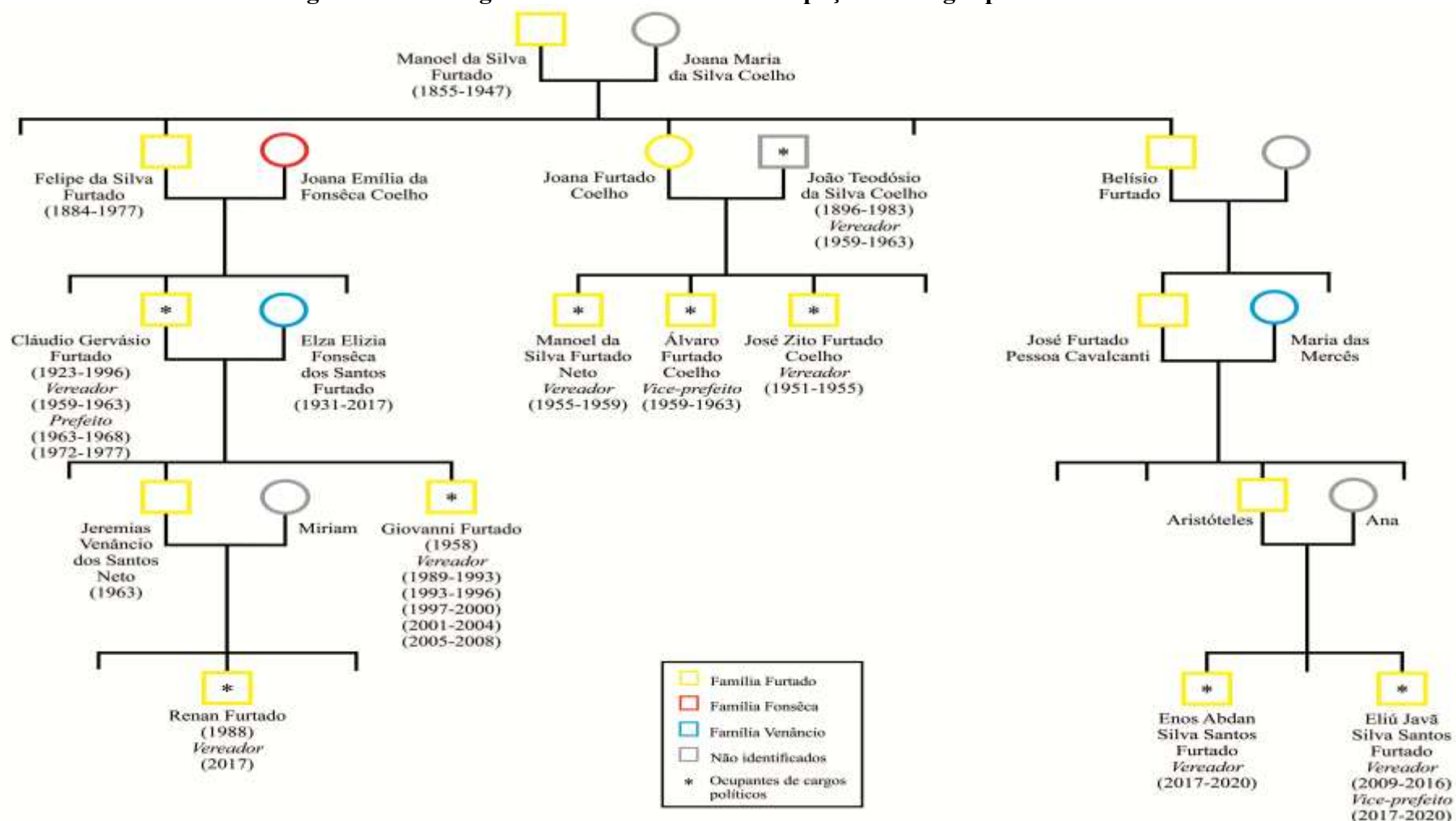
1.6.3 Família Furtado

Na família Furtado (DIAGRAMA 3), começamos nossa árvore genealógica com Manuel da Silva Furtado, cujos descendentes ocuparam e ainda ocupam cargos políticos em Cuité. Os seus netos Cláudio Gervásio Furtado (vereador em dois mandatos, entre 1959-1962; presidente da Câmara Municipal em 1961-1962; e prefeito em dois mandatos, entre 1963-1968 e 1972-1977) José Zito da Silva Coelho (vereador entre 1951-1955), Manuel da Silva Furtado Neto (vereador entre 1959-1963) e Álvaro da Silva Furtado (vice-prefeito entre 1959-1963) participaram da política local. Seu genro, João Teodósio, foi vereador no período de 1959 a 1963.

O nome político mais destacado desta linhagem foi Cláudio Gervásio Furtado, que como já mencionado, casou com Elsa Elisia da Fonseca Furtado. Dos filhos de Cláudio, apenas Giovanni dos Santos Furtado permaneceu na política, exercendo o cargo de vereador durante vários mandatos, entre 1989 e 2008, seis legislaturas. E também Renan, filho de Jeremias Venâncio dos Santos Neto, neto de Cláudio Gervasio Furtado, que é vereador. A família Furtado permanece com alguns de seus descendentes na política, como o filho de Cláudio, Giovani Furtado e seu neto, Renan Furtado.

Entre as estratégias matrimoniais que conectam as famílias Fonseca, Venâncio dos Santos e Furtado, temos o casamento da filha de Jeremias, Elza Elísia, com Cláudio Furtado e segundo Elza Elísia “nossas mães eram primas legítimas, portanto nós éramos primos de terceiro grau (...)” (Furtado, 2005, p 11). Elza narra que “em 1959 Cláudio recebeu um convite para participar do Diretório Municipal do PTB, do qual, Orlando, meu irmão, fazia parte (...)” (Furtado, 2005, p 31) e, também afirma que “Cláudio nunca pensou em ser político, mas, com o nosso casamento, o convívio nas campanhas, terminou se contagiando, até seu pai candidatou-se uma vez a prefeito (...)” (Furtado, 2005, p 31).

Diagrama 3: Linhagem da família Furtado e ocupação de cargos políticos em Cuité - PB



Fonte: Elaboração própria a partir de inventários e entrevistas.

A filha do casal Tertuliano Venâncio dos Santos e Honorina Nina Fonseca dos Santos, Maria das Mercês, casa com José Pessoa Furtado (primo de Cláudio Gervásio Furtado), e seus netos, Eliú Java e Esno Abdan, como já mencionamos, são, respectivamente, atuais vice-prefeito e vereador. Em conversa com Aristóteles Pessoa Furtado, pai de Eliú e Abdan, ele informa que sempre deu apoio nas campanhas eleitorais e que sempre ficava na retaguarda, e faz uma analogia à vaquejada afirmando que “nunca mais será batedor de esteira”, ou seja, não mais ficará na retaguarda e tentará ocupar cargos políticos “principais”.

Em entrevista com Giovanni dos Santos Furtado, ele vai contar um pouco sobre o seu pai e diz

Ele foi estudar. Ele nasceu no Sítio Malhada de São Domingues aqui em Cuité. Ele trabalhava no pesado com o pai e os irmãos com tudo, aí uma irmã dele casou e foi morar em Araruna, tia Herondina e ele foi internado, ele estudava em Bananeiras, né, estudava lá em Bananeiras mas, estudou pouco tempo e foi embora. Voltou, aí botou uma bodega lá em Araruna, aí conheceu minha mãe, se apaixonou, casou, veio pra aqui, aí botou uma loja de miudeza, tinha sociedade com tia Adalgisa, irmã dele, uma solteira, depois ele saiu da sociedade, aí comprou um sítio aqui em Nova Floresta chamado Barro Branco. Aí esse Barro Branco era cheio de agave, na época agave estourou o preço, estavam chamando até ouro verde né, aí ele começou por ali, comprou o sítio Novo, com agave, comprou outro sítio chamado Pontal, com agave e dali começou a vida dele e subiu com agave né, aí comprou o Alegre, comprou muito gado, comprou a Fortuna, comprou o sítio Bela Vista e saiu comprando, né, aí comprou aqui a Chã da Serra. Eu sei que vivia de agricultura e pecuária, né. Aí quando casou com minha mãe, o meu avô era político, né, vô Jeremias era político, né. Aí vô Jeremias foi deputado e tal começou por ali, tio Orlando era político, tio Osvaldo e ele terminou entrando na política né. Aí em 1963 ele foi Prefeito, um mandato com cinco anos, depois ele apresentou tia Neusa, tia Neusa foi quatro anos e após tia Neusa ele ganhou de novo e foi prefeito quatro anos né, ele antes de ser prefeito tinha sido vereador e presidente da Câmara de Cuité, mas a vida dele realmente foi pecuária e agricultura e dos filhos dele só eu é que entrei na política, os filhos, agora... e no ramo de agricultura e pecuária né. (Giovanni dos Santos Furtado, entrevistado em 20/07/2017)

Entrevistamos, em Brasília, Ângela Furtado Cândido, filha de Cláudio Gervásio Furtado. Ela também diz que seu pai ingressou na política porque a família de sua mãe era:

Então assim ele primeiro foi comerciante, né, como deve saber, depois ele comprou uma terra pequena, foi na época do agave e o agave deu um dinheiro, graça a Deus, né. E ele progrediu e tal e depois comprou outra no Alegre e como a família de mamãe era política e a família de papai não era política, envolvida na política, aí papai entrou na política através da minha mãe. (Ângela Furtado Cândido, entrevistada em 01/08/2017)

Ângela Furtado Cândido relata ainda que seu pai não fazia discurso e não participava da rixa entre os Pereira e os Venâncio:

(...) papai não era uma pessoa agressiva, né, tanto é que terminavam as campanhas e as vezes ficavam rixa entre Pereira e Venâncio, essas coisas assim, mas papai não tinha inimizade nenhuma, entendeu? Com Jaime Pereira, que eram os dois, eram assim as duas famílias né, mas papai não criava inimizades primeiro porque ele não fazia discurso. (Ângela Furtado Cândido, entrevistada em 01/08/2017)

Giovani dos Santos Furtado em entrevista narra:

Vou contar uma coisa interessante. Eu criança fui pra uma campanha na zona rural com meu pai e Sossego na época era distrito de Cuité. Meu pai foi visitar Sossego, Sossego na época só tinha uma rua, uma casa de lado e de outro, só uma rua mesmo, era comprida, hoje não ela cresceu, aí eu comecei a visitar com pai esta rua quando a gente olhou Jaime começou lá, quando nós chegamos, tínhamos que NOS encontrar, tinha? Aí pai bateu assim nele e disse “mas Jaime – aquele jeitão manso dele – o que é Cláudio? “Tá desmanchando o que eu estou fazendo”. Aí ele só fez responder, “e você também”, eram amigos. Não tinha confusão. Toda campanha eu ia lá em Jaime para ele avalizar pai lá no banco, mas tudo que devia ele lá no escritório de pai para pai avalizar. (Giovanni dos Santos Furtado, entrevistado em 20/07/2017)

Nestas narrativas, os filhos de Cláudio Gervásio Furtado vão informando a influência da família Venâncio dos Santos e o seu poder na política local, a aliança através do casamento, as rixas entre as duas famílias rivais.

1.6.4 Família da Costa Pereira

A linhagem dos da Costa Pereira (DIAGRAMA 4) começa com o Capitão Anacleto da Costa Pereira, por sua vez casado, em segundas núpcias, com Maria Florentina da Costa, filha de Antônio Januário da Fonseca. Seus filhos, netos e bisnetos

participariam do cenário político no município de Cuité e até os dias atuais permanecem em oposição aos Venâncio dos Santos. Seu genro e sobrinho, Ulisses Viana da Costa foi vereador (1947-1951); seu filho, Pedro Viana da Costa, foi prefeito (1937); seu sobrinho, Benedito Marinho da Costa, foi vereador (1947-1951) e foi o primeiro prefeito (1959-1963) no município de Nova Floresta (antigo distrito de Cuité); seu neto, Jaime da Costa Pereira, foi prefeito (1959-1963), seu neto José da Costa Pereira foi deputado estadual durante vários mandatos (1958- 1970); seu bisneto, Gutemberg da Costa Pereira, foi vereador (2001-2004); e o também bisneto, Jaime da Costa Pereira Filho, prefeito (1983-1988), liderando atualmente a oposição aos Venâncio dos Santos e, eleitoralmente, detém a “metade” dos votos do município.

Em 1899, o filho do Capitão Anacleto, Pedro Vianna da Costa Pereira, era um dos conselheiros municipais e também importante comerciante; Thomaz Soares da Costa Campos, irmão do Capitão Anacleto, era o prefeito; o Capitão Anacleto da Costa Pereira era um dos suplentes do juiz e seu irmão José Brasiliense da Costa Pereira estava na subdelegacia de polícia⁵⁹.

Hamilton Marinho da Costa, bisneto do Capitão Anacleto Pereira da Costa e filho de Benedito Marinho da Costa, em seu livro *Memórias e Retalhos*, publicado em 2016, narra que:

Benedito Marinho também foi representante de Nova Floresta na Câmara de vereadores de Cuité. Foi eleito pela UDN, em 1947, por 215 votos, no total de 1.383 votos naquela eleição.

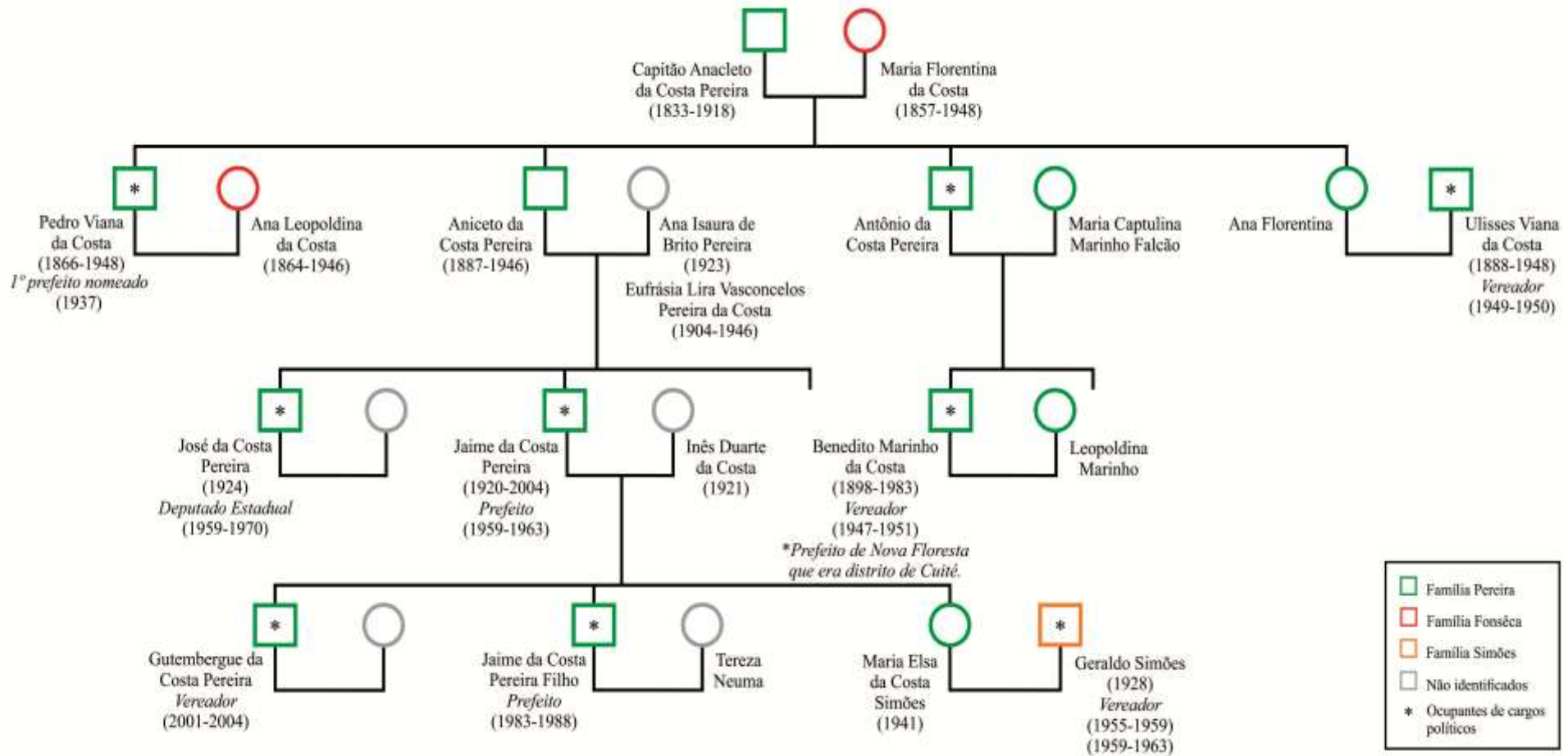
Em 1955, foi reeleito vereador, também pela UDN, por 288 votos, sendo o terceiro mais votado, do total de 3.170 votantes. (...)

Foi até hoje o prefeito mais votado da história da cidade [de Nova Floresta], 464 votos, contra 93 votos do opositor, Osvaldo Venâncio dos Santos. Tomou posse em 30 de novembro de 1959, permanecendo no cargo até janeiro de 1963.

Na família da Costa Pereira, a filha de Jaime da Costa Pereira vai se casar com Geraldo Simões Pimenta, que também vai ocupar o cargo de vereador entre 1955 e 1963. Geraldo é filho de Pedro Simões, que vai ocupar o cargo de prefeito no município de Cuité no período de 1951 a 1959, como veremos a seguir.

⁵⁹ Almanach Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Parahyba, 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=313394&PagFis=17060&Pesq=paraiba+cuite>. Acesso: 30/11/18.

Diagrama 4: Linhagem da família da Costa Pereira e ocupação de cargos políticos em Cuité -PB.



Fonte: Elaboração própria a partir Pereira Sobrinho (2001,2008), inventários e entrevistas.

1.6.5 Família Simões

A linhagem dos Simões (DIAGRAMA 5), que entre todas as famílias aqui estudadas é a que teve mais curta influência política direta, foi, por outro lado, grande proprietária de terras no século XX. A linhagem começa com Joaquim Simões, pai de Pedro Simões Pimenta, principal nome político da família, que foi prefeito do município de Cuité (1951-1955), vencendo a eleição contra Orlando Venâncio dos Santos, além de vereador (1937). Seu filho, Geraldo Simões, foi vereador (1955-1962) e seu neto, Leinaldo Simões, vereador (1983-1988).

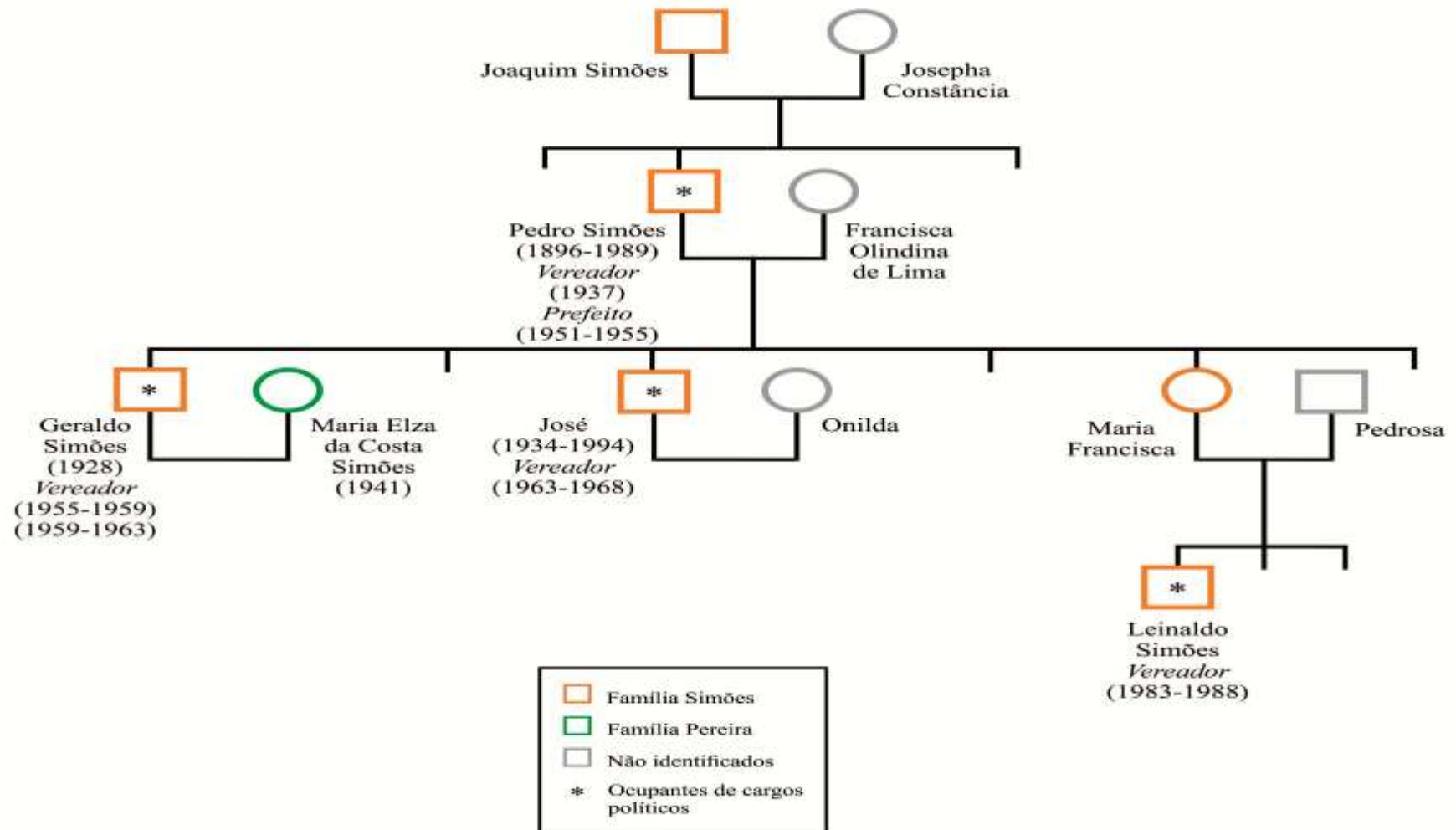
Em entrevista com Geraldo Simões e sua esposa, Maria Elsa da Costa Simões, realizada na fazenda do casal em Belém (PB), eles narram um pouco da sua história. Geraldo diz:

Eu sou de Cuité, nasci em Malhada da Cruz, município de Cuité, longe de Cuité, uns 50 km, me criei lá, me familiarizei lá. Papai era proprietário agropecuarista e eu também ingressei. Estudei um ano em Campina Grande, fiz o primário somente, no Alfredo Dantas. Nós éramos seis, três homens e três mulheres. Geraldo, José, na pecuária, e Rivaldo foi o primeiro engenheiro, tornou-se engenheiro, foi o primeiro engenheiro de Cuité e eu e José ficamos na pecuária. (Geraldo Simões, entrevistado em agosto de 2017)

Sua esposa ajuda com as respostas:

Porque era muito difícil o estudo, e ele ia estudar em Araruna. Ainda estudou um ano em Araruna. Depois seu Pedro, ainda, colocou Honorina aqui no colégio de Bananeiras e ele tinha muita vontade de verem os meninos estudarem, colocou José também no Alfredo Dantas e colocou Rivaldo. Só que eles dois saíram e Rivaldo ficou. Aí seu Pedro Simões veio morar, justamente, para ver se educava ele, né, mas quando eles moravam lá no *Jardim*, embaixo próximo ao *Campo de Aviação*, você vê a fazenda, aí eles iam a pé estudar em Cuité, depois é que eles foram para o internato. (Maria Elsa da Costa Simões, entrevistada em agosto de 2017)

Diagrama 5: Linhagem da família da Simões e ocupação de cargos políticos em Cuité -PB.



Fonte: Elaboração própria a partir de inventários e entrevista

Em entrevista com Péricles Venâncio dos Santos, foi perguntado sobre a família Simões e sua notoriedade como políticos:

Eles tinham muita força... O seu Pedro Simões, que era o pai de Geraldo, né, tinha força política, tinha um prestígio grande. Eu acho que até a questão do poder econômico. Ele era um homem que tinha muita terra, então, ele tinha esse poder político grande. Tanto é que na época ele conseguiu nomear Geraldo Simões e tem um irmão deles, Rivaldo Simões, que ocupou durante muito tempo um cargo grande no governo do Estado na época da... 67, eu não sei. Então ele tinha uma certa influência política, não sei se pela condição econômica dele, mas ele tinha, tentou...ele foi prefeito da cidade também Pedro Simões. (Péricles Venâncio dos Santos, entrevistado em 08/2018)

Alguns dos descendentes da família Simões permanecem no município, contudo, não ocuparam mais cargos políticos, mas ainda detêm algum capital simbólico, pois nas eleições estaduais paraibanas de 2018 foi publicado em um blog uma foto com alguns membros da família declarando seu apoio a uma determinada candidatura e o rompimento com os Venâncio dos Santos. Os membros da família Simões são os que menos constituem trajetórias diretamente relacionadas à política, o que não significa dizer que o poder simbólico de seus nomes seja menor na constituição das relações.

1.6.6 Poder político em Cuité: um negócio entre famílias de elite

Buscamos demonstrar, nesta seção, o predomínio político das cinco famílias da elite cuiteense que pesquisamos nesta tese de doutorado. Entre 1947, ano da primeira eleição direta para prefeito no município, e 2016, último mandato de Euda Fabiana de Farias Palmeira Venâncio, totalizando 16 disputas eleitorais, representantes das cinco famílias só não foram eleitos prefeitos em quatro oportunidades: 1978-1982⁶⁰, 1989-1993⁶¹, 1993 a 1996⁶² (mas o vice-prefeito é um Venâncio dos Santos) e 2005-2008⁶³ (mas o vice-prefeito era um Fonseca). Três destas derrotas foram para o médico Antônio

⁶⁰ Membros das famílias Venâncio dos Santos foram derrotados por Antônio Medeiros Dantas, ainda hoje médico local e na época aliado da família da Costa Pereira.

⁶¹ Mais uma vez a família Venâncio dos Santos é derrotada eleitoralmente, perdendo para Cícero Cândido da Silva, na época advogado, e posteriormente membro do Ministério Público Estadual, apoiado pelos da Costa Pereira. Foi um dos principais responsáveis pela denúncia que resultou na inelegibilidade de Osvaldo Venâncio dos Santos Filho (Bado).

⁶² O médico Antônio Medeiros Dantas ganha seu segundo mandato como prefeito, desta vez derrotando seu antigo aliado, Jaime da Costa Pereira Filho, também médico, com o apoio dos Venâncio dos Santos.

⁶³ Terceiro mandato de Antônio Medeiros Dantas, mais uma vez derrotando Jaime da Costa Pereira Filho, novamente apoiado pelos Venâncio dos Santos.

Medeiros Dantas, ora apoiado pelos da Costa Pereira contra candidatos dos Venâncio dos Santos, ora apoiado pelos Venâncio dos Santos contra os da Costa Pereira.

Estas famílias eram proprietárias de terras no final do século XIX e ao longo do século XX. A propriedade da terra, porém, não explica totalmente o domínio político, já que, nas últimas décadas, como demonstramos, suas propriedades têm sido divididas, vendidas ou desapropriadas para fins de reforma agrária. A dissolução do patrimônio fundiário, contudo, não dilapidou o capital simbólico/eleitoral destas famílias.

Só o capital econômico, portanto, é insuficiente para explicar o sucesso eleitoral. O nome da família se converte num capital político e simbólico, ativado a cada quatro anos nas disputas municipais. Na verdade, terminadas as eleições, as rivalidades permanecem, através de uma série de recursos políticos (cargos e favores, principalmente) que são permanentemente disputados.

A delimitação de posições políticas ocorre até mesmo quando da realização de velórios na cidade. Dependendo da ligação política que o cidadão falecido estabelecia com algumas destas famílias, seus velórios serão visitados por seus correligionários. No dia quatro de outubro de 2018, pudemos acompanhar dois “enterros”⁶⁴ realizados simultaneamente, cujos mortos pertenciam a grupos políticos opostos. Em cada lado era possível observar que os cortejos fúnebres eram seguidos, em grande parte, por pessoas do grupo político ao qual o morto pertencia, mesmo não sendo eles das famílias de elite.

As disputas eleitorais no município de Cuité permanecem, portanto, atreladas às famílias tradicionais e a suas rivalidades. Contudo, entre rupturas e permanências, não é possível desconsiderar as transformações recentes no cenário político, social e econômico do país e da região. Processos de modernização ressignificam permanentemente a influência política destas famílias, que precisam mudar suas estratégias eleitorais e suas alianças.

⁶⁴ Termo designado no interior para se referir ao acompanhamento de alguém falecido ao cemitério.

CAPÍTULO II

A DIASPÓRA DA ELITE CUITEENSE: DESLOCAMENTOS DOS DESCENDENTES

A partir dos anos 1960, duas tendências passam a se fortalecer em relação a estas famílias da elite local: um crescente deslocamento de seus membros mais jovens, que se mudam para outras cidades, como Campina Grande, João Pessoa, Recife, entre outras; e a dissolução do patrimônio fundiário. No município de Cuité, os filhos das famílias abastadas começaram a migrar para estudar em outras cidades e muitos destes membros não retornam mais. Consequentemente, após a morte dos patriarcas das famílias e a crise no setor rural, os filhos que migraram passam a dissolver o patrimônio fundiário e reinvestir o capital em outros patrimônios.

Este capítulo procura demarcar as linhas gerais do processo de deslocamento dos membros das principais famílias que compuseram, no século XX, a elite em Cuité (PB), que chamamos de diáspora, entendida como um processo que redefine a dinâmica social, cultural e histórica do pertencimento, referindo-se à perda progressiva dos laços de alguns dos descendentes das famílias da Fonseca, Furtado, da Costa Pereira e Venâncio dos Santos com a cidade de Cuité⁶⁵.

Hall (2003), em seu livro *Da diáspora – Identidades e mediações culturais*, afirma que situações de diáspora devem ser definidas pelas conjunturas históricas pessoais e estruturais. Para ele

(...) a identidade cultural não é fixa, e sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um "posicionamento", ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade. Isto não é qualquer coisa. Portanto, cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Temos que viver esse conjunto de posições de identidade com todas as suas especificidades. (HALL, 2003, p. 432-433)

⁶⁵ Neste capítulo, não trabalhamos com dados referentes aos deslocamentos da família Simões, mas o processo de diáspora também foi vivenciado por alguns de seus descendentes. As fontes para recuperar os dados desta família estavam menos acessíveis no momento da pesquisa e, assim, tomamos as outras quatro famílias para fundamentar as análises sobre os deslocamentos dos descendentes da elite cuiteense.

O deslocamento do sujeito diaspórico e sua condição produzem estranhamento, lembranças e indagações que envolvem, ao mesmo tempo, a relação do migrante com sua cidade de origem e com seu novo lar e a busca por uma identidade cultural. Mesmo que tradicionalmente o termo diáspora seja empregado para situações de grupos sociais subalternos, não é incomum sua utilização para falar de deslocamentos de membros da elite social. Guimarães (2002), por exemplo, chamou de diáspora o deslocamento de pesquisadores brasileiros na década de 1990. Gardner (2008) nomeou de diáspora o deslocamento transnacional de membros da elite indiana (classes médias e altas) e como suas vivências e estratégias se diferenciam dos migrantes indianos das classes mais pobres.

A diáspora dos membros das famílias de elite de Cuité ganha significado junto ao processo paralelo de dissolução do patrimônio fundiário, que expressa por sua vez processos sociais mais gerais, fazendo com que outras profissões sejam buscadas, normalmente associadas a algum tipo de formação superior. Buscamos, neste capítulo, descrever e analisar a diáspora dos descendentes das famílias de elite a partir da construção de árvores genealógicas que indicam o lugar de residência atual e a profissão dos membros das famílias e de entrevistas realizadas com estes sujeitos diaspóricos que estão hoje com idade acima de 50 anos. Em suas narrativas, eles combinam memórias da infância em Cuité e também suas experiências posteriores como residentes em outras localidades. Escolhemos trabalhar com este grupo justamente por esta situação de liminaridade. Seus filhos, por outro lado, ainda que possam manter algum tipo de vínculo com Cuité, nunca residiram na cidade.

No material coletado durante a fase de pesquisa, conseguimos uma árvore genealógica do casal Jaime da Costa Pereira (1920-2004) e Inês Duarte Costa (1921-). Eles tiveram 10 filhos (dos quais, apenas 01 ainda é residente em Cuité, enquanto um outro filho, médico, Jaime da Costa Pereira Filho, de quem já tratamos antes, reside em João Pessoa, mas mantém uma clínica em Cuité, onde atende uma vez por semana, e participa ativamente da vida política local). Estes 10 filhos (seis dos quais foram entrevistados durante a pesquisa) deram 28 netos (dos quais apenas um reside em Cuité e outra, filha de Jaime Filho, também trabalha na clínica do pai, mas mora em João Pessoa). Lembramos que o ramo de Jaime da Costa Pereira é o principal desta família e mesmo que ainda tenha bastante influência política local, como mostramos anteriormente, isso não significa que a estratégia dominante na família tenha sido a de manter laços com a cidade.

Do casal Claudio Gervásio Furtado e Elsa Elisia Fonseca dos Santos Furtado, são cinco filhos, dos quais apenas dois residem em Cuité. Duas filhas residem em Campina Grande e uma em Brasília (todas entrevistadas durante a pesquisa). Há ainda dados para outras famílias. Foram feitas entrevistas com membros da família Simões, Fonseca e Venâncio dos Santos.

As entrevistas foram feitas em meio às lembranças do passado, recompondo parte das trajetórias de sua vida. O passado em Cuité é relembrado e o “interior” emerge como o diferente da grande cidade. A cidade de Cuité é relembrada como o lugar simples e também, para alguns, como um lugar com o qual não se identifica mais, sem interesse de retornar para viver no município.

Ao pensarmos como os entrevistados vão articulando suas memórias, estes vão pontuando determinados acontecimentos que perpassam a memória dos demais membros da mesma família e vão construindo suas narrativas com suas histórias pessoais entrelaçadas com as memórias construídas coletivamente. Pollak (1992), ao falar de memória, afirma que:

Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente - houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tomam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala. Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de

identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p. 201).

A posição do sujeito dentro da sociedade depende do tempo e lugar. Portanto, as identificações identitárias significativas remetem à posição social que o indivíduo ocupa no grupo social.

Pollak (1992, p. 204) afirma que “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.” No caso dos entrevistados alguns pontos são recorrentes e a memória individual e coletiva se encontram em várias das histórias narradas. Nessas histórias, Cuité emerge como lugar que oscila entre o estranhamento e o familiar.

2.1. Deslocamento como estratégia de reprodução social das famílias de elite

A análise sobre as estratégias de reprodução social das famílias de elite em Cuité a partir da segunda metade do século XX revela a opção pelo deslocamento, associada ao acúmulo do que Bourdieu (2007) chamou de capital cultural⁶⁶, ou seja, mediante conversão de capital econômico e político através de investimentos na educação formal e adoção de profissões tipicamente urbanas.

Para dar conta de descrever este processo, construímos quatro diagramas genealógicos (Cf. DIAGRAMAS 6, 7, 8 e 9), um para cada uma das famílias (Fonseca, Furtado, da Costa Pereira e Venâncio dos Santos), tomando como ponto de partida uma figura mais destacada, em termos políticos, de cada uma das linhagens, para investigar o destino de seus descendentes diretos. Da família Fonseca, tomamos os descendentes de três dos dez filhos de Basílio Magno da Fonseca⁶⁷; para a família Furtado, os

⁶⁶ “Para o autor, esse conjunto de bens simbólicos abarcados sob a expressão de “capital cultural” pode existir sobre três modalidades (EE): a) em seu estado incorporado, apresenta-se como disposições ou predisposições duradouras que se entranham no corpo de uma pessoa, tornando-se suas propriedades físicas (ex.: posturas corporais, esquemas mentais, habilidades linguísticas, preferências estéticas, competências intelectuais, etc.). Esse é, para Bourdieu, o estado “fundamental” do capital cultural; b) em estado objetivado, configura-se como a posse de bens materiais que representam a cultura dominante (ex.: livros, obras de arte e toda sorte de objetos armazenados em bibliotecas, museus, laboratórios, galerias de arte, etc.); c) em seu estado institucionalizado, manifesta-se como atestado e reconhecimento institucional de competências culturais adquiridas (ex.: o diploma e todo tipo de certificado escolares)”. (NOGUEIRA, 2017, p. 105)

⁶⁷ Os dez filhos são: Rivaldo Silvério da Fonseca (ex-prefeito e desembargador, incluído no DIAGRAMA 6); Helena da Fonseca Bahia (sem filhos); Clóvis Clodomiro da Fonseca (oito filhos, dos quais quatro ainda residentes em Cuité e um já falecido); Maria Anita da Fonseca Limeira (incluída no DIAGRAMA 6); Honorina Risalva da Fonseca (sem filhos); Joana D’Arc da Fonseca (sem filhos); Hermes Heronides da Fonseca (uma filha, residente em João Pessoa); Aduino Augusto da Fonseca (ex-vereador, com uma filha, atualmente residente em João Pessoa); Amália Fonseca da Costa (incluída no DIAGRAMA 6) e Joao Elísio da Fonseca (com dois filhos).

descendentes de Cláudio Gervásio Furtado; para a família da Costa Pereira, os descendentes de Jaime da Costa Pereira; e para a família Venâncio dos Santos, os descendentes de dois dos sete filhos de Jeremias Venâncio dos Santos (cf. DIAGRAMA 2).

A análise dos diagramas genealógicos é complementada pelas memórias de alguns dos descendentes destas famílias, especialmente daqueles que fizeram parte da diáspora. Foram entrevistados doze descendentes, sendo um da família Fonseca, cinco da família Furtado, cinco da família da Costa Pereira e um da família Venâncio dos Santos. Nas entrevistas foram abordados diferentes temas, em especial as vivências familiares, os laços com Cuité e as experiências diaspóricas.

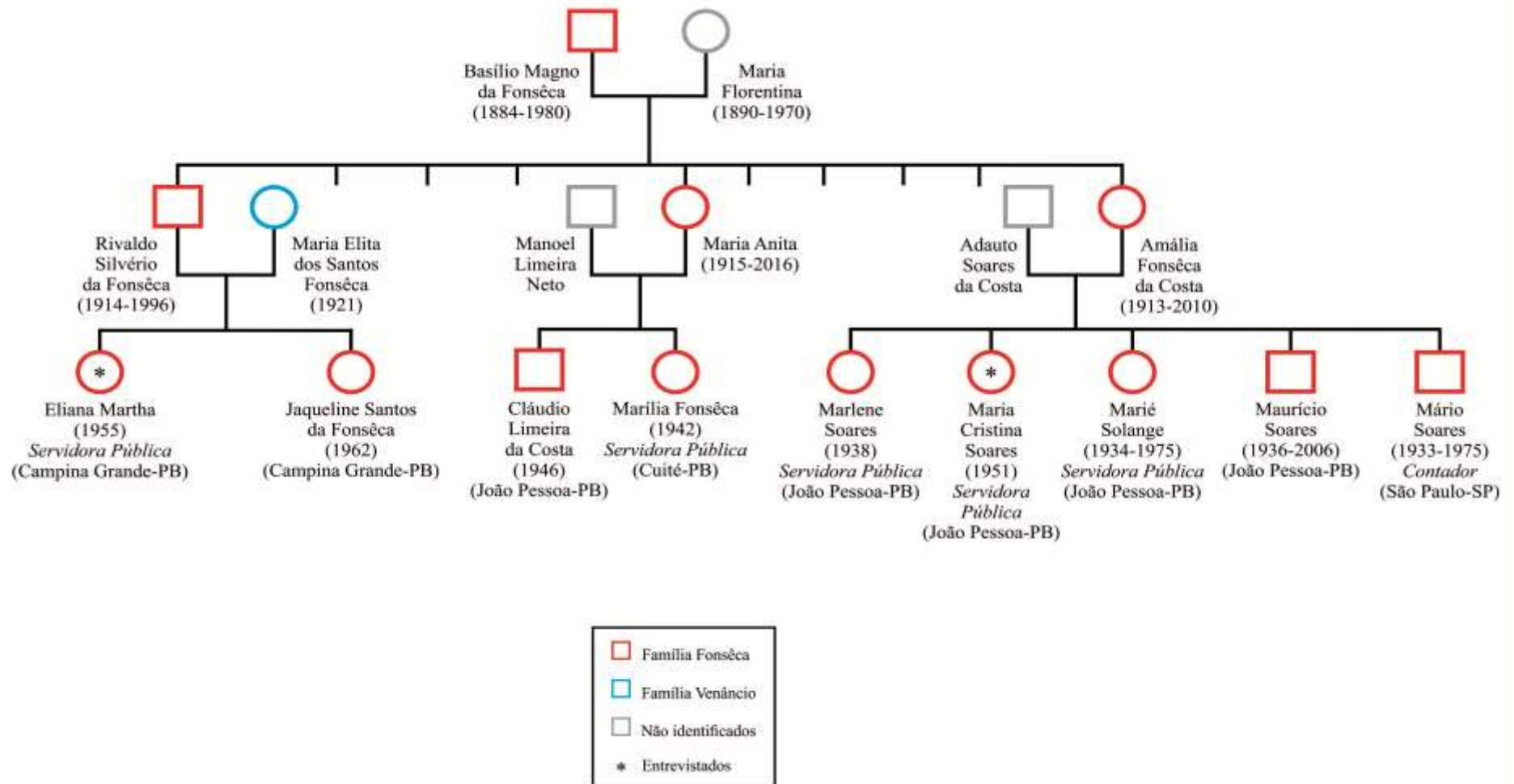
2.1.1. Diáspora na família Fonseca

Dos descendentes de Basílio Magno da Fonseca, o nome mais destacado foi o de Rivaldo Silvério da Fonseca, já falecido, casado com a primogênita de Jeremias Venâncio dos Santos, Maria Elita, que atualmente nomeia o Fórum da comarca de Cuité. Rivaldo foi prefeito e também desembargador do Tribunal de Justiça da Paraíba. Suas duas filhas residem atualmente em Campina Grande (PB): Eliana Marta dos Santos Fonseca, graduada em direito e procuradora aposentada, e Jaqueline Santos da Fonseca Almeida Gama, professora na Universidade Estadual da Paraíba. Todos os netos de Rivaldo nunca residiram em Cuité (DIAGRAMA 6).

Maria Anita da Fonseca Limeira, também filha de Basílio Magno, teve dois filhos, Cláudio Limeira, residente em João Pessoa, e Marília Fonseca, residente em Cuité, assim como sua filha e seus netos. Já Amália Fonseca da Costa, falecida em 2010, foi casada com Aduino Soares da Costa, ex-prefeito nomeado de Cuité, e teve cinco filhos: Marlene, Maria Cristina, Marie, Maurício e Mário. Destes, todos fizeram sua vida profissional fora de Cuité: três em João Pessoa, como servidores públicos, um em São Paulo, como contador e outro em João Pessoa, como servidor público (DIAGRAMA 6).

Entre os outros descendentes de Basílio Magno, há aqueles que residem ainda em Cuité, destacando-se alguns dos filhos de Clóvis Clodomiro da Fonseca, em cujas estratégias não se destacam os investimentos na aquisição de capital cultural. Por outro lado, não estão também envolvidos diretamente na vida política do município.

Diagrama 6: Diáspora dos descendentes da Família Fonseca



Fonte: Elaboração própria a partir Pereira Sobrinho (2001,2008), inventários e entrevistas.

Em conversa informal com Maria Cristina, filha de Amália Fonseca, ela relatou a trajetória de seu pai, que veio de Remígio com todos os seus irmãos, após seu avô (natural de Cuité) – que era comerciante próspero – ser assassinado por cangaceiros a mando de membros da sociedade local (SERAFIM, 1992). A família de dona Amália foi residir em João Pessoa na década de 1960 e seus filhos ocupam ou ocuparam cargos no serviço público, conforme documentação examinada em seu inventário. Eles se estabeleceram fora do município de Cuité e não voltaram a residir no município ou tiveram participação na política local.

Em entrevista com Eliana Martha, filha de Rivaldo Silvério da Fonseca, ao ser questionada se já tinha morado em Cuité, ela respondeu:

Não. Eu passava todas as férias em Cuité. Eu e minha irmã. Todas as férias que hoje é na casa de tia Diva que era da minha vó, vovó Jeremias, vovó Chicota passava as férias lá, então, nossa intimidade com Cuité é daquela época. (Eliana Martha dos Santos Fonseca, entrevistada em 28/08/2017)

O lugar se constitui importante para a memória da pessoa e por pertencimento ao grupo familiar. Assim,

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. (POLLAK, 1992, p. 2002)

Quando questionada se ainda mantinha a terra e se ainda mantém alguma ligação com a terra ou com a cidade, Eliana Martha respondeu:

Hoje em dia eu vou muito pouco a Cuité. Eu ia bastante, mas hoje em dia eu vou muito pouco, principalmente depois do acidente da minha filha que foi ali no contorno, não, na saída de Cuité para Campina Grande, no trevo. Foi gravíssimo e depois disso dali eu meio que receosa de viajar para aqueles lados porque não tem acostamento, é mão única e tudo. Aí dei uma parada, mas eu ia com mais frequência. Mas a gente tem propriedade, só que com essa seca, não tem como investir na propriedade, tem apenas um morador tomando conta, mas investimento mais em melhorias e tudo mais, em relação em explorar a propriedade, tá tudo parado né, esse ano foi primeiro que teve alguma coisa, chuva, mesmo assim. (Eliana Martha dos Santos Fonseca, entrevistada em 28/08/2017)

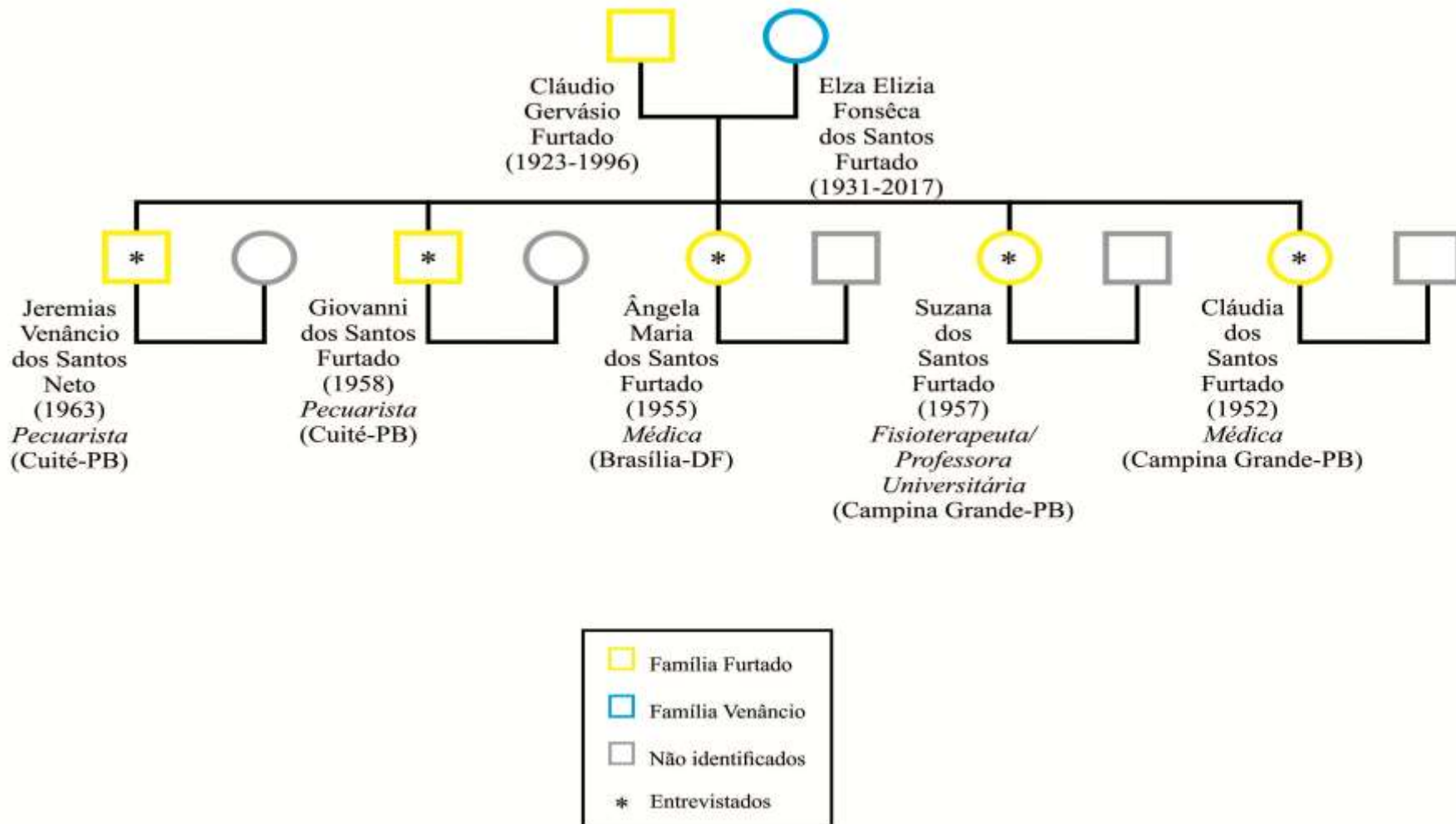
Ao falar sobre propriedades rurais, alguns herdeiros ainda permanecem em posse de suas terras herdadas, mas o contato parece cada vez mais distante, tendo como um dos fatores a seca recorrente na região que não permite o retorno do investimento e identificação de pertencimento ao lugar que vai se diluindo no decorrer das gerações de descendentes que vão perdendo o contato com o lugar.

As filha de Rivaldo Silvério da Fonseca não residiram no município, contudo, de acordo com relatos de Eliana Martha, estas sempre passaram férias na casa da família que está associada à memória do lugar e que os laços que os uniam à cidade estavam ligados à família, isto é, em memórias sobre a família, que é uma transferência a partir da memória dos pais. Também fica em evidência a representação do lugar gerada como sistema de significação concebida pela memória herdada de sua família.

2.1.2. Diáspora na família Furtado

Dos filhos de Cláudio Gervásio Furtado (cinco ao total), dois ainda residem em Cuité (Jeremias e Giovanni), enquanto as três filhas (Ângela, Suzana e Cláudia) residem em Brasília e Campina Grande. Tivemos a oportunidade de entrevistar seus cinco filhos. Nesta família, a estratégia do investimento em capital cultural é mais destacada justamente entre a descendência feminina. Ângela e Cláudia são médicas. Suzana graduou-se em fisioterapia e é professora da Universidade Estadual da Paraíba (DIAGRAMA 7). Estas três filhas deram a Cláudio Furtado sete netos, todos eles residentes fora de Cuité: dois médicos, dois odontólogos, um arquiteto, um advogado e um turismólogo. Dos filhos homens, são seis netos, dos quais três ainda residem em Cuité, sendo um deles atual presidente da Câmara Municipal. Entre esses seis netos, há um médico, um engenheiro, um odontólogo e dois bacharéis em direito. Assim, dos 13 netos de Cláudio Furtado, 10 residem atualmente em outras cidades.

Diagrama 7: Diáspora dos descendentes da Família Furtado – Cuité PB



Fonte: Elaboração própria a partir do inventários de Cláudio Gervásio Furtado e entrevistas.

Ao analisar a diáspora dos descendentes de Cláudio Furtado, é possível dizer que a posição social e econômica dos pais proporcionaram o deslocamento para outros municípios, em busca, principalmente de formação educacional. Das três filhas, duas casaram com pessoas sem vínculo com Cuité.

Em entrevista com Giovanni dos Santos Furtado, ele falou sobre sua trajetória e a de seus irmãos e filhos. Giovanni, diferentemente de suas irmãs, permaneceu no município de Cuité, contudo, seus filhos, após terminarem um curso universitário, também começaram a migrar para outras localidades. Giovanni ressalta as qualidades de seu genitor e a sua ligação com a política local:

Eu nasci em 1958, no dia 02 de agosto. Eu nasci na rua 15 de Novembro lá onde mora Marinete Firmino, naquela casa, entendeu. E a vida da gente era uma vida boa (...), meu pai era muito bom, gostava das coisas corretas, encaminhou todos os cinco, entendeu e, eu fui o único filho que abracei a causa política, né. Ele já tinha sido prefeito duas vezes, foi vereador e eu consegui ser vereador seis vezes, secretário de agricultura de Cuité recentemente e tomando conta das propriedades, né. Eu entrei também no ramo de agricultura e pecuária. (Giovanni dos Santos Furtado, entrevistado em 20/07/2017)

Foi questionado se ao trabalhar na agricultura, seguia os passos do pai:

Igual a meu pai. Meu pai era o maior produtor de agave/sisal do município de Cuité e o maior criador, né, de gado, de ovelha, de bode, né. Ele gostava muito disso. Ele mandava tratar toda qualidade de espécie porque dizia quando um tiver baixo a outra tá alto e uma superava o outro. Ele dizia assim: se eu plantar só algodão, algodão baixar eu fico liso. Então ele plantava algodão, mandava plantar milho, feijão, entendeu, criava muito gado. Ele plantava café, ele plantava mandioca, né, que é a roça né, faz farinha, inclusive ele tinha uma fábrica mecanizada só pra fazer farinha de mandioca. Ele era um homem muito, muito trabalhador e venceu na vida. Ele só tinha o primário, mas não era todo engenheiro e administrador de empresa que ganhava pra ele não. (Giovanni dos Santos Furtado, entrevistado em 20/07/2017)

O tempo em que a cultura da mandioca, algodão e sisal eram abundantes são lembrados pelos filhos dos donos da terra como um tempo bom. Na entrevista, foi perguntado se suas irmãs já tinha morado em Cuité após migrarem para estudarem em outros locais.

Não. Sempre trabalharam aqui né. No governo de Bado, Ângela trabalhava aqui como pediatra e Claudinha né, Suzana nunca trabalhou né, agora morar nenhuma das três nunca moraram porque Suzana casou e ficou em Campina, Claudia casou e na época ficou em

Salvador. Aí Ângela ficou em João Pessoa. Depois Claudinha, quando meu pai adoeceu e tal, veio de vez pra Campina Grande até hoje né. E Suzana nunca saiu de Campina né e, Ângela estava em João Pessoa, mas quando enviuvou, aí os filhos tanto Kaline como Felipe tavam morando, todos dois casados, em Brasília, aí ela foi pra Brasília, aí hoje ela mora em Brasília né, a filha e o filho, nora, genro e os cinco netos. (Giovanni dos Santos Furtado, entrevistado em 20/07/2017)

Quando perguntado se alguns dos netos de Cláudio Furtado tinham relação com a terra, foi enfático:

Não. Nenhum quer terra, nem política. E Suzana tem três filhos né, um dentista, o outro é advogado e o outro é nesse negócio de computação. Claudinha tem três filhos, um é médico, o outro é arquiteto e o outro formou-se nesse negócio de turismo né. Já disse tudinho, já. Faltou Jeremias. Jeremias o Renan é formado em direito, Cláudio Neto formado em direito e o Breno não quis formar em direito. Ele é..., começou a faculdade aí trancou, ele é o que? Ele toma conta de caminhões, ele tem uns quatro caminhões, é empresário de caminhões, negócio de carro pipa, essas coisas. (Giovanni dos Santos Furtado, entrevistado em 20/07/2017)

Giovanni falou também do tio, Benedito Furtado (irmão de Cláudio Furtado), professor universitário residente em Recife, já falecido, que sempre retornava a Cuité e tentava preservar a memória de seus ancestrais e a propriedade da família:

Benedito Furtado tinha propriedade que foi do pai dele, que ele comprou as partes dos herdeiros vizinho ao Alegre, Malhada de São Domingues, onde ele nasceu, né, 1.300 hectares de terra né. Meu tio era um professor da Faculdade Federal de Pernambuco, ensinava lá em duas faculdades, né. E morava em Recife, mas aí o que acontece ele vinha pra cá, passava uma semana, passava duas, se dependesse dele, ele aposentado, a mulher dele aposentada, ele morava na fazenda, acredita? (Giovanni dos Santos Furtado, entrevistado em 20/07/2017)

Contudo, tal identificação não ocorreu com seus filhos:

Aí os filhos dele, João Felipe não se interessou, Lucinha não se interessou, nem Ana e nem Gustavo, porque Ana é procuradora no Pernambuco, advogada. Gustavo é arquiteto, aí vem Ana é dentista, aí vem João Felipe é advogado, delegado no Pernambucano, aí não vem não. Tá aí pra vender, acho que até pra vender vai dá trabalho, porque eles não vem aí. É uma propriedade grande, boa. Gostava de gado. (...) Ele tinha tudo que uma pessoa pudesse imaginar da Família Furtado, ele tinha tudo, porque ele faleceu né, deve tá com... a mãe de Lucinha faleceu também, deve tá com Lucinha, com Gustavo, com João Felipe, esse material, João Felipe, Gustavo, Aninha, acho que deve tá com Lúcia. Que ele deve ter muita coisa, né. Das família de Cuité, sabe de tudo...Manuel Furtado é meu bisavô e Felipe Furtado meu avô. (Giovanni dos Santos Furtado, entrevistado em 20/07/2017)

Quantos aos filhos de Giovani Furtado, apenas sua filha ainda não tinha migrado para outro local:

O que é médico mora em Recife, o que é engenheiro mora em Campina e a minha moça mora comigo em Cuité, que é dentista, trabalha aqui, ela é concursada em Nova Floresta, trabalha no PSF, aí atende ali em Doutor Inaldo, particular e ensina saúde bucal no CETES. (Giovanni dos Santos Furtado, entrevistado em 20/07/2017)

Ao se analisar as entrevistas e os diagramas verifica-se que existe um padrão que se revela na transmissão social do pai para o filho em sua posição inicial de carreira e de reprodução social através da formação familiar, como mostram o lugar que ocupam e a formação profissional no final do século XIX e início do século XX. A imagem nos diagramas é essencial para visualizar mudanças advindas a partir da segunda metade do século XX, com o processo de modernização que resulta na mudança na legislação brasileira, aceleração do processo de urbanização, a educação passa a ser valorizada nas classes mais abastadas e que provocou mudanças na sociedade brasileira como a flexibilização da influência da família na posição social individual e na busca de profissões liberais com a melhoria nas oportunidades educacionais e uma abertura de novos caminhos de carreira

Em entrevista com Suzana dos Santos Furtado de Albuquerque Silva em sua residência, em Campina Grande, ela relata um pouco da vida de seus pais:

Acho que eu tive uma infância normal, uma infância assim, de cidade pequena mesmo, né, bem de interior e assim, acompanhada pelos pais e tudo porque a gente sabe, se comparar aos dias de hoje, né, que as mulheres trabalham fora e é mais difícil acompanhar os filhos totalmente né, já se entrega mais hoje às secretárias do lar porque não tem condição, mas tive uma infância normal, tranquila. Assim, é papai sempre trabalhando muito né, ou envolvido com política, ou envolvido com as fazendas, então assim, hoje eu paro e fico olhando, eu acho que ele tinha muitas fazendas, mas eu acho que ele não tomava conta das fazendas todas porque ele não tinha condições. Depois que ele faleceu e a gente herdou e pegou alguma coisa, a gente viu que é muita luta para uma pessoa só. Ele levava aquilo em frente porque era uma pessoa muito tranquila, não se preocupava muito o que tava produzindo ou não na renda em si, de perder, ou não, porque se fosse pensar mesmo só em lucro, ele jamais teria condições. Eu não sei quantas fazendas Giovanni falou que meu pai teve, não sei a quantidade, então era impossível uma pessoa dar conta daquilo tudo. (Suzana dos Santos Furtado de Albuquerque Silva, entrevistada no dia 25 de julho de 2017)

Sair do mundo da cidade do interior, deixar de pertencer às redes de sociabilidade e migrar para as cidades grandes supõem uma nova etapa na vida para os membros das famílias, mulheres e homens, que estudavam em escolas pequenas e em um outro ritmo e precisaram se adaptar e construir novas redes de sociabilidade nessas cidades maiores. Depois, a cidade do interior não lhes oferecia boas alternativas, as escolas eram precárias, não oferecia o padrão que membros da elite passam a desejar para a educação formal dos seus filhos. Suzana explica:

Então, assim, estudei em Cuité até onze anos, não estudei muito tempo não, já vim morar em Campina pra estudar, então a gente ficava aqui em Campina e, as vezes, no final de semana ia e as vezes não ia e as férias, porque estudava eu, Cláudia e Ângela, então foi necessário, porque antes elas estudavam interna, aí montou uma casa, aí veio Giovanni, Jeremias e mamãe, aí mamãe ficou pra lá e pra cá, a gente tinha uma secretária e mamãe ficava dando assistência em Cuité e dando assistência aqui. Eu detestava Campina. Eu tinha um amor por Cuité que não tenho mais hoje. Quando eu saía dava vontade de sair escrevendo nas paredes da cidade do jeito que eu tinha vindo embora (risos) quando eu chegava ali em Lagoa Seca que via Campina Grande, que eu via o colégio das Damas, aí! Chega eu só faltava morrer! Porque meu negócio era só viver em Cuité tá entendendo? Então foi assim, da gente acompanhar muito ele, na fazenda a gente sempre ia, ia para um canto ia para o outro. (Suzana dos Santos Furtado de Albuquerque Silva, entrevistada no dia 25 de julho de 2017)

A política é algo que deu notoriedade à família, mas após a migração seus descendentes não retornaram para o lugar de origem e nem participaram dos pleitos eleitorais:

Então assim, ele foi político pelo envolvimento da família de mamãe e aí gostou e ficou, mas não foi uma pessoa como hoje a gente vê que lucrou pela política. Pelo contrário, ele, acho que ele perdeu, perdeu economicamente por conta da política, mas graças a Deus que pra ele não fez falta né, não fez falta pra gente, mas se perguntasse lá em casa: você quer que seu pai seja candidato? Ninguém lá em casa queria, pronto, era a única coisa que a gente não conseguia dominá-lo, mas o restante. (Suzana dos Santos Furtado de Albuquerque Silva, entrevistada no dia 25 de julho de 2017)

Suzana aborda também a influência do grupo social a que pertencia e suas implicações na educação de seus filhos.

Mamãe era uma pessoa muito influenciada por outras pessoas. Tinha uma tia minha que dizia: olhe Cuité não tem o que dá para essa menina, se referindo a Cláudia, bote para internar essa menina porque ela vai aprender natação, piano e mamãe foi influenciada a isso e então mamãe botou cedo por conta disso pra dar uma melhor qualidade vida, só que depois ela dizia muito que se tivesse a experiência depois o que não teve, ela jamais faria isso de ter tirado a filha tão cedo de casa da influência de aprender isso e aquilo o que foi realmente uma besteira , né. (Suzana dos Santos Furtado de Albuquerque Silva, entrevistada no dia 25 de julho de 2017)

A partida é vista como uma boa opção para a formação educacional, mas pode representar a interrupção ou o enfraquecimento dos vínculos de pertencimento ao lugar de origem, também familiares e de amizades e passa a viver a solidão que é imposta pela ausência do conhecido. Para o imigrante, ocorre o sofrimento, uma vez que o lugar, a princípio, se apresenta como estranho, e a saudade de casa, da localidade em que residia e dos laços familiares. No caso dos descendentes das famílias de elite de Cuité, em geral, alguns perdem os vínculos com a cidade de origem após a morte dos pais.

Em entrevista com Ângela Furtado Cândido, realizada em sua residência em Brasília, ela afirma:

Então eu era muito estudiosa, muito estudiosa na época (risos) e Cláudia primeiro foi para o internato, acho que ela foi com doze anos por aí ou antes um pouco com onze e não deu certo, ficava voltando e eu ficava aperreando para ir para o internato também. Até hoje Suzana manga de mim (risos). Eu era estudiosa, estudava lá em Cuité no Instituto América e fiz o segundo ano primário lá , ai passou o ano inteiro eu tirando primeiro lugar, primeiro lugar e primeiro lugar, ai mamãe, eu falava: quero estudar fora, quero estudar fora, ai me colocaram no internato com nove anos de idade. Suzana manga porque, não sei se ela contou isso, mas ela conta que eu no carro feliz saindo quando chegou lá, meu Deus! queria voltar, né, nove anos é muito pequenininha, mas aí papai disse: não! Que ele era muito carinhoso era tudo, mas ele era rígido e disse: você agora veio, quis vir e tá tudo organizado, você agora vai ficar. Ai eu cheguei em Campina pra fazer o terceiro ano, quando cheguei lá no internato só tinha eu de criança, o resto tudo moça, ai a mestra geral, a irmã dizia: não, você vai ficar muito sozinha, é melhor a gente lhe adiantar um ano , ai me colocou no quarto ano , ai me pulou de ano, eu vindo de uma cidade menor que as vezes o estudo é mais tranquilo, esse primeiro ano pra mim foi muito sofrimento porque eu acostumada a ser primeiro , primeiro e lá eu não conseguia acompanhar matemática e ela não falou para o professor, entendeu? Que era pra ter dito, né: olha dá um reforço ou qualquer coisa, e não eu ficava lá e a professora ficava dizendo coisa comigo, mas ai enfim consegui passar e como já tinha ido ai estudei interno, fiquei no internato até papai resolver quando já era pra ir Suzana, Giovanni ai resolveu alugar uma casa em Campina Grande e ai eu parei de sofrer (risos), apesar que nesse

internato eu era muito paparicada, porque era a única criança. (Ângela Furtado Cândido, entrevistada em agosto de 2017)

Como todo processo de migração, os migrantes enfrentam uma fase muitas vezes traumática de ruptura. É comum identificar situações de solidão, de saudade. Quando deixa a sua terra de origem, o emigrante sofre com a partida e pelo fato de deixar os familiares; na chegada ao novo e sofre com a adaptação ao novo local.

Ângela narra que casou cedo e fala também da importância dos estudos para o seu pai. Também relata que a ocupação política de seu pai impedia que os membros de sua casa tivessem algum tipo de privacidade. Fenômeno recorrente em algumas entrevistas dos descendentes de políticos que relatam como a política e a vida privada destes eram interligadas. Com também informa a carência de uma população que não tinha comida, sem acesso à saúde ou nenhum tipo de política pública para atendê-los. Também demonstra a política assistencialista naquele período:

Aí pai ficou muito triste porque eu resolvi casar porque ele achou que eu não ia me formar, mas eu tinha falado pra Itamar: olha, vamos casar, mas a única coisa que eu não vou deixar de jeito nenhum é de estudar e ele respeitou isso e eu passei no primeiro ano que fiz o vestibular e estudei sem interrupção nenhuma, apesar de ter tido dois filhos durante a faculdade, né, porque Kaline nasceu no primeiro ano de medicina e Felipe nasceu no quinto ano. Claro que não foi muito fácil, né, uma coisa assim, porque papai era um político assim de doar muito, doar, ajudar as a pessoas, então quando a gente morava em Campina Grande, a casa era sempre muito cheia, não época de eleição, entendeu? Era direto gente doente que vinha até com tuberculose, mamãe recebeu uma senhora que a gente tinha todos os cuidados (...), mas tuberculose? a gente ficou na minha casa tratando, lembro que eu aprendi a dar injeção, eu já fazia medicina, mas aprendi a dar injeção numa pessoa que estava lá na casa de mamãe e papai fazendo um tratamento que era benzetacil, que é difícil de dar e tal num funcionário que era da fazenda e que ficou um tempão fazendo tratamento. Então, assim, a gente não tinha muito direito de sentar à mesa porque geralmente toda eleição não sei quantas pessoas para comer. Assim, lá em Cuité não tinha muitas condições de saúde, né, então iam lá pra casa, pra casa de mamãe muita gente isso aí incomodava um pouco porque era uma casa que não tinha privacidade, porque toda hora era muita gente de fora. (Ângela Furtado Cândido entrevistada, em agosto de 2017)

Ao ser questionada sobre sua relação com a terra, Ângela volta suas lembranças para a figura paterna e o seu amor pela terra. Sua ligação com terra estava relacionada com a infância e com o seu pai e seu marido. E após a morte deles, a terra não tem um sentido de pertencimento para o presente. A sua ligação está em suas reminiscências:

Papai era apaixonado né, apaixonado, por isso, a gente ama a chuva. Ainda hoje eu adoro trovão, adoro relâmpago, entendeu? Enquanto o povo morre de medo, porque papai quando ficava dando o primeiro trovão que ficava escurecendo, assim, papai ia lá para o jardim ali e ficava esperando a chuva e adorava a terra, sabe? E ele não gostava muito de viajar, mamãe gostava, isso daí, ela foi um pouquinho prejudicada porque as mulheres sempre e, até hoje, acho que a mulher abdica um pouco mais pro homem, né. Então eu gostava muito de ir pra fazenda, a gente ia desde de pequena tomar banho de açude, aprender a nadar no açude, entendeu? Eu gostava. Papai foi progredindo nessa área aí e depois veio o algodão né, e ele teve muita sorte porque ele resolveu comprar terra na época que a terra tava dando alguma coisa e ele tinha um tino comercial muito bom porque papai estudou muito pouco, então, ele era muito bom de matemática, de português, ele estudou muito pouco apesar que meus avós até que tinha cuidado dessa parte, mas eles moraram no sítio a vida inteira, né. Papai nasceu na Malhada de São Domingos e até ficar rapazinho ele continuou morando lá. Até que ele foi para Araruna-PB estudar, mas assim coisa pouca e se envolveu no comércio em Araruna, aí veio para Cuité e também colocou uma mercearia e tal e, depois foi, né. Então, eu gostava da fazenda, mas sou um pouco assim, não era assim muito fazendeira não (risos), mas gostava de ir porque assim tinha uma casa que até hoje tá lá e que tem muita lembrança boa. O tempo que ia todo mundo, mas, assim, quando papai morreu a gente perdeu o gosto, né, porque a gente era muito ligada a ele, muito. Então, aquilo ali que lembrava muito ele né, até ele muito doente levei ele lá na fazenda e ele se despediu de todos os moradores e tal, a gente fez medicação injetável, endovenosa nele lá no Alegre porque ele adorava aquilo ali. O Alegre pra ele era tudo, aí assim, a gente perdeu um pouquinho né, aí casei novinha também, né. Itamar também gostava de fazenda, sempre tinha um sitiozinho e depois a gente herdou, né de papai e ele fez casa, fez tudo que ele adorava isso, a gente ia todo final de semana pra essa fazenda mas, enfim, aí é isso. (Ângela Furtado Cândido, entrevistada em agosto de 2017)

Quanto ao declínio do algodão e do agave, ela relembra como algo que financeiramente era muito rentável e que foi atingido por uma praga, mas também o avanço da modernidade e a sua substituição. Tudo isso, resultaria em grandes prejuízos financeiros para seu pai e também é afetado porque investia muita nas campanhas eleitorais:

O que deu muita tristeza porque algodão ainda hoje dá dinheiro, né, o algodão é uma riqueza, mas acontece que deu uma praga, né, a praga do bicudo e papai acabou que perdeu muito dinheiro com isso, isso o agave desvalorizou acho que substituído por outras coisas, né, e acho que até essa parte dos plásticos e tal pegou muita coisa que se fazia com o agave, né. E começa a substituição não é? E aí ele já não tinha mais esse ... ele passou assim momentos de aperreio mesmo de tirar empréstimo e não sei o que, principalmente porque gastava muito com política, que era o contrário de agora que o povo enrica, né, com a

política. As vezes papai tomava dinheiro emprestado pra usar pra ajudar porque toda campanha de todo jeito tem gasto e era papai né, aí até que graças a Deus ele perdeu eu achei até bom, sabe? (risos) Porque ganhou, ganhou, porque ganhou vereador não sei quantas vezes e aí ele foi prefeito duas vezes, aí elegeu Neusa também, aí depois até que ele perdeu numa campanha e ele era tão tranqüilão que no dia que ele perdeu, a gente, assim, desesperada, né. Ele: não minha filha, isso é o povo quem decide, se o povo quis, pronto. (Ângela Furtado Cândido, entrevistada em agosto de 2017)

Outro ponto relevante nas falas dos entrevistados são os direitos trabalhistas e as garantias sociais que no passado eram “inexistentes” nas relações entre patrão e empregado e de como estas relações mudaram:

Sei que é difícil trabalho na terra, houve muita mudança, né, porque antigamente você sabe os moradores não tinham lei, a verdade é essa, você acertava aquele negócio nem sei como era que pagava e eles tinham casa, tinham tudo, não sei como era que funcionava muito bem não, mas não tinha como hoje, que tem que pagar salário mínimo tudo direitinho. Por que quando eu já fui proprietária, já depois dele, então, já era uma outra política, né, de salário e tudo pra ter essa história de assinar carteira e tal mudou muito né, mas era assim. (Ângela Furtado Cândido, entrevistada em agosto de 2017)

As memórias dos narradores revelam as ambiguidades das reminiscências e de seus esquecimentos. As lembranças passaram por reapropriações no processo de deslocamento. Assim, em sua narrativa, Ângela volta à infância e ao passado recente para pensar a cidade:

(...) eu estudava fora muito e outra coisa se você visse as minhas cartinhas é uma graça, porque eu colocava uns desenhos dos comícios, eu nem tava lá né, mas colocava desenhos dos comícios cheio de gente, desenhava muita gente aí o outro comício não tinha ninguém(risos), quer dizer a gente vivia, mas eu saí muito novinha de Cuité, muito novinha, nove anos. Aí perdi o convívio, agora eu vou lá não conheço quase ninguém, mas também Cuité mudou muito com essa Universidade. Ai quando eu voltei a trabalhar lá, porque eu morava em João Pessoa, como médica né, aí eu convivi muito, eu achei bom porque eu ia sozinha e então ficava eu, papai e mamãe, aí eu ficava lá, eram dois dias, mas eu ia toda semana e ficava lá e isso aí foi bom para mim. Quando eu vou para Cuité, mesmo que estejam todos juntos, mas eu visito todos. (Ângela Furtado Cândido, entrevistada em agosto de 2017)

Ângela demonstra uma relação ambígua com a cidade de Cuité:

Cuité é um amor, né, mas já foi mais (risos). Quando eu era pequena, menina!, se falassem mal de Cuité, eu era louca por Cuité, mas ai eu fui morar pra Campina muito pequena né, tanto é que eu me lembro que tinha essa desavença, não sei se você conhece Elísia, que é irmã

de Fafá, casada com Júlio Cesar, muita amiga de Cláudia, é da minha família ainda, então que é médica ai ficavam esse negócio: vocês já nasceram em Campina, Campina é maravilhosa, Campina muito melhor, eu amava Cuité ai depois que eu fui morar em Campina Grande ai realmente eu esqueci um pouquinho de Cuité. Ia lá porque a família morava lá, depois que casei com Itamar, meu sogro tudo lá, então eu achava bom ir pra fazenda e tal, mas assim Cuité foi ficando um pouco, né, assim distante de gostar, de amar Cuité, mas é a minha terra, me orgulho, digo em todo canto que sou de Cuité, Paraíba e infelizmente agora tá violento, né, mas é isso, é minha terra, tá ali, quero bem e tudo, mas depois eu me apaixonei por Campina. Quando sai de Campina ai foi que apaixonei por João Pessoa (risos) e hoje eu digo assim eu gosto mesmo da cidade para morar, eu não queria nunca mais morar em Cuité, né, de João Pessoa. Campina eu já não gosto muito mais, acho Campina sem ter muito o que fazer (risos), porque assim a gente vai mudando né, depois eu vim morar em Brasília. Já tem oito anos que estou morando aqui em Brasília e eu já gosto de Brasília, mas eu gosto mais de João Pessoa até pra morar e tudo se fosse o caso, mas como eu vou morar em João Pessoa sozinha? Porque lá em João Pessoa não tem ninguém da minha família, só a família de Itamar, minhas cunhadas que eu considero como irmãs, me dou muito bem com a família de Itamar, mas jamais eu ia deixar de morar com meus filhos, né, ai vim pra cá e fiz concurso e graças a Deus passei, entendeu? E fiquei e graça a Deus eu sou realizada como mãe, como filha, ai adoro! E os meninos são bem legais, só me dão prazer, graças a Deus até hoje e acho que vai ser sempre. Meus filhos nasceram em Campina Grande né, mas sempre iam muito a Cuité, entendeu? Todo Ano Novo eles passavam em Cuité, até Benedita falecer, sabe? Ela valorizava muito essa festa de Ano Novo, então meus filhos conviveram muito lá em Cuité.

Então os meninos iam muito para Cuité, iam muito pro Alegre, todo mundo junto, meus filhos, os filhos de Cláudia quando eram pequenos né, porque é mais fácil quando não casado, claro, então é mais fácil você juntar, ai depois vai ficando mais difícil. (Ângela Furtado Cândido, entrevistada em agosto de 2017)

Em entrevista com Cláudia Furtado Carneiro da Cunha, realizada na residência de sua tia, Diva, casa que foi de seu avó, Jeremias Venâncio dos Santos, em Cuité, ela afirma:

Então, o que sei da história dos meus pais é que eles eram primos e não se conheciam. Porque, assim, as minhas avós, Francisca Emília da Fonseca (mãe de tia Diva e de mamãe) era prima legítima da minha vó, que era Joana Emília da Fonseca Coelho. Elas eram primas, mas como meu pai morava na fazenda, mamãe morava aqui no tempo e papai foi estudar em Bananeiras, escola agrícola e depois ele foi para Araruna. Então foi conhecer papai acho que já tinha 17 anos, por aí. Quem conta bem esta história é Mirtes, que era bem amiga dela. Então, mamãe conheceu papai já adulta né. Não é como hoje que você tem whatstapp (...) não tinha a telecomunicação, então, foram se conhecer já adultos. Namoraram, noivaram e depois casaram. Quando, a gente...então eu nasci aqui em Cuité (...) e papai na época tinha

comércio. Ele apesar de ser filho de agricultor e morou no sítio muito tempo mas, ele (...) teve comércio aqui, teve comércio em Araruna e depois papai partiu para a agricultura. Quando ele começou com agricultura, aí logo, posteriormente, ele entrou na vida política, começou como vereador, depois foi prefeito várias vezes e ficou nessa, política e agricultura. Foi, que eu saiba, assim, bem sucedido porque também não tinha muita seca, tinha muito incentivo dos bancos, essas coisas, então ele foi bem sucedido na área do algodão e do sisal. Depois pode até pegar o material dos prêmios que ele recebeu como produtor da região, da Paraíba. Ele tem vários prêmios do sisal e também do algodão. Por que papai, assim, apesar dele ter começado devagarinho, mas ele foi comprando a terra pra lá e pra cá e aí pegava tudo, não ficava só com uma coisa só. Ele plantava, tinha as safras de milho, feijão e também tinha a casa de farinha, tinha agave, algodão, tinha criação. Então, ele fazia todo esse jogo de uma fazenda para outra, aqui tivesse pouca água, aqui tivesse mais pasto, então dava para ele criar. Aí tinha caminhões, ele tinha várias coisas. Fora a agricultura, que eu saiba, papai partiu também para ter posto de gasolina. Ele deixou o comércio quando ele tinha mercearia, como se chamava antigamente, foi para posto de gasolina, foi pra negócio de botijão de gás (...). Porque ele gostava mesmo de agricultura né, ele se identificava melhor e aliás ele foi bem sucedido. O que atrapalhou papai, eu acho, foi política, porque eu acho que política em uma cidade pequena sempre atrapalha, né. Mas apesar disso, papai tinha adversário político, não tinha inimizade, não tinha intrigas, certo. Era bem interessante, naquele tempo, papai avalizava Jaime Pereira, avalizava papai, papai emprestava dinheiro sabe entre eles. Então, assim, nunca teve desavença entre papai e os rivais dele né de política. (Cláudia Furtado Carneiro da Cunha, entrevista em 28/07/2017)

Cláudia Furtado ao falar das rivalidades entre as famílias Venâncio dos Santos e da Costa Pereira, como a disputa política está infiltrada nos espaços de convivência coletiva, afirmando que:

Existia entre a família da gente a parte Venâncio com os Pereira né. Existia um...mas papai quebrava esta aresta. E conseguiu, porque apesar de ter casado com mamãe e ter família, papai nunca cultivou isso daí. É até interessante que a gente ia para o pastoril e na época, sempre era assim, azul era mais o lado de cá, chamava o lado de cá, e vermelho o lado de lá, que eram outros partidos, nem me lembro e era interessante porque papai só gostava do encarnado, vermelho né, aí papai só queria arrematar galinha do encarnado (risos) e mamãe fazia, não Cláudio é do azul. Era uma besteira (risos), aí papai colava a mão para um lado e para outro, sabe para agradar a todo mundo. E eu fui chamada, eu era chamada para tanta coisa, aí eu fui chamada para ser borboleta, tudo bem, aí fui borboleta do pastoril, aí tudo bem, aí quando no outro ano eu fui chamada para ser mestre ou contra mestre, aí ficou aquela confusão como é que eu ia ser do encarnado, que papai gostava e depois contra mestre e aquela confusão aí disseram coloquem ela como Diana (risos), aí eu fui ser a Diana. Então, assim, na cidade pequena tem essa coisa de cultura, de folclore, mas a

política as vezes estragava isso né e as vezes até hoje, ainda estraga né. (Cláudia Furtado Carneiro da Cunha, entrevista em 28/07/2017)

Cláudia Furtado enfatiza a figura paterna e sua escolha de ser agricultor e, como um homem apaixonado pela terra, que gostava de comprar imóveis rurais (terras/fazendas). Também informa que naquele período era mais fácil, o governo emprestava dinheiro para o plantio e muitas vezes perdoava as dívidas dos fazendeiros:

Então, assim, eu acho que ele foi feliz na escolha dele de ser agricultor. E como falei, na época, tinha facilidade de empréstimos pelo banco e ele foi várias vezes homenageado pelo agave, pelo algodão, tem várias fotos dele como o grande agricultor, sabe, como produtor. Então também com a vacaria, né, que ele tinha muito gado. Uma vez eu disse assim: “papai deixe de comprar fazenda, compre apartamento em João Pessoa”. A gente alugava casa pra veranejar em João Pessoa. Aí papai tinha uns terrenos no Bessa, aí tudo bem, ele tinha esses terrenos, aí um dia papai vendeu esses terrenos do Bessa para comprar outra Fazenda enorme e Mamãe não queria que ele comprasse mais fazendas porque sabia que ele trabalha demais, aí comprou a Fortuna (fazenda). Ele comprou uma casa em Campina Grande-PB, mas ele não investia em imóveis. Ele era doido apaixonado pela terra, pela agricultura mesmo, aí foi quando ele fez uma farra danada até com seu Humberto Lucena comprando e quando ele chegou em casa eu disse: Meu Deus, painho já comprou outra terra. (Cláudia Furtado Carneiro da Cunha, entrevista em 28/07/2017)

Em suas memórias também, se percebe as diferenças entre os filhos e as filhas.

Então, da fazenda o que a gente usufruía mais, assim, andar a cavalo, né e os meninos andavam mais que a gente mulher e tomar banho de açude. (Cláudia Furtado Carneiro da Cunha, entrevista em 28/07/2017)

Sobre a relação de Cláudia com a terra e as dificuldades enfrentadas para administrar, ela afirma:

É assim, os meninos(filhos) reclamam muito de não ir para a fazenda, e agora que Maninha faleceu todo mundo queria ir almoçar na fazenda, mas aí não dava certo ir, porque com a missa de trigésimo dia e no outro dia ir para a fazenda. Depois que mamãe ficou doente e foi para Campina Grande, ela não quis vender a sede e ficou com a sede, mas foi se desprezando aquilo ali e quando a gente foi olhar agora estava muito sujo, muita poeira e sem condições da gente ir para lá. A gente deixou de ir na fazenda depois que mamãe adoeceu, então tem uns cinco ou seis anos ou mais que a gente deixou de ir para a fazenda, assim, para almoçar, para se divertir. (Cláudia Furtado Carneiro da Cunha, entrevista em 28/07/2017)

A gente tem uma terra que é perto de Nova Floresta-PB que é muito boa para maracujá, frutas, é no Estrondo (fazenda), que é mais a parte

de maracujá, mas é muita fruteira também. E lá no Alegre (fazenda), o que dá no Alegre, e como a gente vendeu uma parte do Alegre. E tem gente colocando gado lá no pasto, tem muita gente, porque quando papai faleceu e a gente ficou com milho e feijão plantando e um pouquinho de agave e tem algaroba, esses negócios, mas assim sinceramente quando a gente viu que tinha trabalho, a gente não morava aqui (Cuité-PB), a gente não fiscalizava, como a gente não ficava lá, a gente chegou à conclusão que a gente sempre tinha prejuízo, não era o ramo da gente também né (...). A gente vinha muito pra cá de quinze e quinze dias e o que a gente realmente usufruía era porque uma mulher fazia uma boa galinha de capoeira e peru com feijão verde, mas assim pra gente colher até pra levar era difícil e a gente via que o dinheiro que a gente estava empregando não estava tendo futuro, porque não era como antigamente, esses empréstimos que tinha, tinha grandes empréstimos e você fazia e se você produzisse tudo bem., e se não o governo dava um jeito de perdoar ou ,sei lá, de diminuir as contas, a sua dívida e isso fez com que as pessoas melhorassem, né de vida. E também mudou, tá mudando o clima, cada dia que passa chove menos, as coisas mudaram, não sei se é poluição, não sei o que é, não é mais como antigamente. E também não tem gente na terra para trabalhar, você pode ter a terra melhor que tiver porque o Estrondo (fazenda) é uma terra excelente, mas é difícil a gente colocar gente para trabalhar com produção, sempre a gente é enrolado, sempre! Aí a gente termina assim: cada um tem sua profissão (...). (Cláudia Furtado Carneiro da Cunha, entrevista em 28/07/2017)

Ao ser questionada sobre sua relação com Cuité e o futuro, Cláudia Furtado fala do distanciamento e da impossibilidade de seus filhos e sobrinhos permanecerem na cidade.

Acho que cada dia mais a gente tá se distanciando porque os filhos da gente não estão mais aqui, o meu filho é médico até pensaria em trabalhar aqui, mas não deu, o filho de Giovanni é médico não tá trabalhando aqui, Ana já foi para Brasília, o meu filho trabalhou aqui (Cuité) até no PSF pouco tempo, o de Giovani também trabalhou um pouquinho aqui, mas já está em Recife. Quer dizer as gerações novas não estão ficando aqui, a gente nota que não estão ficando, e tem outras pessoas Furtado, mas que não são lá de casa. Tem sobrinhos meus, tem os Jeremias que estão aí, mas que já vão fazer outro curso fora porque ver que a Cidade é pequena e fizeram Direito, mas disseram que aqui já tem muitos advogados. Então, os de Suzana estão pra lá, os meus também (filhos) porque Arquitetura não vai dar aqui (Cuité). O outro Turismólogo, quer dizer aqui não vai dá (risos). (...)A gente volta aqui ainda, mas a gente fala que queria logo que acabasse, logo com esse negócio, e que ninguém da nossa família fosse mais por dentro dessas campanhas, porque as vezes tá todo mundo de um lado, as vezes um de um lado e outro do outro. (Cláudia Furtado Carneiro da Cunha, entrevista em 28/07/2017)

Na entrevista realizada com Jeremias Venâncio dos Santos Neto estavam presentes sua esposa Mirian Teixeira Furtado e seu filho Renan Teixeira dos Santos

Furtado que participaram ativamente. As lembranças vão sendo apresentadas por Jeremias, sua esposa e seu filho de forma a ressaltar a ocupação de cargos políticos, a ligação com terra, os privilégios e as consequências da busca de uma educação formal que levou há uma distância dos filhos que migraram.

Jeremias: na política, ele foi Prefeito duas vezes. Foi ele quem colocou energia. Somos cinco filhos, mas só Giovanni seguiu os passos políticos, aí veio Renan meu filho, que é neto, os meus outros filhos não, Cláudio Neto não gosta de política não, e Renan que é o do meio que sempre gostou. (Jeremias Venâncio dos Santos Neto, entrevistado em 08/07/2017)

Renan: na verdade, dos filhos eu acho que painho (Jeremias) foi que mais pegou isso do desejo pela terra, zona rural, pelo campo. É outra realidade no tempo de vô Cláudio né, se produzia, hoje não. Ele teve duas gestões exitosas. (Renan Teixeira dos Santos Furtado, entrevistado em 08/07/2017)

Jeremias: Giovanni e eu ficamos aqui (Cuité-PB) as meninas não, saíram daqui com nove anos. (Jeremias Venâncio dos Santos Neto, entrevistado em 08/07/2017)

Renan: eles (Giovanni e Jeremias) tiveram prioridade, tiveram uma grande chance, mas não estudaram porque não quiseram, mas a prioridade era estudar... Eu digo assim: vocês foram muito privilegiados porque naquele tempo, década de não sei quanto aí, e já ter casa em Campina Grande-PB com bem três funcionárias, né. (Renan Teixeira dos Santos Furtado, entrevistado em 08/07/2017)

Mirian: ele chegou a ter setenta e cinco moradores, ou seja, famílias, né. E as meninas foram embora de Cuité-PB cedo, mas dona Elsa se arrependeu muito porque disse que tirou elas muito cedo, muito novas e elas ficaram sem vínculo com a Cidade, né. (Mirian Teixeira Furtado, entrevistado em 08/07/2017)

Renan: os filhos passavam muito as férias aqui (Cuité), as férias, era certo, né, mas até porque assim, casaram e a maioria com o pessoal de fora, né, aí perderam totalmente né, só tia Ângela que casou com um Cuiteense, né. Renan Teixeira dos Santos Furtado, entrevistado em 08/07/2017)

Renan: Engraçado que eu encontrei Kaline (prima – filha de Ângela) e ela disse: mas você vai ficar em Cuité mesmo. E eu disse: eu acho que é difícil eu sair de Cuité-PB (risos), porque a gente já está tão acostumado, né. Eu não tenho vontade não. E ela estava dizendo - ela morou a vida toda fora, morou em Brasília - vir pra cá (Cuité), jamais! E como ela estava dizendo, que os filhos já querem morar no exterior. É muito difícil nos reunirmos. Sempre gostei de política e sempre Vó Elsa falava: se alguém que vai substituir Claudio é Renan. Eu sempre ia pedir voto com ela, ia pra zona rural comer sorda, isso

muito pequeno né. (Renan Teixeira dos Santos Furtado, entrevistado em 08/07/2017)

Entre o estar distante de casa e a possibilidade que o novo mundo oferta, a distância permite o se reconhecer, fazendo emergir o não pertencimento no sujeito em conflito. Surgirá, então, no afastamento do lar a sensação de não pertencimento, como se a narradora entrevistada não pertencesse mais à Cuité, como se não fosse mais cuiteense, mas ao mesmo tempo emerge a sensação de ser cuiteense.

A memória que vai sendo mantida ou se perdendo pelo caminho, será substituída ou apropriada por outras experiências: restam os fragmentos que vão se constituindo nos sujeitos em suas práticas sociais.

2.1.3. A diáspora na família da Costa Pereira

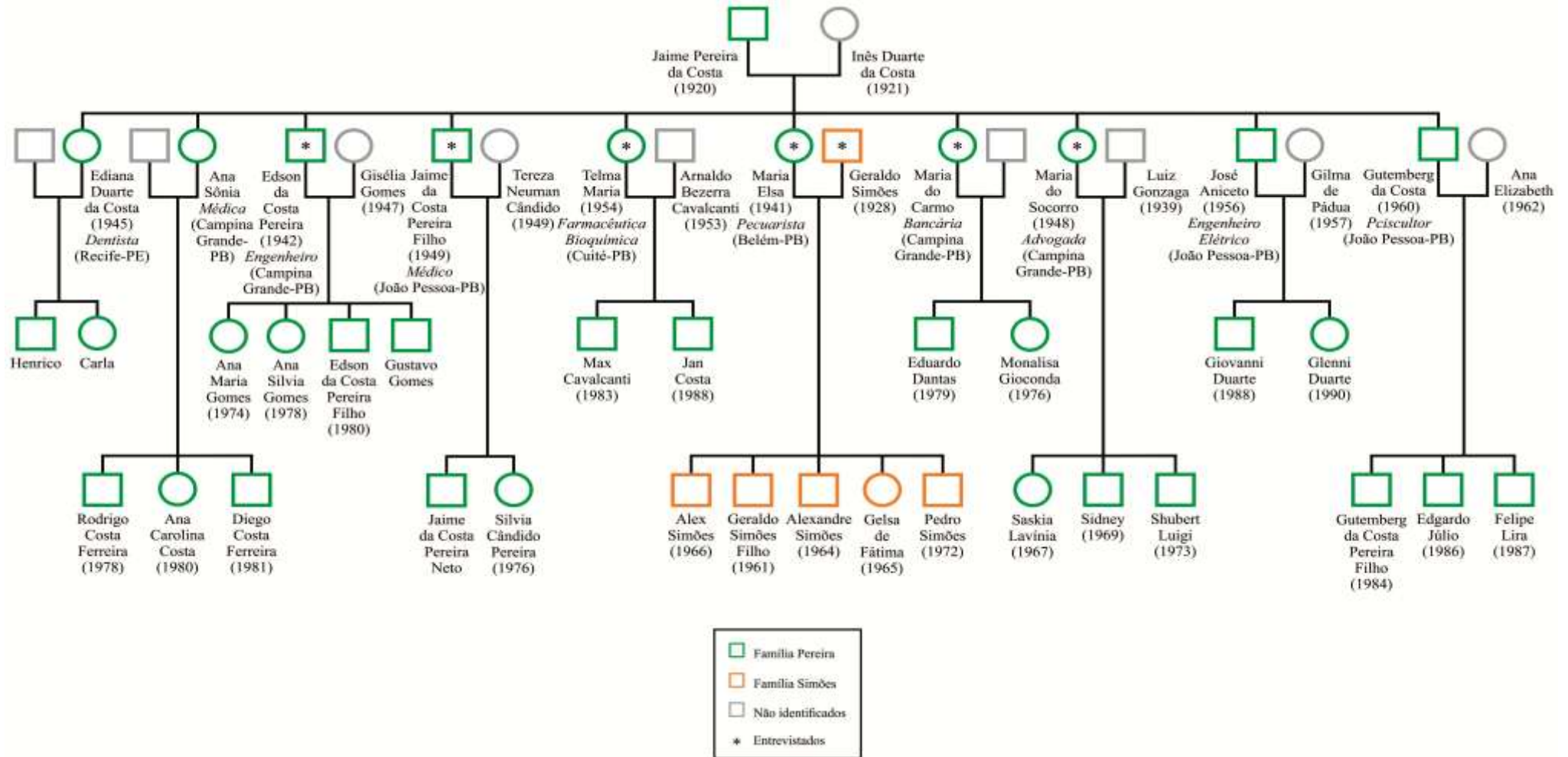
O diagrama genealógico mais completo é o dos descendentes de Jaime da Costa Pereira. Conseguimos com um dos membros da família uma árvore já feita, sendo necessário apenas fazer algumas adaptações, necessárias aos objetivos desta tese. A família da Costa Pereira expressa, também, o caso diaspórico mais exemplar. Como já afirmamos no Capítulo 1, de todos os descendentes de Jaime da Costa Pereira (10 filhos e 28 netos) (Cf. DIAGRAMA 8), apenas dois residem atualmente em Cuité: uma filha e um neto. Entrevistamos seis dos 10 filhos de Jaime da Costa Pereira. Repete-se, entre eles, a estratégia do deslocamento associado à busca por educação formal. Entre os 10 filhos, encontramos: dois médicos, dois engenheiros, uma farmacêutica, duas bancárias (sendo uma delas formada em direito), uma dona de casa, uma odontóloga e Consultor em piscicultura.

Em entrevista com Jaime da Costa Pereira Filho, ele foi questionado se alguns dos seus irmãos ainda permaneciam na agricultura:

Não. Nenhum permanece. Papai faleceu com 84 anos em 2004 e pelo fato de eu estar aqui, gostar demais da minha fazenda, pronto, eu se uma semana não for lá, eu não carreguei as baterias. Então eu vou para Picuí dou meu plantão, volto, mas sou eu que tomo conta de tudo né porque tem Gutemberg que ele enveredou mais para a piscicultura, então tem lá uma estrutura muito boa para piscicultura lá no “Imbé” mas, com essa seca até água se foi. Então, sem água ninguém tem peixe né? Então ele está em João Pessoa trabalhando com outras pessoas lá da piscicultura do litoral mas, aqui não tem condição né. Então, só tem eu mesmo aqui né. Agricultura eu plantei quatro vezes

esse ano e perdi todas as quatro, tenho um pouco de gado certo, não tenho moradores, eu tenho uma pessoa que lida comigo, que cuidou de papai, e que a gente...é meu motorista, que resolve as coisas todas que é Zito né. É...tem Zito e tem seu Apolinário que trabalha com a gente também. E sou muito dado a fazenda e a gente fez com a morte de papai, a gente, então, teve que fazer a partilha e, pra isso, a gente ainda não concluiu mas, a gente já fez a partilhar da fazenda né. A gente se reuniu e fizemos um sorteio né, dividimos, cada qual ficou com uma parte né e eu fiquei com uma parte porque eu tinha investido muito, eu investi em vários setores, por minha conta mesmo, porque eu gosto de fazer, vários açudes, barragens, agora mesmo estou fazendo outra barragem né. Então, pelo fato de eu ter feito isso, é... os irmãos se reuniram e disseram “você vai ficar com aquela parte ali, que aquilo é o seu amor”. Eu fiquei com uma, Gutemberg ficou a parte da piscicultura que ele sempre está por lá e o resto foi distribuído mas, é ... ninguém vem aqui (risos), ninguém procura, sabe. Cada um tem suas atividades né. Edson aposentado mora em Campina Grande...Ele não tem condições de vir para cá. Gisélia não tem condições de vir, está com problema de locomoção. Elsa casada com Geraldo Simões, mora lá na fazenda. Ela gosta de fazenda, ela lá tem a parte dela, ela é a fazenda dela, de Geraldo. Então, é uma pessoa que ficou na agricultura, mas é mais na pecuária, lá não é agricultura, é pecuária. Tem um filho deles que está na piscicultura lá, cria pirarucu, tilápia etc. Mas os outros todos pecuária. Aí vem Ediana que é dentista, mora em Recife. Essa (risos) não chega nem perto de fazenda. Socorro, advogada, aposentada, ex caixa do Banco do Brasil, mora em Campina, por sinal, ela tá cuidando de mamãe, ela tá fazendo um grande trabalho que é cuidar de mamãe, completou agora noventa e seis anos e depois de Socorro sou eu. Eu vivo nessa vida que sempre gostei, trabalhando em Picuí, trabalhando em Cuité e por conta da doença de papai eu comecei, ajeitei um escritório que ele tinha pra ficar mais por aqui e terminei com uma clínica né. E a minha clínica, você sabe, eu e minha filha. Então, eu permaneço aqui porque ainda continuo em Picuí trabalhando e venho na segunda é...estou dando uma assistência ali o hospital até que comece a operar. Vou para Picuí na terça-feira e na quarta e quinta tenho consultório aqui né. E minha filha vem uma vez por mês, mas (risos) só eu vou pra fazenda. Depois de mim, tem Sônia, que é médica patologista, mora em Campina Grande, também nada com fazenda. Depois de Sônia vem José, não vem Telma, Telma ela é bioquímica, também não tem nada com fazenda né. Depois vem José, que é engenheiro eletrônico, também tá aposentado, mora em João Pessoa, também não tem nada com fazenda. Vem Lola, Maria do Carmo, ex caixa da Caixa, aposentada também, agora a profissão dela é vovó, pois nasceu um netinho dela anteontem no aniversário de mamãe, no dia do aniversário foi dia 17. Bom, depois dela, vem Gutemberg, que é quem ainda lida com a terra, mas na área de piscicultura, tem alguma ligação, ainda. Então só tem Elsa e Gutemberg que, ainda tem essa ligação. E essa casa toda, sem ter ninguém. Quando eu venho aqui tenho o pessoal que faz a cozinha pra mim tal. Aí amanhã eu viajo pra João Pessoa, normalmente eu viajo na quinta, mas eu tenho algumas coisas pra resolver lá no sítio (...). Entendeu, aí passo sábado, domingo e segunda de manhã com a família, com os netos, cuidando dos netos. (Jaime da Costa Pereira Filho, entrevistado em julho de 2017)

Diagrama 8: Diáspora dos descendentes da Família da Costa Pereira– Cuité PB



Fonte: Elaboração própria a partir de uma árvore elaborada pela família da Costa Pereira, inventários e entrevistas.

Ao falar sobre os seus filhos, explica que são casados, pais e as suas profissões:

Tenho dois. É Jaime Neto, que nasceu no dia do meu aniversário, ele faz a parte de ...ele é casado, tem uma filhinha e mora em João Pessoa né, trabalha lá num setor lá é...numa parte de computação, essas coisas e, Silvinha, você já conhece né? É oftalmologista, tem três filhos, a menina completou onze agora, tem outra com oito, vai completar nove agora e tem outro com quatro. (Jaime da Costa Pereira Filho, entrevistado em julho de 2017)

No processo de reconstrução da memória suscitada pela solicitação ao entrevistado de retorno ao passado, vão se delineando impressões e sentimentos ao passo que o narrador começa a contatar o lugar de outrora. Em entrevista com Edson da Costa Pereira, em Campina Grande, ele falou:

A população de Cuité não acreditava em palma forrageira, praticamente quem levou palma forrageira para Cuité foi padre Luís e padre Luís aconselhou a meu pai e eles eram muito amigos, apesar de meu pai não ser carola, e não era chegado a qualquer padre, mas padre Luís era um homem trabalhador e padre Luís tinha vocação muito grande para agronomia para engenharia, era radio amador, entendeu? Era um homem simples que andava de calça e camisa de motocicleta já na época, tinha motocicleta americana e era amigo, aí disse: Jaime, você é agricultor e criador, plante palma que nem na seca seu gado passa sede. Papai disse: porque padre? Porque a palmatória é um cacto, é da família dos cactos e é um cacto mexicano que armazena água na chuva pra servir a ele mesmo na seca. Aí a gente dá pra ele a água dele mesmo e salva o gado. Aí papai botou a plantar palma. Olha, Cuité pertenceu a Picuí e Picuí pertenceu à Cuité. Ao longo da história, você sabe quando Cuité foi invadida pelos portugueses, porque nós éramos pra ser da raça brasileira mesmo, raça sadia e honesta, infelizmente os europeus levantaram assim um cobertor, desculpe, os portugueses vieram nos infernizar e depois trouxeram outros europeus lamentavelmente cometeram um dos maiores crimes com a escravatura. com o beneplácito do papa, com todo respeito a sua religião. (Edson da Costa Pereira, entrevistado em agosto de 2017)

Ao falar de seu pai e sua ligação com terra, o narrador diz:

Jaime Pereira e Cláudio Furtado eram os maiores produtores de sisal e algodão, principalmente sisal. Deixaram o algodão morrer, as trustes do algodão, não sei se você sabe da Samba, era compradora única, uma empresa americana e judaica de judeus americanos como única compradora do algodão local, então, não tinha nenhum interesse em dar continuidade quando veio a fibra sintética. A economia de Cuité foi prejudicada quando veio o fato, era a base de agricultura de subsistência, certo? Agricultura do sisal e do algodão. Quando as

fibras sintéticas, o náilon, né, no começo era tudo náilon, sintéticas derivadas a base de petróleo foram sendo desenvolvidas no primeiro mundo as empresas que nos comprava algodão e agave foram se desinteressando, parando, até que houve um ponto que não sustentabilidade. E isso coincidiu também como o aumento da temperatura do planeta. Você pode achar que uma coisa muito recente pra se dizer, mas é uma conclusão minha, concomitantemente o clima do planeta foi mudando, nossa região foi se tornando toda semiárida que antigamente não era semiárida. Serra de Cuité antigamente era clima de serra, hoje tem clima de semiárido, entendeu? E não havia mais porque continuar com as culturas do agave e do algodão já que o clima não ajudava, os invernos se tornam irregulares e não havia compradores ou havia quem quisesse tomar o agricultor (...) as empresas compravam e queriam que o agricultor pagasse pra trabalhar pra eles, seu Cláudio foi vítima disso, meu pai e todos os demais produtores de algodão e sisal de Cuité foram vítimas disso. (Edson da Costa Pereira, entrevistado em agosto de 2017)

O narrador/entrevistado retorna suas lembranças para o seu genitor e destaca o pouco que estudou e, simultaneamente, seu gosto pela leitura:

Meu pai não tinha curso primário, mas meu avô era um engolidor de livros e fez com que meu pai adquirisse gosto pela leitura, papai só teve seis meses de aula na escola de dona Dulce que foi professora em Cuité muito antes do que seu avô chegasse lá, seu Euclides antes de ir para Cuité, dona Dulce foi a primeira professora de escola pública de Cuité, mas meu pai aproveitou bem, o que ele pode desses seis meses de aula ele aproveitou muito bem, agora não gostava de escrever, não tinha o hábito de escrever, isso pra mim de certa forma bom porque exigiu muito de mim, tá certo? Ele tornou-se presidente da casa Vidal de Cuité. (Edson da Costa Pereira, entrevistado em agosto de 2017)

Sua saída do campo para a cidade ocorreu na década de 1950 do século XX, seguida depois da migração para João Pessoa - PB, Caruaru – PE e Campina Grande – PB.

No ano de 1950 nós fomos morar na cidade. Chegou o ano de 1950 em que meu pai fez a casa da cidade, eu nasci em 42 e já estava com oito anos e foi com oito anos que eu vim morar na cidade e fui estudar na escola de tia Celina. Agora, de que nós sobrevivíamos, meu pai nunca foi de monocultura, ele nunca confiou numa coisa só, ele era agricultor e criador, embora todo mundo recomendar mais ele ser criador porque a agricultura tava caindo e nunca deixou ser e seu deixar de plantar, e se a gente deixar de plantar, quem vai comer, ele nunca tinha um pensamento isolado só do interesse dele. Ele sempre pensava na comunidade, não é gabolice, mas sempre foi a ideia dele, se o agricultor deixar de plantar quem é que vai comer nesse país? Sempre plantou milho, feijão; comprou um sítio na cidade onde

plantava mandioca, fazia farinha; construiu uma casa de farinha, era o pomar também.

Ai, no ano de 1950 fomos para rua, ele construiu a casa de 1949 para 1950, no ano de 50 nós fomos morar na cidade e eu fui posto na escola particular de dona Celina (...) meu pai construiu a casa e nós fomos pra cidade, pra escola de dona Celina, era uma casa de farinha antiga que meu avô remodelou mas, aí depois de dois anos na escola de dona Celina eu fui para o grupo escolar Vidal de Negreiros, quem não foi? (risos) e ao mesmo tempo tinha aulas particulares com dona Terezinha Xavier e dona Terezinha Xavier foi quem me preparou para o exame de admissão. Daí eu passei para o colégio fundado por Dr. Guimarães e Dr. Vicente. Dr. Guimarães, Manoel Guimarães, foi Juiz de Cuité e Dr. Vicente era o promotor e eu fui estudar nesse colégio que na época se chamava Escola Normal de Cuité, e da Escola Normal de Cuité eu sai para fazer exame de admissão em João Pessoa –PB, no colégio Lins de Vasconcelos, onde eu fiz um ano de ginásio e depois fui para Caruaru-PE terminar o ginásio. Fiz os três anos restantes no colégio de Caruaru, que era uma colégio católico, mas não era um colégio de padres e o científico eu fui fazer no Liceu Paraibano, época em que eu fui companheiro de Carlos Bezerra, Zé Bezerra e tinha outros colegas. As minha irmãs, todas, foram inicialmente alfabetizadas por minha mãe e quando fomos morar na cidade todas tiveram que ir para escola de dona Celina, entendeu? Depois foram para a Escola Normal de Cuité e depois para o colégio de Esperança-PB. Elza foi para o Colégio de Santa Rita em Areia-PB, de freira. Elza e Ediana, Corrinha foi para a casa de vovó em Esperança e depois meu pai alugou uma casa em João Pessoa, onde fomos todos e eu fiz o científico, fiz vestibular em João Pessoa e Campina Grande, passei em João Pessoa e Campina Grande, mas preferi Campina Grande porque a escola de engenharia de Campina Grande era melhor do que a de João Pessoa, era mais arrojada (risos). (Edson da Costa Pereira, entrevistado em agosto de 2017)

Na entrevista, evidencia-se a migração do campo para a cidade e depois o deslocamento dos entrevistados para fora da sua cidade natal, motivado principalmente pela busca da educação.

Na entrevista com Maria do Socorro e Maria do Carmo, filhas de Jaime da Costa Pereira, realizada em Campina Grande, elas falam da sua relação com pai, o campo e a cidade. Maria do Socorro narra:

Eu nasci no Imbé, na propriedade. E uma das coisas assim que prende muito a gente é que papai amava muito (choro) e uma coisa que ele focava muito era a questão do trabalho, que valorizava acima de tudo e, da educação. Então ele era uma pessoa que, vamos dizer que ele não sabia o caminho assim, o caminho dele pra gente era educar embora ele não soubesse como fazer isso, mas a primeira coisa que ele fez foi levar a gente pra Cuité e, lá, mamãe encaminhava, né, na época só grupo escolar. Ele era o provedor e assim ele via mais na frente, ele queria que a gente se educasse de qualquer jeito, ele não media

distância, pra isso mamãe ali junto, né, sempre. (Maria do Socorro da Costa Pereira, entrevistada em Julho de 2017)

A relação com a propriedade rural Imbé está vinculada à memória do pai. Contudo, a distância provocada pelo processo migratório fez com que os laços sociais com o lugar estivessem ligados à memória da infância e os laços afetivos com a família, contudo, ainda é um lugar para voltar:

Agora, com relação ao Imbé, como eu ia falando, a gente teve muita sorte de ter Jaime, que deu continuidade aos sonhos dele. E vai ficando difícil porque antes não era tão difícil, a gente morava ali era tudo aberto todo mundo se conhecia, né. A gente não tem uma relação muito direta, porque depois de Cuité-PB, Campina Grande-PB pra terminar a educação, aí saí de casa cedo. Tem filho e mil responsabilidades, mas eu acho que papai ensinou a gente a amar muito. E quando ele foi prefeito, ele fez o possível pra deixar Cuité-PB num nível mais alto tanto de educação (...) e de assim de levar Cuité-PB para um patamar que fosse conhecido. É tanto que Campina Grande era a rainha da Borborema e Cuité a rainha do agave, né, era o maior produtor de agave e algodão e, eu acho que é por isso que eu nunca quis tanto por respeito a ele nunca quis tirar meu título de lá, certo? Porque eu acho que a gente deve tentar melhorar as pessoas que estão a frente e mesmo no dia que eu não quiser votar, eu vou aqui nas sessões e atualizo meu título, mas eu não tiro de lá e, assim, do jeito que ele tá lá naquele sepulcro, eu quero ir pra junto dele. (Maria do Socorro da Costa Pereira, entrevistada em Julho de 2017)

Maria do Socorro abordou também o tema da política, e como o fato de seu pai ter sido prefeito ter afetado a vida social e ao mesmo tempo elogia a gestão do seu irmão, que foi também prefeito.

(...) eu acho que a política prejudicou muito a gente socialmente. Porquê, partiu mesmo. Era o lado bom e o lado ruim. E não tinha jeito. Até se intrigar (...) às vezes a gente se intrigava e nem sabia o porquê. Sabia depois. E eu acho que isso tanto prejudicou a gente socialmente como já falei, como com o próprio Cuité (...)
 (..) eu acho que, não sei se você sabe, mas o governo de Jaime foi excelente como prefeito, não é porque foi meu irmão não, ele foi condecorado e ele foi o prefeito mais jovem da época. (Maria do Socorro da Costa Pereira, entrevistada em Julho de 2017)

Sua irmã, Maria do Carmo, narra que seu pai Jaime da Costa Pereira não permitia que as mulheres frequentassem o campo:

Agora com a terra ele não deixava a gente ter muito contato. E principalmente, porque a gente morava fora e na época das férias a gente não ia quase nunca lá. Quando ele fazia algum piquenique,

alguma coisa, porque a gente não tinha casa né. A casa era sempre dos moradores, era uma casa grande, aí mamãe também não ia muito não, só as vezes (...). (Maria do Carmo da Costa Pereira, entrevistada em Julho de 2017)

Em entrevista com Maria do Carmo da Costa Pereira Telma Maria da Costa Cavalcanti, ela foi questionada sobre a sua ligação com a terra e sobre seus irmãos e filhos se alguns dos seus irmãos ainda permaneciam ligados a Cuité e a terra:

Então dos dez filhos quem ficou com ligação com a terra foi Elsa, Jaime e Gutemberg, e por causa da piscicultura, mas não na nossa terra mais, agora ele já está em João Pessoa. Mas os outros compram tecido para não comprar fazenda, eu pelo menos já disse na hora que fizer o inventário eu passo os cobres, não tenho nenhuma ligação com fazendas, nenhuma, nenhuma, nenhuma. Eu sou um bichinho urbano mesmo e Corrinha não tem, Ana Sonia não tem, Telma não tem, eu não tenho, só Elsa. Das seis filhas, só Elsa. E mamãe também nunca gostou não, mamãe também é um bichinho urbano. Os netos também não, mas se desse brecha. Só os de Elsa, mas se meu filho tivesse chance ele gostaria, somente a parte de animais. Todos os filhos homens de Elsa são ligados a terra, os do Simões são muito ligados a vaquejada, então tem interesse. Minha única identidade com a terra é um jarrinho de planta que tenho na minha casa (risos). Os meus filhos moram em Campina Grande, são dois: uma é administradora e o outro é Arquiteto. E realmente não tem ligação com a terra não. (Maria do Carmo da Costa Pereira, entrevista em 27/07/2017)

Maria do Carmo, em sua narrativa, expressa a educação conservadora em sua casa e, especialmente, com as mulheres:

Agora ele tinha aquela forma de pensar que filha era pra dentro de casa, então, quando a gente saia na calçada ele dizia: “a casa não tá cabendo não”. Às vezes eu dava uma fugidinha com Jaime (irmão), quando estava de férias, para pescar, mas era escondido dele, quando ele viajava, que ia para Campina Grande. Ele não deixava a gente ir para o sítio. As mulheres, a educação era sempre em casa, a gente não podia andar de bicicleta, não podíamos andar a cavalo, então assim, a gente não teve muita aproximação com a vida do campo. (Maria do Carmo da Costa Pereira, entrevistada em Julho de 2017)

Maria do Carmo, também como sua irmã, narrou como a política afetou a vida social na cidade de Cuité e de como a cidade está ligada as reminiscências.

É porque existia uma coisa em Cuité que prejudicou muito a gente. Por exemplo, se os filhos de Jaime Pereira não fazem isso, então ninguém pode, porque se fizer é errado. Então, a gente tinha que andar

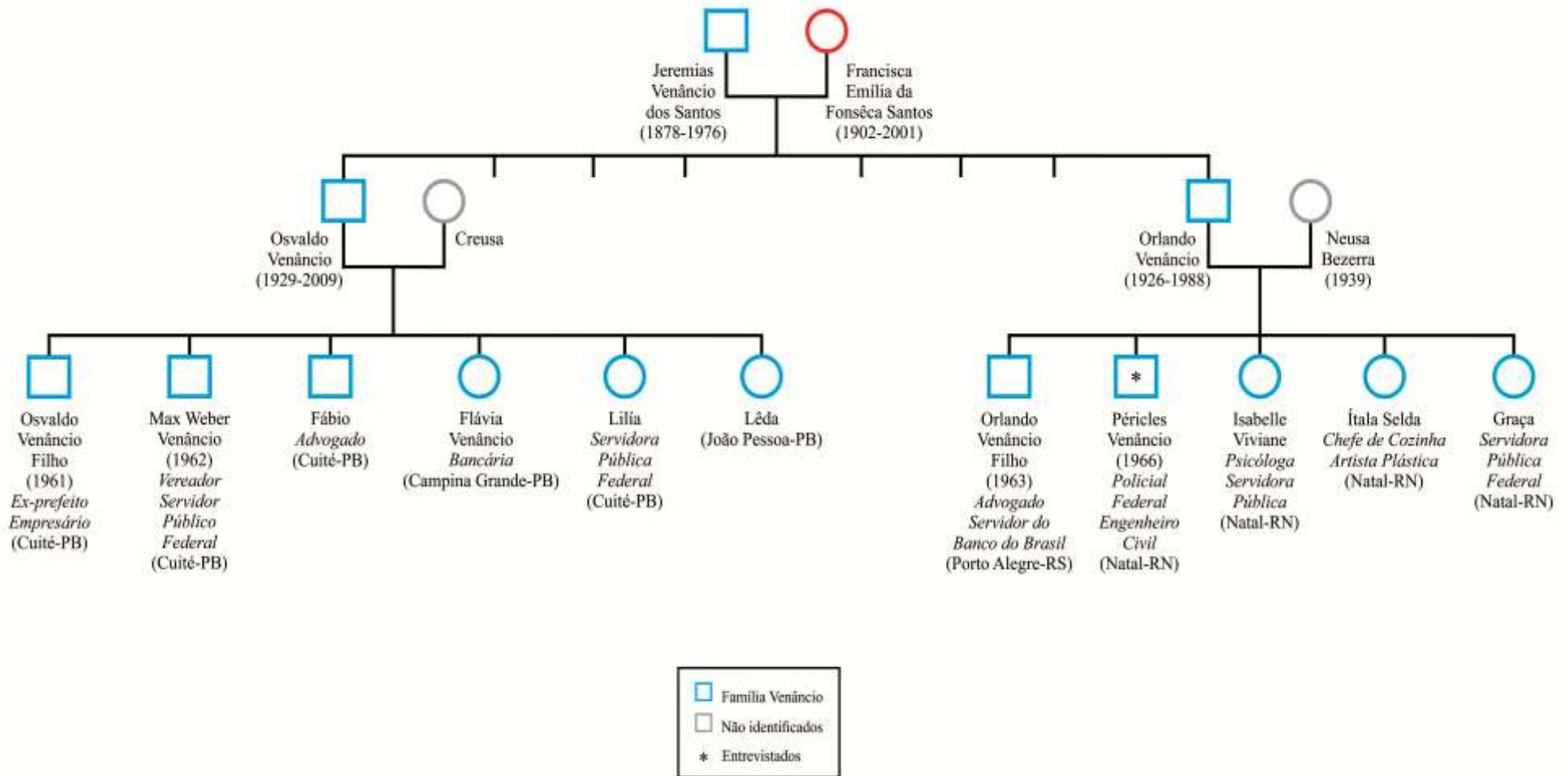
na linha de papai para que nenhum outro pai viesse reclamar (...). Então a gente tinha muito cuidado (...)
 É porque assim, ficar em Cuité, Cuité não tem mais sentido nenhum, nenhum, nenhum. O sentido era papai e mamãe, era a casa, sabe aquele cheirinho de bolo no forno, quando a gente chegava na sexta feira de tarde, aquele cheirinho de óleo de peroba de móveis que Luzia passava, sabe? Esses cheiros, assim, ficam. (...) Era aquela casa cheia, com movimento, com luz, com cor, com sabor, mas a gente chega lá agora, apesar de tá tudo do mesmo jeito, mas é uma casa vazia, silenciosa. (Maria do Carmo da Costa Pereira, entrevistada em Julho de 2017)

Neste último trecho da entrevista de Maria do Carmo da Costa Pereira, exprime-se uma tensão que é comum a grande parte dos entrevistados. De um lado, a referência a Cuité associa-se a um mundo pleno de significados, normalmente quando se pensa sobre o passado. Por outro lado, quando refletem sobre o presente, a relação com a cidade de origem, onde passaram a infância e onde seus pais tiveram papel de protagonistas na vida política, econômica e social, deixa de ser significativa. As memórias, cheiros, sabores, sons de que fala Maria do Carmo quando menciona o passado contrastam com o vazio, o silêncio do presente.

2.1.4. A diáspora na família Venâncio dos Santos

Na família Venâncio dos Santos, optamos por destacar a descendência de dois filhos de Jeremias Venâncio dos Santos. Esses dois filhos, de um total de oito, herdaram do pai a atuação política. Orlando Venâncio dos Santos foi prefeito, assim como sua esposa, Neusa Bezerra dos Santos. Osvaldo Venâncio dos Santos foi vereador. Dos cinco filhos de Orlando, nenhum reside atualmente em Cuité, ainda que Péricles Venâncio dos Santos, o filho mais novo, tenha sido vereador e candidato derrotado à prefeito. Todos os cinco filhos de Orlando têm curso superior: direito, engenharia, psicologia, gastronomia e artes plásticas. Atualmente, residem em Natal (RN) e Porto Alegre (RS). Dos seis filhos de Osvaldo Venâncio dos Santos, Osvaldo Filho (Bado) foi prefeito em duas legislaturas, além de vice-prefeito e vereador, mantendo sua residência em Cuité. Max Weber (Quinho) é vereador e servidor do INSS, também residindo em Cuité. Dos outros quatro filhos, dois residem em Cuité e duas filhas residem em Campina Grande e João Pessoa (DIAGRAMA 9).

Diagrama 9: Diáspora dos descendentes da Família da Venâncio dos Santos– Cuité PB



Fonte: Elaboração própria a partir de inventários e entrevistas.

A partir desta família, que dominou a política cuiteense nos anos mais recentes, é possível perceber que a manutenção do vínculo com o município passa diretamente pelo desempenho da atividade política. Na linhagem que perdeu influência política, a diáspora foi completa. Já na linhagem que manteve o acesso aos cargos políticos, a maior parte dos descendentes continua a residir na cidade. A quarta geração, contando a partir de Jeremias Venâncio dos Santos, porém, tem poucos de seus membros ainda residindo na cidade, seja na descendência de Orlando⁶⁸ ou de Osvaldo.

Em entrevista com Péricles Venâncio dos Santos, realizada em Cuité, ela narrar a trajetória diaspórica da família:

Quando papai trabalhava em Natal, na época passava a semana fora. Na segunda-feira, viajava, e voltava na sexta-feira. Então, sexta, sábado e domingo a casa praticamente era, não era nossa, a casa era do povo, né. (...). A casa era a casa à moda antiga, tipo essa aqui que era a sala, os quartos dando para sala, então quando você acordava já tinha vinte (pessoas) sentados no sofá, (risos), você ia tomar café, almoçar não tinha lugar na mesa, era aquela coisa meio à moda antiga. Hoje você não vê quase isso na casa de político, né. Que mais daquela época, eu era muito pequeno, então minhas lembranças são poucas. Em 74, 75 foi a nossa mudança para Natal. Eu acho que foi mais por questões financeiras mesmo. Então papai...E as meninas que já estavam chegando ...precisavam fazer... iam entrar no segundo grau, as irmãs, e aí resolveu se mudar pra Natal porque na época ele trabalhava lá. É...no começo lá, era... foi bem complicado, né. Papai nunca foi uma pessoa muito ligada a... é, é nunca valorizou a questão financeira, nem material, então pra ele tendo o que comer, o pão de cada dia, para ele estava resolvido. Então ele teve muitos momentos de aperto mesmo lá, grande e vinha sempre a Cuité e não se desligou da política, continuava sendo a liderança política, né, apesar de tá afastado mais era quem dava, na minha opinião, era quem dava as cartas. E a gente, ele..., a gente vinha pouca aqui nessa época. Ele que vinha praticamente todo final de semana. Ele vinha, tinha algumas ações, alguns processos, ações judiciais que ele advogava, na maioria das vezes de graça, nunca cobrou, quase não cobrava pelo menos do pessoal de Cuité, ele não cobrava, o pouco que ele recebia era de ações de outros municípios, mas aqui da região não cobrava. (Péricles Venâncio dos Santos, entrevistado em agosto de 2018)

Ao ser indagado sobre a saída e volta à cidade de Cuité e sobre sua trajetória escolar, contou:

A gente chegou em Natal e aquela questão financeira que eu tinha falado que a situação financeira era, da família, de papai no caso, né, não era muito boa, ele era um funcionário público e na época ele era procurador do antigo INAMPS.

⁶⁸ Nenhum de seus netos moram atualmente em Cuité.

Eu acho que pela época ele, salvo engano, ele entrou no serviço público em 1963, eu acho que foi nomeação, conseguiram politicamente, nunca perguntei isso, não sei, mas, pela época, eu acho, não sei se tinha isso aí. Ele entrou, trabalhou um tempo em João Pessoa, depois foi para Campina Grande e depois pediu transferência pra Natal como procurador. Começou tudo antes do INAMPS, era o IAPAS. Eu sei que era o instituto de previdência que hoje se transformou em INSS, né. Mas, ele foi pro INAMPS e na época o salário não era um salário compatível como é hoje o que ganha a mesma função de procurador que hoje tá nivelado, né, que o que hoje mamãe ganha de pensão, salário de procurador federal, então tá nivelado, então na época não era um salário porque eu me lembro que a gente morava em uma casa bem simples lá em Natal e que minhas irmãs foram estudar em um colégio particular porque já estavam mais perto do vestibular e eu e meu irmão estudávamos em colégio público (...) A opção era essa: “vocês ainda têm mais tempo e as meninas têm que estar em um colégio melhor porque elas vão fazer vestibular”. Então, Graça, Isabele e Ítala foram pro colégio das Neves e eu e meu irmão, Lando, fomos pra colégio público pertinho da casa em que a gente foi morar. Eu continuei na escola pública até a faculdade, eu fiz, quando eu terminei o ensino fundamental, naquela época no caso ginásial, eu fiz a seleção para escola técnica, passei na escola técnica, fiz escola técnica, o IF que é hoje e depois emendei com a universidade. Lando, ainda, terminou o ginásial nessa escola pública e depois foi para um colégio particular, o Imaculada Conceição e as meninas continuaram no colégio das Neves até entrar na universidade, na faculdade. Nesse período teve um aperto grande lá em casa, eu tenho umas cenas, assim, que eu não esqueço nunca, papai precisando de dinheiro pra vir aqui em Cuité por conta de política mesmo e não tinha um centavo. (Péricles Venâncio dos Santos, entrevistado em agosto de 2018)

Ele tratou também das implicações políticas e familiares ao retornar para o município e da sua ruptura com a família por disputas políticas com o primo Osvaldo Venâncio dos Santos Filho:

A minha volta pra cá é, é acho que foi aquela coisa de ... primeiro a decepção com a profissão, tinha terminado engenharia, tinha trabalhado uns quatro anos em algumas construtoras lá, tinha trabalhado por conta própria e pegou um momento de crise muito grande da economia e, então, praticamente não tinha emprego pra engenheiro. O emprego que eu consegui que o salário era tão baixo que eu me recusei a aceitar, mesmo, como eu não precisava na época me dei ao luxo de recusar e ficar desempregado e, aí coincidiu com a eleição de Bado a prefeito aqui, a prefeito de Cuité, né. Ele me chamou pra eu trabalhar com ele e eu vim na maior das boas intenções (...) na campanha de deputado, deixar a gente do PT fazer a nossa campanha, ele fazia a campanha dele, o candidato a deputado dele mas, passado a campanha ia tá todo mundo no mesmo grupo de novo e , aí na campanha foi... terminou que virou uma campanha pessoal de Carlos Bezerra contra o candidato dele na época que eu acho que era Olenka Maranhão, e aí quando terminou a campanha, antes de terminar a campanha eu fui lá no gabinete dele e disse que estava de saída, que estava saindo da prefeitura e que não concordava com um monte de coisa e que não ia ficar, aí terminou a campanha, saiu minha exoneração e, aí começou o racha mesmo do grupo, do PT com o PMDB, e politicamente meu com ele, então a família partida no meio. (Péricles Venâncio dos Santos, entrevistado em agosto de 2018)

De acordo com Péricles, quem comandava a família após a morte de seu pai era sua tia:

A família é, na época quem dava as cartas era tia Elita, né. Tia Elita era aquela questão do tradicional, a família Venâncio, aquela coisa, está acima tudo. (...) A família era sinônimo ou pelo menos se autodenominava como honesta, ética, tudo na política (...). Eu acho né, que foi um dos maiores atritos meus com a família, foi que eles tomaram partido de Bado, eles, a grande maioria, a parte da família Venâncio(...), ela fez uma opção e a opção mais cômoda era por ele que já era prefeito, que era o nome da família que tinha retomado o poder depois de vinte anos, que tinha perdido a prefeitura de Cuité. Então, fez uma opção por ele, e aí foi assim, o meu afastamento não achava que fosse diferente não até porque eu rompi com a família e em uma eleição seguinte eu me juntei com o adversário da vida toda da família, né, que, era aquela coisa você fazia um bicho papão, enquanto você estava de um lado você tinha pessoas como demônios da política, tudo que há de mais podre e mais ruim era o outro lado (...). (Péricles Venâncio dos Santos, entrevistado em agosto de 2018)

Péricles falou também da sua ligação e de seus irmãos com a cidade:

A gente saiu muito cedo, muito cedo de Cuité. Eu, pelo fato de ter voltado, minha ligação ficou maior, voltou, né, eu...reascendi isso mas a ligação das meninas, eu acho, é muito mais a família do que a cidade, o que a família representava, existia uma união muito grande. Hoje você não vê famílias grandes, poucas famílias grandes, como era a nossa (...) que eram sete ou oito irmãos só na casa de papai e cada um com quatro, cinco filhos, então a quantidade de primos era grande demais e sempre estavam se reunindo pelo menos duas, três vezes por ano, se reunia apesar de já morar muita gente, por exemplo, em João Pessoa, Campina, alguns aqui, a gente lá em Natal mas, sempre se reunia no carnaval, o carnaval, por exemplo, era momento de interação, de integração de reunião da família, impressionante com a história do carnaval, dos blocos, o Loves Band⁶⁹, tinha até a disputa política entre o Loves Band e Loucos do ritmo e o Loves band era o bloco da família Venâncio, Loucos do ritmo era o bloco da família Pereira e tinha alguns, algumas ovelhas negras, tanto de um lado quanto de outro, por exemplo, um exemplo aqui o pessoal lá de seu Martinho, Ilka e Miriam, mesmo sendo da família Pereira elas sempre foram do Loves band, né, mas isso na época era um Deus nos acuda, né, porque a disputa política era tão grande que você não podia nem ter amigos dentro do outro lado, então tinha essa ligação muito forte da família mesmo. Os primos sempre foram muito, muito unidos, né, é, quando eu tomei a decisão política lá em casa foi inicialmente, tinham muito é... me chamando de doido, maluco, olharam, visualizaram a coisa pelo lado familiar, nunca pelo lado político, a questão de convicção política de, de... só que ao longo do tempo, eu consegui é, é ... convencer. (Péricles Venâncio dos Santos, entrevistado em agosto de 2018)

⁶⁹ “O bloco carnavalesco LOVE’S BAND foi fundado no ano de 1971, pela jovem Cláudia Furtado que com vigor de sua juventude, conseguiu unir em torno de seu projeto os jovens que, em sua maioria, estudavam fora da cidade, pois era com grande entusiasmo que se reuniam para passar férias em Cuité.” (VENÂNCIO e VENÂNCIO, 2004, p. 187)

Uma passagem do livro *Ao nosso querido Orlando*, no capítulo *Seus pais*, escrito em 1979 por sua irmã Maria Elita dos Santos Fonseca, ao falar do pai ela diz:

(...)JEREMIAS VENÂNCIO DOS SANTOS serviu a sua terra e a sua gente, constituindo-se num modelo de dedicação e carinho. Os cuitenses o venerarão e jamais será esquecido, visto ter sido ele, para sua terra, o amor que constrói, o carinho, a dedicação que enobrece e as criaturas e vivifica o ser humano. Cuité para ele era sua própria razão de ser. (VENÂNCIO, 2010, p 15)

2.2. Diáspora, memória e perda dos vínculos com o lugar de origem

Cláudia Furtado, filha de Cláudio Gervásio Furtado, expressa, em entrevista cedida no trabalho de pesquisa para esta tese, os dilemas dos descendentes diaspóricos das famílias da elite cuitense. Segundo ela, é preocupante que as reuniões com a família extensa estejam ocorrendo sempre em situações de falecimento. Os velórios se tornaram a oportunidade para que todos se reencontrem:

A gente se reúne pouco, mas quando a gente procura se reunir, a gente acha muito bom, muito gostoso. Então, como nossa família é grande, porque Papai contando com ele eram oito, a de mamãe oito, então assim oito filhos pra lá e oito pra cá e cada um com quatro, cinco filhos, né. A gente tava comentando que praticamente a gente se reúne quando uma pessoa falece e só em funeral, e isso é muito ruim, é péssimo! Quando Tia Alba fez noventa anos a gente se reuniu, aí Tia Elita também fez e se reuniu. Quando tem formatura, casamentos a gente procura chamar todo mundo, o máximo que a gente puder. Então, isso a gente se reúne. Aqui em Cuité-PB, até então Cristina tem a casa por aqui(Cuité). Na Festa da Padroeira, na Semana Santa, o pessoal gostava de se reunir e quando tem São João em Campina Grande a gente se reúne também, mas não reúne todo mundo, sabe? (Cláudia Furtado Carneiro da Cunha, entrevista em 28/07/2017)

Podemos analisar que aquele lugar associado à origem, ao passado, insiste em se impor no presente como lugar de perda, de morte. A questão levantada por Cláudia Furtado não é específica de sua família. Em muitas entrevistas que fizemos, aparece a dificuldade de manter as reuniões familiares, os vínculos primários que informam uma identidade e um lugar social.

A identidade aparece como uma forma dos membros das famílias se localizarem no sistema social e serem reconhecido socialmente. A identidade é uma estratégia de inclusão e exclusão pois ela informa a que grupo social o indivíduo se vincula e o diferencia dos demais. Estas identidades vão se evidenciar por meio das narrativas que se constroem e reconstroem entre os diferentes atores sociais. Ao lembrar o passado, os entrevistados/narradores são

estimulados a reviverem e recontarem suas vidas conforme o que é lembrado no presente. O passado está no presente e um não elimina o outro; os dois estão imbricados em uma mesma esfera simbólica e se conectam. Contudo, os entrevistados, ao narrarem suas vidas, utilizam alguns filtros e estes filtros advindos do presente não diminuem a relevância dos fatos passados; mais do que isso, as experiências contadas e recontadas ganham significados e servem para repensar o presente e o passado. Com as raízes no município de Cuité, os entrevistados e as entrevistadas lembram dos pais, da infância e da juventude transcorridas e sua ligação com o lugar. As transformações sociais associadas à modernização da sociedade brasileira corresponderam, no interior da Paraíba, à necessidade dos homens e mulheres da elite buscarem novos caminhos por meio da educação formal.

Isso porque:

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo c, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o outro. Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de aceitabilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente renegociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p. 204)

As histórias contadas por alguns membros das famílias estudadas não existem isoladas, compõem parte do momento histórico que conecta a redes sociais, através da disseminação do modo de ver e viver no espaço social e por culturas familiares direcionadas por meio de padrões de comportamento estabelecidos, em que os papéis sociais são determinados segundo a hierarquia social, que vai compor uma forma de memória coletiva. No próximo capítulo, os aspectos da memória e da hierarquia social serão analisados a partir dos esforços biográficos realizados por alguns membros da elite cuiteense.

CAPÍTULO III

MARCADORES DAS DISTÂNCIAS SOCIAIS NAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE ANTIGAS FAMÍLIAS DA ELITE CUITEENSE

O interesse sociológico na temática da estratificação social objetiva compreender como as desigualdades entre indivíduos num dado momento do tempo são reproduzidas entre e através das gerações (BOTTERO, 2005). A reflexão sobre as desigualdades sociais deve resultar em uma narrativa processual, que apreenda as dinâmicas que engendram os modos pelos quais as distâncias sociais são criadas, legitimadas e mantidas. Não são apenas os acadêmicos e especialistas, no entanto, que refletem sobre a produção e reprodução das desigualdades. Esse tema é recorrente na vida cotidiana, como parte das disputas simbólicas que são travadas em torno da “representação” válida do que se acredita ser o “real” (BOURDIEU, 2004). Grupos sociais cujo status ou pertencimento à classe dominante passa a ser questionado ou ameaçado pela dinâmica das transformações sociais parecem dedicar-se, porém, com mais afinco às lutas relativas à representação “verdadeira” das distâncias sociais.

Nesta tese, partimos de materiais biográficos e autobiográficos produzidos por membros das antigas famílias de grandes proprietários de terra da região do Curimataú paraibano, para refletir sobre os modos pelos quais esses indivíduos manejam um conjunto de marcadores das desigualdades e distâncias sociais, num momento em que seu status social privilegiado passa por um processo de reavaliação em virtude da crise do latifúndio como modo de organização social, crise esta intensificada nas décadas de 1970/1980. São analisados três livros, publicados a partir de meados da década de 1980, em edições financiadas pelos próprios autores, em que reminiscências do passado são organizadas em narrativas que buscam tornar coerentes e acessíveis as histórias familiares a partir das histórias individuais. São eles: “O diário de Vovô Pedro” (1986), editado por Marisa Alverga, a pedido dos filhos de Pedro Simões Pimenta, com base em seus diários, lançado quando de seu aniversário de 90 anos; “Nós Dois” (2004), autobiografia escrita por Elza Elísia Fonseca dos Santos Furtado, das tradicionais famílias Fonseca, Venâncio dos Santos e Furtado, filha e esposa de políticos destacados do município de Cuité; e “Família Henriques: 200 anos de Picuí e famílias V.I.P” (2008), uma mistura de história de família com notas autobiográficas, de autoria de Heleno Henriques de Araújo.

De acordo com Bottero (2012), mudanças sociais de longo prazo afetam o significado das hierarquias sociais para as pessoas. Para estabelecer a sua própria posição, as pessoas

costumam se comparar com aqueles que são próximos (vizinhos, amigos etc.) e socialmente semelhantes a si mesmos. Mas também podem comparar a si mesmos em pontos anteriores no tempo, ou às gerações anteriores. A história da família oferece uma maneira de explorar essas questões e a análise das narrativas familiares/biográficas permite realizar, de acordo com a autora, duas tarefas relacionadas: a) examinar os processos de comparação social pelo qual a posição social hierárquica está determinada; e b) explorar como a mudança social em si afeta o senso de posição relativa e da desigualdade das pessoas.

Assim, a análise dos três livros acima indicados buscou apreender as marcas de diferenciação social que são mobilizadas pelos autores em seus escritos, que expressam as maneiras pelas quais eles representam as distâncias sociais no passado e no presente, sob o pretexto explícito de contar a história individual e familiar. Ressalta-se as inter-relações entre o individual e o coletivo, no compartilhamento de práticas, crenças, representações e lembranças, em que o passado e o presente são entrelaçados de modo a informar a posição social de seus autores e de suas famílias.

Estas questões foram discutidas a partir da compilação dos marcadores de distância social (em múltiplas narrativas e controvérsias) utilizados nos relatos publicados e no tratamento dado pelos autores às próprias genealogias. O olhar sobre a história da família promove certos tipos de comparações sociais, entre "então e agora", e entre parentes imediatos, o que pode escamotear as hierarquias sociais (CANDAU, 2014). Contudo, a capacidade de determinar a posição social também depende da qualidade das informações disponíveis, proporcionando diferentes campos de visão em relação às desigualdades. Mas a história da família também aumenta perguntas sobre o presente no passado e as maneiras pelas quais os historiadores da família localizam os seus antepassados (BOTTERO, 2012).

3.1 Narrativas biográficas e diferenças sociais

Ao estudar narrativas de vida, buscamos compreender o jogo social da memória e da identidade enquanto elementos das desigualdades ou diferenças sociais. Para Candau (2014, p.137), a busca identitária movimenta e reorganiza, regularmente, as linhagens mais bem asseguradas, jogando com a genealogia naturalizada ("relacionada com sangue e solo") e a genealogia simbolizada (constituída a partir de relato fundador). O autor também ressalta que as memórias genealógicas não são as mesmas entre os camponeses, os burgueses, os nobres ou as classes médias.

De acordo com Candau (2014), a memória familiar é uma memória curta e cada indivíduo sabe que, uma vez que a profundidade de sua memória não vai além de duas ou três gerações, ele mesmo vai ser esquecido algum tempo após sua morte. Essas memórias, mesmo quando inscritas na elaboração de uma identidade coletiva, buscam salvaguardar a memória de seus ancestrais e também a do genealogista.

Para Bottero (2012), as memórias de família são uma história de como um indivíduo irá mobilizar seu passado e dar-lhe significado, mais ou menos conscientemente. A memória da família é o resultado do trabalho de reapropriação e negociação que alguém fez vis-à-vis a história. E a investigação sobre a genealogia familiar cumpre a tarefa de apoiar um senso de 'eu' através de busca de conexões ancestrais. A história familiar retrabalha a auto-identidade e a genealogia é, frequentemente, enquadrada como uma busca para saber "quem é você" em termos de "de onde você vem".

Mas a memória não é fiel aos fatos (AUGRAS, 1997). O testemunho vivo e a rememoração são produtos da subjetividade. A análise dos esforços dos historiadores de família permite, assim, compreender como questões de mudança à longo prazo afetam a percepção de posição social histórica das pessoas e assim a sua consciência das desigualdades relativas em face dessa mudança.

Para Portelli (1997):

Ainda que esta [a memória] seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre por meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais. (PORTELLI, 1997, p 16)

Ao explorar histórias de família, Bottero (2012) interessa-se pelas hierarquias sociais e em como as desigualdades estão entrelaçadas através de laços pessoais e conexões sociais. Ela explora este tema a partir de três ângulos em seu trabalho: usando o parâmetro dos laços sociais para mapear hierarquias; pensando em como laços e a interação social podem contribuir para teorizar hierarquia e desigualdade; e como a rede de conexões sociais afeta a visibilidade da desigualdade.

As hierarquias sociais, por outro lado, expressam modos de conexão, relações de interdependência entre indivíduos e grupos, que Norbert Elias (2005) abordou através do conceito de figuração. As figurações devem ser apreendidas em fluxo, com processos sociais interligados, mas com temporalidades distintas. Assim, é preciso tomar as histórias de família como expressão das experiências de certos indivíduos e também como uma aproximação a redes de interdependência, em diferentes escalas de análise.

É necessário um estudo qualitativo das histórias de família, explorando como - no processo de pesquisa das suas árvores genealógicas (ou origens sócio históricas) - historiadores da família investigaram processos históricos e como situam a si e a seus ancestrais, dentro de narrativas de mudança histórica e social. Teixeira (2003, p. 39) afirma que as “narrativas são reconhecidas e analisadas como meio de se conhecer como o social se personifica nos sujeitos, como a dinâmica social pode ser retratada nas vidas singulares cotidianas”.

Através das histórias da família, o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade das experiências. O sujeito como uma figura central no processo de pesquisa sublinha a importância das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa, que concede ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história. A elaboração de uma narrativa inscreve-se na subjetividade e estrutura-se num tempo, que não é linear, mas num tempo da consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmo. Assim, segundo Halbabwachs (*apud* CANDAU, 2014, p. 137), o conjunto de lembranças que compartilham os membros de uma mesma família participa da identidade particular dessa família.

Bottero (2012) argumenta que, dentro de algumas gerações, as vidas ligadas em árvores genealógicas guardam grandes transformações sociais, em uma escala que levanta questões sobre como as pessoas dão significado às desigualdades em face dessas alterações. Para ela:

(...)whilst the ‘case family history method’ has generated family stories to investigate ‘family transmission’ (Bertaux and Delacroix 2000; Thompson 2005). Less attention, however, has been paid to the significance of social hierarchy or social mobility for family historians themselves. Yet within a few generations, the linked lives in family trees bear witness to major social transformations, and on a scale which raises questions about how people make sense of inequalities in the face of such widespread change. (BOTTERO, 2012, p.55)

Esta tese parte do pressuposto que as narrativas biográficas aqui trabalhadas são um meio de refletir sobre transformações sociais e como elas são percebidas e vivenciadas ao longo do tempo, num processo de elaboração e reelaboração da história local e familiar. Por este motivo, optou-se por trabalhar com narrativas familiares interligadas, pois mesmo que tratem de três diferentes famílias, estas famílias compartilham uma mesma condição social (proprietários de terra), convivendo (ao longo do século XX) num mesmo espaço (Curimataú Paraibano). A ênfase da análise, porém, será dada aos marcadores mobilizados pelos autores para tratar das distâncias sociais, oferecendo assim uma compreensão mais detalhada sobre as maneiras pelas quais lidam com as desigualdades e hierarquias sociais. A produção literária local é tratada, assim, como produtora de esquemas de apreensão de processos históricos que envolvem as famílias do Curimataú Paraibano.

3.2 As reivindicações das posições sociais

Não são apenas as memórias individuais e familiares que emergem em “O diário de Vovô Pedro”, “Nós Dois” e “Família Henriques: 200 anos de Picuí e famílias V.I.P”. Ao mobilizarem, no presente, aquelas experiências que lhes parecem mais significativas de uma vida, é possível a apreender os modos pelos quais os autores destes livros buscam dar coerência narrativa a suas trajetórias, localizando-as no âmbito de uma história familiar. Nenhum destes títulos tem a ambição de oferecer um painel mais geral dos mundos sociais em que seus autores viveram. Não há, nestas narrativas, nenhum traço do romancista ou do biógrafo com pretensões literárias que reflete sobre o mundo que conheceu, tentando estabelecer conexões e defender interpretações totalizantes do passado; muito menos preocupações sociológicas. É principalmente como cronistas que se apresentam ao leitor. Seus registros incidem particularmente sobre os microcosmos de suas existências, que não deixam de ser variados, e se têm interesse sociológico é pelo que revelam não tanto em termos factuais, mas enquanto evidências dos modos pelos quais as distinções sociais vão sendo mobilizadas para justificar a crença que suas vidas foram/são especiais.

As estratégias narrativas utilizadas são bem diversas. “O diário do Vovô Pedro”, como o título indica, baseia-se no diário mantido por Pedro Simões Pimenta (com registros que vão de 1920 até 1986), nascido no final do século XIX, em 1896, e que ainda antes do final da

primeira metade do Século XX era um dos principais proprietários de terra em Cuité⁷⁰, tendo sido prefeito de Cuité entre 1951 e 1955.

“Nós Dois”, de Elsa Elísia Fonseca dos Santos Furtado, é concebido como uma história de amor, este que assume um tom mais memorialista entre os três livros aqui analisados. Mas sua estrutura é bem simples, em que informações e eventos vão sendo narrados numa sequência cronológica bastante esquemática. O casal Elsa Elísia Fonseca dos Santos Furtado e Cláudio Gervásio Furtado representa a conjugação de capitais fundiário, comercial e político, além de social e cultural. Eram representantes de duas famílias influentes do município de Cuité entre as décadas de 1920 e os dias atuais, os Venâncio os Furtado. Cláudio Gervásio Furtado foi vereador na legislatura 1959-1963 e depois prefeito do município em 1963-1968 e 1972-1977⁷¹. Faleceu (em 1996) antes que sua esposa escrevesse o livro, em que pretende, ao mesmo tempo, homenagear o marido e relatar suas experiências na infância e adolescência.

Finalmente, “Família Henriques: 200 anos de Picuí e famílias V.I.P” apresenta uma estrutura no texto, em que um conjunto bastante diversificado de informações são catalogadas, sem um fio narrativo muito claro. Heleno Henriques de Araújo, natural de Picuí, mas residindo em João Pessoa, considera-se enólogo e atua como professor universitário na área de hotelaria, além de ser criador de gado Jersey, na sua fazendinha Várzea da Cruz” (ARAÚJO, 2008, p. 04), em Picuí, membro de uma família que também conjuga capitais econômico, político e cultural.

As narrativas reivindicam a última palavra acerca das posições sociais de seus autores, legitimadas no passado/história familiar. Estas reivindicações estão organizadas, para fins analíticos, em cinco dimensões interconectadas: as origens sociais; as distinções do letramento; os feitos dos modernizadores; a influência política; e o domínio da etiqueta e da elegância. Estas dimensões, mobilizadas como marcadores de posição social ou organizadoras

⁷⁰ No dia 22 de setembro de 1947, Pedro Simões Pimenta anotou em seu diário que “por gostar tanto do campo, comprei muitas propriedades. A primeira foi Pinhões a José Dondon e em seguida adquiri: Papagaio – José Dondon/Malhada da Cruz – José Dondon/Malhada da Cruz – José Vicente/Malhada da Cruz – Padre Joel/Canoas – José Josias/Baixio – José Benjamim/Carneiro – Antônio Cassiano/Retiro - Antônio Cassiano/Retiro – Oscar Guedes/Tanques - Oscar Guedes/Palhares - Oscar Guedes/Cabaças - Oscar Guedes/Capado - Oscar Guedes/Várzea das Parelhas – Marcelino Fialho/Jardim – Pedro Nobre/Olho d’água dos Porcos – Pedro Nobre/Largem Formosa – Joaquim Salusto/Chá das Areias – Belizio Ramos/Tanques do Marinheiro – Clóvis Fonseca/Tanques – Adauto Fonseca/Olho d’água do Costa – J. Felix/União – Enoque Medeiros(PIMENTA, 1986, p.38-39)”. Totaliza, assim, 23 aquisições.

⁷¹ Membros da família Venâncio foram prefeitos da cidade em diferentes legislaturas desde a emancipação política do município. A última, Euda Fabiana Palmeira, casada com um ex-prefeito da família Venâncio, foi prefeita entre 2008-2012 e 2013-2016. O pai de Elsa, Jeremias Venâncio dos Santos, nascido “em Cuité, no dia 18 de outubro de 1878 (...) destacou-se como comerciante, deputado e chefe político local” (PEREIRA SOBRINHO, 2005, p. 42).

das hierarquias sociais, estão, com ênfases variadas, presentes em todas as obras. São instrumentos de inteligibilidade dos esforços de fundar no passado as reivindicações de status social elevado feitas no presente.

3.3 As origens sociais

Elsa Elísia Fonseca dos Santos Furtado, já na apresentação de “Nós Dois”, enfrenta a questão das origens, tanto sua como de seu (no momento em que o livro é publicado) falecido esposo:

“*Nós Dois*” somos naturais de Cuité, sendo: Cláudio, filho de Felipe Furtado da Silva Coelho e Joana Emília da Fonseca Coelho, ambos naturais de Cuité, agropecuaristas e proprietários da Fazenda Malhada de S. Domingos, neste Município, onde residiam. Tiveram oito filhos: M^a Emília, Adalgisa, Feliciano, Joventino, Herondina, Benedito, Cláudio e Carlos. Éramos oito também: M^a Elita, Alba, Ilze, Orlando, Onaldo, Osvaldo, Eu e M^a Diva, filhos de Jeremias Venâncio dos Santos e Francisca Emília da Fonseca Santos (D. Chicota), também naturais de Cuité, comerciantes e residiam aqui na cidade. (FURTADO, 2004, p. 11)

Elsa e Cláudio, nascidos em 1931 e 1925, respectivamente, é o que informa a autora, não apenas nasceram em Cuité, como seus pais eram também naturais deste município. Numa cidade cuja ocupação, de acordo com a história oficial, remonta à segunda metade do XVIII, e que em 2017 completou 80 anos de emancipação política, não eram muitos os que podiam apresentar como progenitores, ainda na primeira metade do século XX, pais também nascidos no município. A antiguidade da família, mas não apenas, já que se informa serem agropecuaristas e comerciantes, além de políticos, indicaria também a permanência, no tempo, de uma posição social destacada.

A origem portuguesa é que marca a posição social de Pedro Simões Pimenta e Heleno Henriques de Araújo. O primeiro é mais vago acerca dessa origem: “Meu pai, Joaquim Simões Fernandes Pimenta, descendia de portugueses.” (PIMENTA, 1986, p.19)

Já Heleno Henriques Araújo indica não apenas uma ascendência portuguesa, mas insinua também que a família tem sua origem na nobreza lusitana:

O Brasão da capa deste livro histórico é originário da Torre do Tombo. Em Portugal, existem arquivo dos 333 brasões das famílias que vieram com Dom João VI para o Brasil cuja descendência indicavam nobreza. (ARAÚJO, 2008, p. 02)

Não há um esforço de fundar estas reivindicações de origem portuguesa em evidências documentais. O tema das origens, ainda que enfrentado por cada um dos autores logo no início de seus relatos, é apresentado de maneira rápida e genérica. Sem dúvida compreendem que é preciso fundar sua distinção social numa origem também ela distinta. Mas não parece necessário apresentar as provas das reivindicações feitas quanto a este aspecto. A antiguidade da posição social é fundada, seja como família antiga do lugar, seja pela ascendência portuguesa (e até mesmo nobre) e, então, os autores podem se voltar para as narrativas mais próximas da sua própria vida, do testemunho daquilo que foi vivido. Neste aspecto, o livro de Heleno Henriques Araújo difere dos outros dois, pois em que pese a predominância da narrativa pessoal, o escopo de seu trabalho é, em termos temporais, mais ambicioso: 200 anos da família Henriques e das famílias V.I.P. de Picuí. Essa história, porém, também não é apresentada com farto material documental, ainda que o autor afirme que tenha estes documentos, colhidos em pesquisa.

3.4 As distinções do letramento

O letramento emerge nas narrativas como o principal elemento de distinção social das famílias. Mais do que o aspecto econômico, os autores parecem fundar na excepcionalidade do conhecimento das “letras” a diferença social de suas famílias. O letramento é uma distinção que acompanha diferentes gerações das famílias. Primeiro, os antepassados:

Meu pai, Joaquim Simões Fernandes Pimenta, (...) era o único homem da região que sabia ler e escrever. (PIMENTA, 1986, p.19)

Pelo inventário de Joaquim José da Costa lavrado em 1870, descobre-se uma grande preocupação do Pai Joaquim da Volta em alfabetizar os seus filhos. Segundo Mané de Giromi, neto do vaqueiro de Joaquim, de nome Giromi de Yayá, existiam duas professoras primárias na Fazenda Volta para ensinarem os meninos a ler. Razão porque existem centenas de doutores, descendentes deste ramo familiar, de Picuí, os Henriques. (ARAÚJO, 2008, p. 03)

Este pensamento bendito, passou de Pai para Filho. Os primeiros homens públicos de Picuí, analisados neste trabalho, sabiam ler, e em função deste particular, exerciam funções dos serviços públicos, em nossa cidade. (p. 03) Apresentamos a assinatura no inventário de Joaquim José da Costa, do herdeiro Manuel Henriques da Costa. O curioso é que, muitos dos descendentes deste Patriarca, possuem letras parecidíssimas como a do Tronco familiar citado, como as letras do poeta Antônio Henrique Neto e do meu Pai Henrique de Araújo Costa. Segundo informações fidedignas de Luis Henriques filho de Tio MAJÓ, uma das pessoas que mais entende de história dos antigos, Manuel Henriques da Costa foi o primeiro escrivão da história de Picuí. (ARAÚJO, 2008, p. 03)

O Pai de Manuel Henriques da Costa, Joaquim da Volta, foi, como já falei antes, uma pessoa preocupada com a leitura dos seus filhos. O filho caçula, Manuel do Nascimento Muribeca foi um dos mais afamados professores primários de Picuí. Muribeca aprendeu com o conhecido professor de caboré, José Vicente, e depois com os livros trazidos de Recife por seu Pai, tendo aprendido quase tudo sozinho. O professor Muribeca, às vezes, repreendia em português, as pessoas tituladas. (ARAÚJO, 2008, p. 59)

02 – CLEMENTINA BERTHOLDINA DA CONCEIÇÃO, moça de personalidade destacada, oriunda da família Fonseca⁷², com raízes na praia de Lucena na Paraíba, que tinha boa moradia, boas amizades e o conforto da casa de seus pais, na cidade de Cuité PB. Abdicou de todas essas vantagens e veio morar na Fazenda Volta com o seu jovem esposo MANUEL HENRIQUES DA COSTA, este, filho de Joaquim da Volta e de Maria Francisca Clementina teve, 8 filhos, os quais alfabetizados, se tornaram os primeiros homens públicos de Picuí PB. (ARAÚJO, 2008, p. 11)

Os primeiros anos na escola e as trajetórias de formação acadêmica dos próprios autores têm lugar de destaque nas narrativas:

Aos nove anos de idade ingressei numa escola particular e foi ali que aprendi a ler com D. Josefa Alves Frazão, a minha primeira Professora, que era casada com meu avô Francisco Pimenta e madrastra de minha mãe. (PIMENTA, 1986, p.21)

Aos dezoito anos de idade, fui residir em casa de uma comadre de meu pai, D. Maria Macedo, em Calabouço, município de Araruna, para estudar. (PIMENTA, 1986, p.21)

Aos sete anos foi que frequentei a escola. A minha primeira professora foi Ondima Lima, fui alfabetizada por ela. Depois estudei com (...) Elça de Carvalho que me premiou por ser a mais aplicada. Também recebi do Dr. Hercílio Rodrigues, prefeito da época, quando concluí o 2º ano primário, em dezembro de 1940, um livro oferecido por ele com a dedicatória de mais aplicada, fiquei feliz e orgulhosa. (FURTADO, 2004, p. 13)

Guardo comigo a mensagem que li no aniversário da Diretora do Grupo Vidal de Negreiros onde eu estudava, Sra.Elça de Carvalho, 09/08/1945. Era uma excelente educadora, fiz o exame final do primário com ela. A referida mensagem foi escrita por Maria de Lourdes Viana, que também foi professora aqui em Cuité por muitos anos e era como uma irmã para nós. Sua família residia em João Pessoa e meus pais a acolheram em nossa casa. (...). Quando as professoras do 1º e 2º anos faltavam, D. Elça mandava que eu substituísse. Eu ficava muito feliz porque, além de gostar, era uma honra pela confiança que em mim depositava. (FURTADO, 2004, p. 16)

A distinção do letramento é repassada também para os filhos, cujas realizações neste campo superam as dos pais:

⁷² A família Fonseca, de Cuité, é a mesma das mães de Elza e de seu esposo Cláudio.

10.12.57 – A formatura de Rivaldo realizou-se hoje na Faculdade de Engenharia do Recife. Fui assisti-la. (PIMENTA, 1986, p.63) (foto)

18.12.57 – Promovemos um baile no Cuité Clube, oferecido a Rivaldo Simões, pela sua formatura como Engenheiro Civil. Entre outras personalidades, estiveram presentes o Governador Pedro Gondim, o Vice-Governador, o Tenente Hermano Araújo, Dr. Manuel Guimarães, Juiz de Direito, José Pereira, Amarílio Sales e Vicente Madruga. (PIMENTA, 1986, p.64)

Na formatura de Cláudia e Ângela, em 15/12/79, quando concluíram o curso de Medicina, Cláudio subiu ao palco com as duas ao mesmo tempo para colarem grau e o povo aplaudiu de pé, foi lindo! Recebemos muitas mensagens, também uma homenagem da Câmara Municipal de Campina Grande, foi uma festa muito bonita. (...) Em 19/12/81, foi a formatura de Suzana, que fez parte da primeira turma de Fisioterapia de Campina Grande, foi mais uma concretização e alegria para nós, vê-las realizadas nos cursos que escolheram, por isso só temos a agradecer a Deus. (FURTADO, 2004, p. 24)

Aqui o agradecimento mais emocionado do Autor a sua esposa Teresinha, companheira de 4 décadas e aos seus filhos, Eng. Civil Henri Netto, economista Alan Henriques e advogado Pablo Aluísio. (ARAÚJO, 2008, p. 07)

Helena Henriques de Araújo oferece, em seu relato, uma visão mais abrangente do letramento, criando a imagem de uma família dedicada aos livros, à história, à educação. Mas ele é parte de uma família tocada pela mística do letramento, que é passada de geração para geração. Ele mesmo se coloca como exemplo neste aspecto, com seus 10 livros publicados⁷³:

Dos meu 60 anos de idade, 48 anos deles, tenho dedicado a estudar, a analisar a história de Picuí. (ARAÚJO, 2008, p. 03)

No item GRANDES VULTOS HENRIQUINOS, ao se referir a um parente de nome Benedito, afirma que é “uma espécie de museu vivo da tradição Henriquina(...)” (ARAÚJO, 2008, p. 22). Ressalta sua inteligência, seus escritos e cita uma frase dele, para quem “a presença dos Henriques na Serra Quebrada, na Volta e no Gravatá foi uma dádiva dos Céus para a cidade de Picuí” (ARAÚJO, 2008, p. 22-23). E completa:

⁷³ Além do livro analisado neste artigo, publicou ainda: Antologia da Acauã – crônicas da Picuí de outrora; Capítulos da História da Paraíba – Versando sobre a comida primitivista; O garção em nível internacional; Em tempo de restaurante brasileiro; Vinho, Néctar dos Deuses; Henrique Araújo Costa, 94 anos de glórias; A boa comida brasileira; A carne de sol de Picuí e Picuí de ontem e de hoje, dedicados seja à gastronomia, seja à história local, e mesmo combinando os dois temas.

O esplendor de sua inteligência vibrante e contagiante se traduz na sua letra cinematográfica que é transcrita nas centenas e centenas de poema dele e de outros autores, guardados a sete chaves, somente mostrados aos amantes da boa leitura. Estas criações poéticas são recitadas por Benedito Henriques com tal eloquência que mais a fluência dos seguidores do poeta baiano Castro Alves e dos parnasianos Cassimiro de Abreu e Olavo Bilac, autores de AURORA DA MINHA VIDA E O TRABALHO. (ARAÚJO, 2008, p. 22)

3.5 Os feitos dos “modernizadores”

Os autores dos livros analisados neste artigo, ao falarem de suas trajetórias, também recorrem à figura do modernizador que promove diversas inovações. No livro de Pimenta (1986), o Vovô Pedro é ele mesmo a figura do desbravador. Em registro feito em 1947, escreve:

Comecei a vida no campo como vaqueiro, pegando boi e amansando cavalos bravos. Agricultura também fazia parte do meu dia-a-dia e nessa época enfrentei comércio de algodão, vendendo-o em Campina Grande. Foi graças ao meu trabalho honesto e honrado que adquiri diversas propriedades. (PIMENTA, 1986, p.19)

Em outras passagens, falando das secas, afirma:

A seca estava sempre presente na história do Curimataú e vi de perto a que assolou o ano de 1904 e ainda há tristeza em meu coração, quando me recordo de homens, mulheres e crianças comendo xique-xique para sobreviver. Cenas horríveis, presenciei naquela época! (PIMENTA, 1986, p.20)

Enfrentei grandes secas, dificuldades de toda ordem. Tudo era difícil, mas venci e aqui estou contando a estória de noventa anos de vida. (...) Tinha prática de vaqueiro, rastejava bem, sabia arrebanhar o gado, laçava, ferrava, castrava, os animais e corria e montava bem. Tive uma vida profícua! Fui vaqueiro, zelador de cemitério, comerciante, criador de gado, gerente da Cooperativa Agropecuária de Cuité, 1º suplente de juiz de direito, presidente do PSD, vereador e prefeito. (PIMENTA, 1986, p.21)

Afirma-se como homem que venceu as dificuldades, posto que elabora a partir de sua experiência como fazendeiro, defendendo, assim, que apesar de uma vida sofrida tudo naquele lugar era paz, tranquilidade. As suas memórias o levam a romantizar o passado:

Meu ideal sempre foi falar a verdade, criar vacas e respeitar todas as classes. Esse foi o meu lema de vida e que ainda rege o meu destino. (PIMENTA, 1986, p.22)

O homem reveste de imensa coragem para enfrentar as dificuldades que surgem a cada passo consegue vencê-las, porque esse tipo de homem vive sempre preparado para a luta. Embora inculto, aprende com a terra a melhor maneira de aproveitá-la. (PIMENTA, 1986, p.23)

Distante dos grandes centros, tudo era difícil para os habitantes do Curimataú da minha época. Os meios de comunicação eram remotos. Não havia estradas e o transporte de que se dispunha era o carro-de-boi ou um lombo de cavalo. (...) Vida sofrida, é verdade, mas como sinto saudades do campo! Tudo ali era paz, suavidade, um eterno convite à tranquilidade! E que ventura cavalgar pelos campos. (PIMENTA, 1986, p.24)

Junto com alguns companheiros, levei para Lagoa de Santo Antônio, mais de 200 (duzentas) vacas paridas. O que nos movia não era a necessidade financeira, mas a novidade e o desejo de desfrutarmos juntos aqueles momentos de prazer, comendo pamonha com queijo e mel, pelo caminho. Saúde e mocidade fazem a riqueza! (PIMENTA, 1986, p.26)

1934 – Fundei, junto com Marcelino Fialho, uma Escola Particular em Malhada da Cruz (...) (PIMENTA, 1986, p.27)

1939 – Fui sempre apaixonado por Vaquejadas. Estava sempre presente onde houvesse uma e hoje recebi uma carta de Cuité, pedindo-me vinte touros para uma corrida organizada por Pedro Ferreira, Acúcio Galvino e Joaquim Salusto de Farias. Atendi-os imediatamente. 1936 – Próxima à minha casa, em Fazenda Velha havia uma Capela, cujo Padroeiro era São João Batista, festejado com amor e carinho. Demoli-a e construí-a num povoado em Malhada da Cruz, onde passei a residir. As festas de São João que introduzi ficaram mais concorridas porque introduzi vaquejadas, forrós muito animados, quadrilhas, cirandas, bois-de-reis, João-redondo. Nessas ocasiões recebíamos importantes visitas, como o Curandeiro Joaquim André, do município de Santa Cruz no Rio Grande do Norte, o Presidente Epitácio Pessoa, Padre Cícero do Juazeiro e Antônio Silvino – o Terror dos Sertões. (PIMENTA, 1986, p.28)

1944 - Vivi sempre preocupado com os problemas da minha terra, tentando solucioná-los ou, pelo menos, diminuí-los e hoje fico feliz inaugurando a Rodagem que liga Araruna a Santa Cruz, no Rio Grande do Norte e a estrada de Cuité à Japi e à Araruna. (PIMENTA, 1986, p.30)

26.01.44 – Construí a Barragem Boqueirão do Japi. (PIMENTA, 1986, p.31)

10.11.47 – Numa retrospectiva, vejo que nada desconheço dos serviços do campo, pois de tudo fiz um pouco. Fui veterinário, vaqueiro, tropeiro. Tratei muito gado com xique-xique. Cavei a cacimba do Caboclo, em Malhada da Cruz. Curei bicheira com abelha do mato, tangi tropas de jumentos, carregando algodão para descaroçar em Japi, tendo cuidado de trazer a semente para nova plantação. Guardei cereais em paiol de areia. (PIMENTA, 1986, p.40)

02.03.49 - Fiz doação da Capela de S. João Batista para a Diocese da Paraíba (...). (PIMENTA, 1986, p.41)

10.10.70 – Meu cadastro consta da propriedade Jardim, no município de Cuité – PB. Crio gado, cabras, ovelhas, cavalos e burros. Tenho açudes,

cultivo algodão, agave, coqueiros, cana de açúcar e palma. Resido na Praça Barão do Rio Branco, nº 31. (PIMENTA, 1986, p.72)

Araújo (2008) também narra como os primeiros Henriques ocuparam as terras localizadas nas sesmarias de PUCUHY:

É forçoso admitir que, em nenhum documento oficial, partindo da Província da Paraíba, existe referência a determinada família como fundadora do Município de Picuí. No ano de 1704, a senhora Isabel Arruda da Câmara, Antônio Mendonça Machado, Pedro Vasconcelos e Antônio de Carvalho, requereram e obtiveram êxito, na liberação por parte do governo da província da Paraíba, de terras localizadas nas sesmarias PUCUHY, limites com Seridó. Daí em diante, outras famílias, dentre elas, as de JOAQUIM JOSÉ DA COSTA, LAZARO JOSÉ ESTRELA, MAXIMIANO JOSÉ DA COSTA E JOSÉ JOAQUIM DA COSTA, em 1824, obtiveram a liberação de extensa faixa de terras (...). Daí começa, de maneira altaneira, altruística, a verdadeira história da família HENRIQUES no Curimataú da Paraíba. (ARAÚJO, 2008, p. 04)

No livro “Nós Dois”, Furtado (2004) a figura do modernizador cabe a seu marido:

Durante anos Cláudio foi comerciante de estivas, primeiramente na cidade de Araruna e continuou aqui chegou, no início de 1946, permanecendo até 1965, mais ou menos. (...) Em 1954 resolveu investir no plantio do sisal e tratou logo de comprar terras. A primeira foi o Barro Branco, seguindo-se a Lagoa da Carabeira, Sítio Novo e mais tarde o Pontal, ficavam próximas umas das outras e pertenciam aos municípios de Picuí e Nova Floresta. (...) Depois comprou as fazendas Alegre e Fortuna, em 1960 e 1964, respectivamente, esta última foi negociada toda com o sisal que as outras produziam. Ampliou para trezentos hectares o plantio de sisal e chegou a ser o maior produtor do município na época que o mesmo era valorizado. (...) Nas fazendas apostou na pecuária, com muito êxito, o seu rebanho atingiu quase mil reses. Como também fez grande safras de algodão (...). (FURTADO, 2004, p. 36)

Furtado (2004) também narra sua infância como uma vida simples e feliz, mas afirma, contraditoriamente, que era acompanhada por uma cuidadora e que sua família tinha seus próprios carregadores de água. E informa: o segundo rádio da cidade foi comprado por seu pai.

O segundo rádio que chegou em Cuité foi papai que comprou, pense! Como ficamos “importantes”, abrimos bem as janelas para que as pessoas percebessem e ficassem sabendo da novidade. “Um rádio em casa era muita coisa”! ... (FURTADO, 2004, p. 14)

Pimenta (1986), Araújo (2008) e Furtado (2004), atores de diferentes redes, usam os mesmos marcadores de diferença, construindo fronteiras sociais e simbólicas. Segundo

Labache e Saint Martin (2008, p. 334-335), “as fronteiras delimitam os contornos de categorias sociais (a participação desigual dos indivíduos na vida social) e, por outro, abrem espaços de troca e de encontro para que as classes se comuniquem entre si”.

3.6 A influência política

A política é um tema de grande destaque e que perpassa nos três livros como um elemento de hierarquização que pode ser observado nas falas dos autores. No livro do Vovô Pedro verifica-se sua trajetória na política em suas narrativas e anotações do diário do autor. Este vai traçando as alianças políticas e as trajetórias permitindo entender os recursos sociais e os poderes locais que se cruzam.

1936 – (...) A festa de São João que introduzi ficaram mais concorridas porque introduzi vaquejadas, forrós muito animados, quadrilhas, cirandas, bois-de-reis, João-redondo. Nessas ocasiões recebíamos importantes visitas, como o Curandeiro Joaquim André, do município de Santa Cruz no Rio Grande do Norte, o Presidente Epitácio Pessoa, Padre Cícero do Juazeiro e Antônio Silvino – o Terror dos Sertões. (PIMENTA, 1986, p.27)

23.02.45 – No período de 23.02.45 a 23.02.49 exerci a função pública de Suplente de Juiz de Direito da Comarca de Cuité. (PIMENTA, 1986, p.33)

09.03.45 – Telegrafei ao Interventor Rui Carneiro: (...)

10.04.45 – O Interventor Rui Carneiro, agradeceu-me, também por telegrama: (...)(PIMENTA, 1986, p.35)

21.10.46 – O Deputado Pedro de Almeida escreveu a Basílio Fonseca, sobre a estrada que está sendo construída entre Cuité e Araruna. Basílio me mostrou a carta por ser de interesse da comunidade: (...)Os particulares vêm ajudando e Pedro Simões já deu mais do que toda a contribuição da Prefeitura. (...) A semana passada a ajuda veio outra vez de Pedro Simões (...) (PIMENTA, 1986, p.35-36)

04.11.46 – Dr. José Frazão e Pedro Almeida telegrafaram-me, parabenizando-me pela minha vitória em questão com Manuel Varela (...) (PIMENTA, 1986, p.37)

09.11.48 – Escrevi ao Deputado Pedro de Almeida: (...) (PIMENTA, 1986, p.41)

Diário político - O homem é, por natureza, um animal político e comigo não poderia ser diferente. Estive sempre, direta ou indiretamente, ligado à vida pública. Comecei minha carreira política como Vereador e cheguei a Prefeito. (PIMENTA, 1986, p.43)

11.05.50 – (...) – Fiz uma visita de solidariedade ao Senador José Américo, na praia de Tambaú. A comitiva era composta de Padre Luiz Santiago, João

Teodósio Coelho, José Cordeiro de Souza e o Sr. Lopes. (PIMENTA, 1986, p.45)

Vejamos a aproximação de trajetórias nos livros de Pimenta (1986) e no de Furtado (2004), quando ambos ou ocuparam cargos ou algum familiar.

15.01.51 – Visitei o Governador José Américo de Almeida em Campina Grande na casa de Luiz Mota. Combinamos o ajuizamento de Barra de Santa Rosa, um auxílio para o motor de luz e a conclusão do Grupo Escolar de Cuité. Tudo ficou resolvido. (PIMENTA, 1986, p.48)

05.07.51 – Telegrama ao Governador José Américo(...) (PIMENTA, 1986, p.49)

07.06.55 - O Governador José Américo, com sua comitiva, inclusive seu irmão Augusto Almeida, Prefeito da cidade de Guarabira, fizeram uma visita a cidade de Cuité e foram meus hóspedes. (...) (PIMENTA, 1986, p.57)

28.09.73 – Realizou-se uma reunião na Fazenda Riacho da Cruz, do Sr. José Rufino. Presentes o Governador Ernani Sátiro, o Ministro José Américo de Almeida, o Vice-Governador Dr. Clóvis Bezerra, o Prefeito das Serras do Curimataú, entre outros, para tratar de assuntos referentes ao Boqueirão do Japi e diversos outros assuntos do interesse da comunidade. (PIMENTA, 1986, p.74)

Outra vez, fomos fazer uma visita ao Ministro José Américo de Almeida, no seu engenho, em Areia, quando Cláudio era prefeito. Jeremias foi conosco e logo fez amizade, ficou na rede com ele, virou, mexeu, sentiu-se em casa. (...) (FURTADO, 2004, p. 23)

Na reunião de partidos e na escolha dos candidatos observava-se uma aproximação dos dois autores que residiam no mesmo município, contudo, estavam em lados opostos na política.

15.05.51 – Em reunião realizada em Cuité, o meu nome e o de Roque Macedo foram indicados pelo PSD para disputar aos cargos de Prefeito e Vice. Recebi 15 votos e Roque teve 14. (...) - Por minha indicação a Prefeito de Cuité, recebi telegramas de solidariedade e apoio, de Gastão de Almeida, Governador José Américo de Almeida, Cônego Severino Miranda, Francisco Soares, Virgílio Macedo, Oscar Bandeira, Odon Macedo, Antônio Targino, José Almeida, Joaquim Ferreira, Ernesto Moreira e Ivan Bichara Sovreira. (PIMENTA, 1986, p.48)

12.08. 51 – Fui eleito Prefeito do Município de Cuité, pela legenda do PSD. Obtive 1.498 votos, contra 1.381 do meu adversário, Orlando Venâncio, com uma diferença, portanto, de 117 votos. (PIMENTA, 1986, p.50)

Eleito comecei a trabalhar imediatamente em benefício do povo que me elegeu. A minha primeira obra de vulto foi a eletrificação da cidade, que ganhou nova feição sob o brilho das luzes. (PIMENTA, 1986, p.51)

04.10.55 – Orlando Venâncio ganhou as eleições para Prefeito de Cuité por três votos, contra José Pereira, sendo a votação de Orlando 1.543 votos e José Pereira 1.540 votos. (PIMENTA, 1986, p.58)

Em 1959 Cláudio recebeu um convite para participando Diretório Municipal do PTB, do qual, Orlando meu irmão, fazia parte. (...). Nesta primeira campanha candidatou-se a vereador e foi o mais votado. A minha família sempre foi política, nasci e cresci politicando, aos onze anos mais ou menos eu já ajudava bastante e gostava, sempre tive jeito (...). Em 1963 Cláudio candidatou-se a prefeito. (...) ele foi vitorioso (...). (...) o partido opositor já estava governando por três mandatos. (FURTADO, 2004, p. 31-32).

Cláudio conseguiu fazer uma boa administração, deixou marcos na história de Cuité. O que ele havia prometido fez em parte, os 100% seria impossível porque o Governo do Estado era do partido contrário. Uma das vezes que Cláudio precisou ir se entender com o Governador foi barrado na entrada do palácio, por não ser do mesmo partido, que horror! Ele iria pleitear melhoras para toda a população de Cuité, não só para seus partidos. (FURTADO, 2004, p.32)

Doamos dois terrenos de nossa propriedade Chã da Serra, uma para ser construída a Sub-estação da energia e o outro, onde foram cavados poços artesianos para o abastecimento d'água e como foi suficiente grande nossa alegria, pois além de jorrar de nossas terras, a expectativa era para servir vinte anos mais ou menos, é lógico a população aumentaria e ficaria insuficiente. (...) A administração dinâmica e bem sucedida de Cláudio pesou na campanha de sua sucessora Neusa Bezerra Santos, juntamente ao prestígio de seu esposo Orlando, a principal bandeira, de muito poder político, com também do outro meu irmão Osvaldo que além de secretário, era animador dos comícios com sua eloquência poética (...). Na eleição de 1972, foi novamente eleito prefeito e voltou a governar Cuité, com a mesma disponibilidade e coragem. Nesta segunda campanha foi feita uma paródia (do Rei do Baião), pela minha irmã Ilze, ela era muito espirituosa e também poetisa, pena não está entre nós. A mesma também foi secretária da Prefeitura por um tempo. (FURTADO, 2004, p. 33)

(...)A sua vida pública está estampada em um documentário que preparei, do que pude captar. (...) Este documentário é para nós motivo de satisfação são provas vivas e exemplos concretos que uma pessoa simples como ele era deixou para sua família. (FURTADO, 2004, p. 35)

Pimenta (1986) também demonstra a importância das relações sociais e vai apresentando em seu diário as visitas importantes, os convites, os telegramas.

26.06.51 – Pedro Gondim prometeu-me falar com o Presidente da República e criar um Posto Médico em Cuité e cumpriu sua promessa. (...) .13.07.51 – Junto com Dr. Nuno Guedes fui ao Jardim dos Ferreiras assistir a Missa em sufrágio da alma do Dr. Napoleão Laureano. Lá encontrei todos os Ferreiras solidários com minha candidatura a Prefeito. (...). 26.07.51 – Fui entrevistado pelo Jornal “O Norte” de João Pessoa”. (PIMENTA, 1986, p.49)

02.02.54 – Trabalhei para eleger Pedro Gondim para Deputado Estadual. (PIMENTA, 1986, p.56)

12.06.55 - O Deputado Pedro Gondim, junto com o Sr. Hugo Camboim visitou Nova Floresta e foram meus hóspedes. (PIMENTA, 1986, p.57)

29.06.55 – Houve missa em Retiro, celebrada por Padre Luiz Santiago. Levei de Cuité dois caminhões cheios de gente para assisti-la. Visitei Dr. Manuel Guimarães. (PIMENTA, 1986, p.58). (...) 12.10.55 – Dr. Manuel Guimarães, Juiz de Direito, recebeu....100.000,00, por ordem do Governador José Américo para ajudar na Construção da Maternidade de Cuité. (PIMENTA, 1986, p.58)

20.11.55 – Dixept Rosado faleceu em 12.07.51. Na ocasião telegrafei ao Deputado Teodorico Bezerra(...).(PIMENTA, 1986, p.59)

26.06.56 – Assisti, em Campina Grande, uma reunião dos Bispos do Nordeste, com o Presidente Juscelino K. de Oliveira, Dr. Flávio Ribeiro – Governador da Paraíba – Dr. Rui Carneiro e Dr. José Américo de Almeida, para tratar de assuntos referentes aos problemas do Nordeste. (PIMENTA, 1986, p.60)

01.09.57 – Realizou-se a reunião do Diretório do PSD. Fui eleito Presidente, (...).(PIMENTA, 1986, p.63)

07.11.67 – Acompanhado de Marcelino Fialho, estive em Campina Grande e jantamos com José Pereira, Albino Cabral e Ulisses Pereira. Visitamos o Deputado Federal Drault Ernani e Dr. Triburtino, em casa do Deputado Severino Cabral. Falamos sobre política e o Deputado Drault Ernani entregou a Albino Cabral, a importância de 10.000,00 para o Partido enfrentar o Serviço Eleitoral. (PIMENTA, 1986, p.63)

25.12.62 – (...) Recebi um Cartão de Natal do Senador Rui Carneiro. (PIMENTA, 1986, p.70)

21.08.73 – Recebi a visita do Deputado Federal Dr. Cláudio Leite, acompanhado do Dr. Antônio Medeiros e Dr. Germíres Faustino. (PIMENTA, 1986, p.74)

No livro de Furtado (2004) ela vai enfatizar na trajetória de sua família que sempre participou da política local:

Meu pai foi prefeito, depois deputado, quando conseguiu a emancipação política de Cuité, em 25 de janeiro de 1937. Na época o nosso governador era o Dr. Argemiro Figueiredo que tornou nossa “Bandeira”, por muitos anos quando foi substituído por seu filho Dr. Petrônio Figueiredo, o qual fez jus ao nosso esforço nas suas campanhas, além de bom político era muito aproximado a Orlando, Cláudio e Osvaldo.(FURTADO, 2004, p. 31).

E após a morte de seu marido, o seu filho que também ingressou na política necessitava de seu apoio.

“Nêgo” de hoje a quatro dias será a eleição. Tenho sofrido muito por não ter podido ajudar a Giovanni. Não visitei os eleitores, não participei de nada, é que tudo isto, sem a sua companhia me machuca muito. Sei o quanto gostava e sabia politizar. A maior dificuldade para Giovanni é a sua ausência, o seu

braço forte era como uma luz, sempre a brilhar. Ele tem muito serviço prestado, é bondoso para as pessoas. Confio em Deus que será eleito e sei que você continuará guiando-lhe, como também aos outros filhos. O que mais desejo é união de todos eles, para isso, irei lembra-los para se refletirem no seu espírito pacífico. Que Deus ilumine e que eles nunca esqueçam o pai maravilhoso que você foi. (FURTADO, 2004, p. 53)

Você foi um homem digno, íntegro, cumpridor de seus deveres. Exemplo de homem público, não deixou um só inimigo, porque perdoar era uma das suas virtudes. (...). A demonstração que os cuitenses tinham por você, foi dada no dia de seu falecimento, pois, Cuité perdeu um de seus grandes filhos. (FURTADO, 2004, p. 57)

(...)que era uma pessoa simples e que dedicou grande parte de sua vida, à vida pública, sendo prefeito por duas vezes. Era uma pessoa muito humana, sempre pacífico, sabia fazer amigos e quando partiu não deixou um só inimigo, a sua grande virtude. Os jovens deverão ler “Terra Nossa”, para conhecerem os valores nele representados. Obrigado José Pereira Sobrinho. Elza. (FURTADO, 2004, p. 67)

E no livro escrito por Araújo (2008) este narra a importância dos membros ao ocuparem cargos públicos que diferentemente não ocupou cargo público ou participou diretamente.

O que a história registra e não se pode negar é que, MANUEL HENRIQUES DA COSTA e CLEMENTINA, embora residissem na Fazenda Volta, foram Pais dos primeiros homens públicos da cidade de Picuí. PB. (ARAÚJO, 2008, p. 16)

01 – MANUEL LIMEIRA DA COSTA – nascido em 1858 foi um dos primeiros delegados de Picuí. Era justo nas suas decisões é por isto, o populoso Bairro Limeira é uma homenagem ao seu nome digno (...) (ARAÚJO, 2008, p. 17)

Olivia, na foto, sendo filha de ex-Prefeito Joventino Henriques foi esposa do também ex-Prefeito Simeão Leal da Fonseca, este o proprietário da legendária fazenda Letreiro, onde criava grandes boiadas com destaque para os touros zebu Capim de Cheiro e Cinco Contos. (ARAÚJO, 2008, p. 19)

(...) quando servi no Colégio Bennett, a Paçoca, guarnecendo o aplaudidíssimo VATAPÁ, ao Embaixador da Austrália, no Rio de Janeiro, na década de oitenta e quando recebi dessa autoridade, o CANGURU DE OURO, pelo jantar servido, o Sr. Embaixador fez questão de quando veio cumprimentar-me, perguntar como era feita gloriosa PAÇOCA da cozinha nordestina (...) (ARAÚJO, 2008, p. 20)

Antônio Henriques deixou uma descendência numerosíssima. Dela constam personalidades, o grande poeta ANTÔNIO HENRIQUES NETO, autor de quase uma dezenas de livros de poesia e do atual prefeito de Picuí, RUBENS GERMANO COSTA(...).(ARAÚJO, 2008, p. 21)

Antônio Henriques, daqui deste canto de página deste modesto livro do resumo histórico da família Henriques, a mais antiga de Picuí, muito embora

eu seja autor de 10 livros publicados, eu me apequeno humildemente diante de tanta grandeza humana de que você é portador, agradecendo a Deus Nosso Senhor, por ter dado a nossa gente, uma pessoa de uma inteligência tão cósmica e esclarecedora como a sua. Picuí deveria colocar uma estátua, na entrada da cidade, para homenagear o seu poeta maior, **ANTÔNIO HENRIQUES NETO**. (ARAÚJO, 2008, p. 25)

OLIVARDO HENRIQUES DA COSTA, (...) filho de Angelina Emília e Joventino Henriques da Costa, que foi prefeito de Picuí PB. Olivardo foi comerciante, adjunto de promotor público, e teve atuação destacada na maçonaria, tendo presidido por vários anos o diretório municipal do PTB, possuía um automóvel Ford ano 1949, tipo carro de passeio , taxi. (ARAÚJO, 2008, p. 27)

Pedro fez parte da primeira junta governativa do Município de Picuí, constituída por Manuel Lucas de Macedo, Pedro Celestino Dantas e Pedro Henriques da Costa. Estes três homens foram os primeiros mandatários públicos de nossa comunidade. (...)Em 1905, foram realizadas as primeiras eleições constitucionais e junto com mais 6 homens, Pedro Henriques foi eleito vereador, tendo sido designado por seus pares para presidir a Primeira Câmara de vereadores da nossa cidade, (...). NAQUELES TEMPOS, O VEREADOR ERA ELEITO POR REGIÃO, COMO UMA ESPÉCIE de deputado distrital.(...) Pedro Henriques foi Juiz de Paz, comerciante (...). (...) foi o primeiro farmacêutico prático de Picuí(...).(ARAÚJO, 2008, p. 29)

ANÁLISE DOS FILHOS DE PEDRO HENRIQUES E DONA AGUIDA(ARAÚJO, 2008, p. 29)

Rivaldo Henriques da Costa que foi casado com Alzira Bezerra ele foi Vereador em Picuí, Vice-Prefeito em Pedra Lavrada e Prefeito do município de Nova Palmeira na gestão 1973 a 1977. Ele foi um dos mais elogiados Prefeitos palmeirenses e por esta razão, RIVALDO HENRIQUES DA COSTA é hoje, nome de uma importante avenida na cidade de Nova Palmeira PB. (...)A poetisa Nivaldete (...)foi professora na UFRN (...). Estas poucas palavras do notável picuiense PEDRO HENRIQUES DA COSTA falam pouco deste empreendedor que juntamente com os seus irmãos, foram os primeiros homens públicos de Picuí PB. (ARAÚJO, 2008, p. 34)

Clementino Henriques da Costa foi Delegado de Polícia Rural, nomeado pelo Interventor Imperial na Paraíba, conforme documento existente entre os filhos deste grande homem dos Henriques. (ARAÚJO, 2008, p. 56)

3.7 O domínio da etiqueta e da elegância

Para estes autores a etiqueta/elegância que se apresentou como um atributo diferente que serviu para estratificar as relações sociais. Através da prática da etiqueta o indivíduo tem seu prestígio e sua posição de poder reconhecido pelos outros. Assim, a opinião social cria o prestígio de cada um e se expressa por meio do comportamento de cada um em relação ao outro, dentro de um conjunto de desempenho que segue a determinadas regras.

No livro de Pimenta (1986) ele narra o banquete que ofereceu, viagens, presentes e festas.

30.06.57 – Foi oferecido um banquete ao Dr. Manuel Guimarães, Juiz de Direito da Comarca de Cuité, com sessenta talheres e muita animação. Os oradores foram Vicente Madruga e o próprio Manuel Guimarães. A festa foi regozijo pelo reestabelecimento do Dr. Juiz. (PIMENTA, 1986, p.62)

25.06.60 – Viajei a Araripina com Geraldo Simões e Francisquinha Medeiros e ali visitamos o Prefeito Manuel Ramos que nos recebeu com fidalguia (...).(PIMENTA, 1986,p.67)

08.06.71 – Fiz presente de um casa de cabrito de raça, a Padre Luiz Santiago. . (PIMENTA, 1986,p.72)

13.05.80 – Minha neta, Gelsa de Fátima, filha de Geraldo e Elza, festejou seus 15 anos com uma festa muito bonita, no Clube Recreativo de Guarabireense. Fui escolhido para dançar a valsa com minha neta, o que muito me sensibilizou. A música escolhida foi de Roberto, meu velho e querido amigo. (PIMENTA, 1986,p.82)

Furtado (2004) narra o envio de cartões que seus pais compartilhavam o nascimento de seus filhos, ela não sabia, mas era um costume. Recebeu também um presente de uma revista de seu noivo, contudo, temeu uma repreensão de seus pais.

Revistando o baú da tia Laura, foi encontrado o cartão, onde meus pais participavam aos parentes e amigos a minha chegada. Fiquei surpresa, não sabia da existência do mesmo e achei fantástico. Era costume de meus pais comunicarem o nascimento dos filhos por meio de cartões tipografados. Um gesto de carinho e etiqueta. .(FURTADO, 2004, p. 12)

Em abril de 1947, Cláudio me deu uma revista, “Vida Doméstica”, muito cotada na época, ainda hoje guardo-a. Fiquei tão aflita ao recebe-la, temendo uma repreensão, hoje achamos isso um exagero, até um absurdo, mas, era assim mesmo. (FURTADO, 2004, p. 18)

Araújo (2008) narra casamentos e remete a memória dos pratos servidos nas fazendas e a nobreza europeia.

Do casamento de Júlio Dantas e Maria Iaci, esta que recitava nas festas de janeiro belos poemas de Olavo Bilac existe a senhora Solange Dantas, grande cultora das tradições picuienses. (ARAÚJO, 2008, p. 18)

Tópico MUNDI – A GOSTOSA COMIDA NORDESTINA – mais de 50% da mundialmente elogiada COZINHA BRASILEIRA, é daqui do Nordeste. Pratos como Carne de sol, Buchada(...). Muito destes pratos eram servidos domigueiramente nas grandes Casas da Fazenda dos grandes fazendeiros JOAQUIM DA VOLTA e MANUEL HENRIQUES COSTA. (ARAÚJO, 2008, p. 20)

Era bonito e gostoso, participar dos grandes banquetes domingueiros da casa de Padrinho Majó e Madrinha Ana, na Fazenda Volta, quando a mesa, antes da refeição principal surgiam frutas frescas (...). Tudo isto aliados a fidalguia do casal anfitrião e de sua irmã NANUCA, uma pura europeia em terras Brasil. (ARAÚJO, 2008, p. 56)

Nesta história familiar percebemos como uma narrativa seletiva e criativa, remodelando antes entendimentos de pertença e de identidade. Como essas características os autores vão narrando em suas reminiscências que se revelam em acontecimentos da impressão do momento que permaneceu em sua memória.

A importância da identidade de classe, para estabelecer a sua própria posição, as pessoas costumam comparar com aqueles que são próximos e socialmente semelhantes a si mesmos, a construção da personalidade, e a essencialidade destas identificações na construção do indivíduo mantém uma relação com os valores da sociedade abrangente e com a trajetória da pessoa. Autores dos livros narram ao longo de suas reminiscências o casamento com primos, a escola que estudou ou fundou em parceria, visitas que consideraram importantes. Mas também vão narrando contatos importantes com figuras que se destacavam no mundo político e religioso, dentre outros.

As narrativas de vidas e suas trajetórias parecem-nos demonstrar de modo expressivo os marcadores sociais que se apresentam em suas narrativas. O estudo das narrativas apresentam as relações sociais a que os autores estiveram interligados, complementado por uma compreensão dos contextos a que estes estavam ligados, é possível perceber como a nossa posição é produto de todas as nossas relações sociais, segundo Bottero (2005) que nos possibilitará verificar em uma pesquisa mais ampla o padrão de tais relações ajudam a transmitir e reproduzir a hierarquia e permitindo um estudo que opera com a alternativa entre “indivíduo” e “sociedade”, ao focar simultaneamente o indivíduo e as suas relações sociais. O estudo de narrativas de vida nestes termos parece assim ser um locus rico para problematizar nossa compreensão acerca da dinâmica de funcionamento de diferentes configurações sociais em diferentes níveis de análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscamos retomar o debate acerca das relações entre propriedade da terra e poder político no interior do Nordeste a partir de uma nova perspectiva, que considerou principalmente a dissolução do patrimônio fundiário das famílias da elite do município de Cuité, localizado no Curimataú da Paraíba, e o processo de deslocamento dos descendentes das famílias Venâncio dos Santos, Pereira, Fonseca, Furtado e Simões, que gradativamente perdem os vínculos com o espaço rural e mesmo com a vida social da cidade de origem, processo esse que chamamos de movimento diaspórico.

É importante neste momento destacar alguns dos “dilemas da herança” recebida pelos descendentes das famílias da elite cuiteense:

- a. Como buscamos demonstrar, a herança da terra é um ativo a ser convertido em outros bens econômicos. Se a memória destes descendentes ainda se constitui em torno da propriedade da terra dos pais e das atividades agropecuárias que ali eram executadas; se mesmo no presente, para alguns dos descendentes, a fazenda herdada resiste como lugar de sociabilidade e moradia, a propriedade da terra deixa de ser central na reprodução social e econômica destes indivíduos, convertidos à vida e profissões urbanas. Assim como demonstrou Meneses (2018) para famílias de elite do Cariri paraibano, as fazendas se tornam, quando ainda mantidas, lugares de celebração da memória familiar. Outros descendentes, porém, cortaram completamente os laços com o passado rural.
- b. A relação com a herança política é mais problemática. Mesmo com o movimento diaspórico, as disputas políticas continuam a mobilizar os descendentes das famílias de elite. A grande maioria não se envolve diretamente nos processos eleitorais, mas a rede de apoios, os capitais políticos historicamente acumulados, são reativados em diferentes situações, especialmente quando da ocorrência das eleições municipais. Antigas rivalidades, alianças históricas podem ser reavaliadas, mas para muitos dos descendentes das famílias Venâncio dos Santos, Pereira, Furtado, Fonseca e Simões é impossível simplesmente manter-se indiferente às disputas na cidade de suas famílias. Isso ocorre principalmente na geração nascida em Cuité a partir da década de 1950, que experimentou a migração para centros urbanos maiores. Seus filhos e netos, porém, não apresentam a mesma disposição.
- c. A distância em relação à cidade de origem fez também com que muitos dos descendentes das famílias que estudamos passem a reavaliar o lugar da política em

suas vidas e na de seus familiares. Se as narrativas que coletamos sempre ressaltam o papel que seus antepassados tiveram no desenvolvimento do município, papel esse do qual se orgulham e que de certa maneira ajuda a constituir seu senso de dignidade pessoal e familiar, as avaliações que fazem da política em si é muitas vezes negativa. Nas entrevistas, a política emerge como fonte de perdas financeiras, de disputas e rupturas, de dificuldades na convivência familiar privada, entre outros problemas. Alguns dos entrevistados expressaram mais abertamente o desejo de que seus filhos e netos não queiram se envolver com a “política”.

- d. Essa relação com a política, porém, não é a mesma para aqueles que permaneceram em Cuité. Os descendentes não diaspóricos normalmente se vinculam mais diretamente aos processos eleitorais e continuam a disputar poder e prestígio. Nas eleições municipais de 2016, um membro da família Fonseca, apoiado pelos Venâncio dos Santos, foi derrotado na disputa para prefeito, por um candidato cujo vice-prefeito é da família Furtado, apoiado pelos da Costa Pereira. Dos 11 vereadores eleitos nesta disputa, dois são da família Furtado e um da família Venâncio dos Santos, sendo que dois deles com idade inferior a 30 anos, o que expressa a renovação política nestas linhagens. O atual presidente da Câmara Municipal é um Furtado.
- e. Há um esforço, em todas as famílias, de investir na constituição e divulgação da memória familiar. Já em 2018, foi lançado mais um livro de memórias familiares, desta vez por um descendente diaspórico da família Fonseca (FONSÊCA, 2018). Em nossa pesquisa, conseguimos mapear pelo menos mais 10 livros desse tipo, publicados por membros das famílias Furtado, Fonseca, Venâncio dos Santos, da Costa Pereira e Simões. E ficamos sabendo que pelo menos mais dois livros devem ser lançados em 2019.

Duplamente desterritorializados (da propriedade da terra e da cidade de origem), muitos dos descendentes das famílias da elite cuiteense mantêm uma relação ambígua com o lugar em que nasceram. Se a história familiar em Cuité é ainda fonte importante dos esforços de ancorar no passado o sentido de distinção pessoal e familiar, há também um reforço em novas formas de identificação social. Alguns dos entrevistados relatam que não se identificam mais com Cuité, nem desejam que seus filhos voltem a residir na cidade, especialmente buscam impedir que se envolvam com a política local. Desenvolveram suas carreiras profissionais sem qualquer conexão com o passado agrário e político de suas famílias.

Há, porém, os que ainda residem na cidade e que continuam a disputar influência política. E linhagens menos influentes no passado das mesmas famílias passam a ocupar lugar de maior destaque na vida política e econômica do município, num quadro de maior complexidade econômica e institucional resultantes dos processos de modernização e de transformação social vividas na região, como reflexo das transformações mais gerais vivenciadas no Brasil entre finais do século XX e início do século XXI.

Do ponto de vista do debate mais geral, acreditamos que esta tese permite analisar as relações entre propriedade fundiária e poder político no interior do Nordeste em termos menos determinísticos. De certa maneira, este trabalho é herdeiro da obra seminal de Lewin (1993) e integra os esforços de um grupo de pesquisadores do PPGCS/UFCG no sentido de considerar as transformações na estrutura fundiária e os processos de modernização mais amplos para refletir sobre o poder político nesta região. A história das famílias de elite de Cuité mostra que a conversão de capital econômico e político em capital cultural foi a estratégia dominante entre linhagens proeminentes a partir da década de 1950. Os filhos dos líderes políticos, personagens até os dias de hoje exaltados, foram socializados não para a terra ou para a política, mas para o exercício de profissões liberais em centros urbanos mais desenvolvidos. As motivações que levaram a priorização desta estratégia precisam ainda ser melhor analisadas, mas acreditamos que esta tese contribui para complexificar o quadro que estudamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. C. de (1986). *A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 5. Ed. São Paulo: Atlas.
- ARAÚJO, H. H. (2008). *Família Henriques – 200 anos de Picuí e Famílias V.I.P.* Picuí- PB.
- AUGRAS, M. (1997). História Oral e subjetividade. In: Von Simson, O. R. M.. *Os contemporâneos da História Oral*. Campinas: UNICAMP, pp. 27-38.
- BASTOS, S. A.(1954). *No roteiro dos Azevedo, e outras famílias do Nordeste*. Ed João Pessoa, Paraíba: gráfica comercial.
- BOTTERO, W. (2005). *STRATIFICATION – Social division of inequality*. Routledge, Nova York – NY. P3
- BOTTERO, W. (2012). Who do you think they were? How family historians make sense of social position and inequality in the past. *The British Journal of Sociology Volume 63 Issue 1*. p.55.
- BOTTOMORE, T (2001). *Élites and society*. Londres, Routledge, 2ª ed.
- BOURDIEU, P. (2004) *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, P. (1996) *Razões Práticas – Sobre a teoria da ação*. 9ª ed., Campinas (SP): Papyrus Editora.
- BOURDIEU, P. (2007). In: CATANI, A. M e NOGUEIRA, M. A. (Orgs.). *Escritos de Educação*. 9ª ed. Petropolis (RJ): Editora Vozes.
- BOURDIEU, P. (2007). *A distinção – crítica social do julgamento*. Porto Alegre (RS): EDUSP.
- BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L. SAINT MARTIN, M(1973). *Les strategies de reconversion: les classes social esetlesystème d’enseignement*. *Social Science Information*, p. 61-113
- _____. A ilusão biográfica (2006).In : FERREIRA, M.M; AMADO, J. (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*, 8 ed., FGV, Rio de Janeiro, p. 183-193.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA INDUSTRIA E COMMERCIO. (1928) Directoria Geral de Estatística. Recenseamento do Brazil realizado em 1º de Setembro de 1920. Relação dos proprietarios dos estabelecimentos ruraes recenseados no Estado da Parahyba. Rio de Janeiro: Typografia da Estatistica.
- BURSZTYN, M. e CHACON, S. S. (2011) Ligações perigosas: proteção social e clientelismo no semiárido nordestino. *Estudos Sociedade e Agricultura*, vol. 19 (01): 30-61.
- CANDAU, J. (2014). *Memória e identidade*. 1ª ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto

CANÊDO, L. B. (2011). Um capital político multiplicado no trabalho genealógico - R. *Pós Ci. Soc.* v.8, n.15, jan./jun. 2011 -. Disponível:<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/578>

CATANI, A. M et al. (2017) *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica.

CIENCIAS SOCIAIS 38-2 UFC set2007.indd 73 revista *CIENCIAS SOCIAIS* 38-2 UFC set2007.indd - p. 73 – 87

COSTA, J. de L in: COSTA, D de L, FONSECA, M. A de L. e ARCOVERDE, M. D. de L. (2010). *Bordados de uma vida*. Campina Grande.

COSTA, H. M (2016). *Memórias e Retalhos*. Cuité-PB.

COSTA, R. M. (1989). *O Capa Verde: transformações econômicas e interesses de classe no Curimataú paraibano*. Dissertação em Sociologia – UFCG.

DOMINGUES, M. J. (2005). *Sociologia e Modernidade – Para entender a sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

ELIAS, N. (2005) *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70.

FAORO, R.(2001). *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo

FONSECA, M. de F.(2017). *Memórias de um menino – Histórias que li e Estórias que ouvi*. Campina Grande. EDUFCG.

FURTADO, C. (1967). *Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste*. 2. ed. Recife: SUDENE.

FURTADO, E. S. (2004). *Nós Dois*. Cuité – PB.

GÁRCIA JR., A. (1989) *O sul a caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social*, São Paulo, Marco Zero

GÁRCIA JR., A(2003). *A sociologia rural no Brasil: escravos do passado e parceiros do futuro*. Sociologias, Porto Alegre, Ano 5, nº 10, p.154-189

GARCIA JR., Afrânio (1988). "Libertos e sujeitos - Sobre a transição para trabalhadores livres do Nordeste". In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 7, vol.3, junho de 1988.

_____ (2007). Os vice-reis do Norte: reconversão de elites agrárias e a Revolução de 1930 (1920-1964). *Revista de Ciências Sociais*, v. 38 (02), p 73-87

GOLDANI, A. M.(2002) *Família, gênero e políticas: família brasileira nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção*. Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. *Revista Brasileira de Estudos de População*. V. 19, n. 1, p. 29-48, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/vales/Downloads/329-962-1-PB.pdf>. Acesso: 04/08/2017.

HEY, A. P (2017). Apresentação: Elites, no plural. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 3.

IBGE. Pesquisa Pecuária Municipal. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

_____. Censo Agropecuário. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

_____. Censo Agropecuário. Rio de Janeiro: IBGE, 1975.

_____. Censo Agropecuário. Rio de Janeiro: IBGE, 1980.

_____. Censo Agropecuário. Rio de Janeiro: IBGE, 1985.

_____. Censo Agropecuário. Rio de Janeiro: IBGE, 1995/1996

_____. Censo Agropecuário. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

IBGE (2006). *Censo populacional*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatística/populacao/censo2006>>. Acesso em: 12 março. 2015.

INTERPA- Instituto de Terras e Planejamento Agrícola do Estado da Paraíba.2007.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Relação de Certificados de Cadastro de Imóveis – CCIR. Brasília, 1992.

KLÜGER, E (2017). Espaço social e redes: Contribuições metodológicas à sociologia das elites. *Tempo Social*, 29(3), 83-110. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.125961>

LABACHE, L & SAINT MARTIN, de M (2008). *Fronteiras, trajetórias e experiências de rupturas*. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 333-354, maio/ago. 2008 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n103/03.pdf>.

LAHIRE, B(2005). Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia a escala individual. *Sociologia, problemas e práticas*, N.49, p. 11-42

LEAL, V. N.(1975). *Coronelismo, enxada e voto*. 2. ed. São Paulo, Alfa-Omega.

LEWIN, Linda. Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso da oligarquia de base familiar. Rio de Janeiro: Record, 1993.

MAIA, K. (2013). *O “agronegócio sertanejo”: (re)pecuarização e grande propriedade rural na microrregião de Catolé do Rocha (PB), semiárido nordestino* Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós Graduação de Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

MENEZES (2018) *Saudade e Rusticidade: reconversões sociais e convivência com as secas entre elites pecuaristas do Cariri paraibano*. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

MONTEIRO (2016). *A política como negócio de família: os herdeiros e a força dos capitais no jogo político das elites na Paraíba (1985-2015)* Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós Graduação de Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

MILLS, W. C. (1981). *A Elite do Poder*. Rio de Janeiro. 4ª ed. Zahar.

NETO A. J. de M(2006). A questão agrária no Brasil: aspecto sócio jurídico. *Projeto História, São Paulo, n.33, p. 97-118*.

NOGUEIRA, M. A. (2017). Capital Cultural. In: Catani, A. M...[et. al.]. Orgs.), *Vocabulário de Bourdieu*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica

NUNES, A. M. (2016). *Dinâmicas de fronteira e conformação das estruturas social e fundiária nos sertões da Borborema entre os séculos XVIII e início do século XX*. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós Graduação de Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

OLIVEIRA, F. de (1981). *Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste, planejamentos e conflito de classes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

PEDROZA, M DA S. (2008). *Capitães de bibocas: casamentos e compadrios construindo redes sociais originais nos sertões cariocas* (Capela de Sapopemba, freguesia de Irajá, Rio de Janeiro, Brasil, século XVIII). *Topoi*, v. 9, n. 17, jul.-dez. 2008, p. 67-92.

PEDROSO, C. P (2013). *Novas Ameaças a uma Adversidade Histórica: clima e agricultura familiar no sertão nordestino*. (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). UNB/CDS. Brasília – DF.

PEREIRA SOBRINHO, J. P. (2001). *Cuité Terra Nossa*. Edição Particular. Cuité – PB

PEREIRA SOBRINHO, J. P. (2005). *Cidadão da Minha Rua*. Gráfica Vitória. Campina Grande - PB

PERISSINOTTO, R (2009). *As elites políticas: questões de teoria e método*. Curitiba. Ibepx,

PERISSINOTTO, R, CODATO, A (2015). – *Como estudar elites*. Curitiba: Ed. UFPR.

PICCIN, Marcos Botton (2015). Acesso a posições de poder pela elite estancieira gaúcha Trajetórias sociais e investimentos escolares *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 27, n. 2

PIMENTA, P S.(1986). *O Diário de Vovô Pedro*. Autobiográfico. Cuité PB.

PINÇON, M.; PINÇON-CHARLOT, M (2002). A infância dos chefes – a socialização dos herdeiros ricos na França. In: ALMEIDA, A.M; NOGUEIRA, M.A (Orgs) *A escolarização das elites: um panorama internacional de pesquisa*, Petrópolis, Vozes, p. 11-29

PINÇON, M.; PINÇON-CHARLOT, M(2007). Sociologia da Alta Burguesia. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jul./dez.p. 22-37

POLLAK, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos* (Memória), RJ, vol.2, no. 3, pp. 3-15

POLLAK, M (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5.n. 10, p. 200-212.

PORTELLI, A. (1997). Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na *História Oral*. In: Projeto História 15, SP, no.15, abril/97, p.13-50

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: Von Simson, Olga M. (1988). *Experimentos com Histórias de Vida (Itália - Brasil)*. SP: Vértice, Editora dos Tribunais, pp.14-43

REGO, A. H do (2008). Família e Coronelismo no Brasil –uma história de poder. São Paulo: A Girafa editora.

ROCHA, A. L C da e ECKERT, C. (2001). Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. *Revista Iluminuras* - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH/UFRGSE-ISSN 1984-1191. Disponível: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9122>

SAINT MARTIN, M (1995). *Reconversões e reestruturações das elites: o caso da aristocracia em França*. *Análise Social*, v. XXX (134), p. 1023- 1039

SAINT MARTIN, M (2002). Modos de educação dos jovens aristocratas e suas transformações. In: ALMEIDA, A.M; NOGUEIRA, M.A (Orgs) *A escolarização das elites: um panorama internacional de pesquisa*, Petrópolis, Vozes, p.29-49

SAINT MARTIN, M. (2008). *Da reprodução às recomposições das elites: as elites administrativas, econômicas e políticas na França*. TOMO São Cristóvão - SE Nº 13 jul./dez. 2008.

SCOTT, J.(2010). *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro. Zahar.

SERAFIM, P. V. (1992) . *Remígio – Brejos e Carrascais*. João Pessoa – PB. Editora Universitária.

SILVA, M. F. da (2012). “Reforma Agrária de Mercado” ou Atualização do Clientelismo? O Programa Nacional de Crédito Fundiário e o assentamento de famílias sem terra no Cariri Ocidental paraibano. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) UFCG, Campina Grande-PB, p.15-16.

SINGLY, F. de (2017). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica

SCHUSKY, E. L. (1973). Manual para análise de parentesco. São Paulo. Editora Pedagógica e Universitária LTDA.

TAVARES, J. L de. (1982). *Apontamentos para a história territorial da Parahyba*. Coleção Mossoroense. Volume CCXLV. Ed. Fac-similar

TEXEIRA, L.C (2003). *Escrita autobiográfica e construção subjetiva*. Psicol. USP vol.14 no.1 São Paulo. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000100004.

VENÂNCIO, L; VENÂNCIO, L (Org.) (2004). *Versos Guardados*. João Pessoa: Ideia.

VENÂNCIO, L.(2010). *Ao nosso querido Osvaldo*. Ed Ideia, João Pessoa.

WANDERLEY, M. de N. B. (2001). *A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelodesenvolvimenterural.Enpublicacion:¿UnanuevaruralidadenAméricaLatina?*. Norma Giarracca.CLACSO,ConsejoLatinoamericanodeCienciasSociales, CiudadAutónoma de BuenosAires,Argentina.ISBN: 950-9231-58-

_____ (2004). Olhares sobre o “rural” brasileiro. *Raízes*, Campina Grande, vol. 23, nºs 01 e 02, p. 82–98.

WELLER, W. A HERMENÊUTICA COMO MÉTODO EMPÍRICO DE INVESTIGAÇÃO, <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT17-3288--Int.pdf>

FONTES CONSULTADAS

Fórum de Cuité

Inventário de Basílio Magno da Fonseca.
 Inventário de Cláudio Gérvasio Furtado
 Inventário de Francisca Emília dos Santos Fonseca
 Inventário de Jeremias Venâncio dos Santos
 Inventário de João Teodósio da Silva Coelho
 Inventário de Manuel da Silva Furtado
 Inventário de Maria Florentina Fonseca
 Inventário de Maximina Leopoldina Fonseca
 Inventário de Pedro Simões Pimenta
 Inventário de Pedro Vianna da Costa
 Inventário de Benedito Venâncio dos Santos
 Inventário de Josefa Florentina Fonseca
 Inventário de Simeão Venâncio dos Santos
 Inventário de Adalgisa Emília da Fonseca Coelho

Periódicos consultados através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Almanach do Estado da Parahyba (1899)

Portais eletrônicos pesquisados

<https://www.google.com.br/#q=bn+digital+hemeroteca>
<https://familysearch.org/>
<http://biblioteca.ibge.gov.br/>
<https://www.google.com.br/maps>
<http://www.anoreg.org.br>
<https://archive.org/details/ArvoreGenealogicaDeAnacletoDaCostaPereira1976>
<https://serradecuite.blogspot.com.br/>
www.cuitepb.com.blogspot.com
<https://www.eleicoes2016.com.br/candidatos-cuite-pb/>